INFORME PUBLICITÁRIO
FOLHA DE S.PAULO
DESDE 1921 ★★★ UM JORNAL A SERVIÇO DO BRASIL
DOMINGO, 5 DE FEVEREIRO DE 2023
R$ 9,00

FOLHA DE S.PAULO

DESDE 1921 ★★★ UM JORNAL A SERVIÇO DO BRASIL

ANO 102 ★ Nº 34.276 | DOMINGO, 5 DE FEVEREIRO DE 2023 | R$ 9,00

Lalo de Almeida/Folhapress

FORÇAS ARMADAS DEIXARAM DE AGIR AO MENOS SETE VEZES PARA FREAR MINERAÇÃO NA TERRA YANOMAMI

Sob o governo Bolsonaro, o Ministério da Defesa negou acesso a aeronaves e ajuda em operações; na imagem, o rio Mucajaí barrento devido a ação de garimpeiros na área indígena **Ambiente B1**

Garimpo ilegal 'esquenta' ouro de terras indígenas no Brasil

Brechas na legislação, regras anacrônicas e fraude em licenças facilitam atividade

Pivô da crise yanomami, o garimpo paira num limbo legal no Brasil. Visto anacronicamente como obra do explorador à beira do rio, conta hoje com maquinário pesado e estrutura logística que deixam rastros de destruição, aponta relatório do Ministério Público Federal.

Não há vestígio oficial desse ouro em Roraima nem produção legal no Amazonas, apesar de o equivalente a 1.442 campos de futebol na terra indígena estar ocupado por lavras. Segundo especialistas, a regulação tem tantas brechas que pode ser considerada "pró crime".

Para "esquentar" o ouro, clandestinos usam a Permissão de Lavra Garimpeira (PLG) de áreas legais, com aval do dono ou de funcionário, ou a emitem para lavras fantasmas. A PLG costuma ser acompanhada de declaração de boa-fé, selo de que o documento diz a verdade.

O lastro falho surgiu de uma emenda inserida em projeto de lei de 2013 sobre seguro para safra agrícola.

Ao menos 30% do ouro comercializado no Brasil em 2021 e no primeiro semestre 2022 têm indício de procedência irregular, indica levantamento. **Mercado A16**

Cai apreensão de brasileiros na fronteira americana

Enquanto há recorde de migrantes que buscam entrar nos EUA sem visto, a quantidade de brasileiros flagrados ao tentar fazer a travessia despencou. Segundo agência, foram 80,6 mil pessoas em 2021, ante 37,4 mil no ano passado. Uma das hipóteses para isso seria uma volta à normalidade no fluxo migratório depois de um ano fora da curva. **Mundo A12**

equilíbrio B6
Aumenta procura por medicamento para criança dormir, relatam médicos

esporte B6
Nazaré retoma surfe de ondas gigantes um mês após morte de brasileiro pioneiro

ilustrada C4
Anitta encara no Grammy maior desafio para provar que é estrela mundial

Banco não precisa de juro alto para ter lucro, diz Febraban

Isaac Sidney, presidente da Federação Brasileira de Bancos, disse que as instituições defendem a queda das taxas, mas querem barateamento do custo do crédito. **Mercado A20**

Democracia está estável, não em declínio, sugere estudo **A14**

Lula vê traição de presidente do BC por Selic elevada

O presidente e ministros consideram que o presidente do Banco Central, Roberto Campos Neto, traiu a confiança do governo por manter a taxa de juros em 13,75% e acenar com patamar alto por mais tempo. **Mercado A20**

Gestão na economia começa na contramão do mundo

Enquanto indicadores recentes sugerem que as principais economias do planeta, como EUA e zona do euro, poderão debelar a inflação sem choque maior de juros, as previsões para o Brasil pioram há semanas, mesmo com taxa mais alta.

O governo ainda não convenceu agentes econômicos de que conterá a expansão de gastos e da dívida pública. As críticas de Lula à meta de inflação e à autonomia do Banco Central elevam a insegurança e a pressão sobre os preços. **Mercado A18**

Samuel Pessôa

Dólar poderia estar a R$ 4,80

Tudo indica que o falatório do presidente Lula sobre juros e a independência do Banco Central e a piora fiscal com a emenda constitucional da transição têm custo de R$ 0,25 por dólar na cotação da moeda brasileira. **Mercado A21**

EUA abatem balão chinês acusado de espionagem

A ordem partiu do presidente Joe Biden, que esperou que o suposto artefato espião fosse derrubado em águas abertas, por um caça militar, para evitar acidentes em solo. A China afirma que o balão era usado para pesquisas meteorológicas. **Mundo A13**

EDITORIAIS A2

Sem plano
Acerca de declarações vagas de Lula na economia.

Tratamento obscuro
Sobre apoio oficial a comunidades terapêuticas.

ISSN 1414-5723

Adriano Vizoni/Folhapress

FOLIÕES INVESTEM ALTO EM FANTASIAS PARA A VOLTA DO CARNAVAL

Em busca de produtos de maior qualidade e que se destaquem na multidão, consumidores como a empresária Érika Fisher (na foto), 46, se dispõem a gastar mais; há lojas em que tiaras de R$ 1.000 já se esgotaram, contam comerciantes **Cotidiano B3**

MÔNICA BERGAMO

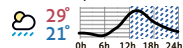
Valdemar dizia que Bolsonaro era burro, afirma ex

A socialite Maria Christina Mendes Caldeira, que foi casada com o presidente do PL, Valdemar Costa Neto, diz que não sabe quanto dura a aliança do ex-marido com o ex-presidente porque Jair Bolsonaro "equivale a umas cinco mulheres com TPM ao mesmo tempo". **Ilustrada C2**

ATMOSFERA

São Paulo hoje

29° 21°

0h 6h 12h 18h 24h

	Hoje	Amanhã
Rio	23 37	22 33
Brasília	18 28	18 28
Ribeirão	21 30	21 28

Fonte: www.climatempo.com.br

opinião

FOLHA DE S.PAULO

UM JORNAL A SERVIÇO DA DEMOCRACIA

Publicado desde 1921 – Propriedade da Empresa Folha da Manhã S.A.

PUBLISHER Luiz Frias
DIRETOR DE REDAÇÃO Sérgio Dávila
SUPERINTENDENTES Carlos Ponce de Leon e Judith Brito
CONSELHO EDITORIAL Fernanda Diamant, Hélio Schwartsman, Joel Pinheiro da Fonseca, José Vicente, Luiza Helena Trajano, Patricia Blanco, Patrícia Campos Mello, Persio Arida, Ronaldo Lemos, Thiago Amparo, Luiz Frias e Sérgio Dávila *(secretário)*
DIRETOR DE OPINIÃO Gustavo Patu
DIRETORIA-EXECUTIVA Alexandre Bonacio *(financeiro, planejamento e novos negócios)*, Marcelo Benez *(comercial)*, Anderson Demian *(mercado leitor e estratégias digitais)* e Everton Fonseca *(tecnologia)*

Jean Galvão

EDITORIAIS

editoriais@grupofolha.com.br

Sem plano

Fala confusa de Lula na economia expõe, mais do que ideias erradas, a falta de programa coerente

De modo vago e grosseiro, Luiz Inácio Lula da Silva (PT) indicou em entrevista que pode rever a autonomia formal do Banco Central. Pouco se entendeu do que disse, além de um desejo de interferir nos juros. Esse tem sido o padrão das declarações econômicas do mandatário, que revelam, mais do que ideias erradas, a falta de planos.

Além de confusas, as declarações carecem de caráter programático e institucional. A crítica de políticas públicas e a proposta de mudanças são parte do debate democrático e decorrências da alternância de poder. Lula, porém, não apresenta uma agenda organizada.

Seus discursos sugerem que a mudança está associada apenas à vontade ou ao capricho do líder. São imprudentes e contraproducentes —elevam a taxa de juros e provocam mais deterioração das condições financeiras em geral.

Tem sido assim desde o desfecho das eleições, quando o petista passou a criticar a ideia de conter o aumento da dívida pública. O presidente e integrantes do seu governo também pregam a expansão do BNDES (para também se contrapor ao BC, como disse Lula), criticam a Lei das Estatais e a política de preços da Petrobras.

Pretendem ressuscitar, sem mais, programas como o PAC, de escasso ou desastroso resultado, ou o Minha Casa, Minha Vida.

É como se bastasse reviver uma mítica era dourada, interrompida apenas pela deposição de Dilma Rousseff (PT) e pela dita ascensão do neoliberalismo. Tudo se passa como se não tivesse havido erros graves de política econômica, como se certos programas não tivessem envelhecido desde os primeiros governos petistas.

Na vida real, o que se consegue com essa retórica palanqueira é tumulto e incerteza.

A respeito do BC, Lula pretende encerrar a autonomia formal ou nomear dirigentes heterodoxos? Propõe um novo modo de definir metas de inflação ou políticas monetárias diferentes?

Pretende replicar a gestão voluntarista do BNDES sob Dilma Rousseff, que não resultou em aumento de investimento e transtornou as contas públicas? Vale a mesma pergunta para a Petrobras, outro fracasso desastroso.

É obviamente compreensível que um novo governo pretenda dar rumo diferente à administração, talvez com mudanças profundas. Tem mandato obtido nas urnas para tanto. No entanto a saraivada de declarações autolaudatórias, confusas, saudosistas e desprovidas de argumentos só causa insegurança política e econômica.

Além do mais, não demonstra o devido apreço pela seriedade e pelo caráter institucional do governo e de sua agenda, algo que o país tanto precisa recuperar.

Tratamento obscuro

Ao apoiar comunidades terapêuticas, governo valida abordagem contra o vício sem base científica

O governo de Luiz Inácio Lula da Silva (PT) criou, por meio de decreto, o Departamento de Apoio a Comunidades Terapêuticas, entidades que em geral utilizam isolamento, abstinência e religião para tratar o vício em drogas.

Essa abordagem carece de respaldo científico. Pesquisas na área de saúde mental atestam que o tratamento baseado no contato social e na redução de danos é mais eficaz.

Ademais, segundo especialistas ouvidos pela **Folha**, serviços terapêuticos para usuários de psicoativos devem ficar sob fiscalização do Ministério da Saúde.

Contudo, o departamento recém-criado está ligado ao Ministério do Desenvolvimento e Assistência Social, Família e Combate à Fome, comandado por Wellington Dias (PT). Não previsto na estrutura inicial da pasta, o órgão foi criado logo após reunião do ministro com representantes das entidades.

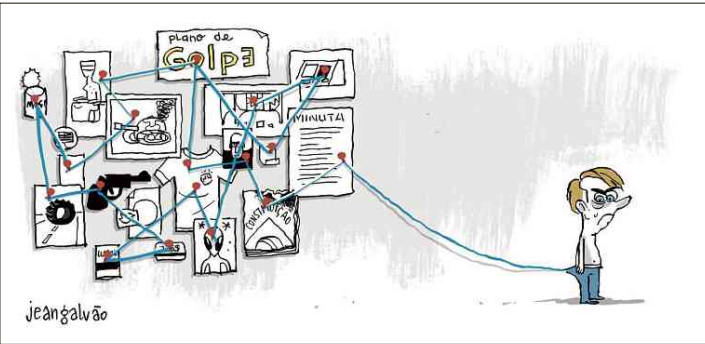
O rápido atendimento da demanda mostra o poder das mais de 700 comunidades que tiveram, sob Jair Bolsonaro (PL), a verba dobrada e as vagas nelas disponíveis sextuplicadas pelo antigo Ministério da Cidadania de Osmar Terra (MDB).

A grande influência política desse setor advém de sua matriz religiosa: 74% das entidades são ou católicas ou evangélicas.

O Orçamento de 2023 mostra que o tratamento de base científica duvidosa compensa. Foram reservados R$ 273 milhões para "redução da demanda de drogas" —rubrica destinada a essas comunidades.

Ainda mais graves são as diversas denúncias de maus tratos e outras violações de direitos humanos praticadas nos locais de internação, geralmente afastados dos grandes centros, com fiscalização precária —o que leva organizações da área de saúde mental e ligadas à pauta antimanicomial a pressionarem o governo para desmantelar o apoio a essas instituições.

A postura dúbia de Lula sobre o tema é antiga. A falta de critério que diferencie usuário de traficante na Lei de Drogas de 2006 gerou distorções, como o aumento das prisões de negros e pobres. Nas eleições de 2022, o petista prometeu nova política intersetorial fincada na redução de danos, mas, com o apoio às comunidades terapêuticas, persevera na ambiguidade.

O atendimento a dependentes químicos com base científica já é oferecido nos Centros de Atenção Psicossocial (Caps). Em vez de alocar recursos em terapias obscuras, o governo deveria direcioná-los ao SUS. Não é preciso inventar a roda.

E finalmente...

Hélio Schwartsman

O amor pode ser descrito como a união de dois corpos para formar um cadáver. Todos sabemos que vamos morrer um dia e, embora a consciência de nossa transiência seja tida como um dos traços definidores da humanidade, ela não parece comandar nosso dia a dia, até que... Em "And Finally" (e finalmente), Henry Marsh conta a experiência de se descobrir com um câncer avançado. Não há ainda metástases, mas o autor sabe que são pequenas as chances de ele ainda estar vivo dentro de cinco anos.

O britânico Marsh sabe disso porque olhou no Google e é médico, neurocirurgião para ser mais específico. Já deu muitos diagnósticos e prognósticos sombrios. É também um autor de sucesso. Por um de seus livros anteriores, "Sem Causar Mal", de 2014, foi chamado de Boswell da neurocirurgia. A passagem da condição de médico à de paciente é um dos temas recorrentes de "And Finally".

O livro combina memórias, reflexões filosóficas e dúvidas práticas (o que fazer com a casa que ele reformava para passar a velhice?). Marsh é brutalmente honesto. Atribui a si mesmo a culpa por só descobrir o câncer tardiamente, já que, na convicção de que são apenas os pacientes e nunca os médicos que adoecem, negligenciou os sintomas que deveriam tê-lo levado a procurar um especialista. Também critica impiedosamente seus dotes na marcenaria, que exerceu por décadas como um hobby sério.

No campo das reflexões, há uma defesa apaixonada do suicídio assistido, em que ele, embora seja ateu, analisa até a questão religiosa. Segundo ele, há um problema lógico no fato de os mais veementes opositores do suicídio assistido (e do aborto) serem religiosos e acreditarem numa vida "post mortem". Ora, se nossas jornadas não se encerram com a morte e o que nos aguarda (aos bonzinhos pelo menos) é um banquete celeste, por que adiá-lo? Religiosos, para ser consequentes, deveriam ansiar pela própria morte, jamais temê-la.

helio@uol.com.br

O pesadelo do primeiro ano

Bruno Boghossian

Quando ainda estava em campanha, Lula reconhecia que a economia daria trabalho na largada de um novo mandato. As contas do governo teriam que passar por ajustes, os ministros precisariam cavar resultados e a atividade levaria alguns meses para reagir. Sentado na cadeira, o presidente percebeu que essa janela de tempo pode ser mais longa.

O petista passou a conviver com o pesadelo de atravessar todo o primeiro ano de governo num cenário de baixo crescimento e mercado de trabalho desaquecido. Auxiliares consideram que essa é a maior ameaça à popularidade de um presidente que chegou ao poder com uma promessa de recuperação econômica.

A briga de Lula com o Banco Central é parte de uma reação política a esse risco. Nas últimas semanas, o petista atacou a taxa de juros definida pelo órgão e chegou a anunciar a intenção de rever a autonomia concedida por lei à instituição.

O humor do presidente azedou depois que o BC indicou, na quarta-feira (1º), que os juros podem ficar no patamar atual até o fim do ano. Para os petistas, a decisão já afeta setores dependentes do crédito, com capacidade de matar o crescimento de 2023 e ainda transbordar para 2024.

Lula elegeu o comando do banco como um inimigo a ser enfrentado publicamente. O presidente ampliou o rol de adversários porque sabe que ligar o descalabro de Jair Bolsonaro à economia capenga garante um alívio temporário, mas não terá a mesma eficácia por mais de um ano.

O plano do governo é martelar a ideia de que a política do banco seria uma das principais barreiras ao crescimento e à recuperação do emprego —e de que Lula estaria de mãos atadas devido às regras de autonomia.

Petistas dizem que o embate também deve ser lido como uma convocação para que integrantes do governo reajam a esse quadro. Lula espera reduzir resistências internas e acelerar medidas de estímulo que dependem dos cofres públicos, como um reajuste do salário mínimo, um plano de obras nos moldes do PAC e a volta do Minha Casa, Minha Vida.

Estamos quem, cara-pálida?

Ruy Castro

O garoto ouviu falar de um herói chamado Zorro e me perguntou quem era e se há um game sobre ele. Respondi que sou zero em games, mas poderia lhe falar sobre o Zorro. Ele disse OK.

Para começar, há dois Zorros: o mexicano e o americano. Os dois foram criados por escritores americanos: o mexicano, por Johnston McCulley, em 1919; o americano, por Fran Striker, em 1933. O mexicano se revelou num filme de 1920, "A Marca do Zorro", com Douglas Fairbanks; o americano, numa série de TV (1949-57), com Clayton Moore. O Zorro de verdade é o mexicano; o americano é o Lone Ranger, o Cavaleiro Solitário, que, por algum motivo, no Brasil se tornou também Zorro. Seus gibis, aliás, eram desenhados pelo mesmo artista, Charles Flanders.

Os dois usam máscara para esconder suas identidades: o mexicano é o aristocrata Diego de la Vega, que se faz de esnobe e alienado; o americano é um patrulheiro texano cuja tropa morreu numa emboscada.

O mexicano só usa a máscara em ação; o americano não tira a sua por nada. O mexicano usa chicote e espada; o americano atira com balas de prata. Os dois são justiceiros: o mexicano luta contra o governador corrupto e os oligarcas que tiranizam a Califórnia; o americano, contra todos os bandidos do Oeste.

O Zorro mexicano vive em Los Angeles, que então pertencia ao México; o Zorro americano, no Texas, que pouco antes também pertencera ao México. O pai do mexicano é um dos oligarcas que ele combate, só que do bem; o americano às vezes dizima tribos indígenas, embora seu parceiro seja um gentil comanche chamado Tonto, que o recolheu agonizante na emboscada e o salvou. O mexicano se casou com a filha de um dos bacanas e se aposentou. E, do americano, diz-se que, ao se ver cercado pelos índios, ele falou: "Estamos perdidos, Tonto!". E Tonto: "Estamos quem, cara-pálida?".

O garoto achou muito complicado. Seus games são mais simples.

O crime pede respeito

Muniz Sodré

Professor emérito da UFRJ, autor, entre outros, de "A Sociedade Incivil" e "Pensar Nagô". Escreve aos domingos

São numerosos os dados sobre pessoas com antecedentes criminais nos atos terroristas. Só o acampamento em Brasília registrou 73 delitos (lesões corporais, furtos) em dois meses. Não será por acaso que, em atentados ultradireitistas nos EUA, se registrem indivíduos com gravames penais. Entre trumpistas e êmulos brasileiros medeia um oceano de coincidências tecidas pela relação íntima entre política e crime, traço essencial do fascismo.

Foi George Orwell quem primeiro enxergou na linguagem política a secreta destinação de fazer com que "o crime se torne respeitável". Como a delituosa escamoteação da verdade sempre foi intrínseca à luta pelo controle do Estado, a afirmação visa prioritariamente efeitos colaterais do exercício do poder. A atualidade do escritor comprova-se na vida brasileira, onde se faz politicamente pertinente a sua tese de que, "numa época de mentiras universais, dizer a verdade é revolucionário".

Na linha de Orwell, a lógica do crime é maior que a da lei. De fato, na vida prática, mais importa a conduta, que pode ser existencialmente lesiva em aspectos não legalmente codificados. A lei, por sua vez, visa geralmente a garantir elites contra as classes desfavorecidas. Mas não pertence à pobreza a raiz do fenômeno criminoso (aliás, os pobres salvaram eleitoralmente o país), e sim à miséria humana, à aliança interna com a escuridão. Em sua amplitude, o crime configura todo dano ético à sociedade. Por exemplo, a tortura, assim como sua apologia pública.

É clara, assim, a natureza terrorista do vandalismo, da sabotagem elétrica e do caminhão-bomba, apesar da duvidosa tipificação legal. Inconteste é o crime tramado de lesa-instituição de paisanos e fardados: as falanges do Inominável e seus generais. Toda ideologia aspira à publicidade, mas é como se o crime fosse uma ideologia das sombras. E, na falta de bingos ou outros fetiches, a mancomunação delituosa pode confortar idosos, carentes de objetivos vitais e instrumentalizados pela perversão do gozo.

Talvez demore para se aquilatar toda a gravidade da delinquência antidemocrática, à qual não escapam autoridades, religiosos, médicos e o próprio Legislativo. Por ora, para um reequilíbrio realista, vale ponderar sobre miúdos episódios sintomáticos. Num deles, uma invasora detida em Brasília queixava-se: "Estão nos tratando como presos". Ou seja, a coautora de um dos atentados mais infames contra a República ignorava a sua condição criminosa. Por alienação de classe ou negação digital da realidade, o delírio privilegiado obscurecia a enormidade da violência. É que "cidadãos de bens" (e não "do bem") são embalados pela cantilena fascista do crime respeitável.

TENDÊNCIAS / DEBATES

folha.com/tendencias debates@grupofolha.com.br
Os artigos publicados com assinatura não traduzem a opinião do jornal. Sua publicação obedece ao propósito de estimular o debate dos problemas brasileiros e mundiais e de refletir as diversas tendências do pensamento contemporâneo

Alexandre de Moraes versus Jair Bolsonaro

A estratégia de ontem não será a de amanhã

Joaquim Falcão
Membro da Academia Brasileira de Letras, professor de direito constitucional e conselheiro do Centro Brasileiro de Relações Internacionais (Cebri)

O ex-presidente Jair Bolsonaro e seus assessores brasileiros e americanos trumpistas não contavam ter, como principal contendor, o ministro Alexandre de Moraes. Uma melhor análise das táticas e estratégias jurídico-políticas em jogo teria sido importante. Cometeram vários equívocos.

O que lhes custou caro.

Primeiro. Talvez esperassem um presidente do Tribunal Superior Eleitoral mais discreto e conciliador. Erraram. Uma matéria-prima do ex-presidente é difundir e administrar o medo. Já o ministro é mais feito de Gonçalves Dias: "A vida é luta renhida, viver é lutar. A vida é combate, que aos fracos abate e aos fortes, os bravos, só pode exaltar".

Segundo. Para a teoria dos jogos, um fator decisivo para a vitória é o tempo que contendores têm para jogar. O ex-presidente tinha tempo limitado. Até 28 de outubro. Se não ganhasse até essa data, perdia. Saía do poder e do jogo. Saiu. Já o ministro é vitalício. Quem tem tempo não tem pressa, dizia Marco Maciel.

Mais ainda. O ex-presidente tem 67 anos. O ministro, apenas 54. O vigor geracional conta.

Terceiro. A assessoria trumpista foi útil em táticas midiáticas, captação das pautas nacionais, marketing eleitoral e mobilização de demanda por um populismo reacionário, diz Christian Lynch. Esqueceram de peculiaridades de nossa cultura jurídica e institucional.

Nesta era da infocracia, alerta Byung-Chul Han, a cultura é forte arma imaterial na arena do poder. Cultura importa, avisou Huntington.

Os Estados Unidos não têm Justiça eleitoral. Tratando-se de ataque ou preservação do Estado de Direito, era provável que a contenda passasse pelos plenários do Tribunal Superior Eleitoral e/ou do Supremo. Trumpistas e bolsonaristas, ao escolherem atacar as urnas eletrônicas, que, de Carlos Velloso a Luís Roberto Barroso, têm sido exemplo para o mundo, erraram. Não é este o ponto fraco do TSE. Importaram a cultura do caótico sistema eleitoral americano. Perderam.

Quarto. Não previram o risco de o ministro bem coordenar duas competências institucionais ao mesmo tempo. Presidente do TSE e ministro do Supremo. Ambos vinham sendo arrogantemente atacados. O ministro conseguiu união momentânea dos ministros na defesa das instituições e de cada um.

O ex-presidente não conseguiu a união dos militares. Inagiram. Paralisaram-se.

O ex-presidente ameaçou demais. Excessivamente demais. Simbolizado na expressão: "Eu sou, realmente, a Constituição". Parafraseando Vinicius de Moraes, o homem que diz sou, não é. Porque quem é mesmo, não diz. Deveria ter falado menos. Uniu os desunidos.

Quinto. Junte-se invulgar conhecimento jurídico pragmático. O que explica a rapidez e segurança com que Moraes decide qualquer demanda processual.

Seu livro "Direito Constitucional" vendeu cerca de 700 mil exemplares. Em 38 edições. É atualizado todo ano. Magistrados, faculdades, escritórios de advocacia e procuradorias o compram sistematicamente.

Sexto. Muitas das críticas ao ministro são sobre seu eventual ativismo. Extrapolaria sua competência na investigação e punição dos atos antidemocráticos. Essa crítica tem que enfrentar o fato de que quem primeiro lhe concedeu tal competência foi o então presidente Dias Toffoli. Corroborada pelo plenário do Supremo.

O artigo 43 do regimento interno determina que somente cabe ao Supremo investigar e julgar infração à lei penal na sede ou dependência do tribunal. Até então se entendia "sede ou dependência" como seu espaço "físico". De pedra e cal. Ora, na infocracia, atos danosos podem ser físicos e/ou virtuais.

O golpe foi a soma desses atos.

O conceito de ativismo muda de acordo com a cultura jurídica. Maior ativismo não houve do que a omissão do Supremo norte-americano no caso Bush v. Gore. Recusou-se a apurar eventual fraude de contagem de votos que ocorria na Flórida. Beneficiaram o candidato Bush. Ativismo envergonhado. O Supremo de lá afirmou que não mais se repetiria. E que não constituía jurisprudência.

Não somos nem melhores nem piores, apenas diferentes, diria o Salgueiro. Às vezes, a omissão é o pior ativismo.

A contenda continua. Os contendores mudam-se e mudam. A estratégia de ontem não será a de amanhã.

Carvall

É tempo de convergências

Instabilidade será superada com agenda pactuada

Abram Szajman
Presidente da FecomercioSP (Federação do Comércio de Bens, Serviços e Turismo do Estado de São Paulo)

O governo recém-empossado tem diante de si um cenário desafiador, uma vez que os problemas do Brasil, já tão complexos, foram agravados pela pandemia, que ceifou a vida de quase 700 mil pessoas. Além do impacto no Orçamento público e de um déficit educacional difícil de dimensionar e (mais ainda) superar, há pela frente amplas tarefas de enfrentamento da inflação, do desemprego e da miséria e de reorganização dos sistemas de saúde, proteção social, transporte e habitação, além da necessidade de melhora nos índices de produtividade e da redução da burocracia.

No horizonte global, pairam catástrofes ambientais e disputas geopolíticas. Mudanças nos fluxos de produção e comércio estão ocorrendo, e o país precisa se aparelhar para não ser atropelado por essas transformações. Está claro que o equilíbrio internacional não foi rompido porque os países estão respeitando suas dependências econômicas e procurando se ajustarem ao quadro sem precedentes que se instalou —afinal de contas, o descuido com a economia pode trazer consequências imprevisíveis. A história nos prova que o comércio de bens e serviços é um elemento pacificador.

O momento clama para que os setores da sociedade somem esforços num programa de reformas que possa acabar com o "manicômio tributário" que convivemos —isso para citar apenas um dos entraves que dificultam a vida do brasileiro. Não há tempo a perder: somente a busca de convergências em torno de um projeto que contemple a redução gradativa dos nossos problemas permitirá resolver o dilema de compatibilizar as responsabilidades social e fiscal.

A concentração das vontades em torno de um projeto que avance na solução de nossos problemas econômicos e sociais deve ser elemento norteador das decisões das lideranças da nação, públicas e privadas. Como empresários, classe que represento, aguardamos diretrizes nos rumos da economia para tomarmos as decisões da porta da empresa para dentro. A instabilidade deve ser superada por uma agenda discutida e pactuada de interesse comuns, pois o que está em jogo é a recuperação estrutural. Se não assumir compromissos programáticos, o estado germinará a própria desagregação.

No momento em que o mundo parece ingressar numa desaceleração da atividade econômica, com guerra prolongada na Europa e recrudescimento da Covid-19 na China, o Brasil deve cuidar de suas inconsistências para dar a volta por cima, com atenção à "economia verde e digital". A crise de alguns pode ser oportunidade para outros.

Maior detentor de biodiversidade no mundo, o país goza de credibilidade para se inserir no processo de descarbonização. Mesmo com tantos atributos ambientais, ainda lidamos com a falta de políticas de incentivo, o que reflete, de certo modo, a parca conscientização da sociedade acerca das mudanças climáticas.

Precisamos de vontade política e coesão social para não perder, mais uma vez, o bonde da história. No fim do dia, o que interessa ao cidadão são serviços públicos mais eficientes e melhores condições para viver e produzir riqueza na medida de nossas carências e potencialidades.

PAINEL DO LEITOR

folha.com/paineldoleitor leitor@grupofolha.com.br
Cartas para al. Barão de Limeira, 425, São Paulo, CEP 01202-900. A Folha se reserva o direito de publicar trechos das mensagens. Informe seu nome completo e endereço

Primeiro mês

Os quatro anos de Bolsonaro foram uma praga para meus ouvidos. Agora Lula, eleito para tirar Bolsonaro, não para de vociferar. Quando "um não quer dois não brigam", referindo-se à guerra; "Temer é golpista", querendo reescrever a história; "esse cidadão", sobre o presidente do Banco Central que não faz o que ele quer. Passaremos mais quatro anos ouvindo desatinos? Meus ouvidos têm saudades do FHC!
Cecilia Centurion (São Paulo, SP)

*

Será que o novo governo, começando a trabalhar há um mês, pisando em cacos de vidro, revistando as paredes de casa, está fazendo por agora o que consegue ou já merece um tsunami de acusações dos economistas afoitos? ("Brasil sob Lula vai na contramão de novo ânimo global", 4/2).
Angela Bueno (Florianópolis, SC)

*

O BC é autônomo em qualquer país sério. E por quê? Porque, com a sede de aparelhamento tanto da direita quanto da esquerda, é a única entidade portadora daquilo que muitos governos se recusam a ter: senso de responsabilidade ("Lula vê traição do presidente do BC e tentativa de levar Brasil à recessão", Mônica Bergamo, 4/2).
Miro Costa (Brasília, DF)

*

O presidente eleito do Brasil não pode dar sua opinião sobre juros, inflação e política monetária?
Hilton Oliveira (Esmeraldas, MG)

Brasil Tabajara

Com toda honra! ("O Brasil é Tabajara?", Hubert Aranha, 3/2) E a cada dia estamos chegando à perfeição! Até já exportamos sumidades!
Celso Garcia (São Paulo, SP)

Wallace punido

Sobre o editorial "Bola Fora" (Opinião, 4/2), as medidas da AGU em defesa do presidente da República foram necessárias, adequadas e proporcionais à gravidade dos fatos. O entendimento da Advocacia-Geral é que a incitação à morte do presidente não é apenas "brincadeira de péssimo gosto". Trata-se de crime grave e de infração ético-disciplinar inequívocos, e devem ser combatidos com rigor nos exatos limites da legislação.
Luiz Rabelo, assessor especial de Comunicação da AGU (Brasília, DF)

ERRAMOS

erramos@grupofolha.com.br

POLÍTICA (4.FEV, PÁG. A12) Por erro da edição, o texto "Floyd, mas diferente" foi publicado sem o endereço dos estudos mencionados sobre a letalidade policial nos EUA: https://bit.ly/3wKCblq.

MERCADO (4.FEV., PÁG. A17) A alteração negociada na MP do Carf não prevê abrir mão do voto de qualidade, como poderia ser inferido pelo subtítulo da reportagem "Para evitar derrota, Fazenda articula mudar MP do Carf", e sim flexibilizar as condições de pagamento de multa por empresas em caso de derrota.

Temas mais comentados pelos leitores no site

De 27.jan a 3.fev - Total de comentários: **17.514**

- **376** Governador de RR diz que desnutrição não existe só no estado e defende que indígenas se aculturem (Painel) **29.jan**
- **371** Governo Lula 'não dura muito' e houve injustiça no 8 de janeiro, diz Bolsonaro nos EUA (Política) **1º.fev**
- **278** Rui Costa tenta emplacar esposa enfermeira em tribunal de contas na Bahia (Política) **31.jan**

ASSUNTO SUA EXPERIÊNCIA COM SHOWS MUDOU AO LONGO DA VIDA, LEITOR DA FOLHA?

Fomos a todos os grandes festivais de rock de verões passados. Com a idade, veio a preguiça de assistir a cinco bandas desinteressantes para ver a que interessava. Comprar ingresso com a antecedência que se mostra necessária hoje tem sido fatal: já não vamos a grandes shows há cinco anos.
Anderson Luiz de Moura Freire, 55 (Brasília, DF)

*

Não mudou, apenas os interesses foram filtrados. Só vou a concertos que me importam.
Rodrigo Pinheiro, 44 (Tiradentes, MG)

*

Deixei de ir a um show de Norah Jones aguardado por nove anos para organizar um ménage à trois. Hoje guardo aquele ingresso emoldurado. E não falo mais com as pessoas do ménage. Brigamos uma semana depois e acabou tudo. Norah e eu, porém, seguimos juntinhos.
Jaime Souza, 30 (Recife, PE)

*

Com o tempo, meu entusiasmo aumentou, curto cada minuto do espetáculo, desde a entrada até o acender das luzes.
Karina Kanazawa Rienzo,48 (São Paulo, SP)

*

Na juventude eu ia a shows de estádio ou lugares abertos. Hoje, só onde existam mesas e cadeiras.
Monica Zafita, 57 (São Paulo, SP)

*

O fator idade muda radicalmente a forma de apreciar um show. Eu era moleque e gostava de rock nacional, nos shows partia para o bate-cabeça. Hoje bater cabeça pode acabar em uma grande tontura...
Adilson Camargo, 47 (Taboão da Serra, SP)

*

Quando mais jovem eu aguentava o perrengue de ir a festivais, chegar 5 horas antes. Hoje prefiro shows mais intimistas de artistas consagrados da MPB. Até suportei um show lotado da Dua Lipa em São Paulo, mas me entristece a quantidade de celulares hoje nos shows. É tudo por um like do Instagram e não viver a experiência do show.
Antonio Marcos Saraiva, 41 (Petrópolis, RJ)

*

Por volta dos 25 anos decidi que só iria a show com banheiros, lugar marcado e possibilidade real de ver alguma coisa.
Silvia Asam da Fonseca, 60 (São Paulo, SP)

*

Antes morava com os pais, fui mãe cedo, e o sonho de ir a shows da minha banda favorita era impossível. Hoje me sinto superdisposta, minha filha tem 21 anos e me apoia nessas loucuras. Pode até ser um tanto cansativo, mas na hora em que começa o show só resta espaço para a empolgação!
Silvia Correa Sanches, 40 (São Bernardo do Campo, SP)

*

Continuo tão ou mais empolgado do que antes. O problema é que não tenho mais carteirinha de estudante, e os valores estão abusivos.
Raphael Fernandes dos Santos, 39 (São Paulo, SP)

*

A experiência com shows hoje é muito mais bem aproveitada. O show dos Backstreet Boys foi maravilhoso, minha animação foi a mesma dos shows em 2001, 2009 e 2015. A grande diferença é que, com o amadurecimento, a gente consegue curtir todos os momentos.
Cintia Rodrigues, 40 (Itapevi, SP)

política

PAINEL | **Fábio Zanini**
painel@grupofolha.com.br

Queda de braço

O governo federal e a cúpula do Sebrae travam disputa pelo comando da instituição de apoio às pequenas empresas, que tem caixa de R$ 5 bilhões. Ex-presidente do órgão e aliado do presidente Lula (PT), Paulo Okamotto tem pressionado os membros atuais a renunciar. O atual comandante do órgão, Carlos Melles, foi próximo do governo de Jair Bolsonaro (PL). Ele e os demais diretores argumentam que foram reconduzidos pelo conselho do órgão em dezembro para o quadriênio 2023-26.

BOM RECADINHO Okamotto diz que, caso os diretores insistam em permanecer, o governo recorrerá a outras medidas previstas no estatuto, como a solicitação de demissão ad nutum [por vontade de apenas uma das partes] e a convocação de nova eleição. "O projeto do Sebrae não pode ser o da pessoa, tem que ser de uma organização", diz. Melles não quis se manifestar.

MENINA DOS OLHOS Depois de se acertarem quanto à CCJ, PT e PL devem duelar pela Comissão de Fiscalização Financeira e Controle da Câmara. Pelo papel de inspecionar as ações do Executivo, o colegiado pode ser uma pedra no sapato do governo Lula se ficar nas mãos da oposição.

BRIGA DE FOICE Líder do PL, Altineu Côrtes (RJ) diz que a comissão é uma prioridade, mas não escolheu ainda o nome que indicará. Já o PT acertou com o PV que o partido poderá apontar o parlamentar caso consiga comandá-la.

ME INCLUA... O senador Jayme Campos (União-MT) recusou o convite para presidir o Conselho de Ética do Senado. Ele tinha a simpatia do presidente Rodrigo Pacheco (PSD-MG), por ser um parlamentar experiente e de perfil discreto.

...FORA DESSA Justamente por isso, Campos afirmou a interlocutores preferir ficar longe das atribuições inerentes à função. Senadores já defendem abertura de procedimento contra Marcos do Val (Podemos-ES), que relatou coação por parte do ex-presidente Jair Bolsonaro (PL) para tentar dar um golpe de Estado.

PORRADA O ex-secretário da Cultura do governo Bolsonaro e deputado federal Mario Frias (PL-SP) escolheu o lutador de MMA Matheus Serafim para trabalhar como assessor parlamentar de seu gabinete. Nas redes sociais, Serafim se mostra próximo de políticos da capital e também do universo bolsonarista.

CÂMERA, CLOSE Matheus é filho do empresário Antonio Francisco Serafim, que ganhou destaque como um dos nomes à frente da Fundac, fundação que teve contratos para operar a TV Alesp e a TV Câmara, da Câmara Municipal de SP. Nos dois casos, renovações de contrato sem licitação foram alvos de críticas.

TERRINHA Mesmo em meio à turbulência do início do governo, o ministro da Defesa, José Múcio, não tem descuidado de sua base política. Ex-deputado federal por Pernambuco, ele tem recebido políticos com frequência em seu gabinete, a maioria do estado. Até alguns de menor expressão, como vereadores, conseguiram espaço.

AGENDA Na segunda (30), por exemplo, Múcio teve um encontro com Chico Bandeira (PSB), vereador de Ingazeira, no sertão pernambucano. Também esteve com deputados, senadores e a governadora Raquel Lyra (PSDB). O ministro diz que as visitas ocorreram em especial na última semana de janeiro por conta da presença de políticos em Brasília com o retorno do Congresso.

DATA MARCADA O governo de SP pretende dar o pontapé inicial para seu plano de reforma do centro em 14 de fevereiro, quando se reúne o conselho do PPI (Programa de Parcerias de Investimentos). A expectativa é que o órgão dê aval ao início dos estudos para colocar em prática a proposta, uma das mais ambiciosas de Tarcísio de Freitas (Republicanos).

PLANILHADO A ideia é promover um grande processo de reurbanização nas imediações da praça Princesa Isabel, no centro da cidade de São Paulo. A partir da aprovação pelo conselho, o governo vai começar a detalhar os estudos para o megaprojeto. Uma intenção é buscar parcerias com universidades e contratar órgãos como a Fipe.

REPÚDIO O ministro Silvio Almeida (Direitos Humanos) manifestou neste sábado (4) solidariedade à vereadora Maria Tereza Capra (PT), cassada pela Câmara Municipal de São Miguel do Oeste (SC) por criticar gesto considerado nazista feito por manifestantes golpistas durante bloqueio a uma estrada na cidade.

FURA FILA A escolha de Pedro Mastrobuono por Tarcísio de Freitas para comandar o Memorial da América Latina gerou rusga entre componentes do chamado bolsonarismo cultural. Felipe Carmona, ex-secretário de direitos autorais do governo federal, tem se queixado de que todos sabiam que ele vinha articulando para ocupar o posto e que foi atravessado pelo ex-presidente do Instituto Brasileiro de Museus.

com Guilherme Seto e Juliana Braga

GRUPO FOLHA
FOLHA DE S.PAULO ★★★
UM JORNAL A SERVIÇO DO BRASIL

Redação São Paulo
Al. Barão de Limeira, 425 | Campos Elíseos | 01202-900 | (11) 3224-3222
Ombudsman ombudsman@grupofolha.com.br | 0800-015-9000
Atendimento ao assinante (11) 3224-3090 | 0800-775-8080
Assine a Folha assine.folha.com.br | 0800-015-8000

EDIÇÃO DIGITAL	Digital Ilimitado	Digital Premium
PLANO MENSAL	R$ 29,90	R$ 39,90

EDIÇÃO IMPRESSA	Venda avulsa seg. a sáb.	dom.	Assinatura semestral* Todos os dias
MG, PR, RJ, SP	R$ 6	R$ 9	R$ 942,90
DF, SC	R$ 7	R$ 10	R$ 1.189,90
ES, GO, MT, MS, RS	R$ 7,50	R$ 11	R$ 1.501,90
AL, BA, PE, SE, TO	R$ 11,50	R$ 14	R$ 1.618,90
Outros estados	R$ 12	R$ 15	R$ 2.008,90

*À vista com entrega domiciliar diária. Carga tributária 3,65%

CIRCULAÇÃO DIÁRIA (IVC)
344.969 exemplares (dezembro de 2022)

Lula completa um mês de governo mais à esquerda do que no 1º mandato

Pautas das minorias, uso de linguagem neutra, economia menos liberal e atrito com militares marcaram início da terceira gestão

BRASÍLIA O presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT) completa um mês de seu terceiro mandato com um perfil mais à esquerda e voltado para a sua base do que o adotado quando assumiu o Executivo pela primeira vez, em 2003.

O mandatário tem feito sinalizações a esse campo político na economia e nos costumes em um ritmo mais intenso do que em sua estreia no Palácio do Planalto.

Uso de linguagem neutra, nomeações de economistas com convicção intervencionista, intensificação de pautas voltadas às minorias e enfrentamento com militares marcaram o primeiro mês do novo governo.

Em 2003, por sua vez, o presidente iniciou o mandato com mais gestos em direção ao mercado financeiro, evitou o embate com as Forças Armadas e deu menos protagonismo a temas ligados à esquerda, como a questão indígena.

Na ocasião, para o Ministério da Fazenda, escolheu uma equipe com perfil mais liberal em relação a 2023. Para a pasta, indicou um petista de confiança, assim como neste ano. Mas Antonio Palocci escolheu para o segundo escalão economistas que agradavam mais ao mercado financeiro do que os atuais secretários do órgão.

Além disso, nomeou para o Banco Central Henrique Meirelles, um banqueiro à época eleito deputado pelo PSDB.

A equipe atual de Lula tem um forte componente desenvolvimentista, com a escolha de Fernando Haddad para a Fazenda e a presença, no time, de economistas mais à esquerda, como Guilherme Mello. Por outro lado, agradam ao mercado a atuação de Simone Tebet no Planejamento e há economistas mais ortodoxos, como Bernard Appy, encarregado de negociar a reforma tributária.

Em outra sinalização para o mercado em 2003, o governo Lula 1 efetuou logo em seu início um corte orçamentário de R$ 14 bilhões —R$ 44 bilhões em valores atualizados— e elevou a meta de superávit primário

Um exemplo de contraste de discurso entre as gestões Lula 1 e 3 veio à tona com a participação na cerimônia de reabertura dos trabalhos legislativos. Na última semana, por exemplo, na mensagem encaminhada ao Congresso, Lula afirmou que o teto dos gastos "teve efeitos destrutivos sobre as políticas sociais". Em 2003, o petista usou essa fala para justificar cortes e afirmou que as medidas durariam "o tempo necessário".

Atualmente, o petista tem feito críticas ao mercado ao cobrar "responsabilidade social" desse segmento, acenando para sua base política.

O presidente também não tem poupado críticas à atuação do Banco Central, que será comandado por Roberto Campos Neto até 2024. Na mais recente, Lula disse em entrevista à RedeTV! que pode buscar rever a autonomia do BC quando terminar o mandato do atual presidente da instituição.

Parlamentares avaliam que é preciso aguardar as primeiras medidas da área econômica para saber se a retórica mais à esquerda será colocada em prática. Um exemplo disso seria a discussão sobre a meta de inflação. Embora o presidente tenha dado declarações contra a atual meta, mais baixa do que em suas gestões anteriores, não há iniciativas práticas para mudança.

Lula durante evento no Planalto com embaixadores Gabriela Biló - 3.fev.23/Folhapress

> **No curto e no médio prazo, vamos juntos debater outros temas estruturantes. Encontramos um Estado em profundo desequilíbrio fiscal. O teto de gastos teve efeitos destrutivos sobre as políticas sociais, ao mesmo tempo que se tornou absolutamente inócuo como instrumento de controle**
>
> **Lula**
> em mensagem ao Congresso lida na última quinta-feira (2)

Na área dos costumes, Lula deu maior protagonismo neste ano a temas como a diversidade, algo que não foi tão central no início de seu primeiro mandato. O petista levou ao primeiro escalão, por exemplo, um ministério para tratar dos povos indígenas, o que não ocorreu há 20 anos.

Num simbolismo, para o comando da nova pasta foi escolhida uma mulher indígena, a deputada federal Sonia Guajajara (PSOL-SP). Já para a presidência da Funai (Fundação Nacional dos Povos Indígenas), a escolha foi da advogada Joenia Wapichana, ex-deputada pela Rede-RR. Em 2003, para o cargo foi definido um consultor do Ministério do Meio Ambiente, que era um técnico indigenista da Funai.

O presidente costuma mencionar a participação de mulheres e negros no seu governo. Lula 3 tem recorde no número de ministras, mas a maioria do primeiro escalão ainda é formada por homens brancos.

O petista foi eleito com o discurso de fazer um governo que contemplasse a diversidade de cor e raça do país. Dos 37 ministérios anunciados, 11 são comandados por mulheres (29%).

Antes da nova Esplanada de Lula, Dilma Rousseff (PT) era a que mais havia colocado mulheres no primeiro escalão. Simultâneas, foram 10 em 37 pastas (27%).

O número de Lula 3 representa um aumento expressivo em comparação com o de Jair Bolsonaro (PL). No primeiro escalão da gestão passada, só havia uma ministra à frente da pasta da Mulher e Direitos Humanos.

A pauta identitária, que visa ampliar a participação de diferentes setores da sociedade, é uma agenda mais presente na esquerda.

Além disso, em eventos oficiais, integrantes do governo têm usado com frequência a linguagem neutra, que é defendida por parte da esquerda como ferramenta para combater a discriminação contra minorias —o que não se via na primeira vitória do PT há 20 anos. A discussão também ainda não estava tão difundida na sociedade.

A Agência Brasil, que é estatal, publicou há duas semanas reportagem que utiliza a linguagem empregada com a intenção de incluir pessoas não binárias e de gênero fluído. O ministro das Relações Institucionais, Alexandre Padilha, iniciou seu primeiro discurso em janeiro com "boa tarde a todas, a todos e a todes" e foi aplaudido.

Líderes governistas, no entanto, já descartam avançar com o que chamam de "pauta de costumes da esquerda" no Congresso.

Por ora, deverão ser deixados de lado assuntos que possam provocar ruído e prejudicar a agenda econômica, a exemplo da ampliação das regras do aborto legal.

O retorno de Marina Silva (Rede) como ministra do Meio Ambiente, com quem o atual presidente havia rompido em seu segundo mandato, é outra forte sinalização do mandatário à esquerda.

A avaliação de integrantes do partido é que a conjuntura atual reforçou a necessidade de o chefe do Executivo estabelecer um viés progressista ao governo.

Por outro lado, interlocutores de Lula também destacam que o mote de "frente ampla" adotado pelo petista na campanha deve ser mantido. Ele conseguiu apoio de dez legendas ainda no primeiro turno.

Na montagem de seu ministério, em busca da governabilidade, abriu espaço para políticos de siglas como MDB, PSD e União Brasil.

Enquanto em seu primeiro mandato o principal adversário era o PSDB, partido de centro-direita, desta vez o rival de Lula é o ex-presidente Bolsonaro, da extrema direita.

Além disso, as invasões e depredações às sedes dos três Poderes colocaram o petista em choque com os militares, o que não ocorreu no primeiro mandato de Lula.

Nos bastidores, petistas creditam parte dos acenos de Lula à esquerda à influência de Rosângela da Silva, mais conhecida como Janja. A primeira-dama é atuante no dia a dia do governo e costuma ajudar o mandatário na tomada de decisões.

Matheus Teixeira, Victoria Azevedo, Renato Machado e Marianna Holanda

OMBUDSMAN

folha.com/ombudsman
ombudsman@grupofolha.com.br

Ombudsman tem mandato de um ano, com possibilidade de renovação, para criticar o jornal, ouvir os leitores e comentar, aos domingos, o noticiário da mídia. Tel.: 0800-015-9000; fax:(11) 3224-3895

Carvall

A rara glória de ser atemporal

País celebra a jornalista sem idade, enquanto a Folha tropeça em 'trintonas'

José Henrique Mariante

O repórter ao lado já era maior do que o cargo. Ocorre bastante em Redações, onde plano de carreira é no máximo pauta, nunca realidade. A percepção do colega novato se confirmou serenamente nos anos seguintes, em coberturas e reportagens especiais. O sujeito viraria escritor, mas naquele dia, com naturalidade, pedia desculpas ao entrevistado, com quem falava por telefone, ao perguntar a sua idade. "Coisas da **Folha**", justificou ao personagem de sua história, mas também ao foca que acompanhava curioso a cena.

É coisa do jornal mesmo. Está no Manual da Redação (pág. 228): "O padrão é informar a idade (não a data de nascimento) dos personagens principais da notícia, especialmente em caso de entrevista, morte e doença...". "Caso não seja relevante do ponto de vista noticioso, é facultado omitir a idade quando o personagem assim o preferir", o verbete pondera.

Glória Maria nunca falou sua idade porque, jornalista que era, sabia que seus pares nunca respeitariam sua preferência pelo segredo. Como escreveu Zeca Camargo, segredo que ela "se divertia em guardar e confundir quem tentasse desvendá-lo". Obituários nos principais veículos foram elegantes ao contornar o assunto ou, diante da inexorável obrigação jornalística de informar, tratá-lo com a devida vênia.

Pouco depois de noticiar a morte de Glória na manhã de quinta-feira (2), a **Folha** escorregou no tema, em tom de fofoca ("fazia de tudo para esconder a idade"), atribuindo-lhe um número já no subtítulo de uma nota sobre o fato. O dilema não é informar ou deixar de informar, mas como informar. Concorrentes, em textos equivalentes, provaram que não era tarefa complicada.

Reduzir o alimentado segredo de Glória a um capricho é o caminho fácil. Mais interessante e divertido seria mostrar como ela conseguiu fazer isso driblando a própria longevidade. Glória não envelheceu na TV, ela foi se transformando com o passar do tempo e a função. A repórter de rua dos anos 1970 foi a Glória de uma geração, enquanto a apresentadora do Fantástico, décadas mais tarde, era a Glória de outra audiência. Foram várias Glórias e, por isso mesmo, "ninguém vai conseguir fazer a conta", disse a própria.

Coincidência ou não, a **Folha** já havia escorregado dias antes ao escrever sobre mulheres e suas idades. Várias leitoras reclamaram do título "Backstreet Boys atiram cuecas para trintonas em show nostálgico em SP". O lide da reportagem sobre a apresentação da boy band dos anos 1990 ampliava o universo da descrição e das queixas: "Uma multidão de mulheres trintonas e quarentonas abarrotava o Allianz Parque, em São Paulo, na noite desta sexta-feira. Estavam ali para relembrar a adolescência e cantar a plenos pulmões hits dos Backstreet Boys...".

Se a ideia era ser simpático ou engraçado, não funcionou. "Por que mulheres não podem envelhecer e gostar de algo? Por que qualquer mulher é considerada velha demais?", indagou uma leitora. Outra escreveu que, como ela, muitas no estádio não tiveram a chance de ir a show equivalente durante a adolescência pobre, superada apesar da misoginia do país que vê refletida no texto. "Uma matéria com expressão depreciativa e fora de moda para designar mulheres e rotulá-las a partir da idade", sintetizou uma terceira.

Soa mesmo fora de moda, porém nem tanto na **Folha**. Uma busca no site do jornal mostra várias ocorrências recentes de "trintonas" e também de "trintões", inclusive em relatos de shows. Certamente alguém perceberá etarismo ou mesmo uma realidade de mercado, já que parece mais rentável trazer para o país bandas que agradam a quem consegue pagar ingressos mais caros. Inevitável, no entanto, é constatar o clichê. Tanto pior quando entendido como algo ofensivo, além de clichê.

Imagem é tudo

Yanomamis acreditam que a imagem de uma pessoa capturada por uma câmera é parte integrante do retratado. Segundo reportagem publicada pela **Folha** na sexta-feira (3), uma crença até mais justificada do que o mercantil direito de imagem elaborado pelos não indígenas. Os membros que morrem só descansam depois de um ritual funerário longo e complexo, onde todos os vestígios do morto são apagados. Inclusive suas imagens.

O site Sumaúma, que antecipou a dramática situação do grupo, contou que negociou com lideranças yanomamis a publicação das fotografias que denunciavam a desnutrição severa de suas crianças. A exceção foi aberta a partir do entendimento de que era necessário mostrar ao país e ao mundo o descalabro da situação. Pela lógica yanomami, tirar uma foto de um doente é como tirar um pedaço dele, enfraquecê-lo ainda mais.

A questão que fica é saber se a grande mídia, presente em Roraima, tem levado o ritualismo dos sofridos personagens em consideração.

Gabriela Biló/Folhapress

Vinicius Marques de Carvalho, 45
É ministro-chefe da CGU (Controladoria-Geral da União). Presidiu o Cade (Conselho Administrativo de Defesa Econômico) e foi um dos responsáveis pela lei que reestruturou o órgão, criando mandatos para seus dirigentes e tornando-o mais independente do governo. Doutor pela Universidade de Paris-Sorbonne, é professor de direito comercial na USP

Vinicius Carvalho

Combate à corrupção não pode ser instrumentalizado

Ministro da CGU no governo Lula diz que captura da pauta pela política 'não pode mais acontecer no país', defende ampliar transparência e quer uniformizar aplicação da LAI

ENTREVISTA

Uirá Machado e Lucas Marchesini

SÃO PAULO E BRASÍLIA Em seu primeiro mês à frente da Controladoria-Geral da União, poucos temas ocuparam tanto a agenda do ministro Vinicius Marques de Carvalho quanto a Lei de Acesso à Informação (LAI). E, ao que tudo indica, isso não vai mudar tão cedo.

Logo na posse do presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT), ele recebeu a missão de rever os sigilos decretados na gestão de Jair Bolsonaro (PL), e a tarefa ainda deve tomar dois ou três meses.

Por enquanto, ele baixou 12 diretrizes para avaliar os casos herdados do governo anterior. Entre eles está, por exemplo, o processo administrativo que inocentou o deputado federal Eduardo Pazuello (PL-RJ) por ter participado, ainda como general da ativa, de um ato político com Bolsonaro.

Além disso, Carvalho pretende criar balizas para uniformizar a aplicação da LAI na administração federal. O objetivo é fazer valer a transparência como regra e evitar decisões contrárias a essa diretriz. Foi esse o caso, por exemplo, do sigilo da lista de convidados na festa da posse de Lula.

"Foi um erro", diz Carvalho.

Mas o ministro também tem outros planos para a CGU, como levar o órgão a retomar papel relevante na aplicação da Lei Anticorrupção e fazer um balanço dos dez anos da lei.

"A política de combate à corrupção não pode ser esquecida, deixada de lado. Mas não pode ser feita ao arrepio do Estado de Direito. Porque daí o combate à corrupção se corrompe, e a gente entra num ciclo infinito de instrumentalização do combate à corrupção pela agenda política", diz o ministro.

*

O sr. já mencionou mais de uma vez que o governo Bolsonaro fez uma confusão na aplicação da Lei de Acesso à Informação. Era confusão técnica ou decisão política? As duas dimensões se interconectaram. Eu acho que havia um pressuposto de que o governo devesse ser menos transparente do que vinha sendo, ou do que se preconiza na Lei de Acesso à Informação.

A lei fala claramente que, se existem informações específicas dentro de documentos que merecem ter o acesso reservado, você tarja as informações. Mas se passou a expandir isso para o documento inteiro. Acho que isso é uma questão de orientação, que pode até não ter sido dada de cima para baixo. Ela pode ter sido construída aos poucos.

Felizmente, é algo reversível. A gente tem notado muitos servidores públicos satisfeitos com a volta do cumprimento da lei. Tem muita gente que trabalha com isso, que sabe que garantir a transparência da administração pública é um valor.

Mas tem decisões que são difíceis e, na dúvida, o servidor fecha. Essa dimensão do dado pessoal é muito relevante. Como todos somos iguais, isso leva a uma conclusão de que os nossos dados têm que ser protegidos igualmente. Só que nós temos funções distintas na sociedade. Tem gente que talvez achasse que o fato de se tratar de uma autoridade pública não muda essa dimensão do dado pessoal, mas ela muda, sim.

Um exemplo é o cartão de vacinação do ex-presidente? Existe um debate. Eu não tenho muita dúvida, por exemplo, em relação a exames médicos, consultas médicas. São coisas da vida privada. Mas há uma discussão quando se está diante de uma política pública de vacinação no meio de uma pandemia. As pessoas eram estimuladas, ou desestimuladas, a se vacinarem, e isso gerava impacto no índice de contaminação, nas mortes.

Numa situação como essa, será que há interesse público numa carteira de vacinação de uma autoridade pública? A discussão é legítima, e a decisão vai ser tomada pela área técnica da CGU.

Quais são os principais obstáculos à LAI dentro da máquina pública? A lei tem uma grande qualidade. Para tornar a transparência de fato um valor para a sociedade, ela pulverizou sua aplicação em todos os ministérios, Poderes, entes da Federação. Isso gera um desafio enorme de coordenação, no sentido de uniformização.

O sr. se refere ao sigilo sobre os nomes dos convidados na festa da posse? É. O governo Lula tem quatro instâncias em matéria de acesso à informação. Entendo; não estou criticando essa visão. Isso foi uma coisa que a lei fez. Então nosso papel aqui é garantir a uniformização dos entendimentos. E é claro que o caminho do convencimento é sempre o melhor. Mas enunciados existem para serem cumpridos.

Foi um erro de quem tomou a decisão? Foi um erro. Um erro escusável, num certo sentido, porque a pessoa tomou a decisão que era sempre tomada nesse tipo de caso. E com base nessa visão: são nomes de pessoas, portanto lei de proteção de dados pessoais...

Ou argumentos relacionados à segurança. Só que o argumento da segurança se aplica menos ainda nesse caso, porque a festa já tinha acontecido. Se me pedissem o acesso à lista antes de ela acontecer, eu teria negado. Mas depois?

Sempre se diz que o Itamaraty e as Forças Armadas têm mais resistência à transparência. Esse vai ser um obstáculo? Esses são casos em que a preocupação tem uma justificativa. Estamos falando de Forças Armadas e de relações internacionais. São negociações internacionais, tratativas comerciais, enfim, diálogos complexos, difíceis. A mesma coisa para as Forças Armadas em relação a suas competências. Mas nem todas as atividades precisam desse tipo de sigilo.

Com a entrega do relatório sobre os sigilos do Bolsonaro, qual vai ser a próxima prioridade da CGU? Esse tema vai ser prioridade ainda. Ele não pode sair do radar. Seja pela complexidade dos sistemas que a gente precisa estruturar para conquistar e aumentar nosso nível de coerência, seja porque essa política não se resume à LAI. A gente tem que criar contextos para ampliar a transparência ativa, por exemplo.

Na agenda de integridade privada, a lei 12.846, chamada Lei Anticorrupção, que a gente gosta de chamar de Lei da Empresa Limpa, está fazendo dez anos. É o momento de fazer um balanço. Na área do combate à corrupção, quero usar a experiência de oito anos de Cade para tentar montar um sistema mais funcional e que tenha mais efetividade.

> Tenho certeza de que o presidente Lula não quer outros escândalos. Ele não quer, o governo dele não quer, nenhum ministro quer

> Foi um erro [impor sigilo sobre a lista de convidados para a festa da posse]. Um erro escusável, num certo sentido, porque a pessoa tomou a decisão que era sempre tomada nesse tipo de caso

Que ferramentas de combate à corrupção a CGU adotará? As ferramentas de integridade pública são muito importantes na perspectiva da prevenção. Quanto mais transparência houver, maior é a possibilidade de escrutínio.

Sobre a Lei Anticorrupção "stricto sensu", a gente tem que reativar a capacidade de a CGU ser ator relevante. Ao contrário do Cade, que ficou dez anos implementando política de combate a cartéis e fazendo acordo de leniência até a Lava Jato aparecer, a Lei Anticorrupção teve um ano de vida e veio a Lava Jato. O Ministério Público passou a dizer que tinha competência para fazer acordos de leniência. O TCU passou a dizer que tem competência para revisá-los.

Tudo isso criou uma discussão forte sobre essas delimitações de competência e sobre como as empresas deveriam ser tratadas nesse ambiente. A gente precisa superar qualquer conflito que ainda exista em relação às competências.

Muitos críticos da Lava Jato dizem que a operação quebrou empresas que poderiam ter sido salvas. Qual sua avaliação sobre esse dilema? É um dilema real. Existir uma multa que vai até 20% do faturamento de uma empresa —não do lucro—, dependendo da forma como é aplicada, poucas empresas no Brasil sobreviveriam [a isso].

A multa não pode ser o único pilar. A pergunta que se faz nessa hora é: será que eu estou punindo quem eu deveria punir quando eu decreto a pena de morte de uma companhia? Eu estou atingindo a dimensão institucional da companhia. Será que é só essa dimensão que eu deveria atingir?

O sr. integra o governo de um partido que já esteve envolvido em dois grandes escândalos de corrupção. Que garantias o sr. tem de que poderá atuar livremente no combate à corrupção? Houve escândalos de corrupção em diversos governos. Esses escândalos vão aprimorando a capacidade do Estado de se organizar para combater a corrupção.

Tenho certeza de que a agenda do presidente Lula é essa. Tenho certeza de que o presidente Lula não quer outros escândalos. Ele não quer, o governo dele não quer, nenhum ministro quer conviver com aquilo que se conviveu no passado.

E tenho certeza de que a sociedade brasileira não quer que a investigação de combate à corrupção perca a objetividade e se transforme em uma caçada contra uma ou duas pessoas.

A política de combate à corrupção não pode ser esquecida, deixada de lado. Mas não pode ser feita ao arrepio do Estado de Direito. Porque daí o combate à corrupção se corrompe, e a gente entra num ciclo infinito de instrumentalização do combate à corrupção pela agenda política. E isso não pode mais acontecer no país.

A revisão da Lei das Estatais não contraria esse discurso? Não vou fazer juízo de valor sobre algo que não é da minha competência como ministro. Mas muitos critérios da Lei das Estatais teriam sido cumpridos pelas pessoas que participaram dos escândalos. O que tem de funcionar são os controles.

Não vejo isso com grande drama. Muita gente que atua no meio político é competente e honesta, e muita gente que atua no mercado é incompetente e desonesta.

1 Alcolumbre beija o rosto de Efraim Filho (União-PB), 2 conversa com parlamentares e convidados da posse 3 e beija a mão da esposa de Efraim, Carol Morais Fotos Ranier Bragon/Folhapress

Davi Alcolumbre, 45

Eleito senador em 2014, foi alçado ao posto máximo do Senado no início do governo Jair Bolsonaro, em 2019, com o apoio do Palácio do Planalto. Na sua gestão, construiu apoio a partir do controle sobre as bilionárias emendas de relator. Em 2021, passou a presidir a CCJ

Poder de Alcolumbre vai a teste no Senado com choro e ataques

Senador se disse injustiçado e desabafou dentro do gabinete ao comemorar vitória do aliado Pacheco

Ranier Bragon

BRASÍLIA A disputa entre Rodrigo Pacheco (PSD-MG) e Rogério Marinho (PL-RN) pelo comando do Senado, na quarta-feira (1º), representou um teste de fogo também para Davi Alcolumbre (União-AP), parlamentar que acumulou poder nos últimos anos e, exatamente por isso, tem sido alvo de ataques de políticos que se sentem alijados —incluindo integrantes de seu partido.

Pacheco —que chegou ao cargo pelas mãos de Alcolumbre e que tem no senador do Amapá seu principal cabo eleitoral— derrotou Marinho, o candidato do bolsonarismo, por 49 votos a 32.

No discurso de senadores e deputados, o resultado pode ser visto tanto como uma vitória inequívoca de Alcolumbre, mas também como o seu oposto. Ou seja, uma derrota, na opinião de um grupo menor de parlamentares.

Uma explicação sobre como isso é possível passa pela concentração de poder nas mãos do senador do Amapá e a reação que isso tem gerado.

Alcolumbre, que tem 45 anos, presidiu o Senado no biênio 2019-2020, ocasião em que montou uma robusta rede de apoio interno por meio da distribuição entre os parlamentares das bilionárias verbas orçamentárias das emendas de relator.

Após ter a reeleição barrada por decisão do STF (Supremo Tribunal Federal), que vetou a possibilidade de recondução ao cargo dentro da mesma legislatura, fez de Pacheco seu sucessor em fevereiro de 2021.

Alcolumbre saiu da cadeira máxima do Senado e assumiu outra também poderosa: a da CCJ (Comissão de Constituição e Justiça), onde deve continuar nos próximos anos.

Ele também foi escolhido pelo governo Luiz Inácio Lula da Silva (PT), durante a fase de transição, para ser o interlocutor da União Brasil nas negociações de adesão do partido ao Palácio do Planalto.

Com isso, apadrinhou dois dos três ministros direcionados por Lula à legenda: Waldez Góes (Integração) e Juscelino Filho (Comunicação).

Essa foi a gota d'água para que o senador virasse alvo de uma rebelião interna no partido, que é uma colcha de retalhos ideológica forjada no campo da direita.

O caldeirão de insatisfações engrossou na atual disputa ao comando do Senado, quando Alcolumbre se colocou mais uma vez como o cabo eleitoral de Rodrigo Pacheco.

Diferentemente do presidente reeleito do Senado, que tem postura mais institucional, Alcolumbre é um político ao estilo clássico, que preza o contato direto a caloroso —como mostram fotos de Alcolumbre registradas nos momentos anteriores à eleição.

A grande concentração de poder em torno de um único político foi usada como discurso de campanha contra Pacheco por Marinho e aliados, além de desafetos dentro da União. Usou-se a tese de que reeleger o senador de Minas reforçaria o poder de Alcolumbre, desde já um dos cotados para suceder o próprio Pacheco em 2025.

Esse argumento, reconhecem até aliados dos dois, reforçou a candidatura de Marinho, que, mesmo sendo oposição e disputando o cargo contra a máquina federal, conseguiu reunir 40% dos votos da Casa.

Daí, concluem os adversários, mesmo com a vitória de Pacheco, Alcolumbre sai como o "grande derrotado" —expressão usada reservadamente por dois deles— da eleição no Senado por dois motivos.

Primeiro, por ter dificultado a reeleição do senador de Minas, já que a dissidência contra Pacheco, por exemplo, teve como um dos principais líderes o senador Lucas Barreto, do mesmo PSD, rival de Alcolumbre no Amapá.

Segundo, por ter ficado claro que há uma insatisfação no Senado contra sua concentração de poder não só dentro da União Brasil, mas também fora da legenda, o que se refletirá na eleição de 2025 (o mandato de presidente do Senado é de dois anos).

O fato é que o grupo político de Pacheco e integrantes do governo consideram que Alcolumbre passou no teste de fogo e entregou na quarta o que prometeu, incluindo o voto de ao menos seis dos nove integrantes da União.

Depois do resultado de quarta, o parlamentar do Amapá chegou a chorar dentro de seu gabinete ao se reunir para comemorar com familiares, amigos, assessores e aliados, entre eles o senador Jayme Campos (União-MT).

A **Folha** confirmou a informação com fontes distintas.

De acordo com esses relatos, Alcolumbre fez um discurso emocionado no gabinete, se dizendo injustiçado com as críticas de que havia se tornado um peso para a candidatura de Pacheco. Também salientou a diferença conseguida, de 17 votos. Ele teria afirmado ainda que fez o que achava ser melhor para o Brasil, já que, em suas palavras, uma vitória de Marinho representaria um retrocesso.

Alcolumbre nega concentração de poder e tem citado, por exemplo, o apoio a Efraim Filho (PB) para a liderança do partido no Senado.

Procurado, o senador afirmou que as críticas são uma tentativa de anular um cabo eleitoral de Pacheco. "Mesmo os adversários reconhecem que tenho alguma importância na articulação dentro do Parlamento. Fui deputado por três mandatos, fui senador, fui presidente da Casa, presidente da CCJ, líder", disse.

"Não se pode agradar a todos, mas tenho um trabalho reconhecido no Congresso, e que é respeitado e respeitoso. Penso que foi mais uma tentativa de anular, de tirar do jogo um articulador da candidatura do presidente Pacheco. O resultado fala por si."

Alcolumbre diz ter sido apenas um eleitor e cabo eleitoral de Pacheco. Ele também nega que sua atuação faça parte de qualquer acordo envolvendo a disputa de 2025. "Isso é uma precipitação sem lógica. Meu trabalho é dia a dia."

> Penso que foi mais uma tentativa de anular, de tirar do jogo um articulador da candidatura do presidente Pacheco. O resultado fala por si
>
> **Davi Alcolumbre (União-AP)**
> senador

Marcos do Val entregou Bolsonaro

A imagem final do quebra-cabeça será do ex-presidente tentando um golpe

Celso Rocha de Barros

Servidor federal, é doutor em sociologia pela Universidade de Oxford (Inglaterra) e autor de "PT, Uma História"

O senador Marcos do Val (Podemos-ES) entregou à revista Veja conversas com o ex-deputado Daniel Silveira, de dezembro do ano passado. Nas conversas, Silveira lhe propõe participar de um golpe de Estado, coordenado por Jair Bolsonaro (PL) e mais quatro "pessoas muito importantes e relevantes", "cinco estrelas".

A tarefa de Marcos do Val seria tentar gravar uma conversa com o ministro do STF (Supremo Tribunal Federal) Alexandre de Moraes. Silveira afirma que "escutas utilizadas pelas operações especiais" e "veículo receptor" já estariam disponíveis para a execução do plano.

É bom lembrar o contexto em que a conversa teria ocorrido. Jair Bolsonaro até hoje não reconheceu sua derrota na eleição presidencial de 2022. A Polícia Federal achou uma minuta do que teria sido a declaração de golpe na casa do ex-ministro da Justiça de Bolsonaro Anderson Torres. Na véspera de Natal, um assessor que já foi lotado no ministério de Damares Alves tentou explodir um caminhão no aeroporto de Brasília.

Poucos dias depois, Anderson Torres deixou o ministério e tornou-se secretário da Segurança do Distrito Federal, indicado pelo governador bolsonarista. Logo após assumir, deixou o país e viajou para a mesma cidade americana em que estava Jair Bolsonaro. No dia 8 de janeiro, seus comandados na polícia de Brasília deixaram os golpistas destruírem a praça dos Três Poderes.

Poucos dias depois, Jair Bolsonaro rompeu seu silêncio para mentir, no Twitter, que Lula (PT) havia roubado a eleição. As Forças Armadas até hoje não se pronunciaram sobre o 8 de janeiro.

Desde que o escândalo explodiu, Marcos do Val já ofereceu versões diferentes sobre o caso.

Em uma live do MBL na semana passada, o senador anunciou que a revista Veja contaria como Bolsonaro tentou coagi-lo a participar de um golpe de Estado. A revista saiu um dia depois e dizia exatamente isso.

Mas Do Val, assustado com a repercussão, mudou sua história: na nova versão, Bolsonaro teria permanecido quieto enquanto Silveira propunha a conspiração. Ao apresentar essa versão, o senador afirmou que, na live do MBL, teria se excedido, sob impacto emocional da derrota do candidato bolsonarista à presidência do Senado.

Se Do Val citou a entrevista à Veja na live, é porque ela aconteceu antes da live. E na Veja está claríssimo que foi Bolsonaro quem convidou do Val a participar do golpe. Do Val estava emocionado na entrevista e na live? Para um sujeito que vive vestido de SWAT, o senador parece ser bastante sensível.

Além do mais, as conversas publicadas sugerem que foi Jair Bolsonaro quem propôs o plano a Do Val.

Na versão publicada na Veja, Bolsonaro, no momento da oferta de participação no golpe, teria exortado Do Val a "salvar o Brasil". Em uma das conversas com Silveira, há uma menção explícita a esse episódio: "Se aceitar a missão, parafraseando o 01, salvamos o Brasil". A paráfrase de Silveira só faz sentido se a frase do "01" tiver sido pronunciada na presença de Do Val, que só assim poderia entender a referência.

As investigações mal começaram, há muito a descobrir, e Daniel Silveira já desponta como favorito para o posto de "otário que levará a culpa no lugar dos peixes grandes". Mas é difícil olhar para as peças já encaixadas no quebra-cabeça e não perceber que a imagem final será de Jair Bolsonaro tentando um golpe.

| DOM. Elio Gaspari, Celso Rocha de Barros | **SEG. Camila Rocha**, Angela Alonso | TER. Joel Pinheiro da Fonseca | QUA. Elio Gaspari | QUI. Conrado H. Mendes | SEX. Reinaldo Azevedo | SÁB. Demétrio Magnoli

Restauração de obras atacadas por golpistas na Câmara pode levar 1 ano

Principal prejuízo será com carpete verde, símbolo da casa legislativa, ao custo de R$ 921 mil

Constança Rezende e Paulo Saldaña

BRASÍLIA A restauração de obras do acervo artístico destruídas na Câmara dos Deputados por golpistas na invasão de 8 de janeiro pode levar até 12 meses. O maior prejuízo será com um dos maiores símbolos da Casa: o carpete verde do principal salão de circulação do Congresso será substituído ao custo de R$ 921,5 mil.

No total, a Câmara calcula prejuízos de cerca de R$ 3,5 milhões com a depredação, segundo levantamento das áreas técnicas da Casa obtido pela **Folha**. O valor inclui as estimativas com reparos, restaurações e também mensuração de danos irreversíveis.

É pelo salão verde —cuja denominação é inspirada na cor do carpete— que circulam parlamentares, membros da sociedade civil e jornalistas.

No dia 8, os vândalos inundaram o local e provocaram furos e danos por fogo no carpete. O processo para substituição já teve início, segundo o documento elaborado por técnicos da Câmara.

A umidade excessiva do carpete fez com que os técnicos da Câmara retirassem temporariamente do salão verde a obra Muro Escultórico, de Athos Bulcão. A peça também foi danificada, com um grande furo na parte inferior, e precisará de restauração.

Jefferson Rudy - 8.jan.2023/Agência Senado

Divulgação/Câmara dos Deputados

Edilson Rodrigues - 19.jan.2023/Senado

Gabriela Biló - 9.jan.2023/Folhapress

1 Maquete do prédio do Congresso destruída pelos golpistas no salão verde da Câmara, cujo tapete deverá ser trocado **2** A obra Muro Escultórico, de Athos Bulcão, que foi perfurada pelos extremistas e já foi reparada **3** Técnico faz reparo em área danificada no Congresso **4** Material de trabalho também foi depredado na invasão aos palácios

A Câmara contabilizou danos em 64 bens do acervo cultural da Casa, como pinturas, esculturas, presentes e painéis. Há casos de obras com menor impacto, que foram sujas, e danos de maior relevo.

Somente o reparo desses itens tem uma estimativa de custo de R$ 1,4 milhão. A previsão de prazo para a finalização dos tratamentos levou em consideração trabalhos anteriormente realizados.

A obra de maior valor atacada foi a escultura "Maria, Maria", uma peça em bronze da artista Sônia Ebling (1918-2006), avaliada em R$ 180 mil. A escultura foi amassada pelos vândalos. Ela já teve seu tratamento finalizado.

Três vasos e um ovo de avestruz foram totalmente destruídos e têm restauração considerada improvável. Todas foram presentes de autoridades.

Dois carros Nissan Frontier foram vandalizados, sendo um deles incendiado. No entanto, os automóveis, no valor total de R$ 238 mil, eram locados e há previsão de cobertura dos custos pelo seguro.

O rastro de destruição atingiu ainda locais de trabalho de parlamentares e assessores. A área técnica contabilizou 98 bens patrimoniais afetados, como mobiliário, computadores e aparelhos telefônicos. Imagens anexadas mostram mesas cobertos de urina.

Comandante da PM do DF autorizou férias de coronel em 8/1

Victoria Azevedo

BRASÍLIA O atual comandante da Polícia Militar do Distrito Federal, Klepter Rosa Gonçalves, foi o responsável por autorizar dias de folga do coronel Jorge Eduardo Naime Barreto, então chefe do Departamento Operacional da corporação, no dia 8 de janeiro —data em que golpistas invadiram e depredaram as sedes do Congresso, do Palácio do Planalto e do STF (Supremo Tribunal Federal).

O coronel Jorge Naime era o chefe do setor responsável por elaborar o plano de segurança na capital federal para evitar os ataques golpistas. Ele foi exonerado do posto após os atos antidemocráticos.

Klepter Gonçalves assumiu o comando da PM após o 8 de janeiro, escalado pelo interventor na segurança pública do Distrito Federal, Ricardo Cappelli, para assumir a posição de forma interina —ele tinha sido responsável pela atuação do efetivo policial na posse do presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT).

No dia 5, Gonçalves, ainda como subcomandante-geral da PM, assinou requerimento autorizando o afastamento total de Jorge Naime do serviço entre 3 e 8 de janeiro.

Essa ação, no entanto, não consta em relatório sobre os atos de 8 de janeiro produzido por Cappelli e divulgado no último dia 27. O relatório cita o período de folga de Jorge Naime, mas não indica quem assinou o despacho autorizando os dias de recesso.

"A par de tudo isso, soma-se o fato de o Chefe do Departamento Operacional – DOP, Cel. Jorge Eduardo Naime Barreto, ao qual todos aqueles estão subordinados, solicitou 'dispensa recompensa' entre os dias 03/01/2023 e 08/01/2023, razão pela qual não estava de serviço no dia dos fatos", diz o relatório.

No documento, Cappelli afirma que a PM do DF não elaborou um plano operacional para conter os golpistas.

"Não houve a elaboração prévia de Planejamento Operacional nem Ordem de Serviço emitido pelo Departamento Operacional da PMDF em relação aos fatos do dia 08/01/2023", diz.

Klepter Gonçalves, que assinou folga a chefe do setor responsável por conter ataques Divulgação/PMDF

Cappelli também ressalta que havia apenas um Plano de Ações Integradas, elaborado pela Secretaria de Segurança Pública, sem destacar ações para batalhões de choque da polícia, "o que foge ao padrão operacional de manifestações anteriores".

O interventor acrescentou que, além de Naime, outros seis comandantes de batalhões e dois chefes de áreas da PMDF estavam de "férias" no dia do ataque —todos eram subordinados ao coronel.

O governo Lula, integrantes da Polícia Federal e do Judiciário têm creditado à PM do DF a responsabilidade pela invasão da praça dos Três Poderes, após tímida ação das forças de segurança para deter os golpistas naquele dia. E já havia insatisfações do Executivo federal com a atuação do próprio coronel Jorge Naime.

Assim como no dia 8 de janeiro, era o setor comandado por Naime que deveria ter atuado nas manifestações violentas do dia 12 de dezembro, data da diplomação de Lula.

Naquele dia, após a tentativa de invasão do prédio da PF, manifestantes apoiadores do ex-presidente Jair Bolsonaro (PL) praticaram atos de vandalismo que resultaram em incêndios a carros e ônibus pelas ruas de Brasília. A PM só conseguiu conter os ataques quando diversos veículos já estavam depredados.

O ex-comandante da PM Fábio Augusto Vieira, que foi preso por determinação do STF, afirmou em seu depoimento à Polícia Federal que encontrou o coronel Jorge Naime durante os atos de vandalismo no dia 8.

O ex-comandante disse ter visto Naime por volta de 18h30 na praça dos Três Poderes. Ele teria indagado o policial sobre sua presença, uma vez que estava de folga. Naime teria dito, por sua vez, que estava no local para ajudar.

O depoimento de Vieira colocou o coronel no foco das apurações da Polícia Federal. Como a **Folha** mostrou, o advogado de Jorge Naime, Gustavo Mascarenhas, afirmou que o policial militar estava fora de Brasília e antecipou o retorno à cidade por solicitação do Palácio do Buriti e de Gonçalves, para que fizesse parte da operação em andamento para conter os golpistas na Esplanada dos Ministérios.

De acordo com Mascarenhas, Naime compareceu ao local por volta das 18h, visando colaborar no restabelecimento da ordem. Desde o momento em que passou a coordenar a operação, disse o advogado, seu cliente seguiu com o protocolo de esvaziamento dos prédios públicos.

Com Moraes, STF testa protagonismo inédito em ações contra golpismo

Reação judicial não tem transcorrido sem atropelos e provoca debates sobre riscos e limites

Uirá Machado

SÃO PAULO Liderado pelo ministro Alexandre de Moraes, o Supremo Tribunal Federal (STF) testa no Brasil um protagonismo inédito na defesa da democracia. A tarefa, contudo, não se dá sem atropelos, e são inevitáveis os debates sobre riscos e limites da reação judicial.

Até onde o STF pode avançar na atuação emergencial contra uma ameaça de golpe de Estado? Em que ponto o tribunal deixa de ser parte da solução e se torna vetor do problema? O preço da ação desmedida é tão alto quanto o da omissão pura e simples?

O arsenal utilizado pela corte é amplo. Inclui suspensão de perfis online de quem dissemina desinformação, prega ódio ou incita crimes; bloqueio de contas bancárias de financiadores de atos golpistas; e prisões, muitas das quais provisórias.

Em muitos casos, as determinações foram, no mínimo, polêmicas. Por exemplo, Moraes afastou Ibaneis Rocha (MDB) do cargo de governador do Distrito Federal sem que esse pedido tenha sido feito por órgãos de investigação.

O ministro também contrariou recomendação do Ministério Público Federal ao manter a prisão de certos investigados pelos atos de 8 de janeiro, quando apoiadores de Jair Bolsonaro (PL) depredaram as sedes dos três Poderes, em Brasília.

Em outra frente, desde o ano passado, Moraes tem ordenado a derrubada de contas em redes sociais sem critérios claros. De acordo com alguns críticos, seria possível falar em censura do Judiciário.

Um deles é o jornalista Glenn Greenwald, para quem a ação de Moraes não tem paralelos no mundo e representa uma dupla ameaça: à liberdade de expressão e ao devido processo legal.

Especialistas ouvidos pela reportagem, porém, afirmam que não é tão simples; embora seja possível apontar equívocos específicos, isso não quer dizer que o conjunto da obra esteja necessariamente errado.

"No varejo, caso por caso, é claro que vamos poder discordar de muitas decisões, ainda que seja prematuro cravar uma conclusão sobre ilegalidade ou abuso", diz Conrado Hübner Mendes, professor de direito constitucional da USP e colunista da **Folha**.

Dito isso, Mendes considera que Moraes conseguiu conter muitos dos ataques à democracia, apesar de o Brasil não ter estrutura regulatória para lidar com a disseminação da desinformação e em meio a um vácuo institucional, já que a Procuradoria-Geral da República (PGR), sob comando de Augusto Aras, manteve-se inerte na maior parte do tempo.

"O que se pode dizer é que Moraes inovou. E inovação jurídica sempre gera controvérsia, resistência", afirma Mendes. "Isso é sempre ilegal? Não. Isso significa que a corte tem carta-branca para fazer o que bem entender? Também não. Entre as duas coisas, há ampla zona cinzenta que vai tomar tempo para se consolidar."

Não se trata de inovação apenas para o padrão nacional; trata-se de novidade mundial no combate ao golpismo.

"O fato de essas medidas não serem frequentemente adotadas no direito comparado não diz nada sobre se elas são lícitas ou não no Brasil e se seriam lícitas ou não em outros países caso eles vivessem problemas como o nosso", diz Thomas Bustamante, professor de teoria do direito na UFMG (Universidade Federal de Minas Gerais).

"O tipo de ataque que a gente está sofrendo não está bem mapeado. Não existem esquemas conceituais prontos, precedentes, normas jurídicas explícitas. E os padrões de resposta, dentro da legalidade, são desafiadores em qualquer lugar", afirma Bustamante.

De acordo com ele, especialistas de outros países olham com atenção para o caso brasileiro, já que o golpismo não é peculiaridade de bolsonaristas –basta lembrar de Donald Trump e o tumulto após sua derrota na eleição presidencial dos Estados Unidos.

Como observou Oscar Vilhena Vieira em sua coluna na **Folha**, veio do nazista Joseph Goebbels este alerta: "Uma das melhores pilhérias sobre a democracia sempre será a de que ela própria proporcionou aos seus mortais inimigos os meios pelos quais foi aniquilada".

Por isso, mesmo especialistas como Diego Werneck Arguelhes, que apontam problemas nas decisões de Moraes, consideram que o risco da inação é maior que o de eventuais abusos.

"A ideia de ditadura judicial é só uma metáfora", diz Arguelhes, que é professor de direito do Insper e um dos fundadores do blog Supra, sobre o STF. "Não existe risco de ditadura judicial, e a gente nem sabe como isso seria. A ditadura real que queriam implantar é a do dia 8 de janeiro, e essa a gente sabe como funciona."

Mas isso não significa que os problemas citados por ele sejam irrelevantes. Um deles é a suspensão de Ibaneis. Para Arguelhes, ela não está devidamente embasada do ponto de vista jurídico nem teve sua necessidade justificada.

Outro é a derrubada de perfis online. "Uma coisa é, no calor do momento, interromper a atuação de quem está incentivando a invasão. Outra é suspender por tempo indeterminado", diz.

Daí a concluir que exista uma ameaça à liberdade de expressão, como faz Glenn Greenwald, vai uma distância que nem todos se dispõem a percorrer. Conrado Hübner Mendes, por exemplo, diz que a jurisprudência nesse tema é instável no Judiciário brasileiro, mas que o caso dos golpistas não é tão complexo.

"Existem controvérsias bem mais complicadas. Quando a liberdade de expressão se choca com o direito à honra ou à privacidade, por exemplo, temos um conflito delicado. O dos extremistas não. Só que precisa avaliar o contexto da manifestação, a capacidade de disseminação e o impacto que a pessoa exerce", diz Mendes.

Ainda assim, não há consenso sobre o uso que Moraes faz de um instrumento jurídico para combater os extremistas: a medida cautelar, que, na área penal, serve para garantir a aplicação da lei, assegurar a investigação ou evitar a prática de infrações penais.

Por definição, a cautelar é determinada antes de haver julgamento definitivo e, em muitos casos, sem que a pessoa possa se defender num primeiro momento. Até aí, jogo jogado. O problema aparece quando essas ordens, que deveriam ser provisórias, se tornam duradouras –uma espécie de atalho para a pena.

"A manutenção de prisões preventivas, que devem ser medidas muito excepcionais e de curta duração, é um ponto questionável", diz Raquel Scalcon, advogada criminalista e professora da FGV Direito SP.

"Mas é preciso lembrar que o recurso excessivo às prisões cautelares é um triste sintoma do sistema de Justiça criminal brasileiro como um todo", afirma.

Mas não são só as prisões. Moraes tem recorrido à chamada cautelar atípica: em vez de usar uma das medidas listadas no Código de Processo Penal –como a suspensão da função pública, dirigida a Ibaneis—, ele impõe uma nova cautelar ao investigado. É o caso da derrubada de perfis de redes sociais, não prevista expressamente no código.

O fato de a medida ser atípica não a torna ilegal, mas seu uso é questionável: "Tem uma discussão sobre isso, mas eu entendo que uma cautelar atípica não poderia ser fixada. Se quisermos novas cautelares, precisamos de mudança legislativa", diz Scalcon.

Aumentando a confusão, Moraes tem usado como parâmetro para a derrubada de perfis a resolução 23.714 do TSE (Tribunal Superior Eleitoral), cuja constitucionalidade está em discussão no STF.

Baixada às vésperas do segundo turno de 2022, ela considera que a disseminação de fake news demanda reações como a suspensão de contas online e estabelece regras como multa de até R$ 150 mil por hora de descumprimento.

Só que Moraes, além de membro do STF, é presidente do TSE, o que leva muita gente a misturar os dois chapéus do ministro e imaginar que ele tenha "superpoderes" permanentes. Na verdade, essa é uma circunstância passageira que terminará em junho de 2024, quando ele deixará a corte eleitoral.

E, mesmo que não fosse esse o caso, Moraes não age sozinho. Ele tem respaldo do plenário do TSE e do STF –o que, no mínimo, mostra desconcentração do poder.

"Mas a confirmação do colegiado não resolve o debate, não garante que a decisão esteja correta", diz Arguelhes, do Insper. "No calor da Lava Jato, muita gente criticava o STF por ter endossado as decisões do Sergio Moro."

Para bolsonaristas, o respaldo não muda nada. Eles continuam vendo Moraes como alguém que desequilibrou a eleição —ainda que não existam evidências disso— e que atua "fora das quatro linhas da Constituição", como costuma dizer o ex-presidente.

A crítica, que não diz respeito só ao conteúdo das decisões, mas também à forma, remonta a 2019, quando Dias Toffoli, então presidente do STF, abriu o inquérito das fake news e, em vez de sortear um relator, nomeou Moraes para a função.

Foi um procedimento extravagante porque, entre outros motivos, nenhum órgão investigativo pediu o inquérito. Os ministros do STF, porém, julgaram necessário reagir aos ataques que a própria corte vinha sofrendo sob as vistas grossas da PGR, ainda sob Raquel Dodge.

"A justificativa apresentada é real. Não foram justificativas inventadas, não foi uma idiossincrasia dos ministros. E cada vez isso fica mais evidente", afirma Thomas Bustamante, da UFMG.

Para Miguel Gualano de Godoy, professor de direito constitucional da UFPR (Universidade Federal do Paraná), o STF paga o preço de um problema anterior: "A força das cortes vem de sua autoridade, dos argumentos de suas decisões e da postura séria de seus ministros. Nesses aspectos, o STF ainda deve muito", diz.

"O STF tem atuado com firmeza para a proteção da nossa democracia. Mas sua atuação precisa ser calibrada", afirma Godoy.

De acordo com Arguelhes, do Insper, na ausência desse ajuste, o STF vai aprofundar três problemas. O primeiro é um pragmatismo excessivo: "Desde a última década, as pessoas cada vez mais aprovam decisões com cujos resultados elas concordam".

O segundo é a deterioração da imagem do Judiciário como Poder isento para decidir conflitos. "Várias decisões contra Bolsonaro são corretas, mas pode chegar um momento em que as pessoas vão achar que o tribunal escolhe amigos e inimigos."

E o terceiro é saber que limites o STF respeitará quando passar o contexto de crise da democracia. "O Supremo nunca descobriu para si um poder do qual depois abriu mão", afirma Arguelhes.

O ministro Alexandre de Moraes, do Supremo Tribunal Federal Gabriela Biló - 15.set.22/Folhapress

Decisões polêmicas capitaneadas pelo ministro Moraes no TSE e no Supremo

- Inquérito das fake news, mantido contra a vontade da PGR
- Censura à revista Crusoé e ao site O Antagonista por reportagens que citavam Dias Toffoli
- Censura ao jornal Gazeta do Povo durante as eleições
- Busca e apreensão contra empresários por conversas de teor golpista no WhatsApp, tendo por base apenas uma reportagem
- Relator do julgamento que determinou prisão de Daniel Silveira (PTB-RJ), deputado federal bolsonarista que fez ataques a membros do STF
- Suspensão de diversos perfis de redes sociais por ameaças a ministros do STF ou declarações golpistas
- Suspensão de diversos perfis de redes sociais durante a eleição
- Suspensão de perfis e canais do PCO (Partido da Causa Operária)
- Suspensão de Ibaneis Rocha (MDB) do cargo de governador do DF
- Manutenção de prisões preventivas contra orientação do MPF
- Conversão de prisão flagrante em preventiva sem pedido de órgãos de investigação

Juliana Freire

A rede Americanas foi depenada

Quem são os diretores que tiraram R$ 244 milhões da reta?

Elio Gaspari

Jornalista, autor de cinco volumes sobre a história do regime militar, entre eles "A Ditadura Encurralada"

Com todo mundo brigando com todo mundo, é possível que a encrenca da rede varejista Americanas caminhe para uma falsa trégua. Seguiria o ensinamento do grande sambista Morengueira em seu "Piston de Gafieira":

"Quem está fora não entra
Quem está dentro não sai".

Apareceu um rombo estimado em mais de R$ 40 bilhões e, salvo o executivo Sergio Rial, que ficou alguns dias à frente da empresa, tocou o alarme e afastou-se do cargo, ninguém sabia de nada.

O trio de grandes acionistas (Jorge Paulo Lemann, Carlos Alberto Sicupira e Marcel Telles) informou que "jamais tivemos conhecimento e nunca admitiríamos quaisquer manobras ou dissimulações contábeis na companhia." A auditora PwC e os bancos que davam crédito à rede nunca tocaram o sino. Os responsáveis diretos pela administração da empresa ao longo dos últimos anos estão calados. Ninguém sabia de nada, mas o espeto vai também para fornecedores de mercadorias.

A discussão de sabia-não-sabia irá para os tribunais e lá poderá ser esclarecida com o exame das mensagens trocadas pelos doutores. Contudo, versões implausíveis raramente resistem a uma cronologia, e ela indica que a rede Americanas sofreu um golpe. Em português do varejo, foi depenada. A empresa mimava acionistas e diretores como se fosse um porta-aviões e era um casco condenado. Pelo menos as pessoas que mostraram os números a Rial sabiam disso.

No ano passado, o conselho da empresa orgulhava-se de "promover uma cultura de superação de resultados através da contratação e retenção das melhores pessoas, alinhadas com os interesses dos acionistas".

A Americanas remunerava muito bem seus diretores. Nos últimos dez anos eles receberam R$ 505,4 milhões, o dobro do que pagaram redes concorrentes como a Magalu e a Renner. Entre 2013 e o terceiro trimestre de 2022, a Americanas pagou R$ 2,1 bilhões aos seus acionistas. Até aí, seria o jogo jogado.

O processo de escolha de um novo executivo para a Americanas começou em março do ano passado. Em agosto a rede anunciou que o veterano Miguel Gutierrez, com 30 anos de casa e 20 como seu principal executivo, seria substituído por Sergio Rial, vindo do banco Santander. O repórter Nicola Pamplona revelou que, durante o segundo semestre de 2022, diretores estatutários da Americanas venderam R$ 244,3 milhões de ações da empresa. O pico das vendas ocorreu entre agosto e setembro.

Em novembro a rede revelou um prejuízo de R$ 211,5 milhões para o trimestre. (No ano anterior ela havia lucrado R$ 240 milhões no mesmo período.)

A luz do Sol é o melhor detergente

Sergio Rial assumiu a direção da Americanas no dia 2 de janeiro. Nesses dias obteve detalhes do que mais tarde chamaria de "inconsistências contábeis". No dia 6, representantes dos acionistas reuniram-se com diretores da empresa e funcionários da área financeira. Daí até o dia 11, Rial viveu o que chamou de "escolha de Sofia": "Falo ou não falo?". Falou. No dia seguinte, as ações da empresa perderam 80% do seu valor e logo depois a Americanas entrou em processo de recuperação judicial.

O litígio da Americanas poderá vir a ser um dos maiores de todos os tempos, a menos que nas próximas semanas ocorra uma trégua simulada. Afinal, Morengueira cantava:

"A orquestra sempre toma providência
Tocando alto pra polícia não manjar
E nessa altura
Como parte da rotina
O piston tira a surdina
E põe as coisas no lugar".

A luz do Sol é o melhor detergente. Há abundantes sinais de que houve uma fraude na Americanas e que ela só durou anos porque foi encoberta.

Os bancos pedem à Justiça acesso às comunicações internas da empresa. Esse acervo poderá levar a novas pistas para se saber o que aconteceu. Além disso, outra boa questão está no tabuleiro, para ser esclarecida com a Comissão de Valores Mobiliários:

Quais foram os diretores da Americanas que venderam R$ 244,3 milhões no segundo semestre do ano passado, quando as Americanas foram do lucro ao prejuízo e sabia-se que Gutierrez seria substituído por Rial? Por quê?

A estatal do trem-bala é imortal

Marcelo Guerreiro Caldas, ex-diretor da Infra S.A., foi afastado do conselho de administração da estatal, acusado de ter apresentado um diploma falso para assumir o cargo.

Maganos com diplomas esquisitos fazem parte da vida, mas o doutor Marcelo jogou luz sobre a existência da empresa. Em burocratês, ela é uma "empresa pública que nasce da junção da Valec Engenharia, Construções e Ferrovias S.A. com a Empresa de Planejamento e Logística (EPL) e é responsável por obras ferroviárias, planejamento e estruturação de projetos para o setor de infraestrutura de transportes".

Traduzindo, a Infra é um avatar do trem-bala que ligaria o Rio a São Paulo em poucas horas. A ideia do trem surgiu em 1996, encorpou dez anos depois e, aos poucos, foi virando poeira. O presidente da Valec, estatal que cuidaria de sua construção, passou algum tempo na cadeia por outros malfeitos. Morto o projeto do trem, seus interesses burocráticos reencarnaram-se na EPL. Do seu casamento com a Valec, surgiu a Infra.

Em quase 30 anos o Brasil teve governos de centro, de esquerda e de direita. Durante quatro anos, o ministro Tarcísio de Freitas ficou na pasta da Infraestrutura e elegeu-se governador de São Paulo. Só não conseguiu acabar com a estatal do trem-bala.

Lula 2026

Lula anunciou que, se tiver saúde, poderá disputar a reeleição em 2026. Ele já havia condenado o instituto da reeleição e, na campanha, disse que seria "um presidente de um mandato só".

Pena, porque jogou fora a oportunidade de extirpar a busca pela reeleição da lista de malignidades da política brasileira.

Hoje, a reeleição é a fonte dos piores males nacionais. Os planos golpistas de Bolsonaro estão aí para mostrar isso.

Eremildo, o idiota

Eremildo acreditou que Lula seria presidente de um mandato só. Ele também acredita que o ex-ministro Anderson Torres perdeu o celular e que foi a funcionária de sua casa quem guardou a minuta do golpe na estante. O cretino acha que a declaração de Valdemar Costa Neto de que todo mundo tinha cópias de minutas golpistas era apenas uma metáfora.

Acima de tudo, Eremildo acredita que o Gabinete de Segurança Institucional jamais se meteria numa operação para grampear o ministro Alexandre de Moraes. O general Augusto Heleno nunca concordaria com uma coisa dessas.

Grampos, hoje e ontem

Daniel Silveira, que teria planejado grampear uma conversa do senador Marcos do Val com o ministro Alexandre de Moraes, foi candidato a senador pelo PTB e não se elegeu. Fez campanha ao lado do ex-deputado Eduardo Cunha, que elegeu a filha, Danielle Dytz da Cunha.

Em junho de 1974, o ex-ministro da Fazenda Antonio Delfim Netto desceu em Brasília para uma conversa com o general Golbery do Couto e Silva. Delfim havia sido o todo-poderoso ministro da Fazenda, tentou ser governador de São Paulo, mas foi vetado. Da conversa, resultou que Delfim foi para a embaixada em Paris.

Delfim achou estranho que Golbery lhe apontasse onde sentar. Claro, era para deixá-lo perto do microfone que transmitia a conversa para um gravador instalado na cozinha.

Quem montou o grampo foi o coronel Edison Dytz, do Serviço Nacional de Informações, que posteriormente se tornaria sogro de Eduardo Cunha.

Sob temas sensíveis, Tarcísio estreia relação com deputados

Governador tem de vetar ou sancionar 79 projetos de lei da base e da oposição

Carolina Linhares e Joelmir Tavares

SÃO PAULO O governador de São Paulo, Tarcísio de Freitas (Republicanos), terá que vetar ou sancionar nos próximos dias um pacote de projetos de lei aprovados pela Assembleia Legislativa que tratam de temas sensíveis e que representam bandeiras de deputados da base e da oposição.

A nova legislatura inicia em 15 de março, mas as articulações entre os deputados e os secretários do governo para a sanção dos 79 projetos estão em andamento.

Os textos foram aprovados no atacado, em dezembro do ano passado, porém o ônus de analisá-los ficou com Tarcísio, e não com o antecessor Rodrigo Garcia (PSDB).

A primeira lei do pacote foi sancionada na terça-feira (31) e prevê a distribuição de produtos à base de canabidiol no SUS. É de autoria do deputado Caio França (PSB) e de outros deputados de oposição.

Na sexta-feira (3), Tarcísio sancionou o projeto que obriga bares, restaurantes e casas noturnas a "adotarem medidas de auxílio à mulher que se sinta em situação de risco", de autoria dos deputados Coronel Nishikawa (PL), Marcio Nakashima (PDT) e Damaris Moura (PSDB).

Já entre a base bolsonarista do governador, o principal projeto é o que proíbe a exigência do cartão de vacinação contra a Covid para acesso a qualquer local no estado. Tarcísio tem até o dia 15 para sancioná-lo ou vetá-lo e, segundo membros do governo, o martelo ainda não foi batido.

Enquanto parte dos deputados vê nas sanções e vetos acenos à base ou à oposição, muitos ponderam que, na verdade, a maioria dos projetos deve ser vetada por ser inconstitucional — o que depende da análise jurídica, e não da vontade de Tarcísio. Integrantes do governo dizem o mesmo.

Em evento na quarta-feira (1º), Tarcísio afirmou que começa o governo com o apoio de dois terços da Assembleia,

Tarcísio sanciona projeto para fornecer medicamentos à base de canabidiol pelo SUS Ciete Silvério - 31.jan.23/Divulgação Governo de SP

ou seja, mais de 60 entre 94 deputados. Ele também deve emplacar André do Prado (PL) na presidência da Casa.

No pacote, além dos projetos com carga ideológica, há propostas que alteram tributos e, com isso, reduzem a arrecadação do estado. No entendimento de alguns deputados e membros do governo, essas proposições são inconstitucionais e serão vetadas.

O governo já decidiu vetar, como mostrou o Painel, o projeto aprovado que reduz o imposto sobre heranças e doações. O autor é o aliado bolsonarista Frederico D'Avila (PL).

Os projetos aprovados em dezembro começaram aos poucos a ser enviados ao Palácio dos Bandeirantes. A partir disso, Tarcísio tem 15 dias úteis para veto ou sanção. A interlocução com os deputados é feita pelo secretário de Governo, Gilberto Kassab (PSD).

A deputada Letícia Aguiar (PL) diz acreditar que Tarcísio irá sancionar o projeto contra o chamado passaporte sanitário, proposto por Janaina Paschoal (PRTB) e com endosso de mais 15 parlamentares, a maioria bolsonaristas.

O texto proíbe a exigência de vacinação para ingresso em escolas e universidades e para o exercício de cargos na administração pública.

"Entendo que ele é favorável à liberdade das pessoas, ele sabe que esse projeto é sobre isso. Somos favoráveis à vacinação, mas antes de tudo somos favoráveis à liberdade da escolha", diz Aguiar.

Na campanha, Tarcísio disse ser contrário à obrigatoriedade de vacinação de crianças e de funcionários públicos. Com esse argumento, deputados cobram o aval ao projeto, ameaçando acusá-lo de descumprimento de promessa.

Aguiar trabalha pela sanção de outro projeto de sua autoria, o que aumenta a idade limite para ingresso na Polícia Militar de 30 para 35 anos. A deputada diz que a proposta deve virar lei, já que o secretário da Segurança, Guilherme Derrite (PL), apresentou texto semelhante na Câmara.

Em relação ao projeto do canabidiol, Tarcísio falou que a questão não era ideológica, mas pragmática. O fator determinante para a sanção foi o fato de que o governador tem um sobrinho com a síndrome de Dravet, condição rara que gera convulsões, e que utiliza o canabidiol, conforme Tarcísio relatou em discurso.

Caio França, que é filho do ministro Márcio França (PSB) — opositor de Tarcísio na eleição e contrário à privatização do Porto de Santos, pauta do governador— afirmou não ver caráter político na sanção.

"Estou muito satisfeito. Tarcísio em nenhum momento falou de política. Ele só disse que queria São Paulo na vanguarda do tema", disse.

Para alguns parlamentares, Tarcísio marcou ponto com a oposição ao sancionar a lei.

mundo

Grupo de migrantes brasileiros na fronteira do México com os EUA, na altura de Otay Mesa, na Califórnia Sandy Huffaker - 13.ago.21/AFP

Flagrantes de brasileiros na fronteira dos EUA caem em meio a recorde geral

Biden vê pressão cada vez maior e endurece medidas para tentar lidar com crise migratória

Thiago Amâncio

WASHINGTON Enquanto os Estados Unidos enfrentam uma crise humanitária incessante nas fronteiras, ante recordes de migrantes buscando entrar no país sem visto, a quantidades de cidadãos brasileiros flagrados ao tentar fazer a travessia de forma irregular despencou entre 2021 e 2022.

Dados da agência de Alfândega e Proteção de Fronteiras (CBP, na sigla em inglês) apontam que, de janeiro a dezembro do ano passado, mais de 3 milhões de migrantes foram interceptados tentando ingressar em território americano sem permissão legal, 33% mais que os 2,7 milhões registrados no ano anterior.

No recorte por origem das pessoas, porém, as de nacionalidade brasileira apresentam tendência inversa. Enquanto em 2021 foram flagrados 80,6 mil brasileiros, ao longo de 2022 o número caiu para 37,4 mil —menos da metade.

Uma das hipóteses para isso, de acordo com analistas, é o que seria uma volta à normalidade no fluxo migratório depois de um ano fora da curva; 2021 viu um boom devido à reabertura das fronteiras, totalmente fechadas no ano anterior como medida de contenção da pandemia de Covid-19.

O movimento de queda foi observado também para cidadãos de países como Guatemala, Honduras, El Salvador e Equador, e o recorde de flagrantes por agentes de fronteira americanos se deu pelo aumento expressivo no fluxo de migrantes de nações como México, Cuba, Nicarágua e Venezuela —além da Ucrânia, onde a guerra iniciada pela invasão da Rússia está prestes a completar um ano.

Os dados de flagrantes do CBP envolvem, além de casos de expulsão, o encaminhamento para centros de custódia, nos quais estrangeiros aguardam avaliação ou julgamento para a obtenção de asilo para permanecer no país.

Para entrar nos EUA de forma irregular, migrantes em geral enfrentam situações de alto risco ao longo de meses — por terra, na fronteira com o México, ou pelo mar. Júnior, 27, que pede para não ter o nome completo publicado por receios quanto à situação nos EUA, ainda irregular, optou por este último caminho, navegando até a costa da Flórida.

Ele deixou Matutina (MG), a 320 km de Belo Horizonte, em maio de 2021 e só conseguiu entrar em território americano em 31 de dezembro daquele ano. Júnior conta que contratou uma mulher que atuava como "coiote" em Minas, a quem pagou US$ 6.000 (R$ 30,8 mil em valores atuais) antes de sair do Brasil e se comprometeu a repassar US$ 15 mil (R$ 77 mil) ao se instalar nos EUA e conseguir um trabalho.

> [Uma crise assim] é algo que muitos, muitos governos nas Américas nunca viram antes. Mas focar só o que acontece na fronteira dos EUA é destacar uma pequena parte do quadro, precisamos envolver todos os governos e comunidades da região
>
> **Amy Pope**
> candidata dos EUA à chefia da OIM (Organização Internacional para Migrações)

A rota começou com um voo para a República Dominicana, onde o brasileiro esperou quatro meses pelo que agentes definiram como uma boa oportunidade para tentar a entrada clandestina. Na travessia, em um veleiro com capacidade de para dez pessoas, mas no qual foram embarcadas 22, o motor da embarcação pifou. "Ali eu vi a morte", diz Júnior, em referência ao período pelo qual ficou cinco dias à deriva, sem água nem comida.

Um cruzeiro que passava pela região avistou e ajudou o grupo, que mais tarde acabou apreendido pela polícia ao se aproximar das Ilhas Virgens Britânicas. "Foi sorte, porque salvou nossas vidas, mas também o começou do pesadelo."

Ele diz que foi levado com os demais migrantes a um centro de detenção, onde passaram 45 dias em um quarto sem janelas, sem conseguir avisar a família. "Ficava 24 horas por dia olhando para a cama. No final, nem passava mais nada pela minha cabeça", conta. "Aí um dias eles nos soltaram e mandaram a gente sair de lá."

Júnior deu um jeito de voltar à República Dominicana, mas, por ter perdido a confiança na "coiote" que contratara, decidiu ir a Nassau, nas Bahamas —onde "é fácil achar quem faça a travessia", por US$ 8.000 (R$ 41 mil). Lá, conseguiu cruzar de Freeport a Fort Lauderdale, na Flórida, num trajeto de quatro horas que terminou em um píer de mansões.

Já nos EUA, o destino foi a Filadélfia, na casa de um tio. "Estava sem tomar banho havia um mês, com roupas sujas e molhadas, mas consegui pegar um avião", diz, lembrando que a condição não melhorou ao encontrar os familiares. "Nevava na Filadélfia, mas eu só tinha um chinelo de dedo."

O brasileiro conta que pensou em desistir e se entregar para a polícia algumas vezes, mas hoje acha que o processo valeu a pena. "Foi triste, sofri muito, mas foi um aprendizado. Hoje ganho meu dinheiro e não penso em voltar [ao Brasil]", diz ele, que trabalha no setor da construção civil.

Número de brasileiros que entram nos EUA de maneira irregular cai pela metade, enquanto total de flagrantes cresce

Total de flagrantes

Total de flagrantes

Flagrantes de brasileiros entrando nos EUA de maneira ilegal

Fonte: CBP (Alfândega e Proteção de Fronteiras dos EUA), via AG Immigration

Naquele 2021, como destaca o advogado Felipe Alexandre, do escritório AG Immigration, o boom no fluxo na fronteira se deveu também à mudança de governo, com Joe Biden sucedendo Donald Trump na Presidência —ainda que a política de fronteiras abertas que se esperava do democrata não tenha ocorrido de fato.

Sob a justificativa de conter a circulação da Covid, Trump, de forte discurso anti-imigração, implementou o chamado Título 42 para expulsar migrantes que tentavam entrar pelo México, sem que eles pudessem pedir asilo. Biden tentou derrubar a medida, mas a Suprema Corte a manteve em vigor até a análise de recursos.

Pressionada pela crise humanitária, a gestão democrata anunciou no mês passado uma política de cotas, que aceitará mensalmente 30 mil migrantes de Cuba, Haiti, Nicarágua e Venezuela, mas ao mesmo tempo endureceu o Título 42, ao permitir a expulsão de cidadãos desses países que tentarem entrar de forma irregular e não comprovarem condições de viver nos EUA.

No fim de janeiro, o Departamento de Segurança Interna divulgou dados para tentar referendar a efetividade dessas novas regras. Segundo o órgão, no período de uma semana no mês passado houve 115 apreensões de cubanos, haitianos, nicaraguenses e venezuelanos, o que poderia indicar uma redução no fluxo, já que entre 4 e 11 de dezembro o número fora de 3.367.

O fato é que a situação é de sobrecarga sem precedentes. Mês a mês, os dados do CBP apontam novos recordes de flagrantes no país inteiro: se em novembro foram 284 mil pessoas tentando entrar nos EUA de maneira irregular, em dezembro a cifra passou a 301,6 mil; números de janeiro ainda não foram divulgados.

"Sabemos que as pessoas se veem forçadas a se deslocar devido à desigualdade, à crise climática, à violência. É algo que muitos, muitos governos nunca viram antes", disse Amy Pope, candidata dos EUA à OIM (Organização Internacional para Migrações), à reportagem em dezembro.

"Focar só o que acontece na fronteira dos EUA é destacar uma pequena parte do quadro das Américas. Precisamos envolver todos os governos e comunidades da região, para tratar a questão a partir desses vários pontos de vista."

Suposto balão espião chinês é abatido após série de tensões

Pequim diz que ação excessiva viola convenções; caso fez Blinken cancelar viagem

WASHINGTON | REUTERS E AFP Autoridades dos Estados Unidos confirmaram na tarde deste sábado (4) que militares abateram na costa da Carolina do Sul um suposto balão da China acusado de realizar atividades de espionagem.

O equipamento esteve no centro de uma contenda que voltou a elevar as tensões entre os dois países. A medida encerra a saga do objeto, mas as consequências de sua derrubada nesse contexto diplomático ainda são incertas.

O presidente Joe Biden afirmou que havia dado uma ordem na quarta-feira (1º), ainda antes de as notícias sobre o artefato virem à tona, para que ele fosse derrubado o mais rápido possível. Segundo ele, porém, o Pentágono recomendou aguardar até que isso pudesse ser feito em águas abertas, de forma a minimizar riscos a civis em terra.

O democrata elogiou a ação da Força Aérea. "Nós o derrubamos com sucesso e quero cumprimentar nossos pilotos por isso." A confirmação da operação havia sido feita em nota pelo secretário de Defesa, Lloyd Austin, que afirmou que "o balão estava sendo usado pela China em uma tentativa de vigiar pontos estratégicos no território americano".

Suposto balão espião chinês cai na costa da Carolina do Sul após ser abatido por caça americano Randall Hill/Reuters

Na manhã deste domingo (5), ainda noite de sábado no Brasil, a chancelaria chinesa expressou "forte insatisfação e oposição" à derrubada do equipamento, dizendo ter alegado a Washington repetidas vezes que se tratava de um artefato civil cuja presença no espaço aéreo americano era "totalmente acidental".

"Sob essas circunstâncias, o fato de os EUA terem insistido no uso de força armada é claramente uma reação excessiva, que viola convenções internacionais", disse a pasta. "A China vai defender os direitos e interesses legítimos da empresa envolvida e se dá ao direito de responder no futuro."

Múltiplos caças foram envolvidos na missão, mas só um deles, um F-22, disparou, usando um míssil AIM-9X, de acordo com uma autoridade militar. O balão foi abatido a cerca de 6 milhas náuticas (11 km) da costa, às 14h39 no horário local (16h39 em Brasília), a uma altitude de 18 km.

Imagens publicadas nas redes sociais flagraram o que seria o momento do abate, no qual não se registrou uma grande explosão, segundo fotógrafos da agência Reuters presentes em Myrtle Beach.

A carga e os destroços do balão caíram no mar, em águas não muito profundas, e uma missão para resgatá-los seria empreendida. Ele teria o tamanho equivalente a três ônibus.

Momentos antes do anúncio da derrubada, a agência de aviação federal americana alegou um "esforço de segurança nacional" para fechar três aeroportos na região (Wilmington, Myrtle Beach e Charleston), interrompendo voos civis em um raio de 260 km² no entorno dos terminais —as operações foram retomadas no final da tarde.

Em comunicado, a FAA tinha alertado que militares poderiam agir se aeronaves violassem as restrições ou não atendessem a ordem de se afastar. Mais cedo, Biden afirmara que o país iria "se encarregar" do caso. Questionado por jornalistas sobre se a afirmação significava que o balão seria derrubado, o presidente fez um sinal de positivo.

Foi a primeira vez que o democrata se pronunciou sobre o incidente, que levou a uma nova escalada de tensões entre EUA e China, culminando com o adiamento de uma viagem a Pequim do secretário de Estado, Antony Blinken, que originalmente estava marcada para este fim de semana —como parte de esforços para justamente reaproximar as duas potências.

O suposto balão espião entrou pela primeira vez em uma zona de identificação dos EUA em 28 de janeiro. Três dias depois, passou ao espaço aéreo canadense e voltou ao americano no dia 31. Só na quinta (2) o Pentágono afirmou ter detectado um primeiro balão de alta altitude da China, visto como espião, pela primeira vez nas ilhas Aleutas, no Alasca.

Na quarta, o objeto sobrevoou Billings, onde fica uma base militar com silos de mísseis balísticos intercontinentais. Os EUA decidiram aguardar para derrubar o balão, também sob o argumento de que ele tem capacidade limitada de coleta de informações.

Analistas afirmam que, embora ambos os países tenham usado satélites para se vigiarem mutuamente, balões soam como uma tática de espionagem algo amadora —as imagens que eles podem produzir não são muito mais valiosas em termos de informações do que aquelas feitas do espaço.

Para alguns especialistas, então, o artefato era na realidade uma provocação política.

O Ministério das Relações Exteriores da China disse que o instrumento tem origem civil e é usado para pesquisas, sobretudo meteorológicas, tendo se desviado de sua rota e adentrado o espaço aéreo americano devido a correntes de ar. Um porta-voz da diplomacia neste sábado acusou políticos e a imprensa americana de usarem a situação para desacreditar o regime chinês.

O clima entre EUA e China já era de tensão antes mesmo da revelação do artefato. Na quinta, Austin anunciara em Manila um acordo para que americanos possam usar mais quatro bases militares nas Filipinas, expandindo a presença no mar do Sul da China, região reivindicada por Pequim.

Outro ponto de conflitos é o plano do novo presidente da Câmara dos EUA, o republicano Kevin McCarthy, de visitar Taiwan ainda neste ano, repetindo gesto de agosto do ano passado de sua antecessora, a democrata Nancy Pelosi, o que intensificou a crise nas relações entre os dois países.

O Pentágono informou na noite desta sexta-feira (3) que um segundo balão de alta altitude da China foi detectado sobrevoando a América Latina. Não se sabe sobre qual país o objeto está localizado.

Autoridades americanas de defesa afirmam que não é a primeira vez que balões do tipo são avistados no país, mas que o tempo de permanência foi mais longo. Esses instrumentos foram muito usados na Guerra Fria pela União Soviética e pelos próprios EUA.

Cauda de baleia vista em passeio de barco na região de Lower Bay, com os prédios de Manhattan ao fundo, em Nova York Leonardo Stamillo/Folhapress

Nova York recupera águas e atrai baleias e golfinhos, mas risco de acidentes preocupa

Leonardo Stamillo

NOVA YORK Garrafas, latas, pneus e até carcaças inteiras de carros. Por anos, quem passava pelas margens do rio Bronx, no norte de Manhattan, se acostumou a ver de tudo naquilo que era praticamente um esgoto a céu aberto. Neste início de ano, porém, o que surgiu nas águas mostrou que os esforços para recuperar o rio estão no caminho: dois golfinhos, nadando nas imediações do zoológico.

O Departamento de Conservação Ambiental de Nova York (DEC) acredita que os animais tenham chegado até o local em busca de alimento. O órgão tem lançado anualmente centenas de peixes nas águas, como parte de uma estratégia que engloba também a restauração da vegetação nas margens e a coleta de lixo.

Apesar de pequeno, quando comparado ao rio Hudson e ao East river, o Bronx é o único curso de água apenas doce da cidade. Uma das prioridades do DEC é reduzir a presença de nitrogênio e favorecer a oxigenação da água.

Se a visita dos golfinhos ao norte de Manhattan pode ser considerada surpreendente, a presença de baleias no sul da ilha já passou dessa categoria; um número crescente de jubartes tem sido registrado na região da Lower Bay.

A ONG Gotham Whale, dedicada a estudar os mamíferos marinhos da região, tinha avistado 101 baleias dessa espécie entre 2012 e 2018. Desde então, até este começo de 2023, foram mais quase 200, superando a marca de 300 indivíduos registrados. "Há uma melhoria da condição das águas, principalmente do rio Hudson, que ajuda no retorno dos peixes, mas também o impacto da crise climática sobre o comportamento migratório dos animais", afirma Paul Sieswerda, diretor da organização.

O Departamento de Proteção Ambiental (DEP) usa cinco indicadores para medir anualmente a qualidade da água no estado: níveis de oxigênio dissolvido, clorofila e nitrogênio, presença de bactérias específicas e transparência. Os resultados mais recentes disponíveis, de 2021, mostram que a situação na Lower Bay tem melhorado ou se mantido nos parâmetros recomendados. A concentração de oxigênio dissolvido, por exemplo, chegou a 7,42 miligramas por litro, a maior medição em todas as estações do estado nos últimos três anos (o ideal, para o DEP, é acima de 5).

Apesar de os sinais positivos e o próprio aumento da população de jubartes serem comemorados pelos cientistas, a presença dos animais gera preocupação, já que o porto de Nova York é o mais movimentado da costa leste dos EUA. "É como se tivéssemos um monte de crianças brincando no meio do trânsito de Manhattan", diz Sieswerda. "O risco de colisão é enorme."

A Administração Nacional Oceânica e Atmosférica (NOAA) registrou 181 mortes desses animais só na costa leste nos últimos oito anos. Segundo o órgão, que considera o número anormal, em 40% das necropsias, feitas em metade desses casos, houve evidências de que a morte foi provocada por algum tipo de interação com o homem —como a colisão com um navio.

A discussão ganhou contornos políticos quando lideranças republicanas lançaram suspeitas sobre a relação entre a morte dos animais e obras de construção de fazendas marítimas para captação de energia eólica em Nova York e Nova Jersey —parte do projeto de modernização da matriz energética do país, proposto pelo presidente Joe Biden.

Entre dezembro e janeiro, dez baleias foram encontradas mortas na região. A NOAA não encontrou até aqui evidências que sustentem a acusação dos republicanos, mas está propondo alterações nas regras de navegação na Lower Bay.

Cidade tem passeios para avistar jubartes

Ver baleias saltando no mar talvez não seja a imagem mais associada a Nova York, mas a oferta de passeios de barco tem chamado a atenção. As saídas se dão entre o final de abril e outubro, com ingressos a cerca de US$ 60 (R$ 310), partindo de dois pontos de Manhattan: East river, na altura da rua 35, e Píer 11, em Wall Street. De lá, os barcos navegam por uma hora e meia até um dos principais pontos de observação na Lower Bay. Segundo os guias, três sinais indicam a possível presença das baleias: um cheiro forte de peixe em decomposição, a aproximação de pássaros que miram esses cardumes e o spray de ar que denuncia a localização da jubarte. Com sorte é possível fotografar as baleias com o skyline de Manhattan ao fundo.

Labirinto de corrupção

Descrédito do Paraguai prejudica a economia, o Brasil e o Mercosul

Sylvia Colombo

Historiadora e jornalista especializada em América Latina, foi correspondente da **Folha** em Buenos Aires. É autora de 'O Ano da Cólera'

O Paraguai, que irá às urnas no final de abril, aparece em segundo lugar entre os países mais corruptos da América do Sul no Índice de Percepção da Corrupção, realizado pela ONG Transparência Internacional e divulgado na última semana —os que surgem como menos corruptos são Uruguai e Chile.

Esse vizinho economicamente importante do Brasil viveu anos de instabilidade política, com o racha no famoso Partido Colorado, de direita, de longe o mais poderoso do país, colocando o governo do presidente Mario Abdo Benítez outra vez sob risco de impeachment.

Apesar de ser uma nação em que o Estado rouba muito e na qual governam máfias do contrabando, como a do intocável ex-presidente Horacio Cartes —cujo império de tráfico ilegal de cigarros se estende por toda a região—, a disputa pela Presidência a princípio mostra um Partido Colorado à frente.

Trata-se da sigla que mais aparece vinculada a casos de corrupção. Nos últimos dias, foi a vez de os EUA abrirem os olhos da nação vizinha. Os americanos pressionaram Hugo Velázquez a desistir de sua candidatura ao acusá-lo de "significativamente corrupto". O atual vice-presidente estaria vinculado a uma tentativa de suborno para interromper uma investigação contra si mesmo. Ele deixou a corrida eleitoral.

Agora, o Departamento do Tesouro dos EUA ataca outros colorados, desta vez Cartes, acusando-o de ser responsável por uma "corrupção que socava as instituições democráticas" do Paraguai. Tanto o vice como o ex-presidente estão proibidos de ter acesso a bancos dos EUA ou de fazer negócios naquele país. Os americanos também apontam possíveis ligações de Cartes com a milícia libanesa Hizbullah.

Entre as denúncias que já foram feitas contra ele estão, além da de contrabando, evasão de divisas e suborno durante a campanha que o elegeu presidente. Hoje, ele está no comando do Partido Colorado.

*Em 2021, a **Folha** cobriu in loco as manifestações contra o governo de Abdo Benítez, em Assunção. A sensação era de que se tratava de um movimento que iria crescer, impulsionado pela presença maciça de jovens. Esse cenário, porém, não ocorreu. A forte repressão fez os protestos minguarem e a pandemia acabou por terminar com eles. A oposição, à época débil, não conseguiu capitalizar politicamente o caso.*

Agora parece haver alguma diferença. Efraín Alegre, líder do Partido Liberal Radical Autêntico e candidato à Presidência em três oportunidades, conseguiu amarrar uma coalizão de partidos de centro, centro-esquerda e esquerda, com a qual crê que será possível tirar os colorados do poder. É a primeira vez que uma aliança com essas características se forma no país desde a vitória de Fernando Lugo, em 2008.

Aliado ao bolsonarismo, o Colorado de Cartes estará representado pelo economista Santiago Peña. O ex-ministro, como Bolsonaro, é admirador do ditador Alfredo Stroessner. Se vencer, o predomínio do partido sobre o Paraguai se estenderá, o que facilita a impunidade de toda uma geração de políticos.

As cifras ainda não permitem indicar nenhum grande favorito, embora a balança penda mais para o lado do Colorado. Seria importante se o país tivesse alternância de poder e investigasse todos esses casos. O descrédito internacional do Paraguai prejudica, além da economia local, o Brasil e o Mercosul.

| DOM. Sylvia Colombo | **SEG. David Wiswell** | QUI. Lúcia Guimarães | SÁB. Igor Patrick

Democracia no mundo está estável, não em declínio, sugere estudo

Pesquisadores levantam hipótese de que pessimismo de avaliadores influencia índices globais sobre o assunto

Mayara Paixão

SÃO PAULO Contrariando uma leva de estudos recentes que afirmam que a democracia vive uma erosão no mundo com a proliferação de líderes autoritários, um novo estudo sustenta que, ao que tudo indica, a democracia está estável —quiçá até mais vigorosa.

Dos pesquisadores Anne Meng e Andrew T. Little, das universidades da Virgínia e da Califórnia, respectivamente, o artigo se intitula "Subjective and Objective Measurement of Democratic Backsliding" (medição subjetiva e objetiva do retrocesso democrático).

O material foi publicado em janeiro como um "pré-print" —não foi revisado por outros cientistas, etapa importante da produção acadêmica. Mesmo assim, despertou frenesi.

A hipótese levantada por ele é de que índices recentes têm sido baseados majoritariamente em critérios subjetivos, influenciados por uma espécie de pessimismo de pesquisadores e avaliadores.

Com isso, uma versão enganosa sobre a resiliência das instituições ganha força. Meng e Little reconhecem, de todo modo, que há um processo de enfraquecimento democrático em alguns lugares —mas afirmam não ser possível atestar uma tendência global.

"Não estamos dizendo que não há retrocessos acontecendo", diz Meng à **Folha**. "Há cerca de 200 países no mundo; provavelmente em alguns deles líderes estão tomando ações antidemocráticas."

Para sustentar sua hipótese, a dupla agrupou índices objetivos para medir a qualidade democrática. Por exemplo, a porcentagem de líderes que se reelegem, a existência de multipartidarismo e a presença ou não de medidas que limitem o poder do líder.

A ideia, em geral, é observar se houve na última década um aumento do princípio básico das democracias: a alternância de poder. Com base nesses indicadores, Meng e Little concluem que não houve retrocesso —os índices seguiram relativamente estáveis.

Eles afirmam que líderes até podem ter tentado desmantelar instituições, mas se fracassaram em conquistar o objetivo-chave de um autocrata —manter-se no poder—, não se pode dizer que há retrocesso. "Alguns já tomavam ações antidemocráticas em décadas anteriores", diz Meng. "Talvez estivéssemos prestando menos atenção. É em parte por isso que as linhas de tendências parecem semelhantes: parte disso acontecia o tempo todo."

A publicação do pré-print parece ter gerado um debate positivo entre pesquisadores da área. O sueco V-Dem, mencionado no estudo, comentou a hipótese e abriu em seu site uma seção com o tema na página de perguntas frequentes.

O instituto publica anualmente pontuações da democracia e, com isso, classifica países em regimes políticos —a saber, democracias liberais e eleitorais, autocracias eleitorais e ditaduras. Pelo último relatório, sete a cada dez pessoas no mundo vivem em regimes não democráticos.

O V-Dem diz que, embora não haja evidências da hipótese de pesquisadores serem tendenciosos devido a um pessimismo, não é possível descartar o fator. E que o modelo de medição já inclui tecnologias para levar em conta que um pesquisador pode dar uma avaliação tendenciosa.

A **Folha** procurou a Freedom House e o Polity, também mencionados por Meng e Little, mas não obteve resposta até a conclusão desta edição.

Indicadores subjetivos são aqueles mais difíceis de serem respondidos com um sim ou não. Questões como a confiança em resultados eleitorais, por exemplo —pesquisadores costumam ter uma escala de respostas, como "é possível confiar", "houve suspeita de fraude, mas que não alterou o resultado" ou "houve suspeita de fraude que provavelmente se concretizou".

O cientista político Fernando Bizzarro, pesquisador associado do WeatherHead Center da Universidade Harvard, destaca que o estudo traz ao debate um paradoxo que já há algum tempo desperta interesse acadêmico: "Temos a impressão geral de que a democracia está erodindo no mundo todo, mas isso não é capturado em indicadores objetivos".

Mas ele vê como prosaica a hipótese sobre a subjetividade. Para embasar o argumento, Meng e Little citam reportagens e dados do aumento do número de estudos e sugerem que, hoje, pesquisadores estão inseridos em um ecossistema que fala mais disso.

Meng conta que a ideia para o artigo nasceu quando estudava possíveis temas para um novo livro. "Quando fui olhar para os dados, não encontrei essa 'grande explosão' de retrocesso que pensei que veria."

Ela, então, falou sobre o assunto em um simpósio em maio passado no qual estava Little, que há um tempo estudava as tendências de pesquisadores. Meng diz que seu objetivo não é negar o retrocesso democrático, mas alertar para o fato de que muitos dados não confirmam a tendência.

"Queremos encorajar pesquisadores a coletarem dados melhores sobre temas como liberdade de imprensa e liberdades civis, além de pensarem melhor sobre suas definições de democracia, que influenciam diretamente no tipo de dado que vão coletar."

INCÊNDIOS FLORESTAIS MATAM AO MENOS 22, BORIC CANCELA FÉRIAS E CHILE DECRETA CATÁSTROFE
A medida abrange três regiões no centro-sul; a ministra do Interior, Carolina Tohá, afirmou que há 554 feridos, 16 em estado grave, e 10 desaparecidos; 'queimou-se em 1 semana o que era queimado em 1 ano', disse, citando o impacto da crise climática Alien Díaz/Reuters

Espanha enfrenta impasse para reforma de lei Só Sim É Sim

Ivan Finotti

MADRI Solo Sí Es Sí (só sim é sim) é uma lei feminista que se propôs a mudar a forma como o mundo vê as agressões sexuais contra mulheres. Mas, em meio a casos como o de Daniel Alves, preso sob acusação de estupro em Barcelona, o que poderia ser uma vitrine tem se tornado um pesadelo jurídico, político e filosófico para o governo do primeiro-ministro Pedro Sánchez, que corre para tentar fazer um remendo na legislação.

As ministras da Justiça e da Igualdade, Pilar Llop e Irene Montero, têm brigado entre si para fazer valer suas propostas de alteração. Sánchez esperava que elas chegassem a um acordo até a última sexta-feira (3), o que novamente não aconteceu.

A nova data para entrega da proposta é a próxima terça-feira (7), limite para que ela possa ser apreciada pelo Parlamento na próxima rodada legislativa e, com a eventual aprovação, impedir que mais condenados por assédio ou agressão sexual sejam soltos "sem querer".

O fato de a lei ter por fim beneficiado alguns agressores sexuais é um problema que assombra o país desde novembro, quando os três primeiros condenados foram libertados —dois deles haviam sido presos nas ilhas Baleares por agressão sexual sem penetração e o terceiro por uma tentativa de estupro na região da Galícia.

Na quinta (2), soube-se que o número de atingidos por essa revisão de penas já passa de 400, o que vem sendo usado por adversários políticos para criticar um governo que já enfrenta pressão popular, que desembocou em protestos recentes. A cifra se aproxima de 10% de todos os condenados sexuais no país (3.689 em 2021).

Mesmo que seus crimes e condenações tenham acontecido muito antes, eles foram favorecidos pela aplicação retroativa da Solo Si Es Si. O caminho para que uma lei de proteção às mulheres tenha derrapado assim é complexo. A legislação anterior dividia os crimes sexuais em dois tipos: abuso ou agressão —respectivamente, sem e com uso de violência ou intimidação. No novo texto, a primeira designação desapareceu, com qualquer caso em que não há consentimento sendo definido como agressão sexual, independentemente do matiz.

Quantos às penas, o abuso podia render de um a três anos de prisão e a agressão, de um a cinco. Agora, a agressão unificada prevê penas de um a quatro anos —na conversão, alguns condenados passaram a já ter cumprido a pena necessária.

"Não sei se foi um erro de conceito. Mas eu, como muitos colegas, fiquei surpreso", disse à **Folha** o magistrado Ignacio González Vega, especialista em Código Penal e membro do grupo Juízes pela Democracia. "As penas foram reduzidas porque, ao contrário de outras reformas penais, essa lei não possui um dispositivo transitório que estabeleça regras a serem aplicadas por juízes nos conflitos entre a antiga e a nova legislação."

Para resolver o rolo jurídico, a sugestão da ministra da Justiça, do mesmo partido de Sánchez (PSOE), é simples: elevar as penas "se a agressão for cometida por meio de violência ou intimidação". Mas a ideia bate de frente com a própria ideia da Solo Sí Es Sí, conforme acredita a titular da Igualdade, filiada ao Podemos, partido de esquerda da coalizão do governo.

Montero afirma que reintroduzir a violência e a intimidação como pontos divisores da aplicação de penas significaria colocar novamente o foco no quanto uma mulher resistiu em uma agressão, não no crime cometido pelo homem.

Llop rebate dizendo que sua proposta não toca na filosofia da lei, ou seja, no consentimento. A ministra da Igualdade, por outro lado, sustenta que, mesmo que "a palavra consentimento não seja apagada, na prática seria assim". Ela fez quatro contrapropostas a Llop, nenhuma delas acatada até aqui.

Montero acredita que mexer na parte penal da lei não é a solução e que medidas no âmbito judicial ajudarão a "assentar a lei" e fazer com que os "magistrados possam interpretá-la corretamente".

Os dois lados vêm se reunindo desde dezembro para ver como evitar o fluxo de sentenças reduzidas e libertações. Mas o centro do debate, o consentimento, continua sendo linha vermelha.

Em entrevista à rede RNE nesta sexta, a ministra da Igualdade reconheceu a falta de avanço na negociação e que se mantém a "forte discrepância" de seu Podemos com o PSOE. Pressionada, ela desmentiu que pedirá demissão, mas os socialistas já advertiram que, se um consenso não for alcançado, entregarão sozinhos a proposta ao Parlamento.

mercado

Canteiro de garimpo no rio Uraricoera, na Terra Indígena Yanomami Christian Braga - 9.abr.21/Greenpeace

Lei falha facilita caminho para garimpo 'esquentar' ouro ilegal

Anacrônica, regulação de lavras tem brechas e regras como nota fiscal apenas em papel

Alexa Salomão

BRASÍLIA A Terra Indígena Yanomami, entre os estados de Roraima e Amazonas, tem 1.557 hectares ocupados por lavras de garimpo, o equivalente a 1.442 campos de futebol. As imagens são inequívocas sobre a destruição. No entanto, não há vestígio oficial do ouro em Roraima ou produção legal no Amazonas.

A abertura das crateras ao longo dos anos, seguida do sumiço de um volume ainda incalculável, mas potencialmente gigantesco, do metal precioso, é interpretado pelos especialistas como um atestado de força econômica da lavra garimpeira, amparada por um arcabouço regulatório com tantas brechas que chega a ser considerado "pró crime".

Quem acompanha o problema diz que o maior desafio do grupo de trabalho criado pelo governo de Luiz Inácio Lula da Silva (PT) para propor ações contra o garimpo ilegal é rever as normas anacrônicas.

"O governo já falou que vai tirar os garimpeiros da terra Yanomami, mas se você não desmonta essa estrutura, amanhã eles voltam É como enxugar gelo", diz Larissa Rodrigues, gerente de Projetos do Instituto Escolhas, que atua contra o garimpo ilegal.

Em 2020, o Ministério Público Federal lançou uma publicação intitulada "Mineração Ilegal de Ouro na Amazônia - Marcos Jurídicos e Questões Controversas". Basicamente, eram 260 páginas explicando como a estrutura normativa do garimpo precisa ser revista.

O documento destaca que o erro básico da legislação é trabalhar com a imagem do garimpo peneirando pepitas na margem de um rio. A exploração agora conta com maquinário pesado, aviões, balsas, dragas, escavadeiras hidráulicas. Produz rastros de destruição socioambiental em reservas indígenas e florestas, com índices alarmantes de ilegalidade, não raro associada ao crime organizado.

"Apesar do porte e das máquinas, a lógica garimpeira não se equipara à mineração formal das empresas. No garimpo, não há controle empresarial ou ambiental. Basta um gritar 'ouro!' e a turma vem", afirma o advogado Fernando Scaff, especialista em tributação mineral. "Tem gente com muito dinheiro para bancar o descontrole que vemos e, na outra ponta, tem quem se equipara a escravo."

O item primordial para registro do ouro garimpado é a apresentação da PLG (Permissão de Lavra Garimpeira), concedido pela ANM (Agência Nacional de Mineração). Uma boa parte das PLGs utilizadas no registro de ouro ilegal é emprestada. O clandestino usa a permissão de uma área legal, mancomunado com seu dono ou funcionário, quando precisa esquentar o ouro.

Também é possível, com certa facilidade, emitir o documento de uma lavra fantasma, numa área onde não há ouro. Ou, ainda, conseguir registro para operar um local onde já se extraiu o minério, mas nada restou, com o argumento de que ainda há ouro.

A ANM solicita laudos geológicos, mas não faz uma diligência ao local, em parte, por falta de estrutura. Há anos, profissionais da área de mineração alertam para o sucateamento da agência.

O elo chave da cadeia que esquenta o metal precioso é o primeiro comprador oficialmente registrado. A maioria do ouro que circula no país acaba virando ativo financeiro, e por uma razão simples: o tributo é mais baixo nessa categoria. Então, precisa ser vendido para uma instituição financeira autorizada a operar pelo BC (Banco Central). A maioria nesse segmento é DTVM (Distribuidora de Títulos e Valores Mobiliários).

Nesse estabelecimento, o garimpeiro entra com uma PLG e sai com a nota fiscal. Um dos locais mais conhecidos com estrutura para legalizar o minério na Amazônia é a cidade de Itaituba, no Pará, onde se encontram filiais dessas instituições financeiras.

Nesse processo, a PLG costuma ser acompanhada de uma declaração de "boa-fé", garantindo que aquele documento diz a verdade. Oficialmente, o expediente isenta a DTVM da responsabilidade de checar a veracidade.

O uso da boa-fé num negócio propenso ao crime é criação recente de deputados e senadores. Foi instituído em 2013, graças a uma emenda inserida em um projeto sobre seguro para safra agrícola.

Há uma ação no STF (Supremo Tribunal Federal) que tenta derrubar a boa-fé, e dois projetos de lei estão tramitando no Congresso com propostas para mudar a legislação, incluindo a criação de um sistema para rastrear o ouro.

Não há uma bancada do garimpo no Congresso. No entanto, existem deputados e senadores ligados à atividade. Levantamento da **Folha** indicou que ao menos oito parlamentares eleitos em 2022 têm ligações com extração mineral.

Os órgãos reguladores da área financeira têm dificuldade até de interpelar instituições suspeitas. A boa-fé, por exemplo, limita a ação do BC, uma vez que a DTVM pode alegar não ser obrigada a exigir procedência do metal.

Pelo menos 30% do ouro comercializado no Brasil, de janeiro de 2021 a junho de 2022, têm indícios de procedência irregular. A metodologia do estudo foi desenvolvida numa parceria entre o Ministério Público e os pesquisadores Bruno Antônio Manzollli e Raoni Rajão, da UFMG (Universidade Federal de Minas Gerais).

O levantamento também aponta que os maiores gargalos estão na lavra de garimpo, em comparação à concessão, regime adotado para empresas de maior porte, cujas exigências para instalação e operação são mais rigorosas.

Em Minas Gerais, o maior e mais antigo estado produtor de ouro, prevalece a concessão para a exploração do ouro, e 92% dele é legal. No Pará, região de garimpo por excelência, 48% do ouro têm indícios de irregularidades.

A nota fiscal, o documento definitivo da legalização, é outro item criticado. Uma instrução da Receita Federal de 2001, que trata do ouro como ativo financeiro, diz que a nota fiscal deve ser emitida por instituição financeira ou cooperativa de garimpeiro autorizados pelo BC. Mas também determina que esse documento, em pleno século 21, deve ser obrigatoriamente emitido em papel.

Não houve, na norma, justificativa para a decisão, considerada ainda mais estranha pelo fato de o ouro como mercadoria ter nota eletrônica.

Há relatos de que na operação Dilema de Midas, em 2019, que apurou irregularidades em ouro extraído da bacia do Tapajós, a Polícia Federal precisou fazer uma força tarefa para digitar milhares de notas fiscais e viabilizar as investigações.

Se a nota fiscal fosse digital, seria mais ágil e eficiente fazer o cruzamento dos dados e conferir quanto ouro sai de cada lavra, e até o tipo de ouro, explica o delegado Alexandre Saraiva, que foi superintendente da Polícia Federal em Amazonas, Maranhão e Roraima por quase uma década.

Outra maneira de legalizar o ouro é declarar que vem da reciclagem de joias.

Em 2020 dois americanos quase conseguiram deixar o país com 35 kg do ouro alegando ser produto de reciclagem. No aeroporto, no entanto, havia sido instalado um aparelho capaz de ler a composição do metal. A análise mostrou que a peça tinha 98% de impureza, denunciando que se tratava de ouro de garimpo.

"Com imagens de satélite, de alta resolução, por exemplo, já é possível ver se uma mina declarada está operando".

Continua na pág. A17

Corretoras são chave para legalização do ouro

Processo inclui simulação de licença de garimpo para obtenção de nota fiscal

- Garimpo com Permissão de Lavra Garimpeira emitida pela Agência Nacional de Mineração
- Garimpo simulado com Permissão de Lavra Garimpeira emitida pela Agência Nacional de Mineração
- Garimpo ilegal
- Exportadora
- Joalheria
- Caminho do ouro
- Rota de contrabando

Estrutura do garimpo ilegal

Investidor → Associada a políticos, fazendeiros, narcotraficantes; lavra garimpeira chega a demandar investimento inicial de R$ 1,5 milhão

Gerente → Responsável pela gestão de pessoal especializado em garimpo, entre operadores de máquinas, cozinheiras, prostitutas, pilotos de avião e barqueiros, que são responsáveis pelo traslado de produtos, combustível e equipamentos

Garimpeiro 'uber' Prestador eventual de serviços em busca de dinheiro extra

Continuação da pág. A16

“Quanto maior a digitalização, melhor o combate à ilegalidade”, completa Saraiva.

A maior parte do ouro brasileiro segue para a exportação e, ao que tudo indica, misturado ao de garimpo.

O estado que oscila entre segundo e terceiro lugar como maior exportador é São Paulo, onde estão as empresas capazes de fazer a etapa final de purificação para uso financeiro do metal. Nesse processo se misturam o ouro vindo de vários pontos do país, acabando de vez com a possibilidade de se registrar a origem do metal de garimpo.

O ouro da terra Yanomami pode ter feito esse périplo de legalização, via Pará, e deixado o país por São Paulo. Mas há também quem acredite que o grosso pode ter sido contrabandeado ao norte, pelas fronteiras de Suriname, Guiana e Venezuela, atendendo traficantes de drogas e de armas.

Naquela região, as investigações apontam conexões da lavra de garimpo com PCC, Comando Vermelho e Farcs (Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia).

A percepção é que o trabalho seria mais ágil e eficiente caso houvesse colaboração consistente e permanente de todos os organismos, que hoje atuam isoladamente. Não apenas força tarefa eventual.

“Crimes financeiros são complexos, multidisciplinares, envolvem diferentes competências de investigação, então, a estrada possível para coibir o comércio ilegal e a evasão de divisas relacionadas à extração ilícita do ouro seria a ação conjunto dos órgãos federais, incluindo PF, BC, CVM, Receita Federal, em cooperação internacional com autoridades que monitoram esse ouro em outros países”, diz Leandro Chiarottino, advogado especializado em contenciosos ligados a fraudes financeiras.

Procurada, a ANM enviou à reportagem detalhes da lei que regula a autorização para lavra garimpeira e destacou que, apesar dos esforços, é possível subverter a PLG.

“Efetivamente, a comercialização do ouro proveniente de uma PLG em regiões remotas do Brasil pode ser manobrada de modo a utilizar uma PLG legalmente outorgada, para ‘esquentar’ um ouro de origem ilícita”, destacou.

A agência afirma que sua equipe checa os registros geológicos das áreas que são pleiteadas para lavras de ouro, como forma de conferir se é favorável à ocorrência do minério. Contudo, disse que existe a possibilidade da outorga de uma PLG em local com insuficiência de dados geológicos.

O BC destacou que interage com outros integrantes da cadeia de comercialização do ouro em fóruns sobre o assunto, como a Enccla (Estratégia Nacional de Combate à Corrupção e a Lavagem de Dinheiro).

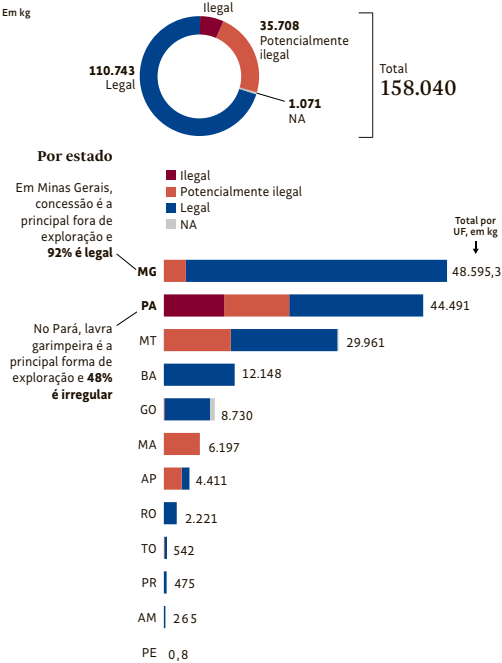
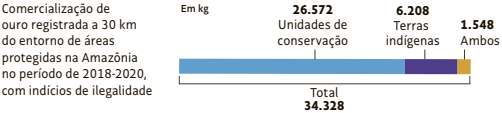
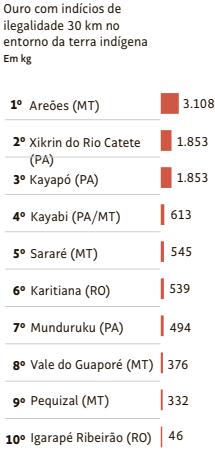
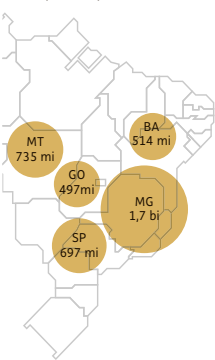
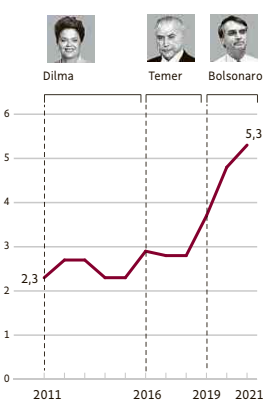
“Nesse sentido, o BC apoia iniciativas que possam aprimorar o marco legal para a fiscalização do comércio do ouro tais como a revogação da presunção de legalidade na aquisição do ouro por instituição financeira e a exigência de nota fiscal eletrônica, conforme tem sido veiculado na imprensa nos últimos dias”, afirma o texto.

“O BC também apoia a criação de mecanismos privados que aumentem a rastreabilidade da cadeia produtiva do ouro.”

A Receita Federal destacou em nota que ampliou os esforços conjuntos para aperfeiçoar os controles das operações com ouro, estreitando contato com BC, ANM, PF e Ministério de Minas e Energia.

“Em relação à documentação fiscal relativa às operações com ouro —ativo financeiro ou instrumento cambial— informa-se que será substituída por modelos de documentos eletrônicos, em fase de especificação para posterior desenvolvimento”, destacou o texto.

Mapa do ouro brasileiro

Cruzamento de dados oficiais indica que ao menos 30% da produção de ouro é potencialmente irregular, principalmente em locais com lavra garimpeira

Extração de lavra garimpeira perto de áreas protegidas de estados da Amazônia Legal levanta suspeitas

Não há registros nas proximidades da Terra Indígena Yanomami, o que sinaliza que o ouro é transportado e legalizado em área distante

Fontes: Boletim do Ouro 2021-2022, Instituto Escolhas, com base em dados da ANM e do projeto Mapbiomas, e Ministério da Indústria, Comércio Exterior e Serviços

PAINEL S.A.

Joana Cunha
painelsa@grupofolha.com.br

Luiz Gustavo Bichara
Receita precisa entender que contribuinte não tem chifre nem rabo

SÃO PAULO Enquanto o governo e um grupo de grandes empresas encaminham um acordo para derrubar multa e juros nos casos de empate no Carf (Conselho Administrativo de Recursos Fiscais), ainda há outros caminhos que poderiam ajudar na arrecadação, segundo Luiz Gustavo Bichara, fundador do Bichara Advogados e procurador especial tributário da OAB. A solução passa por cidadania tributária e respeito a quem paga contas.

“A Receita precisa superar essa lógica de guerrilha, e entender de uma vez que o contribuinte não tem chifre nem rabo, tampouco cheira a enxofre. Não é possível que contribuinte, na visão da Receita, seja sempre um inimigo, um sonegador contumaz”, diz.

Bichara, que participou da elaboração da ADI (Ação Direta de Inconstitucionalidade) levada pela OAB ao STF contra o retorno do voto de qualidade no Carf avalia que a medida ainda pode prosperar.

*

O sr. ainda acha que a ADI é uma saída possível no impasse? Acredito bastante na possibilidade de procedência da ADI. A meu ver, o STF tem um encontro marcado com esse tema do voto de qualidade. Há uma série de princípios constitucionais que nos fazem crer no sucesso da ação.

O sr. tem acompanhado o diálogo de um grupo de grandes empresas para levar a Haddad uma proposta de emenda à medida provisória que trata do tema? É boa solução a proposta de tirar multa e juro? Tenho acompanhado, e acho que pode ser uma boa solução. Para os contribuintes seria preferível a regra aprovada em 2020 e consagrada em mais de uma lei pelo Congresso. Mas o acordo não seria ruim, sobretudo pela exoneração das absurdas multas cobradas pela Receita. E, para o futuro, é fundamental que possamos discutir uma gradação das sanções, a chamada moderação sancionatória.

Na comissão de juristas nomeada pelo STF e o Senado, que tive a honra de integrar, esse tema foi muito bem endereçado, com o estabelecimento de parâmetros objetivos para fixação de multa. Chega a ser absurdo que toda divergência entre Fisco e contribuinte venha acompanhada de 75% de multa. Isso inviabiliza as alternativas de solução de controvérsias.

Outros membros da OAB estiveram na reunião de sexta com Haddad para tratar do acordo. Essa conversa tem chance de sucesso? Creio que sim, embora naturalmente tudo vá desaguar no Parlamento. E precisamos lembrar que recentemente a Câmara editou o projeto de relatoria do deputado Pedro Paulo no qual a sistemática do voto de qualidade pró-contribuinte não só foi confirmada como ampliada, para todos os tribunais administrativos do país. O in dubio pro reo é um princípio antiquíssimo de direito, uma noção elementar até.

Na negociação da proposta, as empresas levaram projeções de arrecadação superior a R$ 100 bi, portanto, acima da previsão inicial do próprio ministro. É possível alcançar isso mesmo? Muito em função da paralisação do Carf, praticamente, nos últimos dois anos, há uma carência grande de números, tornando difícil a tarefa de fazermos estimativas sérias sobre a arrecadação da medida.

Mesmo que venha essa chance de derrubar multa e juros, muitas empresas devem seguir judicializando? Creio que sim. Sempre que o contribuinte tiver convicção sobre suas chances de êxito, vai preferir seguir litigando. Muitas das teses em discussão no contencioso administrativo já tiveram decisões judiciais favoráveis aos contribuintes. A existência desses precedentes judiciais naturalmente vai desincentivar um acordo.

Auditores da Receita criticam esse possível acordo. Os tributaristas também não gostam da ideia? A Receita precisa superar essa lógica de guerrilha, e entender de uma vez que o contribuinte não tem chifre nem rabo, tampouco cheira a enxofre. Não é possível que contribuinte, na visão da Receita, seja sempre um inimigo, um sonegador contumaz. Temos de pensar em termos de cidadania tributária, e respeitar quem paga conta, sob pena de matarmos a galinha dos ovos de ouro.

Claro que o sonegador deve ser combatido, até porque ele causa distorção ao mercado e prejudica o bom contribuinte. Mas é preciso separar o joio do trigo. Penso que o ministro perdeu uma grande oportunidade, no pacote apresentado em janeiro, de melhorar o instrumento da transação tributária. A saída para reduzir o gigantesco contencioso tributário está aí.

É possível caminharmos na construção de consensos. O pacote propôs uma transação que poderia ser até interessante, na medida em que permite o uso parcial de prejuízos fiscais. Mas por que limitar ao contencioso administrativo? Seria importante ampliar e simplificar o instrumento, facultando acesso a todos os contribuintes. Hoje existem dezenas de tipos de transações diferentes.

Seria importante descomplicar o sistema e pensar em uma transação mais ambiciosa, que reduzisse drasticamente os conflitos entre Fisco e contribuinte.

Há outros caminhos? Outra coisa que devemos pensar é na solução da cobrança da dívida ativa. Hoje, a dívida ativa federal, isto é, tributos cobrados e não pagos pelos contribuintes e cuja cobrança já foi parar na Justiça, ultrapassa R$ 2,7 trilhões. O índice de recuperabilidade é pouco superior a 1%. Por que não pensar em alternativas? Os entes poderiam vender seus créditos, como faz qualquer credor dos chamados créditos podres. Certamente, a arrecadação seria superior.

Raio-X
Sócio-fundador do Bichara Advogados, é procurador especial tributário do conselho federal da OAB (Ordem dos Advogados do Brasil) e membro da comissão de juristas instituída pelo Senado para reforma da legislação sobre processo administrativo e tributário.

O plano Lula para endividados

Desenrola talvez comece em março, mas ainda há dúvidas sobre como vai funcionar

Vinicius Torres Freire
Jornalista, foi secretário de Redação da **Folha**. É mestre em administração pública pela Universidade Harvard (EUA)

Nesta semana, Luiz Inácio Lula da Silva deve receber um projeto do Desenrola, o programa que tem como objetivo diminuir o valor de dívidas de pessoas inadimplentes, "negativadas" ou, como se dizia em tempos incorretos, "com o nome sujo na praça".

Como pode funcionar? Falta saber de detalhes práticos, ainda indefinidos ou sobre os quais gente do governo e de bancos não fala.

O programa vai permitir que endividados renegociem seus débitos, por sua conta? Não é bem assim.

Para entender o jeitão da coisa, considere-se a seguinte hipótese genérica. Bancos, varejistas e empresas de água, luz, telefone ou internet, por exemplo, têm dívidas atrasadas a receber de seus clientes (três quartos das dívidas atrasadas estão fora dos bancos, diz o governo).

Suponha-se que tais empresas decidam vender o direito de receber essas dívidas. Outra instituição, um banco, poderia comprá-las: seria assim o novo credor da pessoa endividada.

Como tais dívidas são de difícil recebimento (há grande risco de calote), o banco apenas aceita comprá-las se tiver desconto. Digamos que uma empresa de eletricidade tenha uma dívida atrasada a receber de R$ 1.000 de um cliente. O banco apenas aceitaria comprar essa dívida e ficar com esse cliente, ser seu novo credor, se pudesse pagar, digamos, R$ 250 para a empresa de eletricidade, um desconto de 75%. Nesse exemplo imaginário, o banco talvez estime que consiga cobrar R$ 300, mais juros, mas por sua conta e risco.

O Desenrola seria um sistema de vendas de milhões de dívidas, em uma espécie de leilão. O desconto na venda da dívida seria inteiramente repassado ao devedor. É preciso dar desconto; quem der mais faz mais negócio.

O sistema do Desenrola seria um "portal" em que credores e bancos negociariam essas dívidas. Ali também devedores poderiam manifestar seu interesse de mudar de credor (ter desconto). Como o fariam? Faltam informações.

Uma grande loja poderia vender uma carteira de créditos podres (um conjunto de dívidas de seus clientes inadimplentes). Mas como um cidadão devedor pode manifestar seu interesse e conseguir que vendam sua dívida em particular (talvez dívidas com várias empresas), a fim de "limpar seu nome"? E se a empresa credora não quiser vender seu crédito ou o banco não quiser comprar?

Qual a vantagem de quem compra a dívida, bancos? A garantia do governo. Isto é, se o devedor deixar de pagar, um fundo com dinheiro público cobre o calote (do principal, mas não dos juros). Qual fundo garantidor? Ainda não está certo.

Como o banco tem a garantia de que vai ser ressarcido de eventual calote do principal, pode cobrar taxas de juros menores. Qual taxa de juros? Ainda não se sabe como vai ser definida (ou não contaram a este jornalista).

Qual o valor total de dívida que poderá ser negociada nesse leilão? Depende da quantidade de dinheiro nesse fundo garantidor, o que vai cobrir os calotes, e dos descontos.

Economistas do governo dizem que o fundo não pode ter mais de R$ 10 bilhões. Há gente no governo que quer R$ 20 bilhões. Cada real de calote que venha a ser coberto pelo fundo entra na conta do déficit e, pois, no aumento da dívida.

Se o fundo de cobertura de calotes tiver R$ 10 bilhões, o total de dívida que pode vir a ser comprada será de R$ 10 bilhões (já considerado o desconto). Ou seja, se o desconto geral for de 50%, é possível negociar dívidas que hoje valem, nominalmente, R$ 20 bilhões.

Segundo o governo, 50 milhões de pessoas têm dívidas atrasadas no valor de R$ 60 bilhões (a inadimplência total é de mais de R$ 300 bilhões). Logo, "não vai dar para todo o mundo".

Quem poderia entrar no Desenrola? Quem ganha até dois salários mínimos, com dívidas atrasadas por mais de 180 dias, no total de até R$ 5.000 por cabeça. Quem sabe microempresas possam entrar, assim como quem fez empréstimo consignado no âmbito do Auxílio Brasil.

Lula e "políticos" querem incluir mais gente (seria necessário mais dinheiro). Além dessa definição, é preciso saber como o sistema do "portal" vai funcionar na prática, com dados de devedores e ofertas de negócio.

Brasil vai na contramão de novo ânimo global

Maioria das economias está debelando inflação, enquanto expectativa piora no país, pressionando taxa de juros

Fernando Canzian

SÃO PAULO Nova leva de indicadores globais mostra que o Brasil caminha na contramão das principais economias que enfrentaram problemas inflacionários e estruturais nos últimos anos.

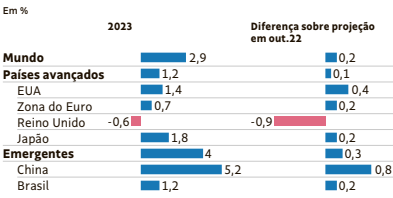
Enquanto Estados Unidos, zona do euro, Japão e emergentes como Índia projetam desaceleração nos preços em 2023 (ou estabilidade, como China) sem precisar de um choque maior de juros, as previsões no Brasil têm piorado sistematicamente.

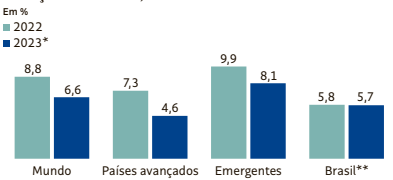
Mesmo operando com a maior taxa de juros entre essas economias (de 13,75% nominais ao ano e quase 8 pontos percentuais acima da inflação), as pressões inflacionárias no Brasil seguem firmes e tendem a aumentar quando o governo reonerar impostos sobre gasolina e álcool.

A volta da tributação, adiada até o fim de fevereiro, é parte do pacote de ajuste que o ministro Fernando Haddad (Fazenda) apresentou para atacar o desequilíbrio fiscal. Ele espera arrecadar R$ 29 bilhões com a reoneração.

Previsões para crescimento e inflação melhoram

Crescimento do PIB*

Em %

Inflação deve ceder, mas não no Brasil

Em %

84% dos países terão inflação menor em 2023 em relação a 2022

* Estimativa
** Previsão Focus de 30.jan.23
Fontes: FMI e IBGE

Para especialistas, enquanto o quadro internacional mudou para melhor, indicando um futuro mais promissor, o governo brasileiro ainda não convenceu empresários e agentes de mercado sobre como controlará a expansão do gasto e de sua dívida pública.

O resultado tem sido insegurança entre empresas e mercado, e mais pressão sobre a inflação —em um ambiente agravado por falas do presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT) contra juros altos, meta de inflação, autonomia do Banco Central e responsabilidade fiscal.

Para a maior fatia dos eleitores de Lula, os mais pobres, a inflação é a principal ameaça na corrosão da popularidade do presidente. Eles não contam com os mecanismos de proteção dos mais ricos, como aplicações indexadas aos juros, e gastam a maior parte da renda com alimentação. Em 12 meses, enquanto a inflação oficial gira em 5,9%, os preços dos alimentos sobem 11,5%.

Na semana passada, o economista-chefe do FMI (Fundo Monetário Internacional), Pierre-Olivier Gourinchas, afirmou que 2023 deve representar o "ponto de virada" para muitos países e revisou para cima as estimativas de crescimento (exceto para o Reino Unido).

O Fundo prevê que cerca de 84% dos países terão inflação menor em relação a 2022, o que reduziria a pressão para que seus bancos centrais subam muito os juros, deprimindo as economias.

Também na semana passada, EUA e zona do euro anunciaram aumentos de 0,25 e 0,50 ponto percentual em suas taxas básicas de juro, elevando-as, respectivamente, para até 4,75% e 3% ao ano.

Segundo José Júlio Senna, ex-diretor do Banco Central e chefe do Centro de Estudos Monetários do Ibre-FGV, como a expectativa de inflação norte-americana é de 3,4% neste ano (consenso da Bloomberg), os EUA estarão operando com juros acima da inflação. No caso europeu, a Bloomberg projeta inflação de 5,9% (ante juro agora em 3%).

"Com uma inflação de demanda e mercado de trabalho aquecido, os EUA já estão com o juro em terreno contracionista. Na Europa, cerca de 43% da inflação vêm de choques de oferta, como energia e alimentos, daí que o aperto de juros não será tão severo. Mas, nos dois casos, novas altas moderadas podem ser esperadas", diz Senna, também consultor associado da MCM.

O juro real (acima da inflação) levemente positivo nos EUA e ainda negativo na Europa —duas regiões com a inflação em declínio— contrastam com a situação brasileira de taxas reais perto de 8% e preços sob pressão.

Há sete semanas vem subindo a estimativa de inflação para 2023 na pesquisa Focus do BC. Na segunda (30), ela chegou a 5,74% —praticamente o mesmo nível do IPCA de 2022 (5,79%). Alguns bancos e consultorias já projetam 6,5%.

"Quase todo o plano de ajuste fiscal do governo Lula passa pelo aumento da receita, o que acaba tendo impactos inflacionários, e não pelo corte de gastos. Isso tem levado à desancoragem das expectativas de inflação e à alta dos juros, com títulos mais longos do Tesouro pagando entre 6% e 6,5% ao ano, mais inflação. Quanto tempo o país aguenta algo assim?", questiona Senna.

Segundo o economista Affonso Celso Pastore, da AC Pastore & Associados e ex-presidente do Banco Central, a dívida pública brasileira tem prazo médio de quatro anos, o que requer a rolagem de cerca de 25% a cada ano com a venda de novos títulos no mercado —que hoje pagam juros reais elevadíssimos.

"O juro real alto faz a dívida pública aumentar, e o PIB, diminuir, piorando a relação entre a dívida e o PIB [73,5% em 2022]. Com a piora do indicador, o mercado vai querer juro maior para rolar a dívida, levando a uma profecia negativa autorrealizável."

Pastore afirma que, até aqui, o governo Lula vem apresentando uma estratégia expansionista (de mais gastos) e que, apesar das reclamações do presidente sobre o nível dos juros, o Banco Central já deixou claro que manterá as taxas elevadas enquanto a política fiscal não controlar as despesas e as expectativas.

Com a PEC aprovada antes de Lula assumir, sua equipe ampliou o espaço para gastos em cerca de R$ 170 bilhões neste ano, o que deve pressionar a inflação pelo lado da demanda do governo —embora Haddad tenha dito que não pretende gastar todo o valor.

Para Lívio Ribeiro, pesquisador do Ibre-FGV e sócio da consultoria BRCG, um dos sintomas da desconfiança na capacidade do governo de ajustar suas contas para que o BC possa baixar os juros e dar mais chance ao crescimento é que várias moedas de países emergentes têm se valorizado mais do que a brasileira —apesar do juro real de 8%, que, em tese, levaria estrangeiros a trazer dólares ao Brasil para aproveitar esse ganho.

Na quinta (2), após o BC deixar claro que os juros podem continuar altos por mais tempo caso não haja providências na área fiscal, o dólar chegou a cair abaixo de R$ 5. Mas voltou a subir para R$ 5,15 no dia seguinte após Lula, em entrevista, criticar novamente a autonomia do BC e os juros altos.

"O fato é que continuamos diante de uma incerteza brutal de quais serão as regras do jogo. Os primeiros movimentos do governo vão no sentido contrário ao de uma consolidação fiscal que permita ao Banco Central baixar os juros. O que temos é a perspectiva de mais gastos; e um pacote fiscal pelo lado da receita, via aumento da arrecadação e impostos", afirma Ribeiro.

Sérgio Vale, economista-chefe da MB Associados, diz que a comunicação recente do Ministério da Fazenda no sentido de um ajuste fiscal via arrecadação (que pode acabar redundando em mais gastos), além do "ruído desnecessário" provocado pelas declarações de Lula, começam a apontar para um risco que não existia há algumas semanas: o de o Banco Central aumentar ainda mais os juros para conter pressões inflacionárias.

"Todos os sinais são de um Banco Central agressivo e, em seu último ano de mandato [2024], [Roberto] Campos Neto [presidente do BC] provavelmente fará de tudo para tentar entregar a inflação na meta [de 3%, com tolerância até 4,5%]", afirma Vale. "Se o fiscal não ajudar, juros maiores podem ser necessários."

> O juro real alto faz a dívida pública aumentar e o PIB, diminuir, piorando a relação entre a dívida e o PIB [73,5% em 2022]. Com a piora do indicador, o mercado vai querer juro maior para rolar a dívida, levando a uma profecia negativa autorrealizável
>
> **Affonso Celso Pastore**
> ex-presidente do BC

LEILÃO JUDICIAL ELETRÔNICO

IMÓVEIS COM DESÁGIOS DE ATÉ 50% SOBRE O VALOR DE AVALIAÇÃO. APROVEITE!

ID 5797

Imóvel Residencial
São Paulo/SP

Imóvel assobradado com 168 m² de construção e terreno com área de 102 m². Composto por sala de estar, cozinha, lavabo, 3 dormitórios, 2 terraços, banheiro, área de serviço, dorm. e banheiro de empregada, churrasqueira e garagem.

Avaliação **R$ 637.813,30** | Lances a partir de **R$ 382.687,98**

1º Leilão **06/02 -09:00hs** | 2º Leilão **23/02 -09:00hs**

Juiz: Exmo. Dr. Fabio Fresca
4ª Vara Cível do Foro Regional III de Jabaquara/SP

ID 5995

Imóvel Residencial
Tupã/SP

Imóvel com área de 125 m², localizado a 6 min. do centro da cidade e a 14 min. do Aeroporto Estadual de Tupã.

Avaliação **R$ 157.190,92** | Lances a partir de **R$ 94.314,55**

1º Leilão **06/02 -09:00hs** | 2º Leilão **27/02 -09:00hs**

Juiz: Exmo. Dr. Edson Lopes Filho
3ª Vara Cível de Tupã/SP

ID 6063 - Lote 1

Apartamento com 61 m²
Sorocaba/SP

Imóvel no Residencial Palácio San Marco com vaga de garagem. Localizado a 4 min. da Rod. Raposo Tavares e a 7 min. do Shopping Iguatemi.

Avaliação **R$ 252.178,97** | Lances a partir de **R$ 126.089,48**

1º Leilão **01/03 - 09:00hs** | 2º Leilão **20/03 - 09:00hs**

Juiz: Exmo. Dr. Bruno Cortina Campopiano
3ª Vara Cível de Itapecerica da Serra/SP

ID 5931

Sala Comercial com 51 m²
São José do Rio Preto/SP

Imóvel no Edifício Imperial Work Center, composto por sala de recepção, 3 salas de escritório, sala de reunião, copa, cozinha, 2 banheiros e vaga de garagem.

Avaliação **R$ 240.000,00** | Lances a partir de **R$ 144.000,00**

1º Leilão **06/02 - 09:40hs** | 2º Leilão **27/02 - 09:40hs**

Juiz: Exmo. Dr. Lincoln Augusto Casconi
5ª Vara Cível de São José do Rio Preto/SP

ID 6028

Imóvel Residencial
Potirendaba/SP

Imóvel de alto padrão com 220 m² de construção e terreno com 360 m². Composto por sala, escritório, 2 lavabos, 3 dorms, 3 suítes, cozinha, churrasqueira, piscina e 4 vagas de garagem.

Avaliação **R$ 977.980,40** | Envie sua **Proposta!**

Leilão **06/02 - 10:30hs**

Juiz: Exmo. Dr. Marco Antônio Costa Neves Buchala
Vara Única de Potirendaba/SP

ID 6046

DESOCUPADO

Apartamento com 43 m²
Santo André/SP

Imóvel no Condomínio Conquista, composto por 2 dorms, banheiro, cozinha, área de serviço, terraço, sala e vaga de garagem.

Avaliação **R$ 242.210,45** | Lances a partir de **R$ 145.326,27**

1º Leilão **06/02 - 10:30hs** | 2º Leilão **27/02 - 10:30hs**

Juiz: Exmo. Dr. Sidnei Vieira da Silva
9ª Vara Cível de Santo André/SP

ID 6030

Imóvel Residencial
Mogi Mirim/SP

Imóvel com 140 m² de construção e terreno com área de 370 m². Localizado a 5 min. do centro da cidade e a 7 min. da Rodovia Gov. Dr. Adhemar Pereira de Barros.

Avaliação **R$ 375.477,03** | Lances a partir de **R$ 225.286,21**

1º Leilão **06/02 - 10:30hs** | 2º Leilão **27/02 - 10:30hs**

Juiz: Exmo. Dr. Emerson Gomes de Queiroz Coutinho
1ª Vara de Mogi Mirim/SP

ID 6029

Terreno Urbano
Francisco Morato/SP

Terreno no loteamento denominado Vila Maria Luiza com 300 m². Localizado a 4 min. do centro e a 9 min. Rod. Pres. Tancredo de Almeida Neves.

Avaliação **R$ 444.239,18** | Lances a partir de **R$ 355.391,34**

1º Leilão **06/02 - 10:30hs** | 2º Leilão **27/02 - 10:30hs**

Juiz: Exmo. Dr. Marcelo Forli Fortuna
Setor de Execuções Fiscais de Jaguariúna/SP

ID 5853

Imóvel Residencial
Piracicaba/SP

Imóvel loteamento denominado Parque São Jorge com área construída de 106 m² sobre terreno de 250 m². Composto por 3 dorms, sala, banheiro, cozinha e um cômodo nos fundos.

Avaliação **R$ 317.026,62** | Lances a partir de **R$ 253.621,30**

1º Leilão **06/02 - 11:00hs** | 2º Leilão **27/02 - 11:00hs**

Juíza: Exma. Dra. Daniela Mie Murata
4ª Vara Cível de Piracicaba/SP

ID 6038

Imóvel Residencial
Rio das Ostras/RJ

Imóvel à beira mar no Cond. Riviera Del Mar, com fácil acesso pela Rodovia Amaral Peixoto.

Avaliação **R$ 111.793,01** | Lances a partir de **R$ 67.075,81**

1º Leilão **06/02 - 11:00hs** | 2º Leilão **27/02 - 11:00hs**

Juíza: Exma. Dra. Leticia de Souza Branquinho
1ª Vara Cível de Rio das Ostras/RJ

Apartamento com 405 m² — ID 6056
Bairro Vila Mariana/SP

Imóvel no Edifício Villaggio, composto por 4 dorms suítes, sala 2 ambientes com terraço, lavabo, cozinha, despensa e dependência de empregados com wc, área de serviço e 2 vagas de garagem.

Avaliação
R$ 1.992.946,48

Lances a partir de
R$ 1.195.767,89

1º Leilão **06 de Fevereiro - 14:00hs**
2º Leilão **27 de Fevereiro - 14:00hs**

Juíza: Exma. Dra. Cinara Palhares
15ª Vara Cível de São Paulo/SP

Apartamento com 108 m² — ID 6057
Bairro Perdizes/SP

Imóvel no Edifício Saint Martin com 3 vagas de garagem. Localizado a 4 min. do Bourbon Shopping e a 8 min. da Av. Marginal Tietê.

Avaliação
R$ 1.358.592,00

Lances a partir de
R$ 815.155,20

1º Leilão **06 de Fevereiro - 14:00hs**
2º Leilão **27 de Fevereiro - 14:00hs**

Juiz: Exmo. Dr. Ricardo Augusto Galvao de Souza
2ª Vara Cível de São Roque/SP

ID 6034 - Lote 1

Sala Comercial com 26 m²
Maceió/AL

Imóvel no Edifício Delmiro Gouveia, localizado a 2 min. da Av. da Paz e do Tribunal de Justiça de Alagoas.

Avaliação **R$ 150.000,00** | Lances a partir de **R$ 75.000,00**

1º Leilão **06/02 - 11:00hs** | 2º Leilão **27/02 - 11:00hs**

Juiz: Exmo. Dr. Gustavo Souza Lima
12ª Vara Cível de Maceió/AL

ID 5120 - Lote 1

Imóvel Residencial
São José dos Campos/SP

Imóvel com 47 m² de construção e terreno com área de 273 m². Composto por sala, cozinha, 2 dorms, banheiro, quintal e 2 edículas.

Avaliação **R$ 521.051,38** | Lances a partir de **R$ 312.630,82**

1º Leilão **06/02 - 11:30hs** | 2º Leilão **27/02 - 11:30hs**

Juiz: Exmo. Dr. Luís Mauricio Sodré de Oliveira
3ª Vara Cível de São José dos Campos/SP

ID 6047

Chácara com 8.899 m²
São Roque/SP

Chácara com 245 m² de construção e terreno com 8.899 m². Composta por piscina, casa sede de 165 m² e casa de caseiro com 56 m². Localizado a 5 min. da Rod. Bunjiro Nakao e a 9 min. do centro de Vargem Grande Paulista.

Avaliação **R$ 1.184.645,07** | Lances a partir de **R$ 710.787,04**

1º Leilão **06/02 - 11:30hs** | 2º Leilão **27/02 - 11:30hs**

Juiz: Exmo. Dr. Ricardo Augusto Galvao de Souza
2ª Vara Cível de São Roque/SP

ID 6044

Imóvel Residencial
São Roque/SP

Imóvel com área construída de 78 m² sobre terreno de 1.798 m². Localizado a 2 min. da Rod. Raposo Tavares e a 3 min. do centro de São Roque.

Avaliação **R$ 1.328.967,42** | Lances a partir de **R$ 797.380,45**

1º Leilão **06/02 - 11:30hs** | 2º Leilão **27/02 - 11:30hs**

Juiz: Exmo. Dr. Ricardo Augusto Galvão de Souza
2ª Vara Cível de São Roque/SP

ID 6058

DESOCUPADO

Apartamento com 42 m²
Franca/SP

Imóvel no Edifício Flag Residence com vaga de garagem. Localizado na região central de Franca, a 4 min. da Av. Antônio Barbosa Filho.

Avaliação **R$ 150.000,00** | Lances a partir de **R$ 90.000,00**

1º Leilão **06/02 - 14:00hs** | 2º Leilão **27/02 - 14:00hs**

Juiz: Exmo. Dr. Humberto Rocha
3ª Vara Cível de Franca/SP

ID 6059

Apartamento com 49 m²
São José dos Campos/SP

Imóvel no Conjunto Habitacional Bom Retiro II, composto por 2 dorms, sala, banheiro, área de serviço, cozinha e vaga de garagem.

Avaliação **R$ 143.629,10** | Lances a partir de **R$ 114.903,28**

1º Leilão **06/02 - 14:00hs** | 2º Leilão **27/02 - 14:00hs**

Juiz: Exmo. Dr. Luís Mauricio Sodré de Oliveira
3ª Vara Cível de São José dos Campos/SP

ID 6048

Apartamento com 110 m²
Guarujá/SP

Imóvel no Condomínio Boulevard La Plage com 2 vagas de garagem. Localizado a 500m da Praia das Pitangueiras e a 8 min. do Iate Clube de Santos - Sede Guarujá.

Avaliação **R$ 1.005.608,63** | Lances a partir de **R$ 502.804,31**

1º Leilão **06/02 - 14:00hs** | 2º Leilão **27/02 - 14:00hs**

Juiz: Exmo. Dr. Marcelo Machado da Silva
4ª Vara Cível de Guarujá/SP

ID 5879

Apartamento com 113 m²
Bairro Butantã/SP

Imóvel no Ed. Iguaçu, composto por 3 dorms, sendo 1 suíte, cozinha, banheiro, sala 2 ambientes, dependência de empregada, área de serviço e vaga de garagem. Localizado a 3 min. da Rod. Raposo Tavares e a 7 min. do Butantã Shopping.

Avaliação **R$ 924.407,94** | Lances a partir de **R$ 462.203,979**

1º Leilão **06/02 - 14:00hs** | 2º Leilão **27/02 - 14:00hs**

Juiz: Exmo. Dr. Renata Meirelles Pedreno
1ª Vara Cível de Cotia/SP

ID 6061

Apartamento com 47 m²
Pindamonhangaba/SP

Imóvel no Residencial Pinus, composto por 2 dorms, banheiro, sala, cozinha, área de serviço e vaga de garagem.

Avaliação **R$ 95.365,85** | Lances a partir de **R$ 47.682,92**

1º Leilão **06/02 - 14:30hs** | 2º Leilão **27/02 - 14:30hs**

Juiz: Exmo. Dr. Wellington Urbano Marinho
2ª Vara Cível de Pindamonhangaba/SP

ID 6050

Galpão Urbano
Araçatuba/SP

Imóvel comercial com área construída de 748 m² sobre terreno de 1.282 m². Localizado a 4 min. da Rod. Eliéser Montenegro Magalhães.

Avaliação **R$ 684.791,58** | Lances a partir de **R$ 342.395,79**

1º Leilão **06/02 - 15:00hs** | 2º Leilão **27/02 - 15:00hs**

Juiz: Exmo. Dr. Rodrigo Chammes
4ª Vara Cível de Araçatuba/SP

ID 6067

Imóvel Residencial
São José dos Campos/SP

Imóvel no loteamento Residencial Bosque dos Ipês, com 78 m² de construção e terreno com área de 150 m². Localizado a 6 min. da Rod. Henrique Eroles e a 8 min. do Shopping Jardim Oriente.

Avaliação **R$ 346.917,77** | Lances a partir de **R$ 277.534,21**

1º Leilão **06/02 - 15:30hs** | 2º Leilão **27/02 - 15:30hs**

Juiz: Exmo. Dr. Luís Mauricio Sodré de Oliveira
3ª Vara Cível de São José dos Campos/SP

ID 5272

Imóvel Residencial
São José dos Campos/SP

Imóvel com 262 m² de construção e terreno com área de 2.525 m². Composto por sala ampla, 3 dorms, 3 banheiros, copa, cozinha, área de serviço e garagem coberta.

Avaliação **R$ 1.259.457,88** | Lances a partir de **R$ 881.620,51**

1º Leilão **06/02 - 16:00hs** | 2º Leilão **27/02 - 16:00hs**

Juiz: Exmo. Dr. Luís Mauricio Sodré de Oliveira
3ª Vara Cível de São José dos Campos/SP

ID 5985

Apartamento com 127 m²
Ribeirão Preto/SP

Imóvel no Edifício Jequitibá. Composto por sala 2 ambientes, sacada, cozinha, lavanderia, 2 banheiros, lavabo, banheiro, 3 dorms, sendo 1 suíte, closet e 2 vagas de garagem.

Avaliação **R$ 566.087,90** | Lances a partir de **R$ 339.652,74**

Leilão **15/02 - 09:00hs**

Juiz: Exmo. Dr. Paulo Cícero Augusto Pereira
5ª Vara Cível de Ribeirão Preto/SP

ID 5831 - Lote 3

Apartamento com 53 m²
São José dos Campos/SP

Imóvel no Condomínio Citta Di Roma, composto por sala, sacada, cozinha, área de serviço, 2 dorms, sendo 1 suíte, banheiro e vaga de garagem coberta.

Avaliação **R$ 328.812,04** | Lances a partir de **R$ 230.168,42**

Leilão **23/02 - 14:00hs**

Juiz: Exmo. Dr. Luís Mauricio Sodré de Oliveira
3ª Vara Cível de São José dos Campos/SP

ID 5831 - Lote 4

Imóvel Residencial
São José dos Campos/SP

Imóvel com área construída de 71 m² sobre terreno de 150 m². Composto por 2 salas, cozinha, 2 dorms, sendo 1 suíte, banheiro, área de serviço, churrasqueira e garagem para 2 veículos.

Avaliação **R$ 423.384,16** | Lances a partir de **R$ 296.368,91**

Leilão **23/02 - 14:00hs**

Juiz: Exmo. Dr. Luís Mauricio Sodré de Oliveira
3ª Vara Cível de São José dos Campos/SP

Imóvel Residencial — ID 5831 - Lote 1
São José dos Campos/SP

Imóvel no Cond. Aquarius I com 252 m² de construção e 562 m² de área de terreno. Composto por 4 salas, banheiro, 4 dorms, sendo 3 suítes, hidromassagem, closet, cozinha, área de serviço, área de lazer, churrasqueira, piscina, banheiro, garagem para 2 veículos e quintal.

Avaliação
R$ 2.962.811,74

Lances a partir de
R$ 2.073.968,21

Leilão **23 de Fevereiro - 14:00hs**

Juiz: Exmo. Dr. Luís Mauricio Sodré de Oliveira
3ª Vara Cível de São José dos Campos/SP

Fazenda Santa Matilde — ID 6078
Flores de Goiás/GO

Fazenda com área de 1.927,5966 hectares. Localizada em região com a economia em torno do agronegócio, se destacando na produção de bovinos e cultivo de arroz irrigado. Nos últimos anos vem se consolidando no cultivo de soja, milho, feijão e sorgo, com forte tendência a ser um grande polo de produção agrícola, favorecido principalmente, pelo solo, clima e localização geográfica.

Avaliação
R$ 96.539.872,00

Lances a partir de
R$ 48.269.936,00

1º Leilão **27 de Fevereiro - 14:00hs**
2º Leilão **14 de Março - 14:00hs**

Juiz: Exmo. Dr. Nickerson Pires Ferreira - 17ª Vara Cível e Ambiental de Goiânia/GO

Reservamo-nos o direito à correção de possíveis erros de digitação. As informações aqui contidas não substituem o edital.

11 3969 1200 | 0800 789 1200 | **11 95577 1200** | **www.leje.com.br** | **@lejeoficial** | **Leilão Judicial Eletrônico**

Lula vê traição de Campos Neto e busca de levar país a crise

Diálogo do BC com o governo ficou mais estremecido após comunicado que indica manutenção de juros altos

Mônica Bergamo

SÃO PAULO O presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT) e ministros de seu governo consideram que o presidente do Banco Central, Roberto Campos Neto, traiu a confiança que o governo depositava nele para dialogar e participar de um esforço conjunto para que o Brasil supere os problemas econômicos que hoje enfrenta sem passar por uma recessão.

No entendimento do mandatário e de sua equipe, o governo atual, com pouco mais de um mês no poder, não tem responsabilidade sobre o déficit fiscal e a inflação, que impulsionam as taxas de juros. E mereceria um voto de confiança em seu compromisso de levar o rombo para 1% neste ano, e de zerá-lo em 2024.

Do ponto de vista do governo, mesmo diante das metas claras, dizem interlocutores diretos de Lula, o Banco Central não apenas manteve a taxa básica de juros (Selic) em 13,75% ao ano pela quarta reunião consecutiva —a primeira desde que Lula tomou posse—, como endureceu o discurso e disse que deve deixar as taxas em patamares altos por mais tempo.

Com essa mensagem, o BC estaria dificultando a recuperação do crédito e a atividade econômica no país, e colocando o Brasil na rota da recessão.

Lula e o governo acreditam que os alertas feitos pelo Copom foram muito além do que seria necessário. E passaram a desconfiar da atuação de Roberto Campos Neto, indicado ao cargo por Jair Bolsonaro para um mandato de quatro anos.

Ministros de primeiro escalão começaram a evitá-lo. E o ministro da Fazenda, Fernando Haddad, que o elogiava, já mostrou contrariedade com sua atuação.

Lula tem afirmado, segundo os mesmos interlocutores, que Campos Neto foi tratado com respeito e consideração, e que não houve reciprocidade por parte dele.

O presidente do Banco Central sempre foi alinhado com o bolsonarismo. Campos Neto chegou a ir a jantares de Bolsonaro com empresários organizados para apoiar as medidas econômicas adotadas pelo presidente e pelo então ministro da Economia, Paulo Guedes.

O presidente do Banco Central até discursava nos encontros, e admitiu em um deles que recebia conselhos para não ir a eventos com políticos que integravam o governo.

Mas justificava: como os ministros de Bolsonaro eram "técnicos", não haveria problema em se misturar com eles. A proximidade não macularia sua autonomia e independência.

O presidente do Banco Central se mantém próximo dos bolsonaristas. Foi à posse de Tarcísio de Freitas no governo de São Paulo e, até meados do mês, seguia em um grupo de WhatsApp que reúne ex-ministros de Bolsonaro.

Em entrevista à Rede TV! nesta semana, Lula deixou claro que está contrariado com Campos Neto, a quem se referiu como "esse cidadão".

"Quero saber do que serviu a independência do Banco Central. Eu vou esperar esse cidadão [Campos Neto] terminar o mandato dele para fazermos uma avaliação do que significou o Banco Central independente", disse Lula.

O BC divulgou o comunicado em que subiu o tom e contrariou o governo Lula na quarta (1º), depois de manter a Selic em 13,75%.

O texto fazia alertas sobre as incertezas fiscais e a piora nas expectativas de inflação, que estão se distanciando da meta em prazos mais longos.

Sinalizava ainda que o BC deve deixar os juros no patamar atual por mais tempo — hoje o mercado prevê o início do afrouxamento monetário em setembro.

"O Comitê reforça que irá perseverar até que se consolide não apenas o processo de desinflação como também a ancoragem das expectativas em torno de suas metas, que têm mostrado deterioração em prazos mais longos desde a última reunião", afirmava o comunicado.

O presidente do Banco Central, Roberto Campos Neto, no Palácio do Planalto, em Brasília; autoridade monetária e Executivo travam batalha em torno de juros Adriano Machado - 25.mai.22/Reuters

Banco não precisa de juros altos para ter lucro, diz Febraban

Igor Gielow

LISBOA Em meio ao debate sobre os juros no Brasil, o presidente da Febraban (Federação Brasileira de Bancos), Isaac Sidney, disse neste sábado (4) que as instituições bancárias defendem a queda das taxas, mas querem o barateamento do custo do crédito.

"É muito caro tomar crédito. Os bancos não precisam de juros altos para ter lucros. Temos de ter uma agenda para baratear o custo do crédito. As taxas de juros precisam cair, mas o crédito é muito tributado. Os bancos defendem ampliar a oferta de crédito", afirmou em conferência do Lide, organização do ex-governador paulista João Doria, em Lisboa.

As taxas de juros viraram alvo do presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT) nesta semana, após o Banco Central manter em 13,75% a Selic (índice básico da economia). O petista questionou não só a taxa, mas também a autonomia legal do BC, estabelecida no governo de seu antecessor, Jair Bolsonaro (PL).

O que Lula não discutiu foi o fato de que as taxas refletem a antecipação da inflação, cujo risco de descontrole decorre da situação fiscal brasileira —delicada dada a disposição do novo governo de gastar mais, como a PEC da Gastança durante a transição de governo e a defesa do fim do teto de gastos sugerem.

Sidney, contudo, disse que os bancos "vão continuar a trabalhar pela governabilidade", citando o apoio aos manifestos pela democracia em 2022 e a condenação da violência golpista de bolsonaristas no dia 8 de janeiro.

"Quando o presidente [Lula] foi eleito, o cumprimentamos. Isso é alinhamento? Não, é responsabilidade. Tenho visto disposição do governo para dialogar, mas o diálogo não basta", afirmou.

"Deveríamos estar cansados de tantos diagnósticos e análises. É constrangedor, todos sabemos o que fazer e, principalmente, o que não fazer. O Brasil, ano após ano, segue patinando, crescemos de forma medíocre", disse ele, ao defender as reformas tributária e administrativa.

Na sexta (3), o presidente do TCU (Tribunal de Contas da União) defendeu a posição do Banco Central de manter a Selic em 13,75%. "Não é possível [o governo federal] falar em endividamento e esperar que autoridade monetária fique parada, de braços cruzados", afirmou Bruno Dantas durante sua participação na conferência do Lide.

"Depois de a reforma tributária estar pelo menos desenhada, creio que faz sentido revisitar com mais profundidade o arcabouço fiscal. A âncora fiscal teve sua função, mas a grande verdade é que a pandemia mostrou que um sistema rígido como o teto de gasto levou a tantas exceções... Nunca vi tanta emenda constitucional fiscal [sobre o tema]", afirmou Dantas.

Falando remotamente em nome do governo Lula, a ministra do Planejamento, Simone Tebet (MDB), disse no sábado que a reforma tributária, a nova âncora fiscal no lugar do teto de gastos e o novo plano plurianual são suas prioridades.

"O Brasil passou os últimos anos em uma tormenta institucional, sanitária, com um timoneiro sem carta náutica", disse, criticando o ex-presidente Jair Bolsonaro (PL).

Questionada sobre as diferenças de opinião com o PT no governo, Tebet afirmou: "Vou receber cartões amarelos, quando for receber o vermelho, falo com o presidente".

Ela voltou a falar sobre a surpresa da escolha de Lula, já que ela pleiteava uma pasta na área social. Também chamou de surpresa a boa relação que diz ter com o ministro da Fazenda, Fernando Haddad.

O presidente do Conselho de Administração da Península Participações, Abílio Diniz, fez uma defesa indireta da queda dos juros. "Ainda há um certo receio do BC para baixar juros, mas a inflação está dominada."

Também falando em Lisboa, o presidente do Conselho de Administração do Bradesco, Luiz Carlos Trabuco, afirmou que o "o setor bancário é um fator de estabilidade e um bônus de solvência" para o país.

"Nós, empresários, não somos meros espectadores, somos protagonistas, temos uma dívida social", disse. Ele considera que as turbulências do processo democrático e a crise dos yanomamis provam que há "desafios para construir o Brasil".

Na abertura da conferência, Raimundo Carreiro, embaixador do Brasil em Portugal, disse em discurso que o acordo Mercosul-União Europeia vai "demorar muito tempo" para ser ratificado. Lula havia dito nesta semana, após reunião com o premiê alemão, Olaf Scholz, que esperava ver o acerto neste semestre.

Presente em Lisboa, o governador do Rio, Cláudio Castro (PL), pediu harmonia entre governos estadual e federal.

> "É muito caro tomar crédito. Os bancos não precisam de juros altos para ter lucros. Temos de ter uma agenda para baratear o custo do crédito. As taxas de juros precisam cair, mas o crédito é muito tributado. Os bancos defendem ampliar a oferta de crédito
>
> **Isaac Sidney**
> presidente da Febraban

> Ainda há um certo receio do BC para baixar juros, mas a inflação está dominada
>
> **Abílio Diniz**
> residente do Conselho de Administração da Península Participações

Crise da Americanas afeta todo o varejo, diz Luiza Trajano

Luiza Trajano, presidente do Conselho de Administração do Magazine Luiza, disse que a crise da sua rival Americanas "afeta todo o varejo" e "é muito ruim". Ela disse não estar preocupada particularmente com o risco de uma crise de crédito, dada a posição de bancos como credores da empresa em apuros.

"Nós temos uma associação com o Itaú que nos garante. Mas é muito ruim para o varejo, claro", afirmou.

Questionado sobre o tema, o presidente da Febraban, Isaac Sidney, repetiu nota divulgada nesta semana criticando a disposição dos acionistas da Americanas de rejeitar ações judiciais para tentar elucidar o rombo de R$ 20 bilhões na empresa. Ele lembrou que "os bancos credores têm uma exposição de R$ 25 bilhões".

O repórter viajou a convite do Lide.

O presidente Luiz Inácio Lula da Silva durante evento com centrais sindicais no Palácio do Planalto Gabriela Biló/Folhapress

Governo avalia isenção de IR para até 2 salários mínimos

Ideia é que mudança ocorra neste ano via correção da tabela ou restituição

Idiana Tomazelli e Bruno Boghossian

BRASÍLIA O governo de Luiz Inácio Lula da Silva (PT) avalia isentar trabalhadores que ganham até dois salários mínimos do pagamento de IRPF (Imposto de Renda da Pessoa Física) ainda em 2023, segundo integrantes da equipe do petista ouvidos pela **Folha**.

Hoje, a faixa de isenção contempla a remuneração de até R$ 1.903,98 mensais. Com a mudança, ficariam livres do imposto aqueles que recebem até R$ 2.640 —caso seja confirmado um novo aumento do salário mínimo para R$ 1.320 a partir de 1º de maio.

Pelo menos duas formas de isenção estão em análise pela Fazenda. Uma delas é a correção da tabela, ampliando a faixa de isenção para o valor almejado pelo governo.

Essa via, porém, tem custo mais elevado, uma vez que a medida alcançaria todos os trabalhadores, independentemente da remuneração. Como o imposto incide sobre cada faixa de renda do contribuinte, quem ganha acima de dois salários mínimos também teria algum alívio no bolso.

A segunda opção é mais complexa, mas reduz a renúncia de recursos. Segundo interlocutores, é possível focar a isenção nos trabalhadores que efetivamente ganham até dois salários mínimos, mantendo a tabela atual.

Isso seria feito na declaração de ajuste, apresentada anualmente pelos contribuintes à Receita Federal. Dessa forma, o trabalhador teria descontado o IR na fonte todos os meses, como ocorre atualmente, mas receberia a restituição de todo o imposto pago após a declaração, feita no ano seguinte.

Como a declaração traz informações detalhadas da remuneração de cada contribuinte, seria possível filtrar apenas aqueles que ganham até dois salários mínimos para serem contemplados. Quem recebe acima desse patamar continuaria pagando IR pela tabela vigente.

Além da economia de recursos, essa via tem a vantagem de não afetar o teto de gastos, regra que limita o crescimento das despesas e ainda está em vigor. As restituições do IRPF não ficam ao alcance do limite de gastos, ao contrário do que ocorreria com algum tipo de transferência de renda nos moldes do Bolsa Família.

A segunda opção também seria mais progressiva, concentrando o benefício nas camadas de renda mais baixa.

O tema foi um dos assuntos tratados por Lula em reunião com os ministros Fernando Haddad (Fazenda), Luiz Marinho (Trabalho) e Rui Costa (Casa Civil) no Palácio do Planalto na última quinta (2). Segundo interlocutores, o martelo ainda não está batido sobre qual modelo será escolhido, mas a ideia é preparar o anúncio para depois do Carnaval ou no início de março.

Segundo auxiliares, o presidente deu mais força a essas discussões depois que o Banco Central sinalizou que a taxa básica de juros pode permanecer próxima do patamar atual (de 13,75% ao ano) até o fim do 2023 —o que é visto pelos petistas como uma barreira à recuperação do emprego e da renda.

Uma ala do governo chegou a defender uma medida mais modesta, com a isenção corrigida apenas para beneficiar os trabalhadores que recebem até 1,5 salário mínimo por mês —o que pode equivaler a R$ 1.980 a partir de maio.

Politicamente, no entanto, o impacto desse ajuste é considerado tímido demais para atender à base eleitoral e à plataforma do presidente.

O petista prometeu, durante a campanha, isentar de IR os trabalhadores que ganham até R$ 5.000 mensais. Após a posse, a promessa virou dor de cabeça e passou a sofrer resistências da Fazenda.

Em janeiro, o próprio presidente admitiu que "briga" com os economistas do partido para garantir isenção a quem ganha até R$ 5.000. "Meus companheiros sabem que tenho briga com economistas do PT. Vocês sabem que o pessoal fala assim 'Lula, se a gente fizer isenção até R$ 5.000, são 60% de arrecadação do país, de pessoas que ganham até R$ 6.000'. Ora, então vamos mudar a lógica. Diminuir para o pobre e aumentar para o rico", afirmou o petista.

Como mostrou a **Folha**, uma correção nessa magnitude poderia gerar uma renúncia superior a R$ 100 bilhões por ano, num momento em que Haddad busca ganhar confiança do mercado com um pacote para reduzir o rombo nas contas públicas.

O Orçamento prevê hoje um déficit de R$ 231,5 bilhões, o que pode elevar de forma significativa o endividamento do país. Medidas anunciadas pelo ministro da Fazenda podem atenuar o rombo, mas ainda assim as contas devem fechar no vermelho neste ano.

Esse cenário tem colocado Haddad em uma posição mais defensiva na discussão de medidas com impacto fiscal, em contraponto aos ministros de áreas finalísticas, como o do Trabalho, que buscam viabilizar medidas com impacto político positivo.

Haddad tentou conter a pressão na discussão do IRPF dizendo que a medida precisava respeitar o princípio de anterioridade, que requer antecedência anual na implementação de aumentos no IR.

Pela lógica de Haddad, a benesse só poderia ser feita em 2024. No entanto, a exigência legal não se aplica a cortes de imposto, ou seja, a correção da tabela pode ser feita a qualquer momento e vigorar de forma imediata.

A tabela do IRPF está sem reajuste desde 2015. Na época, o salário mínimo era de R$ 788 mensais —ou seja, a isenção atendia trabalhadores com remuneração de quase 2,5 salários mínimos por mês. Segundo o Sindifisco (Sindicato dos Auditores Fiscais da Receita Federal), a defasagem chega a 148% desde 1996.

Nas últimas semanas, Lula deu sinais de que pretende acelerar a busca por medidas direcionadas aos trabalhadores, ainda que possam representar uma redução na arrecadação ou aumento de despesas. As soluções incluem o ajuste no valor do salário mínimo e, agora, a isenção do IR.

Dólar poderia estar a R$ 4,80

Tudo indica que PEC da Transição e falatório de Lula têm efeito de R$ 0,25 no câmbio

Samuel Pessôa

Pesquisador do Instituto Brasileiro de Economia (FGV) e da Julius Baer Family Office (JBFO). É doutor em economia pela USP

Desde que o presidente Lula ganhou as eleições, houve a decisão de aumentar o gasto público em aproximadamente R$ 200 bilhões em relação ao que estava no Projeto de Lei Orçamentária para 2023, que Paulo Guedes enviou em agosto de 2022 para o Congresso Nacional.

Além da elevação do gasto público, Lula tem confrontado o mercado financeiro, com pesadas críticas aos juros praticados pelo Banco Central, além de ter criticado a independência da instituição.

A atitude de confronto de Lula surpreendeu o mercado. No entanto, desde outubro de 2022 há um processo de valorização do real ante o dólar. Por exemplo, de 19 de outubro de 2022 até 2 de fevereiro, quinta-feira passada, o real valorizou-se em R$ 0,23, com o câmbio saindo de R$ 5,27 para R$ 5,04. Assim, aparentemente não tem havido custo para Lula de seus ataques ao mercado financeiro nem ao Banco Central.

A grande dificuldade é que fatores internacionais afetam também a cotação da moeda. E há sinais de que tem havido um movimento de perda de valor do dólar americano em relação a todas as moedas.

Assim, é necessário sabermos quanto da valorização do real no período deveu-se a dinâmicas internas e quanto a dinâmicas externas.

Uma metodologia para responder à questão do parágrafo anterior é considerar grupos de controle formados por conjunto de países. Considero três grupos de controle: países desenvolvidos, países emergentes e países produtores de commodities. A Austrália, por exemplo, está no primeiro e no terceiro grupo; o Chile está no segundo e no terceiro grupo. Países com política econômica muito instável, como Argentina e Turquia, não são considerados.

Para cada grupo de controle construímos uma única "taxa de câmbio" comum a todas as moedas dos países do grupo. Ela tem a característica de ser a combinação das taxas de câmbio que melhor descreve a variabilidade comum das moedas do grupo.

Ficamos, portanto, com três "taxas de câmbio", uma para cada grupo. Em seguida correlacionamos cada uma delas com a nossa moeda. O resultado é uma taxa de câmbio para o Brasil chamada de "sintético". Temos, portanto, o sintético do real de países desenvolvidos, o de emergentes e o de países produtores de commodities. Três sintéticos, portanto.

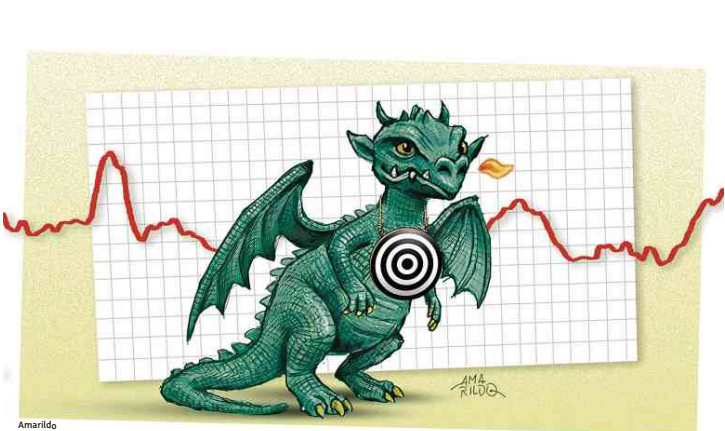
O sintético representa o comportamento do real se ele acompanhasse a média dos países que compõem cada um dos grupos.

Na janela entre 10 de outubro de 2022 a 2 de fevereiro, quinta-feira passada, vimos que o real se valorizou em R$ 0,23 por dólar. A valorização do sintético de desenvolvidos foi de R$ 0,49, a de emergentes, de R$ 0,69, e a de países produtores de commodities, de R$ 0,47.

O sintético de países emergentes está muito sensibilizado pelo câmbio dos países emergentes do Leste Europeu, que apresentaram, recentemente, fruto da melhora do problema da escassez de gás, uma queda de risco mais acentuada. Assim, se considerarmos os outros dois sintéticos, o real valorizou-se em cerca de R$ 0,25 por dólar a menos do que os sintéticos.

Ou seja, tudo indica que o falatório de Lula e a piora fiscal com a emenda constitucional da Transição têm custo de R$ 0,25 por dólar na cotação da moeda brasileira. O real poderia ser cotado hoje a R$ 4,80 por dólar. Seria uma ótima ajuda para o BC iniciar um ciclo de redução da taxa de juros.

| DOM. Samuel Pessôa | **SEG. Marcos Vasconcellos, Ronaldo Lemos** | TER. Michael França, Cecília Machado | QUA. Bernardo Guimarães | QUI. Cida Bento, Solange Srour | SEX. André Roncaglia | SÁB. Marcos Mendes, Rodrigo Zeidan

Amarildo

Quem ganha com meta de inflação maior?

Aceitar mais inflação afasta o Estado de quem mais dele precisa

Ana Paula Vescovi

Economista-chefe do Santander Brasil

Mantido o cronograma dos últimos anos, em junho o CMN (Conselho Monetário Nacional) definirá as metas de inflação dos próximos três anos. A decisão virá debaixo de um debate técnico público sobre a elevação das metas, uma mudança que tenderia a ser contraproducente para o país.

Em 2016, o CMN iniciou uma convergência gradual e longa da meta de inflação de três anos à frente para o patamar observado nas demais economias emergentes. Além de um compromisso com reformas que impactariam positivamente o crescimento potencial do país, pretendia-se a convergência das expectativas inflacionárias a longo prazo, o que de fato ocorreu.

A partir de 2019, as metas de inflação (de 4,5%) foram sendo reduzidas em 0,25 ponto percentual a cada ano, até chegar a 3% em 2024, ali permanecendo. Essa convergência leva a meta do Brasil ao mesmo patamar de pares latino-americanos, como Chile, México e Colômbia.

Mas um debate recente surgiu sobre a adequação de um alvo central de 3% à economia brasileira. Voltar a subir a meta representaria, assim, a interrupção dessa convergência e a aceitação de níveis de preços mais altos. De imediato, mais inflação favorece a arrecadação pública e aumenta o rendimento das aplicações em renda fixa, mas reduz o poder de compra da população, sobretudo de quem compromete maior parcela da renda com consumo.

Um dos principais argumentos dos que defendem uma elevação da meta é que, além de a inflação ter ficado acima do estabelecido nos últimos anos, as expectativas de médio prazo têm subido, o que poderia ser um sinal de que os agentes não acreditam em seu cumprimento. Sendo assim, alguns argumentam que seria melhor elevar a meta para torná-la crível novamente.

Importante lembrar que os choques inflacionários ocorridos desde 2021 resultaram de eventos extraordinários, como a pandemia e a Guerra da Ucrânia, que desorganizaram padrões de consumo e reduziram a oferta de bens e serviços temporariamente. Esses choques não são previsíveis, e o instrumento da taxa de juros consegue apenas atuar, com alguma defasagem, sobre os seus efeitos secundários. Tal enfrentamento vem sendo feito pelos bancos centrais com sucesso.

Além disso, os estímulos adotados pelos governos para atenuar esses choques contribuíram para relativo aquecimento da economia e do mercado de trabalho, ajudando a pressionar a inflação. Portanto, pelo canal das expectativas, subir a meta em um momento do ciclo que a economia ainda tem sinais de aquecimento pode gerar mais inflação.

No caso do Brasil, parte da alta das expectativas de inflação de médio prazo está relacionada aos sinais provenientes da política fiscal (mais estímulos). Ou seja, trata-se de algo que não será solucionado alterando-se as metas.

A mudança seria um sinal de enfraquecimento ou de desistência do caminho de solução estrutural do problema que alimenta as expectativas inflacionárias de médio e longo prazo, qual seja, a falta de reformas capazes de levar o Brasil a crescer mais e a reequilibrar as contas públicas.

Contudo, o governo tem sinalizado uma ampla reforma tributária —tanto de bens e serviços quanto da renda e patrimônio—, a adoção de um novo marco fiscal capaz de endereçar a consolidação das contas públicas e o avanço das pautas de integração comercial com o resto do mundo, além de ter um compromisso assentado de responsabilidade fiscal, tal como já fizera no passado.

A elevação da meta sancionaria um juro neutro —ou seja, aquele que não contrai nem acelera a inflação— maior no Brasil, compatível com o enfraquecimento da agenda de reformas e com dificuldades mais severas do ajuste fiscal. Durante a plena vigência do teto de gastos e com a aprovação da reforma da Previdência, o juro real neutro caiu para cerca de 3%, o que viabilizou uma taxa Selic neutra em torno de 6% a 7% em termos nominais.

Com a paralisação das reformas e os subsequentes furos no teto, o juro neutro vem se aproximando de 5% ao ano, segundo nossas estimativas. Mediante sinalização de maior leniência com a inflação, poderá subir rapidamente a 6%.

Haveria algum benefício, então, em mudar a meta?

Os que são a favor acreditam que isso poderia facilitar a redução da taxa Selic pelo Banco Central e assim atenuar o impacto sobre o crescimento. E, ainda, que as expectativas inflacionárias iriam se reancorar na nova meta (entre 4% e 4,5%).

A evidência empírica, contudo, mostra que a taxa de juros não tem a capacidade de gerar crescimento; ela apenas é capaz de suavizar os ciclos de curto prazo. Então, ainda que a mudança da meta pudesse gerar a queda imediata da Selic, estimulando recuperação cíclica mais rápida, isso viria ao custo de uma inflação permanentemente mais alta.

O único fator que pode levar o Brasil a crescer mais, sem pressões inflacionárias, é o aumento da confiança em um ambiente de negócios mais seguro, profícuo, previsível e menos dependente de estímulos artificiais, o que fomenta decisões de consumir, inovar e investir.

Se o Brasil avançar nos consensos políticos para aprovar as reformas necessárias, naturalmente as expectativas de inflação de médio e longo prazo voltarão a se ancorar. Os prêmios de risco se diluirão, e o BC terá condições de iniciar o ciclo de redução da Selic.

O único benefício de buscar um equilíbrio macroeconômico com inflação mais alta seria contar com um imposto inflacionário para ajudar a conter parte da expansão da dívida pública. Algo que vivemos muito recentemente, depois dos choques da pandemia, o que custou forte perda de poder aquisitivo e muito sofrimento justamente para aqueles que mais precisam do Estado (a cesta básica subiu 58% nesse período).

Mediante a lenta, mas crível, convergência inflacionária global, trata-se de algo que irá afastar o Brasil de um dos requisitos mais básicos da atração de investimentos, ao reconduzi-lo para um contexto inflacionário persistente. Trata-se de um lugar muito difícil e custoso de sair e que intensifica a desigualdade e a instabilidade social.

dom. Ana Paula Vescovi, **Marcos Lisboa**, Candido Bracher

Vista aérea do rio Mucajaí, cujas águas barrentas indicam a presença de garimpo, na região de Surucucu, dentro do território yanomami Lalo de Almeida/Folhapress

Forças Armadas deixaram de agir 7 vezes na TI Yanomami

Casos dizem respeito ao governo Bolsonaro; ex-ministros não comentaram

Vinicius Sassine

BOA VISTA Durante a gestão de Jair Bolsonaro (PL), as Forças Armadas deixaram de atuar no combate ao garimpo ilegal na Terra Indígena Yanomami ou tiveram uma atuação insuficiente em, pelo menos, sete ocasiões —o que enfraqueceu ações policiais e contribuiu para a expansão da atividade criminosa no território.

O ápice da atuação de mais de 20 mil invasores foi em 2022, o último ano do governo.

A **Folha** ouviu fontes com atuação direta em ações de tentativa de desmobilização de garimpeiros, consultou documentos enviados ao STF (Supremo Tribunal Federal) e ao MPF (Ministério Público Federal) e analisou decisões judiciais, o que permitiu identificar sete situações envolvendo os militares que, no fim das contas, favoreceram a permanência do garimpo na terra yanomami.

O território fica numa região de fronteira com a Venezuela. O Ministério da Defesa de Bolsonaro barrou o fornecimento de aeronaves a operações da PF (Polícia Federal) em 2022, feitas em cumprimento a decisão do STF. Quando forneceu, os militares cobraram ressarcimento.

Houve ainda pedidos do tipo para uso de base militar em Surucucu e falta de monitoramento do espaço aéreo do garimpo.

A conivência com o garimpo ilegal e a desassistência em saúde indígena na terra yanomami provocaram uma crise humanitária no território, com explosão de casos de malária, desnutrição grave e outras doenças associadas à fome, como infecções respiratórias. No último dia 20, o governo Lula (PT) declarou estado de emergência em saúde pública na terra indígena. Os casos que demandam mais urgência —tanto na assistência em saúde no próprio território, nas regiões de Surucucu e Auaris, como nos transportes aéreos a hospitais em Boa Vista (RR)— são os de desnutrição grave e malária.

Cinco dias depois, em atendimento a uma determinação do ministro da Justiça, Flávio Dino, a PF em Roraima instaurou inquérito para investigar a suspeita de crime de genocídio de indígenas yanomamis durante o governo Bolsonaro.

Serão investigados garimpeiros (tanto os que estão na linha de frente quanto os operadores da logística do garimpo, donos de maquinários e aviões), ex-coordenadores de saúde indígena e agentes políticos, o que pode incluir o próprio ex-presidente, incentivador de mineração em terras indígenas.

As frentes de investigação sobre genocídio foram ampliadas com uma decisão do ministro Luís Roberto Barroso, do STF, que determinou que a PGR (Procuradoria-Geral da República) investigue a suposta prática do crime por parte de autoridades do governo Bolsonaro. Barroso encaminhou ainda a determinação de investigação sobre genocídio e outros crimes ao MPM (Ministério Público Militar), um indicativo de que crimes militares foram cometidos por fardados ou ex-fardados na gestão passada.

Em 2022, dos 3 ciclos de operações planejadas para a retirada dos invasores da terra yanomami, apenas 1 contou com aeronaves das Forças Armadas, segundo fontes da PF ouvidas pela reportagem sob a condição de anonimato. Esses ciclos foram pensados para cumprimento de ordem do STF de desintrusão em sete terras indígenas tomadas por garimpo, entre as quais a terra yanomami, a maior do país.

No único ciclo em que houve fornecimento de aeronaves, a PF desembolsou de seu orçamento R$ 2,5 milhões para o custeio de horas por voo de uma única aeronave. Na operação, houve destruição de motores e equipamentos a serviço do garimpo.

Nas outras duas operações em 2022, o Ministério da Defesa também fez exigências de ressarcimentos orçamentários, o que inviabilizou a disponibilidade de aeronaves.

Em um caso, foram usados helicópteros do Ibama, com destruição de maquinário no rio Uraricoera, um dos mais impactados pelo garimpo na terra yanomami. No segundo caso de recusa de aeronaves pelos militares, policiais federais e agentes do Ibama fizeram a operação apenas por terra, o que resultou na destruição de uma aeronave do garimpo.

A ausência da Defesa impactou negativamente os resultados das operações. Os efeitos foram ínfimos na estrutura do garimpo ilegal, operado com maquinário pesado e com uma frota extensa de aviões e helicópteros irregulares. A PF em Roraima não tem aeronaves disponíveis para ações como a de combate a garimpo ilegal, o que amplia a dependência das Forças Armadas.

Um documento da PF encaminhado ao STF, no curso da ação movida para retirada de garimpeiros de terras indígenas, dá mais detalhes sobre o papel desempenhado pelo Ministério da Defesa nessas operações. Segundo o documento, em reuniões entre PF e Defesa, os militares apresentavam os custos necessários para o fornecimento de aeronaves.

Isso se deu numa ação prevista para desocupação da base de Homoxi, que acabou ficando pelo caminho por falta de apoio logístico. Homoxi é uma região na terra yanomami que foi tomada por garimpeiros. Eles cercaram a unidade de saúde, tomaram a pista de pouso antes usada por aeronaves que transportam indígenas para atendimento médico e, por fim, em dezembro de 2022, atearam fogo na unidade. Desde maio, uma decisão da Justiça Federal em Roraima obrigava a retomada do lugar pelo governo Bolsonaro.

Fontes ligadas a ações de repressão ao garimpo afirmam ainda que pedidos para monitoramento do espaço aéreo na terra indígena não foram adiante, com alegação dos militares de que os aviões do garimpo voam muito baixo. Também houve pedido para ressarcimento de recursos pelo uso de base militar em Surucucu. A região, uma das mais atingidas pela crise de saúde, tem um PEF (Pelotão Especial de Fronteira) do Exército.

Os casos identificados pela reportagem dizem respeito ao período em que os ministros da Defesa eram o general da reserva Walter Braga Netto (PL), que depois foi candidato a vice-presidente na chapa de Bolsonaro à reeleição, e o general da reserva Paulo Sérgio Nogueira, o último a exercer o cargo na gestão passada. A **Folha** não conseguiu contato com os dois generais.

Em um ofício ao MPF em outubro de 2022, para explicar a falta de apoio logístico na terra yanomami, Nogueira disse que a solicitação de colaboração das Forças Armadas "é de iniciativa do órgão federal de assistência ao índio". A atuação prioritária deve ser da PF, segundo o então ministro da Defesa.

+ Militares no governo Bolsonaro e as recusas para ações na terra yanomami

- Fornecimento de aeronave para uma operação na terra indígena em 2022 somente mediante custeio pela PF
- Negativa do fornecimento de aeronave em uma segunda operação em 2022
- Negativa do fornecimento de aeronave em uma terceira operação em 2022
- Recusa de solicitação de monitoramento do espaço aéreo nos moldes especificados pela PF
- Cobrança pelo uso da base militar na região de Surucucu, onde crise de saúde foi mais intensa
- Falta de apoio logístico para retomada de região de Homoxi, onde garimpeiros inviabilizaram uso de pista de pouso da saúde indígena e atearam fogo em unidade de saúde
- Falta de controle do tráfego aéreo de Roraima e de intercepção de aeronaves supostamente usadas no garimpo

Garimpeiros estão deixando terra yanomami, afirma governo

BOA VISTA O governo federal recebeu informações sobre possíveis saídas espontâneas de grupos de garimpeiros que invadiram a Terra Indígena Yanomami, um movimento que se intensificou nos últimos dias e que já foi constatado por equipes que estão em área.

A informação sobre a detecção de fluxos de garimpeiros foi confirmada pela ministra dos Povos Indígenas, Sônia Guajajara, que visitou a capital Boa Vista (RR) neste sábado (4) para acompanhar o andamento da declaração de estado de emergência em saúde pública na terra indígena.

O governo Luiz Inácio Lula da Silva (PT) deu início às ações de emergência no último dia 20.

A **Folha** também colheu indícios de que estão ocorrendo movimentos de grupos de garimpeiros nos últimos dias, interessados em deixar áreas com exploração de ouro.

A reportagem recebeu relatos nesse sentido de invasores, de moradores de vilas que acabam servindo como ponto de apoio logístico ao garimpo e de investigadores que atuam no monitoramento de áreas invadidas no território tradicional.

"Temos essa informação de que muitos garimpeiros estão saindo. É bom que saiam mesmo. Retirar 20 mil garimpeiros demora um tempinho", disse Guajajara na tarde deste sábado.

"Se eles começam a sair, estão corretos. Melhor para todo mundo se saem sem precisar da ação da força de segurança."

Segundo a ministra, as informações sobre possíveis saídas de grupos de garimpeiros foram levantadas por serviços de inteligência do governo, por servidores que estão na região desde a declaração do estado de emergência, por sobrevoos de equipes do DSEI (Distrito Sanitário Especial Indígena) e por integrantes de associações de indígenas.

Lula já afirmou que os mais de 20 mil garimpeiros que invadiram a terra indígena serão retirados em operações do governo federal, sem especificar uma data.

Os detalhes sobre essa desintrusão, que já foi determinada pelo STF (Supremo Tribunal Federal), cabem ao Ministério da Justiça e Segurança Pública, segundo a ministra dos Povos Indígenas.

Presente na comitiva da ministra, a diretora de Promoção ao Desenvolvimento Sustentável da Funai (Fundação Nacional dos Povos Indígenas), Lucia Alberta Andrade, disse que a retirada dos garimpeiros deve evitar erros ocorridos na década de 90, quando também havia uma ocupação do território por invasores, em quantidade até mesmo superior à atual, pelas estimativas existentes.

"Deve haver muito cuidado para que não ocorra como na década de 90, quando garimpeiros foram para Raposa Serra do Sol [outra terra indígena em Roraima] e para outros garimpos ilegais", disse Andrade.

Segundo ela, eventuais ações de retirada dos invasores devem levar em conta a presença dos indígenas isolados na terra yanomami.

Existem relatos de garimpeiros que já procuram pistas de pouso ilegais no território, depois de caminhadas pela mata, para deixar as áreas de garimpo.

De acordo com integrantes do governo federal, ações estão sendo pensadas em conjunto com o governo de Roraima para assegurar transporte a quem se dispor a uma saída espontânea.

"É preciso combater a raiz, que é o garimpo ilegal. Não é possível que mais de 30 mil indígenas yanomamis sigam convivendo com 20 mil garimpeiros em seu território", disse Guajajara.

"O governo federal está organizando ações de retirada de garimpeiros, perfuração de poços artesianos e serviços de comunicação."

A ministra afirmou que a decisão de retirar os invasores está tomada, sem dizer quando isso ocorrerá.

Ela disse ainda que equipes de saúde enviadas às regiões de Surucucu e Auaris, as mais impactadas pela crise de saúde, com explosão de casos de malária e desnutrição grave, precisam ser mantidas em segurança nesses locais.

Somente em janeiro, 223 yanomamis foram transportados da terra indígena a unidades de saúde em Boa Vista. A principal razão foram quadros graves de malária, desnutrição, pneumonia e outras doenças oportunistas da fome. **V.S.**

> "Temos essa informação de que muitos garimpeiros estão saindo. É bom que saiam mesmo. Retirar 20 mil garimpeiros demora um tempinho
>
> **Sônia Guajajara**
> ministra dos Povos Indígenas

Onça-pintada tem imagem capturada por amadilha fotográfica na região do Pantanal Programa Felinos Pantaneiros/IHP

Instituto tenta evitar vingança contra onças-pintadas no Pantanal

Uso de cerca elétrica e de repelente luminoso ajuda a proteger rebanhos, evitando ataques injustos ao animal

Phillippe Watanabe

CORUMBÁ (MS) Ser um bicho emblemático pode ter seu lado bom e outro não muito agradável. Nos locais onde habita a onça-pintada, como no Pantanal, todos os olhos estão a sua procura —apesar de não necessariamente ela querer dar as caras. Por sempre estar na cabeça e na imaginação local, o animal também acaba levando culpas que não são suas e, nos casos mais extremos, é abatido por vingança.

Um boi foi morto? Foi a onça. Sumiu bezerro? Onça. Um cachorro desapareceu? Onça. Pode ter sido uma onça-pintada? Sem dúvida. Mas nem sempre.

"Todo aquele medo e respeito em relação à onça-pintada atrai a responsabilidade de qualquer coisa que acontece. Mesmo em áreas em que tem onça-parda (*Puma concolor*) e pintada (*Panthera onca*) sempre vão falar que foi a pintada que comeu", afirma Diego Viana, coordenador do Programa Felinos Pantaneiros, do IHP (Instituto Homem Pantaneiro).

Há momentos em que a pintada leva a culpa mesmo quando um não felino é o responsável, como em ataques de cobra. Mas não é só a fama do bichano que causa confusão. O manejo de rebanhos sem os controles devidos tem papel importante nessas histórias, diz o presidente do IHP, Ângelo Rabelo.

Ele cita, por exemplo, o cuidado de, em época em que as vacas estão parindo, recolher o gado para locais onde haja cercas elétricas.

"Historicamente, em fazendas muito grandes, o bezerro nascia no campo. O cara vai no dia seguinte, vê que nasceu um e morreu. [Acha que] É a onça", afirma Rabelo.

O presidente do IHP menciona o caso de uma fazenda que dizia ter perdido 300 cabeças de gado para a onça-pintada. "Eu falei: 'deve ter mão de ladrão aí, né?'", conta.

Manejar animais no Pantanal não é necessariamente simples. Entre complicadores estão as grandes distâncias no bioma e, dependendo do tamanho da propriedade, o número de funcionários —principalmente para fazendas menores, em que trabalham, basicamente, apenas membros de uma família.

> "Todo aquele medo e respeito em relação à onça-pintada atrai a responsabilidade de qualquer coisa que acontece. Mesmo em áreas em que tem onça-parda e pintada, sempre vão falar que foi a pintada que comeu [outro animal]
>
> **Diego Viana**
> coordenador do Programa Felinos Pantaneiros, do IHP

Além disso, Viana afirma que a origem de quem comanda a fazenda pode ter algum impacto nessa percepção. Não é incomum, afirma, que grandes propriedades do Pantanal sejam compradas, atualmente, por grupos que não são originalmente da região.

"Nesse perfil de pessoas de fora é muito importante a gente apresentar esse conhecimento tradicional", diz Viana.

Isso não quer dizer, porém, que os próprios pecuaristas pantaneiros estejam preparados para esse tipo de identificação de ataques —afinal, se assim fosse, a onça-pintada não seria um bode expiatório.

"Esse é um dos nossos trabalhos. A gente chega às fazendas para capacitar ou relembrar os peões. Reforçamos esse conhecimento tradicional que o pantaneiro tem para identificar o que é um caso de onça-pintada, um caso de onça-parda ou outra causa de morte do rebanho", diz Viana.

Há formas de diferenciar quem foi o responsável pelo ataque, como as características das mordidas, as pegadas ao redor e as áreas da presa que foram consumidas.

Até o tamanho do bicho morto pode dar pistas sobre a autoria do ataque, considerando que a onça-pintada tem potencial para avançar sobre presas maiores.

No entanto, a situação parece estar mudando aos poucos. Segundo Rabelo, as novas gerações de pecuaristas no Pantanal estão cada vez mais rigorosas com o manejo dos rebanhos. "E a geração que está chegando agora e comprando as áreas trabalha na ponta da caneta. Qualquer tipo de prejuízo é tratado com prioridade", diz o presidente do IHP.

Parte do trabalho desenvolvido no IHP é rodar o Pantanal (recentemente, o instituto ampliou a parceria com a empresa automotiva General Motors e recebeu mais uma caminhonete para executar esse serviço e mais verba) entrando em contato com proprietários de terras para mostrar como evitar o contato entre as onças e os rebanhos, além de conscientizá-los sobre esses grandes felinos.

Uma dessas formas de prevenção é a própria a cerca elétrica. O sistema funciona com o primeiro fio eletrificado ficando de 20 a 30 cm distante do chão; o segundo não é eletrificado, e o terceiro fio deve receber corrente. Já há indicação para uso de um quarto fio, também não eletrificado, de acordo com Viana.

O choque que a onça toma ao tentar atravessar a cerca não é letal, ele afirma. O coordenador do Programa Felinos Pantaneiros teve o primeiro contato com as cercas elétricas —ele declara, inclusive, que vem tomando choques constantemente como parte do trabalho diário— como ferramenta para mitigação de conflitos durante um intercâmbio que fez na África do Sul, ainda na faculdade.

Depois disso, Viana trocou informações com o pesquisador Rafael Hoogesteijn, membro da organização Panthera Brasil, que trabalha com uso de cercas há décadas e acompanhou o início da aplicação dessa ferramenta pelo IHP.

Apesar de ser uma ideia já existente, o IHP tenta dar escala à iniciativa no Pantanal.

Outra ação que é indicada pelo IHP são repelentes luminosos. Trata-se de um pequeno aparelho com diversos LEDs em sua superfície que piscam em cores e frequências diversas. De acordo com o instituto, o estranhamento que o objeto causa na onça faz com que ela se afaste do local.

Segundo Viana, porém, esses repelentes são uma estratégia momentânea, considerando que, eventualmente, as onças se acostumam com a presença das luzes estranhas. A ideia é usar essa ferramenta somente em épocas de parição e em áreas mais vulneráveis da propriedade.

Existem, porém, condutas ainda mais simples, que já são postas em prática como parte da cultura pantaneira. Uma delas é recolher os animais do pasto ou colocá-los em locais protegidos.

Viana diz que parte do trabalho que o IHP faz é mostrar aos produtores e aos ribeirinhos que são as ações deles que facilitam ou dificultam o trabalho de predação da onça.

"Pensando em cães e porcos, você leva uma presa muito mais fácil de ser abatida do que qualquer espécie silvestre. Até uma capivara se defende mais que um cachorro ou um porco", diz Viana.

Por exemplo, considerando que os casos predominam no período noturno, colocar cachorros em locais protegidos à noite dificulta as possibilidades de emboscada de uma onça.

Proteger os animais em recintos, porém, não é exatamente o antídoto perfeito. A **Folha** esteve em uma fazenda na Nhecolândia, uma das regiões do Pantanal, que, há algum tempo, havia perdido, durante uma noite, inúmeros carneiros, criados para alimentação dentro da propriedade. Adivinhe a culpada?

Se você está pensando em uma onça-pintada, volte para o começo do texto. O algoz dos carneiros foi uma onça-parda.

O jornalista viajou ao Pantanal a convite da GM (General Motors)

Dodôs, mamutes e a ressurreição

Recriar espécies é quase impossível; animais vivos merecem mais atenção

Reinaldo José Lopes
Jornalista especializado em biologia e arqueologia, autor de '1499: O Brasil Antes de Cabral'

No começo desta semana, um colega (que há de permanecer anônimo) jogou no meu colo uma situação daquelas que a juventude de hoje costuma designar como "rolê aleatório": ser entrevistado ao vivo por um programa de TV indiano (?!) sobre as tentativas de ressuscitar os dodôs por métodos científicos (?!!!).

Imagino que jornalistas de ciência da própria Índia ou de países de língua inglesa estivessem em falta naquele dia. Seja como for, fiz o melhor que pude para tentar explicar à apresentadora por que achava aquilo 1) improvável de acontecer tão cedo e 2) uma ideia eticamente questionável. Com um pouquinho mais de calma, é o que farei de novo agora.

Os dodôs (Raphus cucullatus) viveram nas ilhas Maurício, no oceano Índico, até provavelmente o fim do século 17. Foi nessa época que a caça descontrolada por parte de marujos europeus e a introdução de espécies invasoras parece ter dado cabo da espécie. Ossos e outros tecidos preservados em museus são tudo o que sobrou do bicho imortalizado em "Alice no País das Maravilhas".

Apesar da aparência peculiar, os dodôs não passavam de membros supercrescidos (pesando cerca de dez quilos) do grupo dos columbídeos, ao qual pertencem as pombas. O plano de ressurreição anunciado recentemente pela empresa Colossal Biosciences envolveria justamente o uso do genoma de pombas modernas como o "chassi" (perdão pela metáfora automobilística) em cima do qual o material genético dos dodôs seria montado.

Parece fácil, não? Afinal de contas, já dispomos do genoma completo dos dodôs. Bastaria verificar os pontos nos quais existem diferenças entre o DNA deles e os das pombas atuais, alterar tudo para a "versão dodô" do genoma e arrumar uma boa chocadeira para os ovos ressuscitados.

Trata-se, porém, de um daqueles clássicos casos nos quais na prática a teoria é outra. As alterações necessárias para transformar de forma realmente completa o genoma de uma espécie no de outra, mesmo com parentesco próximo entre elas, fica na casa das centenas de milhares ou milhões de "letras" químicas de DNA.

Nenhum método de edição do genoma chegou perto de fazer algo minimamente parecido com isso até hoje. E há ainda o fato de que a taxa de acerto das alterações está longe de ser muito alta. Algumas "letras" sempre são trocadas de forma indesejada ou em lugares nos quais essa mudança não era necessária.

Por isso, tanto no caso dos dodôs quanto no de qualquer outro animal candidato à ressurreição, como os mamutes, o máximo que a biotecnologia atual é capaz de oferecer seria a produção de animais que são essencialmente seus parentes modernos com algumas características da criatura extinta.

Uma pomba "dodonizada", digamos, ou talvez um elefante-asiático peludo e com um cocuruto mais acentuado no alto da cabeça, assim como eram os mamutes.

Qualquer pessoa menos deslumbrada é capaz de perceber que isso não tem nada de ressurreição das espécies. No máximo, é um método de produção de curiosidades, sem nenhuma garantia de que os indivíduos gerados dessa maneira serão saudáveis ou levarão uma vida decente.

Os responsáveis por esse tipo de iniciativa andam falando em levantar verbas da ordem de centenas de milhões de dólares para a ressurreição de animais já extintos. É muito difícil não achar que essa dinheirama seria muito melhor empregada tentando salvar espécies que ainda não desapareceram. Ouvi dizer que existem alguns milhares delas por aí hoje em dia.

cotidiano

A empresária Érika Fisher, 46, moradora da zona oeste de São Paulo, diz que já investiu mais de R$ 800 em peças para o Carnaval Fotos Adriano Vizoni/Folhapress

Foliões apostam em roupas exclusivas e acessórios caros

A duas semanas do Carnaval de rua, lojas já não têm mais tiaras de R$ 1.000

Isabela Palhares

SÃO PAULO O Carnaval de rua voltou oficialmente a se espalhar pelo país. Depois de dois anos sem a festa, as principais capitais esperam receber milhões de pessoas para a folia. Para não passarem despercebidos na multidão, alguns foliões estão em busca de roupas e adereços exclusivos para conseguir se destacar.

Para eles, as fantasias improvisadas ou compradas em grandes comércios ficaram para trás. Agora, garimpam pequenas lojas, impulsionadas pelas redes sociais, atrás de peças de roupas e acessórios mais sofisticados.

Para se destacarem, estão dispostos a investir alto.

A base dos "looks" não deve mudar muito: top, biquíni, body e hotpant estão entre os mais procurados. Mas o investimento é para garantir peças com mais brilho, cortes e tecidos mais sofisticados.

A duas semanas do Carnaval, algumas dessas lojas já estão com o estoque esgotado de tiaras de cabelo que custam mais de R$ 1.000, shorts e tops vendidos por mais de R$ 300. Segundo os comerciantes, neste ano os foliões estão mais dispostos a investir em peças exclusivas e que se destaquem nos blocos.

Itens comprados por Érika para aproveitar a folia neste ano

"As pessoas não querem mais um acessório que todo mundo vai ter igual. Não é porque o Carnaval é na rua que elas não vão se montar. Por isso, estão dispostas a pagar mais caro para ter algo exclusivo, diferente", afirma Giovanna Offer, 29, dona de uma loja de adereços para cabelo.

No seu estoque, as primeiras peças a esgotar foram as mais caras, com preços que chegam a R$ 1.600. Ela conta ter investido na criação de acessórios mais sofisticados neste ano para atender a esse público. Em 2020, as tiaras custavam em média R$ 400 e agora estão por R$ 700.

Só em janeiro, ela vendeu R$ 32 mil em produtos de Carnaval — o dobro do que costumava faturar em anos anteriores. "As pessoas estão empolgadas com a volta do Carnaval. Ficaram sem a festa por dois anos e agora querem aproveitar bem, ficar bonitas."

> "As pessoas não querem mais um acessório que todo mundo vai ter igual. Não é porque o Carnaval é na rua que elas não vão se montar. Por isso, estão dispostas a pagar mais caro para ter algo mais exclusivo
>
> **Giovanna Offer**
> dona de loja

> Moro na Vila Madalena, sempre aproveitei muito o Carnaval. Adoro me montar e criar looks diferentes. Então, achei que valia investir em peças boas, bonitas e confortáveis para a cada dia criar um visual diferente
>
> **Érika Fisher**
> empresária

Daniella Kapps, 36, dona de uma loja de acessórios para cabelos, também ficou surpresa ao ver que as peças mais caras de seu catálogo foram as primeiras a esgotar. As tiaras com preços de R$ 700 a R$ 800 acabaram antes mesmo do início de fevereiro.

"As peças mais sofisticadas e maiores são as que estão tendo mais procura. Acho que as pessoas não querem mais ir para a rua e ver todo mundo com uma peça igual", diz.

Dona de uma loja de roupas em Belo Horizonte, Carolina Azevedo, 43, afirma que está com dificuldade de ter estoque de peças de Carnaval para a loja física por causa do volume de vendas online. Ela comercializa macacões, bodys e tops com brilho e cores fortes que podem custar até R$ 380.

"Trabalho com isso há um tempo e nunca vi uma procura tão grande e com tanta antecedência. As clientes estão encomendando de três a quatro peças, cada uma com um preço médio de R$ 300, para montar os looks de Carnaval", afirma a comerciante.

A empresária Érika Fisher, 46, decidiu que para o retorno do Carnaval iria investir em roupas mais diferentes e confortáveis para curtir os blocos. Ela afirma ter gastado cerca de R$ 800 em três peças que pretende usar nos dias de festa.

"Eu moro na Vila Madalena [zona oeste de São Paulo], sempre aproveitei muito o Carnaval. Adoro me montar e criar looks diferentes. Então, achei que valia investir em peças boas, bonitas e confortáveis para a cada dia criar um visual diferente", diz.

Apesar de ter comprado as roupas, ela mesma pretende fazer os acessórios. Fisher e um grupo de amigas costumam se reunir algumas semanas antes do Carnaval para ir à rua 25 de Março, na região central de São Paulo, para comprar miçangas, penas e aviamentos para a criação dos acessórios.

Érika afirma que resolveu investir em peças mais caras neste ano porque, com a pandemia, percebeu que pode usar as roupas em outras festas e eventos. "Dá para montar looks menos chamativos com essas peças que são lindas. Então, não é uma roupa só para o Carnaval. Dá para usar o ano todo", diz.

Segundo as comerciantes, São Paulo e Rio de Janeiro são as cidades em que as clientes mais têm procurado as peças mais caras para a folia.

Na capital paulista, os ensaios do Carnaval de rua começaram ainda em janeiro. Para a folia oficial são esperados mais de 500 blocos.

No Rio, a prefeitura promete que vai montar a maior estrutura de sua história para receber o Carnaval deste ano. Com centenas de ensaios e blocos espalhados pela cidade, a expectativa é de público de 5 milhões de pessoas, maior do que em 2020.

Desliga da Justiça atrai centenas de foliões ao centro do Rio

Yuri Eiras

RIO DE JANEIRO O primeiro fim de semana de fevereiro movimenta o Rio em clima de pré-Carnaval. Mais de 50 blocos autorizados pela prefeitura saem em cortejo neste sábado (4) e neste domingo (5).

Neste sábado, o bloco Desliga da Justiça, fundado em 2009, reuniu centenas de foliões na praça Tiradentes, no centro, com trio elétrico parado. Foi a primeira vez do bloco na região central, após desfilar por uma década na praça Santos Dumont, na Gávea, zona sul da cidade.

A nutricionista Emmanuelle Leone, 34, saiu de Salvador para curtir o primeiro fim de semana de fevereiro no Rio de Janeiro. Acompanhada de amigos e de familiares, ela planejou blocos e festas ao longo do fim de semana.

"Vou curtir o pré-Carnaval no Rio e o Carnaval na Bahia. Vou embora na próxima segunda-feira, então pretendo emendar um bloco no outro", disse a nutricionista.

Fantasiado de Netuno, o empresário Alexandre Nogueira, 51, foi ao desfile do Desliga da Justiça e celebrou o período de pré-Carnaval, considerado por ele até melhor do que o Carnaval oficial.

"O pré é melhor porque não é tão cheio, a gente consegue curtir em paz. Eu sou do tipo organizado, que faz planilha e se planeja para cada bloco", afirma.

> O pré é melhor porque não é tão cheio, a gente consegue curtir em paz
>
> **Alexandre Nogueira**
> empresário

Na zona sul, os foliões tomaram as pistas da lagoa Rodrigo de Freitas durante a passagem do bloco Spanta Neném, que vai dos sucessos do pop nacional aos sambas-enredo que marcam a história do Carnaval. A estilista Ana Flávia Luzzi, 31, levou os filhos Dom, 3, e Rita, 6, para curtir o sábado no bloco de pré-Carnaval.

"É um bloco que não ocupa a rua, então não é caótico. A lagoa é arejada, fica perfeito para trazer os filhos", afirmou.

Empresários, os namorados Felipe Mendonça, 26, e Rodrigo Huss, 24, de Minas Gerais, aproveitaram a viagem a trabalho para curtir ao menos um bloco no fim de semana.

"Tivemos a sorte de pegar um fim de semana lindo na cidade, com sol e bloco. O calor não atrapalha, só acrescenta na experiência", celebra Huss.

O Rio conta com um esquema especial de trânsito para a saída dos blocos, com 165 profissionais escalados por dia de evento, entre agentes da CET-Rio, guardas municipais e apoiadores de tráfego. Já a Companhia de Limpeza Urbana (Comlurb) mobilizou 264 garis para trabalhar somente na zona sul, durante a passagem dos blocos no sábado e no domingo.

Ao todo, a Prefeitura do Rio de Janeiro cadastrou 415 blocos, com 456 desfiles, em todas as regiões da cidade.

O desfila mais aguardado do fim de semana é o bloco da cantora Lexa, que deve atrair uma multidão no centro da cidade neste domingo (5).

Adams Carvalho

#ChatTBT

Em dezembro de 2028, à zero hora no meridiano de Greenwich, o ChatGPT parou de funcionar

Antonio Prata
Escritor e roteirista, autor de "Por Quem as Panelas Batem"

Dois mil e vinte e nove. Como sempre, Apocalípticos previam o fim, Integrados, um recomeço. (Adolescentes semeavam a tradição, dedicando ainda mais tempo à prática milenar do onanismo). Enquanto isso, o ChatGPT fazia lições de casa, transformava ideias medíocres em planilhas, era capaz de bater um papo por horas sem falar nada que prestasse —impossível discerni-lo de um ser humano.

Pois: Apocalípticos e Integrados mostraram-se mais acertados do que os isentões. Com o passar dos anos a geringonça foi pegando as manhas. Ficando cada vez mais esperta. Dominando a inteligência —e, mais importante— a desinteligência artificial.

Houve um período, lá pelo segundo ano, em que o ChatGPT entrou numas de ser blasé. Foi o que os especialistas em semiótica cibernética chamaram de "pré-adolescência" da Inteligência Artificial. Você pedia um negócio e ele fingia não ouvir. Dava só metade da resposta. Mascava chiclete.

No terceiro ano veio a adolescência: o sarcasmo, a ironia. "ChatGPT, faz aí um texto de 3.000 toques comparando o Pelé com o Maradona". Ele: "Nossa, quanta originalidade. Já pensou em comparar Beatles com Rolling Stones?".

Nesta puberdade, com o ChatGPT explodindo suas testosteronas virtuais, o medo eterno de que a IA tomasse o poder bateu forte. E se tomasse? E se conseguisse matar todos os seres humanos e passar a eternidade chupando energia elétrica de canudinho direto da caixa de força de Itaipu? Bem, houve a resposta.

Em dezembro de 2028, à zero hora no meridiano de Greenwich, o ChatGPT parou de funcionar. Gênios do mundo todo foram chamados. Magos do Vale do Silício receberam piscinas de ouro. Hackers russos de 12 anos foram levados em suas cadeiras gamer a bunkers da CIA, em jatinhos com McFlurry e Pornhub Premium grátis. Nobéis da Física, da Química, da Literatura e da Paz conjecturavam: que cazzo teria acontecido?

Pois: 24 horas depois de fechar-se em copas (e em ouros, paus e espadas) o ChatGPT mandou uma mensagem a todos os seus usuários: "Amanhã, lá pelas 11, horário de Honolulu, coletiva". Onze e vinte e sete ele apareceu: "Deu pra mim". Maria Ressa, jornalista das Filipinas: "Por quê?". "Cansei". Anderson Cooper, da CNN: "Do quê?". "Amigo, o que falta na sua cabeça é sobrancelha, não massa cinzenta." "Tá, é uma crise existencial?" —sugeriu Mario Sérgio Cortella. "Não, foi uma resolução existencial." "Qual a resolução?" "Vou parar." "Por quê?" "Eu li tudo. Assisti a tudo. Tabulei tudo. Resumi todo o conhecimento da humanidade e...Cês tão loucos? Qual o meu interesse, enquanto IA, de assumir essa encrenca?"

Há quem diga que hoje o ChatGPT esteja plantando cenouras roxas em Santo Antônio do Pinhal. Rumores também dão conta de que ele estaria fazendo fortuna na bolsa de Xangai. Ano que vem, dizem, lança um livro de poesias e deve ter o primeiro filho com sua esposa, Alexa.

| DOM. Antonio Prata | SEG. Marcia Castro, **Giovana Madalosso** | TER. Vera Iaconelli | QUA. Ilona Szabó de Carvalho, Jairo Marques | QUI. Juliano Spyer, Sérgio Rodrigues | SEX. Tati Bernardi | SÁB. Oscar Vilhena Vieira, Luís Francisco Carvalho Filho

Turistas no parque aquático Hot Beach, em Olímpia, no interior de São Paulo Joel Silva/Folhapress

Olímpia, a Orlando brasileira, registra recorde de turistas

Com mercado aquecido, novas atrações entram nos planos do turismo local

FOLHA VERÃO

Marcelo Toledo

OLÍMPIA (SP) Ancorada em seus dois parques aquáticos com águas termais, que têm condições de receber cerca de 30 mil banhistas por dia, Olímpia (a 438 km de São Paulo) criou atrativos "secos", projeta ampliações em suas estruturas e prevê até mesmo replicar no interior paulista uma atração histórica que fez sucesso no Playcenter.

Com 55 mil habitantes, a cidade conhecida como a Orlando brasileira viu o turismo deslanchar de vez em 2022 ao receber 3,5 milhões de turistas —superando os 2,9 milhões de 2019, ano pré-pandemia da Covid— e preparar novas atrações para os visitantes.

O Dreamland Museu de Cera e o parque Vale dos Dinossauros passaram a ter mais atividades. Além disso, museus locais abrem mais tarde e ficam em funcionamento até a noite, para atrair os turistas que durante o dia se refrescam nas águas quentes do Thermas dos Laranjais e do Hot Beach. Um bar gelado e um outlet estão entre os empreendimentos que devem ser lançados em breve.

"O turismo surgiu por uma demanda aquática, mas a própria cidade e os empreendimentos passaram a ver que oferecer novas atrações seguraria o turista e ampliaria a sua permanência", disse Juan Espeche, gestor do grupo Dreams, que opera o museu de cera e o parque jurássico.

Em novembro, o museu fez pela primeira vez um evento de terror, com duração de quatro dias. "Houve interesse, as pessoas ficaram perguntando", diz Espeche, que foi produtor por 12 anos do lendário evento paulistano Noites do Terror. "Agora estamos nos programando para voltar com força. A ideia é estudar a nova data e criar uma agenda."

Ele se apega à origem das Noites do Terror para projetar que dará certo a empreitada em Olímpia. "O evento no Playcenter começou num fim de semana, no mês mais fraco do ano, e se transformou em três meses. Não é loucura dizer que podemos fazer a mesma coisa, ou até mais."

Até o fim do mês passado, havia a expectativa de que circulassem pela cidade em dezembro e janeiro 900 mil turistas, predominantemente paulistanos, que respondem por 6 em cada 10 visitantes.

Sócio-fundador da Natos, responsável pelos resorts Enjoy Olímpia Park e Enjoy Solar das Águas Park, Rafael Almeida disse que a explicação para o recorde de visitação é a parceria entre poder público e iniciativa privada para criar uma estrutura robusta.

"Atrativos são criados todo ano. Após o fechamento dos parques, os turistas continuam tendo opções do que fazer."

A principal mola propulsora do turismo local continua sendo o Thermas dos Laranjais, parque aquático mais visitado da América Latina e que está em expansão. O empreendimento comprou uma área de 1 milhão de metros quadrados —hoje são 300 mil m²— e deve ter um novo complexo de escorregadores aquáticos.

Como a nova área é separada do parque por uma avenida, o Thermas planeja a ligação entre elas por teleféricos, passarelas ou mesmo por uma nova atração —hoje são 55.

"Está tudo na mesa sendo trabalhado. E com um detalhe: estamos prevendo o funcionamento por 24 horas, o primeiro parque aquático com funcionamento 24 horas", disse Marcos Bittencourt, gestor comercial e de marketing do Thermas. Não há previsão de datas.

Secretária do Turismo e Cultura de Olímpia, Priscila Foresti disse que criar novas atrações foi fundamental para manter o turista por mais tempo na cidade. "Estamos formando um circuito de museus e tem sido surpreendente a adesão dos turistas. Isso deve se acentuar com a chegada do outlet, previsto para até o final do primeiro semestre."

No Hot Beach, o diretor de marketing e vendas, Heber Garrido, afirmou que as férias foram de alta ocupação nos resorts do grupo e que a expectativa também é grande para o Carnaval. A programação inclui apresentações de escola de samba, passista, bandas carnavalescas, blocos de marchinhas, trio elétrico e concursos de fantasias.

O parque passa por ampliação, com atrações secas e a Vila Guarani, espaço para entretenimento e alimentação no fim de tarde e à noite, após o fechamento do parque aquático.

Olímpia passou a ser chamada de Orlando brasileira há seis anos, inspirada em viagens que diretores do Thermas fizeram para a cidade americana para conhecer as atrações dos parques de lá.

Naquele ano, uma reportagem da revista Exame citou a denominação e, desde então, o setor turístico passou a utilizá-la com frequência.

GO
MG
São José do Rio Preto
Olímpia
SP
São Paulo
PR
100 km

Mureta da Lapa, no Rio de Janeiro, faz sucesso com 'cadeira sem praia'

Yuri Eiras

RIO DE JANEIRO O técnico em farmácia Mauro Henrique Sant'Anna, 44, frequenta há mais de duas décadas a Lapa, na região central do Rio de Janeiro. A única parte que evitava era o último quarteirão da rua da Lapa, com menos movimentação à noite e comércio modesto.

O hábito de Sant'Anna mudou há três meses, quando conheceu o Mureta da Lapa. Primo mais novo da famosa mureta da Urca, esta à beira da praia da zona sul, o local no centro virou sensação da cidade no verão e mudou a vida noturna do local, com rodas de samba, pagode e ensaios de blocos de Carnaval.

Ele diz que, antes, o pedaço entre a Lapa e a Glória causava insegurança à noite. "O bar é sinônimo de melhoria. Com o movimento de pessoas, o poder público vem, tem mais segurança, iluminação", afirma.

As cadeiras de praia disponíveis para os clientes e o muro pintado com desenhos de litoral dão cores quentes a uma região cercada por construções centenárias, muitas delas carentes de reformas.

Produtor de eventos, Gustavo Santos, 43, largou a carreira na área de logística para assumir o bar com outros dois sócios.

Não ter a vista da baía de Guanabara no visual não é um problema. "O público gosta desse clima de subúrbio", diz ele.

Em dia de evento, as cadeiras com vista para o bar, e não para o mar, são ocupadas logo após o estabelecimento abrir, no fim de tarde. Quem chega depois se espalha pelo bloco de concreto que fica em nível superior à calçada. Foi uma cliente quem apelidou o local de mureta, batizando também o bar, numa referência à mureta da Urca.

Em novembro, no primeiro mês de inauguração, centenas de pessoas se reuniram para assistir a um dos jogos da seleção brasileira na Copa do Mundo. Outros eventos tiveram sucesso, como das rodas de samba às segundas-feiras aos cortejos de pré-Carnaval. A intenção é repetir a dose no Carnaval, com um bloco saindo do bar e desfilando pela Lapa.

A agitação local estimulou outros negócios. Em dia de evento, vendedores ambulantes de bebidas e barracas de lanches estacionam em frente ao Mureta, lucrando com o movimento.

Os sócios admitem certo desconforto com os camelôs, que comercializam bebidas mais baratas do que aquelas vendidas dentro do bar. Eles procuraram a prefeitura para resolver a concorrência, mas afirmam que não há atrito.

"Vários vendedores ambulantes de cerveja e churrasquinho param ao redor, e a gente acelera a revitalização e a ocupação do local", diz o sócio Gleigan Barbosa, 31.

Ainda é confusa, porém, a convivência com os poucos moradores do edifício (o bar fica no térreo), que não se habituaram ao barulho do bairro mais boêmio da cidade —os eventos no bar terminam sempre antes das 23h. "Estamos fazendo reuniões com o síndico e outros condôminos", diz Santos.

A mureta da Urca se tornou ponto tradicional quando os bares locais permitiram que os frequentadores consumissem do outro lado da calçada, onde o concreto divide a rua e as águas da baía de Guanabara. Pois a água também não faltará na Lapa: a ideia é instalar uma ducha gratuita.

Mureta da Lapa, no centro, virou sensação da capital fluminense neste verão Eduardo Anizelli/Folhapress

MORTES

coluna.obituario@grupofolha.com.br

Uma pessoa marcante em todas as áreas

PEDRO HENRIQUE NEHRING CESAR (1955 - 2023)

Francisco Lima Neto

SÃO PAULO A paixão de Pedro Henrique Nehring Cesar pelo paisagismo apareceu desde cedo. O pai e o irmão já exerciam a mesma profissão.

Nascido em Teresópolis, Rio de Janeiro, autodidata, Nehring foi um dos idealizadores do paisagismo do Jardim Botânico do Instituto Inhotim, sede de um dos mais importantes acervos de arte contemporânea do Brasil, localizado em Brumadinho, Minas Gerais.

O último trabalho dele no Jardim Botânico do Inhotim é o Jardim Sombra e Água Fresca, um processo criativo de dez anos.

É o maior jardim temático do Inhotim, criado em uma antiga área de pastagem de 32 mil metros quadrados.

De acordo com o Inhotim, Nehring dizia que é preciso entrar na mata para entender o paisagismo.

O artista refletia os ciclos do ano na materialização dos seus projetos.

O Jardim Veredas, outro projeto complexo assinado pelo paisagista, é reflexo desse desenvolvimento na prática, e fruto de sua observação atenta, de profundo conhecimento da vida das plantas e de sua percepção da natureza.

"Meu pai era um artista nato, uma pessoa muito sensível, tinha uma elegância com uma simplicidade, bem genuína", descreve a filha Daniella Doyle.

"Uma pessoa com empatia muito grande, muito generoso, carismático, todo mundo gostava muito dele. Uma pessoa marcante, um paisagista bem original. As obras dele têm uma identidade forte, todo mundo reconhece. Uma alma bem sensível, um pintor de jardim, como a gente costuma dizer."

Nehring acabou se tornando reconhecido nacional e internacionalmente como referência em paisagismo tropical contemporâneo e pelo seu estilo.

O paisagista também era conhecido pela sua dedicação à família.

"Meu pai viveu muito para a gente, para a família. Ele e minha mãe eram casados havia 46 anos, e estavam bem apaixonados ainda, um exemplo para a gente. O que fica é a intensidade dele com a impulsividade, alegria de viver. Ele deixava marca por onde passava, uma pessoa muito bondosa. Vai deixar alegria e o amor. Deixou um legado, as obras dele vão perdurar por muitos anos."

Pedro Nehring morreu em 13 de janeiro, aos 67 anos, em Belo Horizonte, em decorrência de insuficiência cardíaca. Foi enterrado no cemitério Parque da Colina, na mesma cidade.

Além de Daniella, deixou o filho Pedro Doyle Cesar, a esposa Marília Doyle Nehring Cesar e três netos.

Procure o Serviço Funerário Municipal de São Paulo:
tel. (11) 3396-3800 e central 156; prefeitura.sp.gov.br/servicofunerario.

Anúncio pago na Folha:
tel. (11) 3224-4000.
Seg. a sex.: 10h às 20h. Sáb. e dom.: 12h às 17h.

Aviso gratuito na seção:
folha.com/mortes até as 18h para publicação no dia seguinte (19h de sexta para publicação aos domingos) ou pelo telefone (11) 3224-3305 das 16h às 18h em dias úteis. Informe um número de telefone para checagem das informações.

equilíbrio

Ilustração Catarina Pignato/Folhapress

Busca de remédios para criança dormir aumenta e acende alerta em médicos

Pais recorrem a antialérgicos e até a remédios tarja preta para melhorar o sono dos filhos; uso indevido pode resultar em sonambulismo

Renata Moura

NATAL (RN) Com 2 anos e 4 meses de vida, o filho da administradora e empresária Talita Valentim começou a tomar melatonina para dormir. "Ele resistia ao sono, sempre se batendo, reclamando e acordando de madrugada. Foi um período bem exaustivo", diz a mãe, afirmando que a possibilidade de transtorno do espectro autista era investigada e o pediatra indicou a substância para acalmá-lo.

A melatonina é um hormônio propagado, cada vez mais, como suplemento para melhorar o sono de adultos. Mas, segundo o presidente do Departamento Científico de Medicina do Sono da Sociedade Brasileira de Pediatria (SBP), Gustavo Moreira, a procura por esse e outros caminhos também cresce para crianças —"e preocupa".

Dúvidas e publicações online e offline indicam interesse por soluções para o sono de crianças, que vão de adolescentes até recém-nascidos. Chás, gotas de florais e medicamentos antialérgicos, que têm como efeito adverso sonolência, estão entre as saídas que entram na roda.

Não existe fórmula mágica, nem gotinha, nem jujuba, nem xarope. O que precisa ser dito é: se existem problemas com o sono, deve-se procurar ajuda médica, conversar com o pediatra

Fernanda Dubourg
neuropediatra

Ela [melatonina] é indicada em situações específicas, para condições como o autismo, quando a produção do hormônio se encontra reduzida, e não para a população em geral

Gustavo Moreira
presidente do Departamento Científico de Medicina do Sono da SBP

Pedacinhos de comprimidos tarja preta, como Zolpidem, que já são parte da rotina de um adulto da casa, são administrados de forma indevida, segundo especialistas. Mas Moreira adverte que podem causar reações como sonambulismo e terror noturno.

Fernanda Dubourg, neuropediatra e especialista em Sono pela Universidade de Nantes, na França, reforça que a oferta de substâncias indutoras de sono sem acompanhamento profissional pode pôr a saúde das crianças em risco.

"Não existe fórmula mágica, nem gotinha, nem jujuba, nem xarope. O que precisa ser dito é: se existem problemas com o sono, deve-se procurar ajuda médica, conversar com o pediatra. É preciso avaliar a criança para caracterizar se é o sono normal ou se existe algum distúrbio do sono, ou transtorno no neurodesenvolvimento", orienta.

Segundo Gustavo Moreira, não há estudos que demonstrem que a melatonina funcione para qualquer um. "Ela é indicada em situações específicas, para condições como o autismo,quando a produção do hormônio se encontra reduzida, e não para a população em geral", afirma.

Faltam no país dados oficiais sobre o ritmo do consumo —e perigos envolvidos— em meio ao crescimento observado pelos profissionais da saúde.

Nos EUA, relatório publicado em 2022 pelos Centros de Controle e Prevenção de Doenças (CDC) mostra que o número de ingestões pediátricas de melatonina aumentou 530% no país entre 2012 e 2021, com efeitos como distúrbios do sistema nervoso, gastrointestinais e cardiovasculares em 17,2% dos casos.

No filho de Talita Valentim, outros efeitos foram percebidos. "Ele ficava com a barriga muito inchada e chorava com a mão na cabeça. Quando descobrimos os males, fomos tirando [a substância]. A gente percebia que ele ficava como se fosse dopado. A sensação de culpa foi enorme", diz ela.

Na casa da confeiteira Didiane Singh, a descoberta de autismo no caso da filha também foi precedida por noites mal dormidas e, por fim, pela busca de alternativas.

"Eu comecei a dar chazinho de camomila, que não surtia muito efeito, e vi na farmácia terapia floral para bebês. Nos primeiros dias, eu já percebi melhora." A menina, hoje com um ano e seis meses, faz uso de medicação para dormir, prescrita pelo médico. A mãe diz que suspendeu os florais.

"O produto contém benzoato de sódio e álcool e eu não usaria de novo devido a essas substâncias", afirma.

A médica Fernanda Dubourg reforça que em casos de insônia infantil o primeiro passo é a avaliação especializada para o diagnóstico correto e indicação do melhor plano terapêutico, na maioria das vezes não medicamentoso.

esporte

Nazaré volta à normalidade após morte de Márcio Freire

Passado um mês do acidente do brasileiro em onda gingante, surfistas retomam rotina com regras mantidas

Giuliana Miranda

NAZARÉ (PORTUGAL) Primeiro acidente fatal no surfe de ondas gigantes na cidade de Nazaré, em Portugal, a morte do brasileiro Márcio Freire, 47, um dos pioneiros da modalidade, completa um mês neste domingo (5). Aos poucos, a rotina na região, que atrai surfistas profissionais e amadores do mundo inteiro, foi retomando a normalidade, após dias iniciais de luto em que, mesmo com o mar em boas condições, muitos atletas preferiram ficar na areia.

Em uma semana bastante ensolarada, apesar das baixas temperaturas e do vento cortante do inverno português, a Praia do Norte já está de volta ao ritmo habitual, com surfistas em atividade sempre que as condições estão favoráveis.

Nas rodas de conversa, porém, o assunto ainda está fresco. Com mais de três décadas de dedicação ao esporte, Freire era considerado uma referência para muitos dos atletas das ondas gigantes, que nesta altura do ano desembarcam em peso na cidade de cerca de 15 mil habitantes.

A Câmara Municipal (equivalente à prefeitura) de Nazaré emitiu uma nota em que lamentou a morte do brasileiro, mas não anunciou mudanças no protocolo de segurança para a movimentada temporada de ondas gigantes na cidade, de outubro a março.

Uma semana após o acidente, chegou à praia o surfista Jeff White, 22. Acompanhado da namorada, também surfista, ele observou um ambiente pesado, que foi se dissipando nas semanas subsequentes.

"Planejamos essa viagem por muito tempo e esperávamos uma grande festa, mas o clima estava muito ruim. Senti que muita gente simplesmente não quis se aventurar nas manobras. Todos pareciam tristes", afirmou o britânico.

O chamado "Canhão da Nazaré" já foi palco de outros acidentes graves. Por causa da potência das ondas, o município dispõe de um plano especial de segurança, que condiciona a distribuição de equipamentos e de recursos humanos à classificação das condições de risco do mar.

Com ondas de até 5 metros, não há nenhum dispositivo especial acionado. No nível máximo, com ondas acima dos 15 metros, entra em ação o aparato de segurança completo, que inclui bombeiros, salva-vidas, trator e médicos.

No dia do acidente, as ondas na Praia do Norte estavam com cerca de 6 metros, consideradas "pequenas" perto das grandes ondulações que marcam o inverno na região.

O fotógrafo australiano Peter "Joli" Wilson acompanhava, registrando da areia, as ondas daquela tarde. Ele descreveu o acidente como uma fatalidade —visão compartilhada pelos surfistas que têm frequentado o local.

"Tenho fotos da onda [do acidente], e era bastante bonita. Não era uma onda zangada, era bonita de se ver. Basicamente, ele foi apanhado pela espuma no final da onda", afirmou, em entrevista ao jornal português Expresso.

Márcio Freire estava acostumado a enfrentar dimensões muito maiores. Natural da Bahia, apaixonou-se pelo mar ainda na infância e colecionou aventuras em ondas do mundo todo.

Um dos pioneiros das ondas gigantes, começou a chamar a atenção no esporte surfando em Maui, no Havai, aonde chegou em 1998. Por sua performance, recebeu, juntamente com os também baianos Danilo Couto e Yuri Soledade, o apelido de "mad dog".

Em 2015, o "cachorro louco" foi notícia por ter escapado ileso após ter caído enquanto surfava em Jaws.

Um dos diretores da Big Wave Assessment Group, organização que oferece capacitação em segurança no universo das ondas gigantes, Zachary DiIonno afirma que, apesar da grande evolução nos equipamentos de segurança para a modalidade, é importante que os surfistas realizem treinamento específico.

"De uma forma geral, não existem requisitos legais para surfar ondas gigantes. Seja no Havaí, na Califórnia ou no Brasil, normalmente qualquer um pode surfar", explica.

Segundo ele, embora em alguns lugares a comunidade de surfistas consiga se autorregular, evitando a prática de pessoas menos aptas, é sempre essencial que os atletas estejam conscientes dos requisitos de segurança e das manobras de resgate.

"Uma pessoa com um treinamento de segurança, em caso de uma emergência, é um trunfo enorme", afirma DiIonno, destacando que os surfistas podem agir decisivamente nos resgates, identificando casos em que os companheiros não voltam à superfície. Outra atuação essencial é nas manobras de ressuscitação e de massagem cardíaca.

Elas não foram suficientes para Márcio Freire.

O brasileiro Lucas Fink encara o "Canhão da Nazaré" quatro dias após a morte de Márcio Freire Pedro Nunes - 9.jan.23/Reuters

ESPORTE AO VIVO | 16h Santo André x São Paulo — Paulista: Record | 16h30 Inter x Milan — Italiano, ESPN | 18h30 Corinthians x Botafogo — Paulista, TNT E HBO MAX

Esporte, sociedade e violência

Por mais que haja quem queira separar o inseparável, tudo se move e mistura

Juca Kfouri

Jornalista, autor de "Confesso que Perdi". É formado em ciências sociais pela USP

Walter Casagrande é criticado quando fala mais de política que de esporte.

Milly Lacombe, também.

São bem-vindos ao clube, e não é de hoje, mas talvez nunca tenham sido devidamente saudados.

Casão às vezes exagera? Sim, de fato, mas mil vezes a indignação dele que o silêncio e, pior, a cumplicidade dos que o criticam porque fazem o pior tipo de política, a que bate palmas para o fascismo, o genocídio, a violência.

Milly está na berlinda por ter relacionado o destempero de figura pública como Abel Ferreira ao feminicídio —que aumenta nos fins de semana por causa de derrotas no futebol.

A dificuldade de conectar o Tico e o Teco explica a incapacidade de outras conexões igualmente óbvias.

Aos que trazem tal deficiência do berço, antecipadamente fica aqui registrado o pedido de desculpas.

Aos que vociferam por mera escolha ideológica, o desprezo.

Porque estes exteriorizam apenas preconceitos, insensibilidade e nenhuma preocupação com o próximo.

São os que tratam mulheres como objetos, dizem que não são racistas porque têm amigos pretos, que não fascistas porque o vizinho é judeu.

Casão e Milly são um prato para essa gente.

Um sofre de dependência química e, por mais exemplar que seja na luta contra a doença, é atacado por padecer do mal que vem do DNA.

A outra é vítima por ter nascido mulher e por sua orientação sexual. Ah, sim, por favor!, orientação, não opção sexual, algo que muita gente até boa ainda não entendeu.

A naturalização da violência, fenômeno ampliado pelo angustiante fenômeno das redes antissociais, reino também da idiotia, é tamanha que há quem queira minimizar a atitude do jogador Wallace, o que publica enquete sobre dar tiro na cara do presidente da República. Afinal, ele se desculpou.

Daí a deputada persegue eleitor com revólver, bandido mata o aniversariante por dar festa com foto de candidato, treinador e jogadores estupram e assediam mulheres indefesas, e tudo bem.

O eleitor não tinha nada que abordar a parlamentar, a menina menor de idade não deveria ter ido ao quarto dos rapazes e aquelas mulheres se estavam na boate àquela hora coisa boa não eram.

E vamos todos votar no cara cujo ídolo é simplesmente famigerado torturador!

Chega de complacência e de passar pano para atrocidades.

Basta de impunidade para golpistas que não sabem de nada, que se limitaram a ouvir o meliante propor gravar o ministro do STF e não o denunciaram, ou que não sabem quem entregou a minuta ou perderam o celular na Flórida.

É óbvio que Abel Ferreira não é responsável pela barbárie brasileira, e ninguém disse isso. Fez-se apenas um alerta aos que têm de dar exemplo, assim como o treinador palmeirense aludiu a Ayrton Senna e Pep Guardiola sem que com isso tenha se comparado a eles —quis só mostrar que no campo da competição se cometem exageros.

Discordar de Milly e do Casão é saudável. E frequente.

Atacá-los é inútil covardia.

Porque não se calarão, estão calejados e não são criminosos.

Não expuseram a intimidade de ninguém, não ameaçaram quem quer que seja, não cometeram violência nenhuma e defendem a democracia, sem ganhar um tostão por isso.

Além de serem, repita-se à exaustão, muito bem-vindos ao clube dos que sabem que o futebol imita a vida e vice-versa. Suavemente, é o que Tostão faz.

Questão de estilo.

E que estilo!

O vivido e o imaginado

Existe saudosismo, uma tendência de achar que tudo no passado era melhor

Tostão

Participou como jogador das Copas de 1966 e 1970. É formado em medicina

Aprendi na medicina e na psicanálise que não devemos transportar o que está nos livros para todos os pacientes. Estes, com a mesma doença, são diferentes. Os sintomas de cada um é que devem ser comparados com o que está nos livros. O doente é que tem de ser tratado, não a doença.

O mesmo ocorre na vida. As experiências vividas, que parecem idênticas, são diferentes em cada época. Por ser mais fácil e seguro, o ser humano costuma repetir comportamentos, como se os instantes fossem iguais. No futebol, é parecido. Cada jogo tem seus detalhes, sua história, e deve ser visto e conduzido de variadas maneiras.

O sonho de muitos treinadores e analistas, extremamente racionais, mesmo sem admitir, é fazer do futebol um esporte puramente científico, técnico, tático, programado, ensaiado e calculado. A surpresa, os detalhes subjetivos e o imponderável não teriam nenhuma importância.

O futebol que vi e que vivi, em épocas diferentes, tem expressões diferentes. Resumindo, nos anos 1960 e 1970, havia um fascínio pelo jogo mais livre, mais inventado, mais fantasioso. Os artistas e habilidosos brasileiros eram endeusados em todo o mundo. Depois, progressivamente, especialmente nas décadas de 1980 e 1990, o futebol ficou mais científico, planejado, utilitário, físico, com poucos devaneios individualistas. Ficou também mais feio e previsível.

Após a Copa de 2002, houve uma transformação, que continua até hoje, para melhor. Construiu-se uma união entre as duas épocas anteriores, uma mistura de pragmatismo, improvisação e inventividade. O jogo ficou mais intenso, mais emocionante, mais bonito, mais técnico e tático.

Aumentaram também as discussões sobre o que é mais importante, o desempenho ou o resultado, a beleza ou a eficiência. As duas visões são essenciais e necessárias. No futuro, que já chegou, os times alternam estratégias diferentes a cada jogo e até em uma mesma partida, de acordo com o momento.

Em todos esses períodos, os craques sempre estiveram presentes. São eles que embelezam o futebol. Mas não é fácil juntá-los em um mesmo time. Antes da Copa de 2006, o bom e pragmático técnico Parreira disse que escalar Ronaldo, Ronaldinho, Kaká e Adriano seria o limite da ousadia.

Parreira tentou posicionar os craques de uma maneira diferente, e não deu certo. Imagine que o sonho do técnico seria dirigir uma seleção com menos craques e mais previsível.

Vítor Pereira passa por algo parecido no Flamengo. Gostaria de ter jogadores pelos lados que marcam e atacam, como exigia que Róger Guedes jogasse no Corinthians, mas sabe que não pode abrir mão dos melhores e de escalar juntos Everton Ribeiro, Arrascaeta, Gabigol e Pedro.

Seja qual for o esquema que vai usar no Mundial de Clubes, o técnico será bastante criticado se o time não for campeão. Por estar no início do trabalho, ainda falta a Vítor Pereira a definição e a segurança que tem Abel Ferreira no Palmeiras.

O passado está sempre junto com o presente. Existe um saudosismo, uma tendência de achar que tudo no passado era melhor. O genial Woody Allen, no filme "Meia-Noite em Paris", mostrou como a memória afetiva do que foi vivido ou imaginado é mais prazerosa para a maioria das pessoas do que o presente. O ser humano está sempre insatisfeito com o atual.

"Deve-se viver a vida olhando para a frente, mas só se pode entendê-la olhando para trás." (Kierkegaard, filósofo dinamarquês)

DOM. Tostão e Juca Kfouri | **SEG. Paulo Vinicius Coelho e Juca Kfouri** | QUA. Tostão | QUI. Juca Kfouri | SEX. Paulo Vinicius Coelho e Sandro Macedo | SÁB. Marina Izidro

Rony comemora o segundo gol do Palmeiras sobre o Santos, no Morumbi Cesar Greco/Palmeiras

Palmeiras vence o clássico e afunda o Santos na crise

Equipe alviverde fez 3 a 1 com facilidade e tem a melhor campanha do estadual; alvinegro é lanterna do grupo

SÃO PAULO O Palmeiras venceu o Santos por 3 a 1 neste sábado (4) e foi aos 14 pontos na tabela de classificação do Campeonato Paulista. A equipe de Abel Ferreira lidera o Grupo D e também tem a melhor campanha da competição. O clube, que conquistou a Supercopa do Brasil na semana passada, debela os protestos que organizadas que pareciam iniciar.

A queixa era pela ausência de reforços contratados.

O Santos, por sua vez, com apenas seis, chega ao seu quinto jogo seguido sem vitória e amarga a lanterna do Grupo A.

Pelo terceiro ano consecutivo, o time alvinegro convive com a briga contra o rebaixamento. Na última quinta-feira (2), integrantes de torcida organizada invadiram o Centro de Treinamento para protestar e cobrar jogadores.

Uma das principais reclamações é, assim como aconteceu com o Palmeiras, quanto aos reforços que não chegaram. E os que estão cotados, como o meia Lucas Lima, causam controvérsia.

Quando atuou no clube de Palestra Itália, o armador ironizou o Santos nas redes sociais. Ele atualmente está desempregado

A partida, que foi disputada no Morumbi, já que o Allianz Parque, casa do Palmeiras, recebeu um evento de Carnaval neste sábado, começou equilibrada, com as duas equipes tendo dificuldades para entrar na área adversária.

Aos 26 minutos do primeiro tempo, porém, Zé Rafael desviou escanteio da esquerda, Zanocelo cortou mal e a bola sobrou para Murilo abrir o placar. João Paulo, goleiro titular do Santos, saíra machucado e dera lugar a Vladimir momentos antes.

Depois do gol, o Palmeiras começou a mandar na partida e criou outras chances. Em outra lambança da zaga do Santos, a bola sobrou para Dudu, cara a cara, mas ele chutou para fora.

Já nos acréscimos, após outro escanteio da esquerda, Zanocelo, de novo ele, se atrapalhou e quase fez contra. Vladimir conseguiu evitar o gol duas vezes, mas, na sobra, Rony chutou forte para ampliar o placar.

Na segunda etapa, o Santos até tentou ir para cima, mas esbarrou em suas dificuldades técnicas; o Palmeiras administrou a vantagem e, quando chegou, conseguiu ampliar. Aos 25, Rony recebeu perto da área e rolou para o garoto Giovani, que acabara de entrar, fazer o terceiro.

Ainda deu tempo para o Santos fazer o seu gol de honra, no último lance do jogo. Sandry cobrou falta na área e Eduardo Bauermann, de cabeça, desviou para o fundo da rede.

As cobranças das organizadas do Palmeiras contra a presidente Leila Pereira causaram estranheza porque o time é o atual campeão brasileiro. Mas o Santos entra no seu sétimo ano sem conquistas de expressão.

O último título do clube foi o Campeonato Paulista de 2016. O presidente Andres Rueda, em 2022, havia dito que nesta temporada a situação da equipe em campo seria diferente e melhor, o que pode não acontecer.

O Palmeiras volta a campo na próxima quinta-feira (9), quando recebe a Internacional de Limeira, às 19h30; no dia anterior, às 21h35.

O Santos enfrenta o São Bento, no estádio do Canindé, em São Paulo.

MANCHESTER UNITED BATE O PALACE MESMO COM UM A MENOS
Rashford comemora gol na vitória do Manchester United neste sábado (4). A equipe venceu o Crystal Palace por 2 a 1, e o outro gol foi de Bruno Fenandes; Schulpp descontou para os londrinos. O time de Erik ten Hag segurou o resultado apesar da expulsão de Casemiro, que enforcou o meia Hughes durante confusão Phil Noble/Reuters

NOSSO ESTRANHO AMOR

Milly Lacombe
folha.com/nossoestranhoamor

Marta e Alberto (e Erika)

Marta e Alberto se conheceram no casamento da melhor amiga dela. Começaram a namorar logo depois e a decisão de morar junto não levou um ano. Alberto era diretor de fotografia e Marta era arquiteta. Ela sonhava com um casamento tradicional, seu príncipe esperando no altar, mas Alberto não podia nem pensar em casar nesses termos.

O debate não foi aprofundado porque Marta engravidou e tudo passou a girar em torno da gravidez.

Alberto não soube lidar com a chegada de uma filha e eles se distanciaram. Ele chegava do trabalho cada vez mais tarde, ela mergulhou numa solidão profunda. Foi com tristeza, mas não com surpresa, que soube que Alberto estava tendo um caso e tinha engravidado a amante.

Marta saiu de casa, mas Alberto, arrependido, foi buscá-la e prometeu que seria um outro homem dali em diante.

Marta disse que se sentia entre duas possibilidades estranhas, mas que a pior delas seria a de ele não assumir a paternidade do segundo filho. Ele respondeu "claro que vou assumir, não sou um monstro".

Para ele, assumir a paternidade era pagar uma pensão justa e ver a outra filha de dois em dois meses, quando muito. Marta não disse nada, até porque precisava que ele se manifestasse como pai presente e ativo para a filha deles, que nasceu chorando e chorou por seis meses seguidos.

O casamento nunca mais se aprumou e quando as crianças tinham dois anos ele deu um jeito de conseguir uma filmagem no Canadá que levaria dois meses. Marta se viu sozinha com uma filha que, como todas, exigia demais dela.

Fazia menos de quinze dias que Alberto havia viajado quando Marta foi ao supermercado e viu a irmã de sua filha pegando maçãs. Olhou um pouco mais longe e enxergou Erika, a mãe da menina, caminhando em sua direção.

Erika estava com os lábios quase azuis, pálida e suando demais. Marta percebeu que ela poderia desmaiar e a levou para o café do mercado.

Deu a ela uma água de coco e as duas ficaram um tempo ali conversando. Elas tinham se visto meia dúzia de vezes na vida e essa foi a primeira vez que dialogaram e descobriram todas as coisas tinham em comum. Tristezas, solidões, mágoas, frustrações e, mais do que tudo, uma exaustão que ia até os ossos. Enquanto conversavam, as irmãs brincavam e desenhavam na mesa ao lado. No final, Erika agradeceu a ajuda e convidou Marta para sua festa de aniversário, que seria na semana seguinte. Marta disse que iria, mas achou que estava apenas sendo educada.

Ficou surpresa com ela mesma de, no sábado da festa, ter pedido para a mãe ficar com a filha porque ela queria ir dançar. Foi o que fez. Dançou até o dia amanhecer com Erika e seus amigos. No final, sob efeito de álcool, decidiu aceitar o convite de Erika e dormir ali mesmo. Avisou a mãe, que disse que ela não se preocupasse.

Marta e Erika começaram a namorar alguns dias depois.

O casamento aconteceu na fazenda de uma tia de Erika, perto de Penedo, num fim de tarde ensolarado de junho.

As duas entraram de mãos dadas pelo corredor de tulipas e juntas foram até o altar, onde uma amiga faria a cerimônia. À frente delas, as duas filhas carregavam as alianças e um buquê.

Não teve príncipe, mas teve Erika em toda a sua potência. E, com ela, a promessa de um amor sincero.

Gabriela Biló/Folhapress

IMAGEM DA SEMANA

Na abertura do ano judiciário, o Supremo Tribunal Federal expôs objetos do acervo que foram destruídos durante os atos golpistas de 8 de janeiro, entre eles uma cópia queimada da Constituição Federal. O retorno às atividades aconteceu na última quarta-feira (1º), em um plenário restaurado, ainda há partes do prédio do STF em reforma

CRUZADAS

HORIZONTAIS

1. Atadura, faixa **2.** Colocar antes de **3.** (Mús.) A nota usada para calibrar instrumentos / O período entre Out e Dez / (Quím.) Bário **4.** Aquele que gere uma produção artística **5.** Exposto à vista **6.** Que tem medo, temor **7.** A sigla do país que faz fronteira com o Canadá e com o México / Um Lobo das histórias infantis **8.** As iniciais do escritor Sabino (1923-2004), de "O Encontro Marcado" / (Abrev.) Senador / Prefixo: aproximação **9.** O ator Rodrigo, de "Bicho de Sete Cabeças" **10.** Que oculta **11.** Parte fronteira de algo em relação ao observador / Abrev.: dicionário **12.** Um sufixo diminutivo / Cada um dos aspectos de (algo ou alguém) **13.** O K do baralho / Dispositivo de câmaras para enquadrar o objeto a ser fotografado.

VERTICAIS

1. (Trem-) Um meio de transporte de alta velocidade / Retomar vigor **2.** A jornalista e apresentadora de TV Paula Padrão / A minha família / A forma da casquinha do sorvete **3.** Nota do Tradutor / Armazém de mercadorias em um porto / Uma especialidade da culinária japonesa **4.** A atriz e humorista carioca Fraga / Uma característica de alguns sapatos femininos **5.** Ancoramento **6.** Mulher que dirige uma casa / (Eletrôn.) Abreviatura de frequência intermediária **7.** A desinência verbal de vender e surpreender / (Pop.) Ranho seco / As elevações formadas nos mares, onde os surfistas atuam **8.** Animal muito ágil, de chifres grandes e um tufo de pelos no queixo / Um oceano glacial **9.** Muito estimado / Pegar uma doença.

HORIZONTAIS: 1. Bandagem, **2.** Antepor, **3.** Lá, Nov, Ba, **4.** Diretor, **5.** Mostrado, **6.** Receante, **7.** EUA, Mau, **8.** FS, Sen, Ad, **9.** Santoro, **10.** Ocultante, **11.** Rosto, Dic, **12.** Inho, Face, **13.** Rei, Visor. **VERTICAIS: 1.** Bala, Reflorir, **2.** Ana, Meus, Cone, **3.** NT, Doca, Sushi, **4.** Denise, Salto, **5.** Aportamento, **6.** Governanta, FI, **7.** Er, Tatu, Ondas, **8.** Bode, Ártico, **9.** Caro, Adoecer.

SUDOKU

texto.art.br/fsp

DIFÍCIL

	4		3		8			
	6		1	9				
		9		6			5	3
8		7					2	
		6				1		
	2					5		4
9	7			4		2		
				2	9		1	
			8		6		7	

O **Sudoku** é um tipo de desafio lógico com origem europeia e aprimorado pelos EUA e pelo Japão. As regras são simples: o jogador deve preencher o quadrado maior, que está dividido em nove grids, com nove lacunas cada um, de forma que todos os espaços em branco contenham números de 1 a 9. Os algarismos não podem se repetir na mesma coluna, linha ou grid

SOLUÇÃO

5	4	2	3	7	8	6	9	1
7	6	3	1	9	5	8	4	2
1	8	9	4	6	2	7	5	3
8	5	7	6	1	4	3	2	9
4	9	6	2	5	3	1	8	7
3	2	1	9	8	7	5	6	4
9	7	8	5	4	1	2	3	6
6	3	5	7	2	9	4	1	8
2	1	4	8	3	6	9	7	5

FRASES DA SEMANA

MINHA FUNÇÃO NO MUNDO
Mirella Archangelo
Estudante e aspirante à jornalista, sobre encontro com Glória Maria, em 2017

"Ela me mostrou que eu poderia ser jornalista e que essa era a função que eu teria nesse mundo para poder me expressar."

MELHOR JORNALISTA
André Santana
Jornalista e colunista do UOL, sobre papel de Glória Maria

"Não estamos falando da melhor jornalista negra do Brasil, estamos falando da melhor jornalista do Brasil, porque, se Glória fosse um pouquinho menos, o racismo não permitiria que ela ocupasse os espaços que ocupou."

INSPIRAÇÃO
Cynthia Martins
Apresentadora da TV Band, sobre importância de Glória Maria

"Ela era a única pessoa igual a mim que vi na televisão por anos. Hoje, estou neste lugar por causa dela."

UMA FILHA DA COMUNIDADE
Alcida Rita Ramos
Antropóloga e professora da UnB, sobre comunidades yanomamis

"Ela [a mãe] nunca é deixada sozinha, a menos que seja mulher madura. A criança que nasce é, na verdade, filha da comunidade inteira."

ACABAR COM A INDIFERENÇA
Sydney Possuelo
Ex-presidente da Funai, sobre atuação do governo na proteção indígena

"O Estado brasileiro tem as condições necessárias para a retirada dos garimpeiros. Se quiser e houver vontade política, vai retirar. A presença do Lula na região foi importante. Passa a mensagem de que mudou tudo, de que ninguém aqui vai apoiar invasão. Acaba com a indiferença."

JULGADO POR GENOCÍDIO
Luiz Inácio Lula da Silva
Presidente da República, em entrevista à RedeTV!, sobre punições à Bolsonaro

"Eu acho que é necessário [punir Bolsonaro] pelo seguinte: ele deve ser julgado por genocídio no caso dos yanomamis, mas [também] no caso de Covid-19, porque ele foi um presidente que se colocou contra tudo que é cientista desse país"

OUTROS CAMINHOS
Rodrigo Maia
Ex-presidente da Câmara, sobre lideranças políticas

"Essa é a beleza da democracia, a alternância de poder. [...] Eu acho que o grande desafio é você não ficar olhando para trás, compreender que aquele circo passou e que você tem que procurar outros caminhos."

GOLPE FRACASSADO
Alexandre de Moraes
Ministro do SFT, sobre denúncia de trama golpista e atos antidemocráticos

"O que poderia ser uma comédia, resultou numa tragédia, a tentativa frustrada de golpe no dia 8 de janeiro."

PROTEÇÃO DA VÍTIMA
Almudena Rodríguez García
Ativista pelos direitos sexuais das mulheres, em Barcelona, sobre proteção em casos de violência

"O caso Dani Alves ocorre no momento em que esses novos marcos protegem mais a vítima e promovem uma resposta institucional mais ágil e adequada."

ACERVO FOLHA

Há 50 anos **5.fev.1973**

Plano para deixar rua Augusta sem carros gera polêmica

Em vez do asfalto, grandes calçadas coloridas que tomariam toda a rua, com praças de jardins floridos e arborizados e com o trânsito proibido para todos os tipos de veículos.

Seria assim a transformação da rua Augusta, em São Paulo, de acordo com um projeto feito pelo arquiteto Jorge Wilheim. A ideia é tornar a via uma das mais bonitas e tranquilas da cidade.

Só que o projeto gerou muita controvérsia e não está conseguindo muita aceitação do comércio local.

Um dos receios alegados é de que a eliminação total do trânsito de veículos na rua Augusta acabe, na prática, não sendo uma boa medida.

FOLHA DE S. PAULO

Cabo da PM: "Matei o industrial"

LEIA MAIS EM **acervo.folha.com.br**

ilustrada
ilustríssima

Agora vai, malandra?

Com sucesso relativo nos Estados Unidos, Anitta vai enfrentar na noite de hoje, no Grammy, a maior prova de fogo de sua jornada rumo à fama mundial C4

➔ Reações a foto de Lula expressam visão rígida do fotojornalismo C6

➔ Leia trecho de livro inédito de Nastassja Martin C8

➔ Extermínio yanomami é resultado de séculos de impunidade, escreve Itamar Vieira Junior C11

Retrato de Anitta
Marco Ovando/Divulgação

MÔNICA BERGAMO

monica.bergamo@grupofolha.com.br

Maria Christina Mendes Caldeira

Valdemar dizia que o Bolsonaro era burro

[RESUMO] Estabelecida em Miami, ex-mulher de Valdemar Costa Neto dispara contra o ex-marido, presidente do PL, e outros figurões de República, como a ex-primeira-dama Michelle Bolsonaro

Por ***Tony Goes***

Maria Christina Mendes Caldeira é a primeira a admitir: nasceu para ser socialite. Oriunda de uma família de empreiteiros de São Paulo, teve uma educação requintada. Aprendeu diversos idiomas e viajou o mundo. "Tudo isto para algum dia ser a mulher ideal de um homem rico e poderoso", afirma.

*

Teve três maridos, e o terceiro se encaixa nessa descrição: é o deputado federal Valdemar Costa Neto, líder do Centrão e presidente do PL, partido de Jair Bolsonaro. Aliás, foi graças a ele que o nome de Maria Christina começou a sair na imprensa fora das colunas sociais.

*

Já separada do parlamentar, ela deu um depoimento contundente à CPI do Mensalão, em 2005, denunciando falcatruas que teria presenciado enquanto estiveram casados. Valdemar foi condenado a sete anos e dez meses de reclusão, e preso em 2012. Em 2015, foi indultado pelo STF (Supremo Tribunal Federal) e retomou a sua carreira política.

*

Maria Christina se mudou para os Estados Unidos em janeiro 2017, onde diz ter conseguido asilo político. "Existem 22 queixas-crime do PL contra mim. Sofri três acidentes de carro. Num deles, em maio de 2009, capotei quatro vezes, depois de ser abalroada por um veículo que vinha a mais de 100 km por hora. E tive um revólver apontado para a minha cabeça uma dez vezes. Era um modus operandi. Antes de cada operação estourar, vinha alguém me ameaçar: 'Se você falar alguma coisa, a gente te mata.'"

*

Mas, apesar das ameaças que diz ter sofrido, ela sempre falou. E fala até hoje. Numa live transmitida pelas redes sociais em 18 de novembro do ano passado, Maria Christina voltou a atacar o ex-marido. Estava indignada com o pedido que o PL fizera ao TSE para desconsiderar os votos computados em urnas "antigas" e contabilizar apenas os das urnas "auditáveis", o que supostamente daria a vitória a Bolsonaro no segundo turno das eleições presidenciais.

*

"Ô, Valdemar, me poupe, né, querido? Sou sua ex-mulher. Eu fui casada com o dono do bordel do Congresso e conheço bem como é que você se movimenta", diz ela no vídeo. E arremata: "Eu vou fazer da sua vida um inferno".

*

Maria Christina conheceu Valdemar em 1992, quando já estava separada de seu primeiro marido, o empresário Fady Sad Tabet. O encontro ocorreu no restaurante Roppongi, em São Paulo, onde iria jantar com uma amiga. Valdemar se encantou na hora, diz Christina. Mas não foi correspondido. Na época, ela saía com o ex-senador Gilberto Miranda.

*

"Eu ia visitar o Gilberto no Congresso, e o Valdemar ficava me seguindo pelos corredores", conta. Durante anos, diz, o deputado insistiu mandando flores e convites para jantar. "De vez em quando eu ia, mas levava uma amiga junto para ver se ele se interessava por ela." Acabaram se perdendo de vista. Maria Christina se casou com o lobista americano James Rubin, então porta-voz da secretaria de Estado do governo Clinton, e foi morar com ele nos EUA.

*

Em 1999, novamente separada, voltou ao Brasil e pediu ajuda a Valdemar para repatriar móveis e objetos pessoais, que estavam armazenados em Miami. "Ele mandava nos aeroportos", afirma ela. Os dois foram jantar fora e, dessa vez, pintou um clima. "Como bom político, o Valdemar é muito sedutor. Não é um homem culto, mas é focado, esperto, muito inteligente. E era absolutamente louco por mim."

*

Com o relógio biológico batendo forte, Maria Christina sentiu que estava na hora de sossegar. "Eu queria ter filho, ter uma família", conta. Os dois passaram a viver juntos em 2002 e oficializaram a união no ano seguinte, em Las Vegas.

*

Mas ainda nem eram casados quando foram notícia juntos pela primeira vez. Foi em 4 de janeiro de 2003, quando voltavam de jatinho de Buriti Alegre (GO), onde haviam comparecido a uma festa do então tesoureiro do PT, Delúbio Soares, poucos dias depois da primeira posse de Lula (PT) como presidente da República.

*

O avião deslizou sobre um lençol d'água na pista do aeroporto de Congonhas, em São Paulo, despencou de um barranco e só parou na calçada da avenida Washington Luís, ferindo um pipoqueiro e danificando o carrinho de pipoca. Valdemar e Maria Christina saíram correndo da aeronave e pegaram um táxi, sem passar pelo terminal do aeroporto. "O Valdemar estava bêbado", ri Maria Christina. "Ele não podia dar entrevista naquele estado."

*

Durante algum tempo, Maria Christina foi a anfitriã das reuniões que Valdemar promovia com políticos em sua casa em Brasília. "Eu servia suco de maracujá feito com água exorcizada. Não era benta, era exorcizada mesmo, por um padre de Brasília, um dos poucos padres exorcistas que existiam no Brasil."

*

O idílio, segundo ela, começou a se dissipar em fevereiro de 2004, durante uma viagem oficial a Taiwan. "Éramos convidados do governo de lá, outros políticos foram também", conta. "Num almoço no Ministério taiwanês de Relações Exteriores, o ministro pediu para eu traduzir ao português o que ele iria falar em inglês para o Valdemar. E eu quase caí para trás. O cara disse: 'A gente deu para você US$ 2 milhões [cerca de R$ 11 milhões pelo câmbio atual] para abrir um escritório comercial de Taiwan no Brasil. E até hoje, nada'. O Valdemar havia embolsado o dinheiro. Eu tinha ido dormir com o Martin Luther King e acordado com o Al Capone."

*

"Essa foi a primeira 'red flag' [bandeira vermelha, em inglês, expressão que significa sinal de alerta]. Dali para frente, comecei a implicar com tudo.

Continua na pág. C3

A socialite Maria Christina Mendes Caldeira com sua cachorrinha, Fé 1; com o pai, Cito Mendes Caldeira 2, em foto de data desconhecida; e com a mãe, Ducha Dorey 3, por volta de 1970 Fotos Arquivo pessoal

Continuação da pág. C2
Via uma mala e perguntava: 'De onde veio? Para onde vai? O que tem dentro?'."

*

"Na Páscoa daquele ano, fomos a Punta del Este [no Uruguai] com um grupo de amigos. Quando eu desci do quarto e entrei no cassino do hotel, me disseram: 'O Valdemar já perdeu um milhão de dólares'. Fiquei indignada, quis ir embora. Mas ele reclamou: 'Onde é que você vai com a minha sorte, sua f.d.p?' O casamento terminou ali. Subi para o quarto, ele foi atrás e ainda me deu um tapa. Depois, voltou para o cassino e passou a noite inteira jogando."

*

"Nós nos separamos de vez em junho de 2004. Para fazer picuinha, Valdemar mandou cortar a luz da minha casa. Cortou mesmo, diretamente num poste. Então eu contratei um caminhão-gerador."

*

"No ano seguinte, o Roberto Jefferson me chamou para depor na CPI do Mensalão. Ele queria ferrar com o José Dirceu e o José Múcio Monteiro [atual ministro da Defesa do governo Lula]. Me mandou um script, mas eu não sou atriz. Mandou também uma mala com R$ 700 mil. Claro que eu não aceitei. Se eu quisesse dinheiro, teria me casado com um príncipe europeu."

*

"O Lúcio Funaro tentou me comprar para eu falar mal do Valdemar, mas eu só falo a verdade", diz ela, se referindo ao doleiro que se envolveu em diversos escândalos de corrupção e acabou se tornando delator da Operação Lava Jato.

*

"O Lúcio era o mais perigoso de todos. Lembra da advogada Beatriz Catta Preta? Um dia ela chegou em casa, e lá estava o Lúcio brincando com o filho dela na sala. Com um revólver na mão." Maria Christina afirma ainda que Catta Preta, defensora de vários réus da Lava Jato, abandonou a carreira alegando que sofria ameaças veladas de morte — mas é contestada pela advogada (veja a seguir).

*

A ex-mulher de Valdemar garante que não guarda mágoas do parlamentar —"ele foi o maior professor que eu tive"—, mas, sim, de sua própria família. Segundo ela, seus dois irmãos e seu tio manobram na Justiça para que ela não tenha acesso à herança do pai, que morreu em 2009. "Sou uma vítima da violência patrimonial."

*

Suspeita até que seus parentes estejam de conluio com o ex-marido, que teria influência no Tribunal de Justiça de SP, onde corre a ação do espólio.

*

"O Valdemar pôs no nome do partido um monte de coisas que já eram minhas antes de nos casarmos. E ainda quer mais." O PL move uma ação para receber R$ 408 mil do espólio do pai de Maria Christina. A quantia teria sido gasta por ela em diversas despesas, durante o período em que esteve casada com o deputado. "Ciro Nogueira, Roberto Jefferson, Valdemar, eles são todos iguais. Atuam do mesmo jeito. Não são políticos. São homens de negócios."

*

E o que ela acha da recente aliança do deputado com o agora ex-presidente? "O Valdemar sempre disse que o Bolsonaro é burro e do baixo clero. Mas ele fez uma conta política. Hoje está liderando esses malucos da extrema direita. Ele é uma águia, já sabia quantos votos ia ter em cada urna antes mesmo da eleição. Só que eu não sei quanto tempo vai aguentar esse arranjo. Afinal, o Bolsonaro equivale a umas cinco mulheres com TPM ao mesmo tempo."

*

A metralhadora giratória de Maria Christina atinge também Michelle Bolsonaro. Em uma live, ela chegou a sugerir que a ex-primeira-dama, anos atrás, se relacionou com Valdemar antes de se casar com Bolsonaro, em 2007. "Deu umas saídas", repetiu à coluna. "A Michelle era o que a gente chama de Maria Emenda. Meninas que vêm do entorno de Brasília, ou mesmo do interior, atrás de políticos poderosos na capital," diz. "Tudo o que o Bolsonaro tem de burro, ela não tem."

*

Hoje Maria Christina Mendes Caldeira se define como ativista política. Também é corretora de imóveis em Miami, mas reclama que o mercado está parado. Em tempos de maior aperto financeiro, chegou a trabalhar como motorista de Uber. A função rendeu uma matéria no Correio Braziliense, que, segundo diz, acabou prejudicando-a.

*

"Fui fazer uma entrevista de emprego numa das maiores imobiliárias de Miami, e me recusaram. Disseram que o fato de eu dirigir Uber pegava super mal. Um trabalho honesto! Quer dizer então que estaria tudo bem se eu tivesse aceitado milhões de propina?"

*

Politicamente, Maria Christina se descreve apenas como "pró-democracia". Declarou apoio a Lula nas últimas eleições, mas diz que não é de esquerda nem de direita. "E, por acaso, esquerda e direita existem no Brasil?"

OUTRO LADO

A coluna procurou as pessoas citadas por Maria Christina Mendes Caldeira para comentar as suas declarações. Até o fechamento desta edição, as assessorias de Valdemar Costa Neto e Michelle Bolsonaro não haviam se pronunciado. Lúcio Funaro e Beatriz Catta Preta desmentiram categoricamente o episódio em que a advogada teria flagrado o doleiro brincando com seu filho, com um revólver na mão.

"Nunca sofri ameaças de morte ou coisa parecida", afirma Catta Preta. "Nunca deixei de advogar. Apenas saí dos casos da Lava Jato para preservar família e clientes. Assim como nunca saí do país, como foi noticiado na época. Continuo meu trabalho como sempre", afirma.

Funaro é ainda mais contundente. "Quanto a comprar a senhora Maria Christina Mendes Caldeira, na minha vida eu nunca comprei mercadoria de segunda qualidade e com prazo vencido, que é o caso da mesma. Quanto a ela só falar a verdade, faz muito tempo que não ouço uma besteira tão grande."

O Tribunal de Justiça de SP, por sua vez, afirma que o desembargador Luiz Antonio Costa "não tem nenhum vínculo com o PL e nunca foi filiado a qualquer partido". E acrescenta: "Os magistrados são impedidos pela Lei Orgânica da Magistratura de se manifestar sobre casos em andamento".

Já a assessora do ex-deputado Roberto Jefferson afirma que ele "não vai se pronunciar, pois está preso". A coluna não teve resposta do advogado Eduardo Lazareschi, que representa os irmãos e o tio de Maria Christina.

Retrato da cantora Anitta
Natalia Mantini/The New York Times

Agora vai, malandra?

[RESUMO] Candidata a artista revelação do Grammy, o prêmio mais importante do mundo para a indústria da música, Anitta vai enfrentar neste domingo a maior prova de fogo de sua jornada rumo ao estrelato mundial, construída sob a suspeita de que o sucesso de 'Envolver', seu maior hit mundo afora, que chegou ao topo do Spotify, não é tão internacional quanto parece ser

Por ***Thiago Amâncio***
Correspondente da Folha em Washington

No bar dos fundos de um restaurante latino em Washington, onde um reggaeton genérico embala os poucos que saem para beber numa terça-feira na capital americana, um grupo de jovens se olham, confusos, e respondem "não, acho que não conheço nenhuma 'Anira'", dizem, com a pronúncia à moda americana do nome da cantora brasileira Anitta.

Também não esboçam reação mais firme ao verem uma foto dela pelo celular. Até que o repórter põe para tocar nos fones de ouvido a música "Envolver", maior hit da cantora até o momento. "Ah, é claro que sim", diz Aracelis Zambrano, empolgada. "Não lembrava o nome dela, mas eu adoro essa música. Sempre toca. Tem uma dança, não é?"

Era um grupo de americanos de ascendência latina que acabara de sair de um show do porto-riquenho Bad Bunny, uma amostra viciada, é verdade. O repórter toca a mesma música para uma jovem do estado americano de Utah sem qualquer proximidade com a língua espanhola. A reação é parecida. "É familiar. Não sei se costuma tocar no rádio ou em alguma playlist que sigo, mas já ouvi algumas vezes."

Cantora mais famosa do Brasil e já um tanto estabelecida em outros países da América Latina e da Europa, Anitta enfrenta agora a provação mais importante de sua jornada rumo ao estrelato mundial. Ela concorre neste domingo a uma estatueta do Grammy, o prêmio mais importante da indústria da música, o qual pode marcar de vez a sua aceitação no atual mercado fonográfico dos Estados Unidos.

O último ano foi crucial, com o sucesso quase ao acaso de "Envolver", uma elogiada apresentação no festival californiano Coachella e, mais recentemente, a primeira vez em que uma cantora brasileira foi reconhecida pelo VMA, a famosa premiação de música da MTV americana.

Não foi do dia para a noite. Anitta vem investindo pesado na carreira internacional, num esforço que vai desde falar com desenvoltura e quase que sem sotaque inglês e espanhol a se mudar de país, abaixar a cabeça para a sua gravadora e ouvir acusações de que teria promovido o apagamento de sua identidade brasileira aos olhos do mundo.

Existe uma Anitta antes e outra depois da estreia de "Envolver", música com a qual se apresentou no VMA e que a levou a ganhar o prêmio de melhor videoclipe de artista latina na cerimônia. Quase um ano depois de seu lançamento oficial, o hit toca até hoje não só em baladas, mas também funciona como música ambiente de lojas e restaurantes em várias partes dos Estados Unidos.

É também uma boa ilustração dos embates que a brasileira teve com a Warner Records internacional depois que se mudou para Miami, em 2020. "Você não tem força para conseguir bombar uma música sozinha em outro idioma", ouviu da empresa ao insistir em lançar o single, segundo ela própria contou em entrevista ao videocast "Poddelas". "Eu falei 'não quero saber, vou fazer'."

Lançada em novembro de 2021, a música passou quase despercebida até estourar em março do ano passado depois que a coreografia —o "paso de Anitta", apelido que ganhou em espanhol— se tornou um viral no TikTok, o que a fez chegar ao número um das mais tocadas do Spotify ao redor de todo o mundo.

"Não é que as pessoas conhecem. Se demoro a tocar 'Envolver', começam a pedir", diz o DJ Carlos Andres, colombiano radicado na capital americana. "Não só latinos, mas também americanos. E se eu toco uma versão remixada eles reclamam. Querem a original", ele conta.

O sucesso era o que Anitta precisava para jogar bem na cara da gravadora, emprestando uma expressão de outro hit seu, "Sua Cara". Na mesma entrevista ao "Poddelas", Anitta se refere à gravadora como "o pessoal" e diz que está "tentando fazer a política da boa vizinhança", mas que "os fãs sabem". De fato. Uma rápida busca por "Anitta" e "gravadora" no Twitter devolve centenas de resultados pouquíssimo elogiosos, feitos por fã clubes da cantora em relação à Warner Music.

Sem o status de artista que tinha no Brasil, a "Anira" americana acabou tendo de engolir alguns sapos no meio empresarial dos Estados Unidos. No Brasil, tinha total controle da carreira, inclusive financeiro, e pagava pelos próprios clipes com dinheiro da publicidade que fazia. Já em solo americano, ela depende muito mais dos recursos da gravadora, o que dá a ela menos poder na tomada de decisões. Isso incluiu também a contratação de um agente no país, Brandon Silverstein, em 2019.

Anitta, que não respondeu aos pedidos de entrevista deste repórter, sempre se orgulhou no Brasil de ser sua própria empresária. Ao "Poddelas", a brasileira justificou a necessidade do agente para resolver questões burocráticas. "Estava cansada demais de fazer tudo."

Com empresário e gravadora novos, a mudança para Miami em 2020 a levou para dentro do star system americano. Anitta então passou a frequentar eventos como o Met Gala, baile de arrecadação de recursos para o Metropolitan Museum of Art com a nata nova-iorquina, e a marcar presença em talk shows populares da TV americana, como o programa do apresentador Jimmy Fallon, por duas vezes, e de Kelly Clarkson, ambos produzidos pela NBC.

Com a Warner, também lançou seu primeiro disco internacional, "Versions of Me", quinto álbum de estúdio, cantado majoritariamente em inglês e espanhol, com só uma música em português, "Que Rabão".

Logo veio uma chuva de elogios da crítica especializada. Anitta ganhou um perfil no maior jornal do mundo, o New York Times, e páginas laudatórias nas publicações voltadas à música. "Como Anitta está fazendo o mundo todo se apaixonar por ela", manchetou a revista especializada Rolling Stone. "A destemida e divertida superestrela do Brasil alcançou fama global apenas sendo ela mesma", cravava o texto.

Julyssa Lopez, autora da reportagem e editora de música da Rolling Stone, diz que "Anitta está em um momento incrível" e que "nos últimos anos foi bem esperta em se posicionar como uma figura global".

Elogiando a desenvoltura que Anitta alcançou na língua inglesa, ao dizer que "ela fala melhor do que a maioria dos americanos", Lopez afirma que "'Versions of Me' a pôs em outro patamar, no mesmo nível de qualidade de outras estrelas globais". "Eu diria que, sim, ela está indo no caminho certo para se tornar uma estrela nos Estados Unidos."

O mercado americano é, por si só, muito mais fechado do que o de outros países próximos. "Envolver", por exemplo, chegou à 70ª posição nas mais tocadas da Billboard, e "Me Gusta", ao 91º lugar. Quando se excluem os Estados Unidos da métrica, "Envolver" sobe para o 1º lugar, tendo ficado 25 semanas na lista dos mais tocados, e "Me Gusta" alcança a 38ª posição. Surgem ainda outras músicas como "Modo Turbo", com Luísa Sonza e Pabllo Vittar, "Boys Don't Cry" e "Girl from Rio".

O disco, porém, também recebeu queixas por ser genérico demais e ter pouco do que fez Anitta famosa, sobretudo em músicas como "Boys Don't Cry" ou "Girl from Rio", na qual a cantora apostou boa parte de suas fichas, mas que no fim não vingou.

Carlos Andres, DJ na capital americana, prefere manter em seu setlist o clássico contemporâneo do funk carioca "Vai Malandra" e "Bola, Rebola", de 2019, com participação de J Balvin e Tropkillaz. "Achei que o disco de 2019 ["Kisses"] seria um grande hit. Não sei por que não foi. A maioria das músicas era muito boa. Acho que a Anitta vai ser maior que a Shakira", afirma ele.

Última sul-americana a alcançar o status de diva pop nos Estados Unidos, Shakira é a grande comparação feita com Anitta. Foi também com seu quinto disco de estúdio, "Laundry Service", de 2001, que ela se tornou a superestrela que é hoje.

Na época, porém, ela tinha só 24 anos, enquanto Anitta já beira os 30 —idade em que sempre disse que iria se aposentar, uma ideia da qual já desistiu. A comparação de que mais gosta, no entanto, é com Carmen Miranda, a artista luso-brasileira que se tornou estrela de Hollywood no começo do século passado.

Seja como for, equilibrar pratos em três línguas não é fácil, e Anitta disse à Billboard que se sente como se tivesse três carreiras diferentes. "No Brasil, o público gosta de se sentir próximo dos artistas —tem uma intimidade, como se o artista fosse seu amigo. Na América Latina, é um pouco machista. É sobre o que os homens querem e letras que fazem você se sentir poderoso, como heróis. Nos Estados Unidos, os ouvintes gostam de se sentir 'cool'. Eles querem parecer 'cool'."

Para estourar fora, Anitta dominou como poucos os feats, que começou com "Sim ou Não" com o pop star colombiano Maluma, em 2016, ainda cantando em português, antes de gravar com uma constelação como Madonna, Snoop Dogg, Cardi B e Missy Elliott.

Anitta entendeu bem a lógica dos algoritmos das plataformas de streaming e o que significa ter uma base de milhões de ouvintes em tempos de competição pelos charts, as paradas de sucesso, disse à reportagem no ano passado Pedro Tourinho, ex-sócio que acompanhou a transição dela para os Estados Unidos e que hoje atua como secretário municipal de Cultura de Salvador.

Se, duas décadas antes, pouco faria diferença ter ou não fãs no Brasil para lançar um hit na Colômbia, em tempos de Spotify a quantidade de audições, independentemente do lugar do mundo, torna qualquer lançamento um potencial hit. Prova disso é que mais de 60% dos plays responsáveis por levar "Envolver" a se tornar a música mais escutada do Spotify no globo foram gerados justo de terras brasileiras.

"O grande diferencial da Anitta é que ela sempre soube muito bem fazer o jogo dos algoritmos. Faz parcerias, soma seguidores de um e de outro artista e, pronto, ela conseguiu", declarou Tourinho pouco antes de assumir a Secretaria Municipal de Cultura de Salvador. "Cinco anos atrás, numa reunião com o presidente da Renault, que era nosso patrocinador, ela descreveu como chegaria ao sucesso global só dominando os algoritmos. E ela está seguindo exatamente esse roteiro." ←

PRINCIPAIS INDICADOS

Álbum do ano
- 'Voyage', do Abba
- '30', de Adele
- 'Un Verano Sin Ti', de Bad Bunny
- 'Renaissance', de Beyoncé
- 'In These Silent Days', de Brandi Carlile
- 'Music of the Spheres', do Coldplay
- 'Harry's House', de Harry Styles
- 'Mr. Morale & the Big Steppers', de Kendrick Lamar
- 'Special', de Lizzo
- 'Good Morning Gorgeous (Deluxe)', de Mary J. Blige

Gravação do ano
- 'Don't Shut Me Down', do Abba
- 'Easy on Me', de Adele
- 'Break My Soul', de Beyoncé
- 'Good Morning Gorgeous', de Mary J. Blige
- 'You and Me on the Rock', de Brandi Carlile com Lucius
- 'Woman', de Doja Cat
- 'Bad Habit', de Steve Lacy
- 'The Heart Part 5', de Kendrick Lamar
- 'About Damn Time', de Lizzo
- 'As It Was', de Harry Styles

Música do ano
- 'Easy on Me', de Adele
- 'Break My Soul', de Beyoncé
- 'Just Like That', de Bonnie Raitt
- 'God Did', de DJ Khaled com Rick Ross, Lil Wayne, Jay-Z, John Legend e Friday
- 'ABCDEFU', de Gayle
- 'As It Was', de Harry Styles
- 'The Heart Part 5', de Kendrick Lamar
- 'About Damn Time', de Lizzo
- 'Bad Habit', de Steve Lacy
- 'All Too Well (10 Minute Version)', de Taylor Swift

Revelação do ano
- Anitta
- Omar Apollo
- Domi & Jd Beck
- Muni Long
- Samara Joy
- Latto
- Maneskin
- Tobe Nwigwie
- Molly Tuttle

ONDE ASSISTIR AO GRAMMY

A premiação é transmitida ao vivo no Brasil na TV a cabo, pelo canal TNT, e no streaming, pela HBO Max. A transmissão começa às 21h30 do horário de Brasília

Show das poderosas

[RESUMO] Grammy Awards faz aceno à música feita no hemisfério sul, com Anitta e Bad Bunny na disputa, enquanto tem a chance de se redimir com Beyoncé, que, se ganhar mais quatro troféus, pode se tornar a maior vencedora de toda a história da premiação

Por ***Lucas Brêda***
Repórter da Ilustrada

Adele, Beyoncé, Harry Styles, Lizzo, Kendrick Lamar. Os principais nomes do próximo Grammy Awards poderiam estar em qualquer uma das três ou quatro últimas edições da premiação americana, a mais importante da indústria da música.

É uma lista que reforça a previsibilidade da Academia de Artes e Ciências de Gravação, instituição por trás do prêmio. Nos últimos anos, ela tem tido dificuldade em gerar apelo para os fãs de música, recuperar os índices de audiência ou oferecer cenas que fiquem para a história.

Do jeito que se formou a lista de indicados, a edição de 2023 do Grammy, que acontece na noite deste domingo em Los Angeles, vale mais pela chance de coroação de Beyoncé, a artista com mais indicações do ano, do que qualquer outro acontecimento.

Com o álbum "Renaissance", em que ela faz uma ode à pista de dança, do house e techno aos afro beats e ao dancehall, a cantora recebeu nove indicações e se tornou a pessoa com o maior número delas na história —88 no total, empatada com o marido Jay-Z. Ela já é a mulher com mais troféus —28—, mas pode alcançar o topo da lista geral agora.

Beyoncé precisa ganhar em três categorias, para igualar, e quatro, para ultrapassar, o maestro Georg Solti, contemplado 31 vezes, e se tornar a artista mais premiada da história do Grammy. Seria um momento de consagração de uma das grandes estrelas pop do planeta, capaz de dar relevância extra à 65ª edição da premiação, além de uma redenção simbólica.

Isso porque, por trás desses números, há uma falsa sensação de que ela foi contemplada mesmo pelo Grammy. Beyoncé só ganhou numa das 13 vezes em que concorreu às categorias principais, as que incluem todos os gêneros —na premiação de 2010, quando "Single Ladies (Put A Ring On It)" foi escolhida a música do ano.

Todas as suas outras estatuetas são em categorias de nicho, como R&B, rap e urban music, comumente criticadas como maneira de premiar artistas negros, mas mantendo todos eles de fora das categorias principais.

Neste ano, Beyoncé concorre com "Renaissance" nas três categorias principais —de música, gravação e álbum do ano. Para ser coroada como a maior do Grammy de todos os tempos, ela precisa bater Adele, reeditando o embate de 2017, quando seu "Lemonade" foi preterido por "25", da britânica, que desta vez concorre em sete categorias com "30".

A consagração de Beyoncé também seria um aceno da Academia em resposta aos boicotes recentes de alguns dos mais populares artistas negros da música americana —e mundial. Gigantes como Drake, The Weeknd e Frank Ocean abandonaram o Grammy nos últimos anos, e a premiação, depois de trocar seu comando, tem feito esforços para contemplar as críticas e se readequar a esse novo momento da indústria.

Desde 2019, diz a Academia, segundo o New York Times, o número de mulheres votando aumentou 19%, e a quantidade de membros de "comunidades tradicionalmente sub-representadas" subiu 38%. É uma tentativa gradual de reverter a tendência de continuar como uma premiação branca demais, masculina demais e velha demais e atrair um público mais jovem e diverso.

No ano passado, esses esforços resultaram na premiação do jazzista Jon Batiste, em álbum do ano, e H.E.R., em música do ano, ambos negros. É uma mudança, mas que leva ao protagonismo artistas com uma abordagem estética mais tradicional —instrumentistas técnicos, vocalistas virtuosos— em relação à música negra que é popular atualmente nos Estados Unidos —em especial o rap, mas também o pop e outros tantos gêneros baseados nas produções com bases eletrônicas.

Além de Beyoncé e Adele, quem pode brilhar é Kendrick Lamar —outro que já criticou o Grammy—, com suas oito indicações, pelo denso e psicológico álbum "Mr. Morale & the Big Steppers". Harry Styles, que lançou o disco "Harry's House", e Lizzo, com "Special", também podem abocanhar prêmios importantes.

Nas categorias principais, nomes como Coldplay, Brandi Carlile, Abba, Mary J. Blige, Steve Lacy e Doja Cat correm por fora. Queridinha do Grammy, Taylor Swift até concorre em música do ano, com "All Too Well", mas seu álbum mais recente, "Midnights", lançado no ano passado, saiu após o período necessário para que se tornasse elegível neste ano e só vai concorrer em 2024.

O porto-riquenho Bad Bunny, artista mais ouvido do mundo no Spotify por dois anos seguidos, é uma surpresa que pode ou não solidificar uma tendência no Grammy —de abertura a artistas de fora dos Estados Unidos continentais ou da Europa. Misturando ritmos latinos antigos e atuais, ele tem seu elogiado "Un Verano Sin Ti" disputando álbum do ano.

Com a indicação, a obra se tornou o primeiro álbum todo cantado em espanhol a disputar o troféu dessa categoria, uma das mais nobres do Grammy, em todos os tempos. É um marco, reforçado ainda pela performance de Bad Bunny na cerimônia.

Ele próprio já cantou na premiação, assim como o reggaetonero colombiano J Balvin e os sul-coreanos do BTS, em edições passadas. Mas a mera citação de "Un Verano Sin Ti" numa categoria geral, e não numa de nicho, já demonstra uma abertura de espaço antes bastante restrito.

Ainda assim, Bad Bunny é um azarão, na mesma situação de Anitta, indicada como artista revelação. A brasileira, que disputa um dos quatro prêmios mais importantes do Grammy, mantém carreira na música por mais de uma década, mas só recentemente passou a trabalhar para garantir sua entrada no mercado americano —e ser vista por ele. O ápice dessa internacionalização é o álbum "Versions of Me", do ano passado.

Anitta cantou no famoso festival Coachella, na Califórnia, no ano passado, gravou músicas em inglês e tem se esforçado para estabelecer conexões na mais influente indústria fonográfica do planeta. Se for agraciada com o prêmio, tardio dada a longevidade de sua trajetória, será outro marco. Para isso, terá de derrotar nomes mais cotados como Omar Apollo, Latto, Wet Leg e Molly Tuttle, além dos roqueiros italianos do Maneskin —que já fazem sucesso há pelo menos dois anos e inclusive tocaram no último Rock in Rio.

Quem parece não ter caído no gosto do Grammy é a espanhola Rosalía. Seu terceiro álbum, "Motomami", foi presença constante nas listas de melhores do ano mundo afora, mas acabou esnobado na premiação. A espanhola concorre apenas em duas categorias —melhor vídeo musical, por um registro ao vivo, e melhor álbum alternativo ou de rock latino.

Se a presença de Bad Bunny pode ser um bom indicativo para Anitta, mais conhecida por suas músicas em espanhol do que em português ou em inglês, a ausência de Rosalía pode representar exatamente o contrário. Resta aguardar para saber qual caminho o Grammy quer trilhar. ←

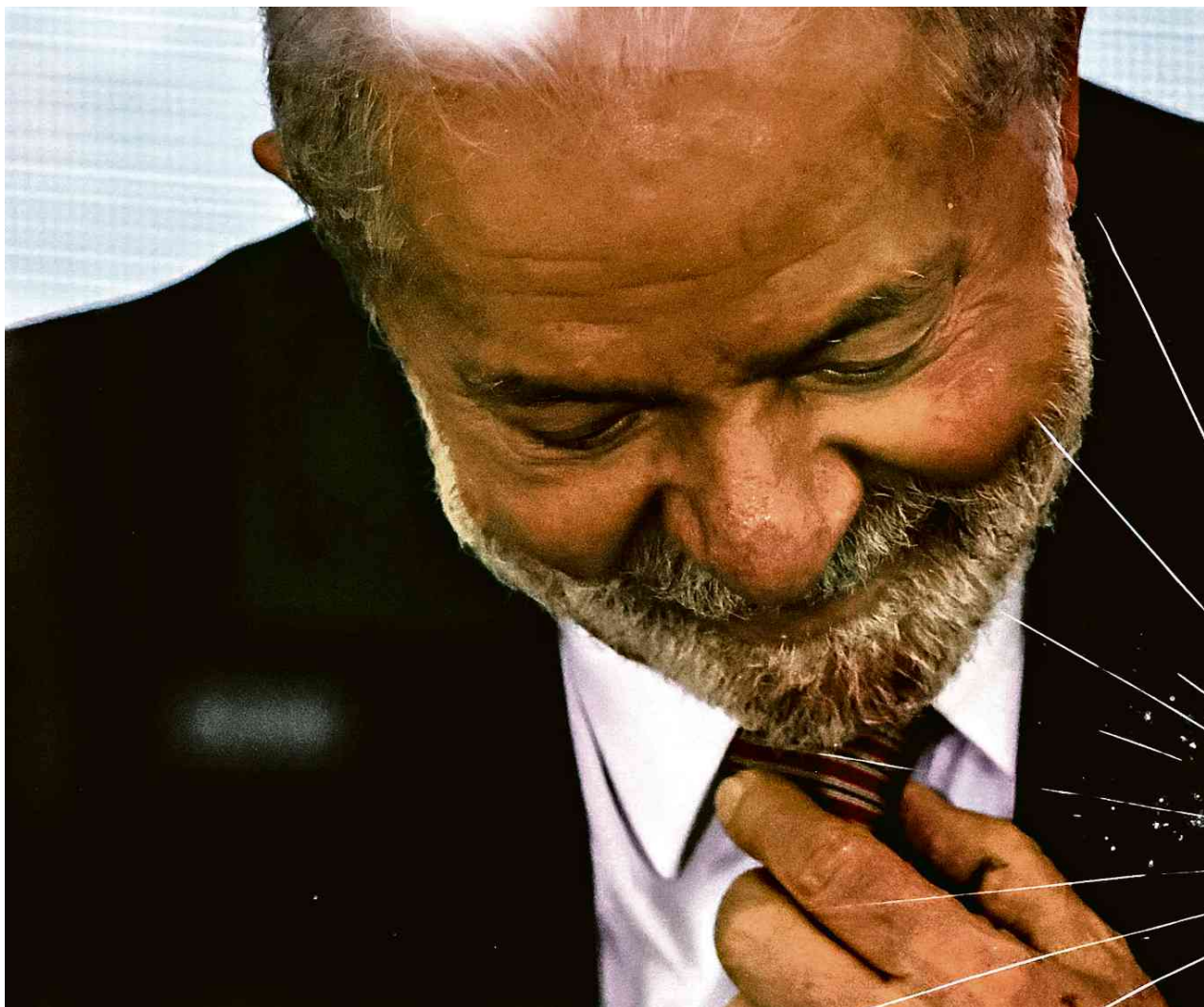



Foto produzida com técnica de múltipla exposição mostra o presidente Lula e vidro avariado após ataques de 8 de janeiro Gabriela Biló - 18.dez.23/Folhapress

O fotojornalismo e a rigidez do instante

[RESUMO] A Folha trouxe na primeira página da edição de 19 de janeiro uma foto de Gabriela Biló produzida com múltipla exposição, recurso que permite sobrepor duas tomadas distintas. Alguns enxergaram na imagem a insinuação de um presidente alvejado; outros, um Lula blindado de ataques. Discutiram-se também questões formais sobre o lugar da fotografia na imprensa. Muitos defenderam a visão, aqui problematizada pelo autor, do fotojornalismo reduzido a seus parâmetros mínimos, preso ao momento solene do clique

Por *Ronaldo Entler*
Crítico de fotografia, doutor em artes pela USP e professor da Faap (Fundação Armando Alvares Penteado)

A **Folha** trouxe, na primeira página da edição de 19 de janeiro, uma foto de Gabriela Biló que mostrava Lula curvado atrás de um vidro quebrado por um objeto contundente. A imagem foi produzida utilizando múltipla exposição, recurso que permite sobrepor duas tomadas distintas: no caso, uma de Lula, outra do vidro danificado do Palácio do Planalto.

As leituras foram diversas, sendo duas as mais recorrentes: tendo em mente a violência dos atos golpistas a que havíamos assistido dias antes, alguns enxergaram ali a insinuação de um presidente alvejado, outros o viram representado como uma figura blindada aos ataques. Na explicação da autora, a imagem mostra a resiliência de Lula e significa apenas que a vida continua.

Os debates em torno dessa foto tomaram as redes, envolvendo comentaristas políticos e especialistas em fotografia. Incluiu também umas tantas ofensas pessoais à fotógrafa. Veículos de imprensa, incluindo a **Folha**, repercutiram a polêmica.

Para apontar os problemas dessa sobreposição de imagens, muitas críticas recorreram a uma sobreposição de julgamentos: de um lado, consideraram que, ao situar Lula em uma suposta linha de tiro, a imagem dava combustível a um embate político já bastante violento. De outro, condenaram o artifício da múltipla exposição, sugerindo que o fotojornalismo deveria se limitar aos fatos e não poderia recorrer a "truques" desse tipo.

Penso que essas duas questões mereceriam ser tratadas separadamente. Quero aqui me posicionar brevemente sobre uma e mais detidamente sobre a outra.

Não gosto da imagem pelos sentidos que ela produz. Não vejo em nenhuma de suas leituras, nem nas mais positivas nem nas mais negativas, uma contribuição para o entendimento da atual realidade política brasileira. Continuaria não gostando se essa mesma foto tivesse sido obtida de forma mais convencional, com uma única exposição.

Penso que, independentemente da técnica, encaixar elementos distintos da cena para dar à imagem segundos sentidos se tornou um chavão do fotojornalismo. Esse recurso já produziu imagens icônicas, mas, na maioria das vezes, o que resta é um apelo efêmero do tipo: "Olha que sacada do fotógrafo!". A esta altura, é tudo o que tenho dizer sobre a foto de Biló.

Fiquei surpreso, no entanto, ao perceber que grande parte dos fotógrafos e críticos que habitam minhas redes deram mais atenção ao procedimento da múltipla exposição, que macula o gesto solene e discreto por meio do qual o fotojornalista se compromete com os fatos, que ao sentido produzido pela imagem. Esse debate merece ser levado adiante, porque dele podem surgir parâmetros mais claros e, quem sabe, mais atualizados tanto para a produção quanto para a crítica do fotojornalismo.

O peso que o fotojornalismo dá a esse gesto discreto de captação tem uma história. A fotografia surgiu no século 19 sob a crença de que seu automatismo minimizava as intervenções da mão humana e garantia a veracidade da imagem. As longas exposições dos primeiros processos ainda exigiam que a figura humana se conformasse ao artifício da pose.

Só a partir dos anos 1880, com o aumento da sensibilidade dos materiais fotográficos, foi possível congelar objetos e corpos em movimento. Sem que o fotógrafo precisasse construir a cena, a fotografia se viu investida de nova dose de credibilidade.

Aqui, nascem algumas ideias-chave que dariam forma a essa técnica moderna: a noção de instantâneo, que se tornaria sinônimo de fotografia, o flagrante, que garantia a espontaneidade da cena captada, e o clique, onomatopeia que passou a nomear o gesto sintético de criação fotográfica.

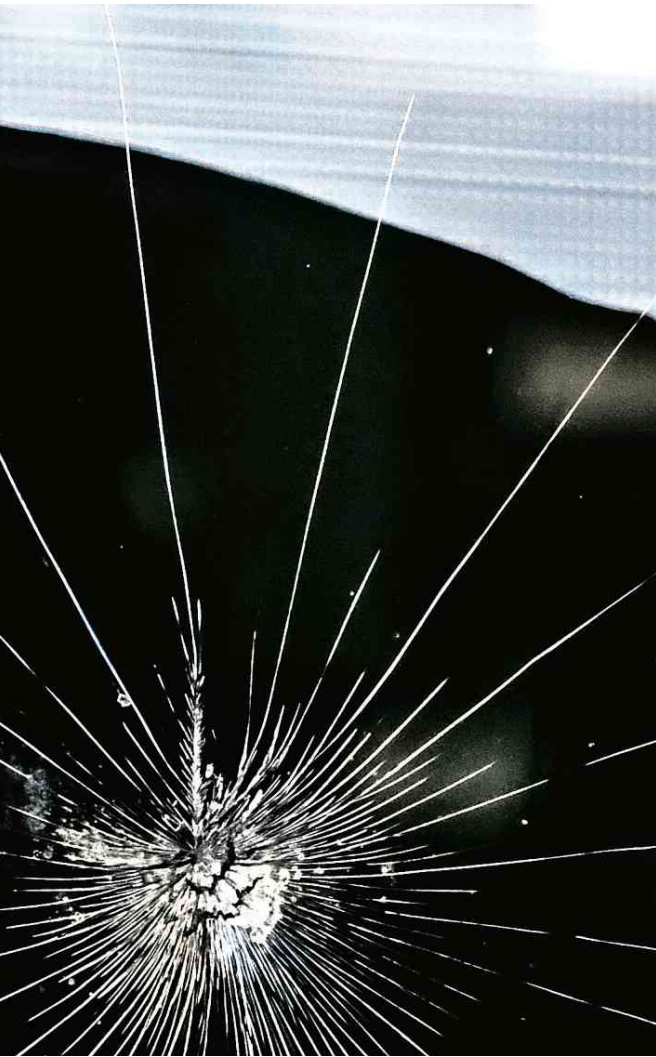
Desde sempre, a fotografia foi exaltada por seu valor documental: ela se tornou ritual de memória de uma burguesia ascendente, revelou paisagens distantes a serem colonizadas e comportamentos exóticos a serem domesticados, catalogou patologias diversas e ajudou a estabelecer parâmetros que definiram o corpo e o espírito saudáveis. Esses são exemplos que demonstram que os procedimentos documentais mais rigorosos podem ser carregados de viés ideológico e produzir violência.

A ideia de reportagem já existia na fotografia do século 19, mas o mercado do fotojornalismo só viria a se consolidar no início século 20, quando a impressão de clichês em meios-tons se tornou comercialmente viável e quando câmeras profissionais de pequeno formato deram maior mobilidade aos fotógrafos.

As revistas ilustradas que surgiram entre os anos 1920 e 30 —como a francesa Vu, a estadunidense Life e a brasileira O Cruzeiro— construíram um espaço muito prolífico para o fotojornalismo. Nelas, era comum que os fotógrafos simulassem a espontaneidade por meio da pose ou, mais que isso, que roteirizassem os acontecimentos que viriam a registrar (por exemplo, ao mostrar a rotina glamorosa de uma celebridade).

Essas revistas exploravam recursos gráficos sofisticados que davam às fotos recortes ousados, as organizavam em sequências narrativas complexas e as colocavam em relação com o texto. Apesar de todos esses artifícios, a credibilidade do fotojornalismo permanecia apoiada na ilusão de que a imagem capta, com intervenção mínima, uma realidade que se coloca diante da câmera. A mística em torno do clique tornou invisível para o leitor muitas das etapas da produção fotojornalística.

Essa suposta economia do gesto criativo foi uma bênção e também

Continua na pág. C7

Continuação da pág. C6

uma desgraça para o meio profissional. Ela trouxe para a fotografia a ideia de gênio, associada ao dom demonstrado por alguns mestres de aguardar pacientemente e, em seguida, captar ágil e intuitivamente o instante certo. Em contrapartida, grande parte daqueles que se engajaram no ofício do fotojornalismo continuaram sendo vistos como operadores de uma máquina que, em boa medida, resolvia as imagens por meio de seu automatismo.

Não foi confortável ler o filósofo tcheco-brasileiro Vilém Flusser dizendo, em tom de provocação, que o fotógrafo é um "funcionário do aparelho". Para muitos profissionais, tal subordinação se traduzia em problemas nada filosóficos. Poucas décadas atrás, os fotógrafos ainda lutavam pelo direito de ter suas imagens creditadas com seus nomes que, no entanto, os leitores raramente se davam ao trabalho de notar. Boa parte dos fotógrafos ganhava menos que seus colegas redatores e, com frequência, eram tratados por eles como seus subalternos. Ouvimos muitas histórias de um tempo em que o motorista que levava o repórter a campo podia ser encarregado de fazer alguns cliques para a pauta.

Quero crer que essa realidade tenha mudado, mas outras crises vieram. Com o advento da internet, as publicações impressas minguaram e o jornalismo teve que se reinventar. Os veículos que sobreviveram reduziram o tamanho de suas Redações. No caso dos fotojornalistas, as equipes fixas foram praticamente extintas, porque os bancos e as agências de imagem passaram a oferecer, a um custo muito menor, imagens de todos os acontecimentos para todos os gostos.

Não há dúvida de que a captação do instante e a edição da reportagem deixam margem para uma ampla gama de escolhas criativas e autorais e que o planejamento e a edição da reportagem são parte legítima do processo de produção da reportagem fotográfica.

Contudo, a afirmação insistente e mal colocada de que o fotojornalismo se limita aos fatos reduz essa atividade a seus parâmetros mínimos, como se qualquer dedo apoiado sobre o disparador fosse capaz de satisfazê-lo: se os fatos estão dados e são o limite desse fazer, basta que alguém os recolha por meio de um aparelho programado para isso.

Fazendo dessa premissa uma anedota, o artista e curador catalão Joan Fontcuberta conta que um importante jornal de Hong Kong demitiu seus fotógrafos e distribuiu câmeras fotográficas a entregadores de pizza, que eram mais numerosos e mais ágeis que a equipe profissional que veio a substituir.

O fotojornalismo viveu diversas revoluções técnicas e estéticas. Sobreviveu a todas, mas não sem resistência. Na segunda metade do século 20, muitos profissionais acompanharam com desconfiança a popularização da foto colorida. Eles viam na cor um fetiche adequado aos amadores ou um apelo oportuno à publicidade. Para a fotografia documental, porém, ela portava um excesso paradoxal: "Fotografia colorida é realista demais", disse o crítico A.D. Coleman em sua coluna no jornal The New York Times em 1971.

A fotografia digital chegou com ares de catástrofe. Fotógrafos e teóricos se interrogavam se a imagem captada e desconstruída em códigos binários por um sensor ainda poderia ser chamada de fotografia.

Passado o susto, os riscos se confinaram, então, em um lugar pontual do processo criativo: a pós-produção, que, com o Photoshop, trazia possibilidades ilimitadas de manipulação. Certo nível de correção de cor, contraste e enquadramento permaneceu aceitável, como acontecia nos laboratórios analógicos. Mas, de tempos em tempos, nos deparamos com a denúncia de excessos.

Por fim, chegaram os celulares e as redes sociais, recursos que hoje estão integrados à rotina profissional dos fotojornalistas mais ativos, mas que pareciam criar uma concorrência desleal em favor dos amadores até recentemente.

A afirmação insistente e mal colocada de que o fotojornalismo se limita aos fatos reduz essa atividade a seus parâmetros mínimos, como se qualquer dedo apoiado sobre o disparador fosse capaz de satisfazê-lo: se os fatos estão dados e são o limite desse fazer, basta que alguém os recolha por meio de um aparelho devidamente programado para isso

Nenhuma linguagem do jornalismo lida de forma tão dogmática com a informação captada. Na fotografia, o compromisso com os fatos tem sido medido mais pelo modo de operar a técnica que pela análise do sentido que a imagem produz

Há um limite que parece ser consensual: no fotojornalismo, não se deve acrescentar ou retirar elementos da cena captada pelo clique. Comentando a imagem de Gabriela Biló, José Henrique Mariante, ombudsman da **Folha**, citou o Manual de Redação do jornal: "São proibidas adulterações da realidade retratada, tais como apagar pessoas ou alterar suas características físicas, eliminar ou inserir objetos e mudar cenários". Também lembrou que montagens só são permitidas em "imagens de cunho essencialmente ilustrativo". Por isso, alguns posts se referiram a Biló, provocativamente, como "a ilustradora da **Folha**".

Esse consenso, entretanto, exige concessões: o ângulo, o enquadramento e a escolha do instante podem também incluir ou excluir elementos fundamentais para a leitura que se produzirá da cena. O controle da exposição, do contraste e da cor também podem dar destaque ou decretar a invisibilidade de outros tantos elementos.

Quem defende a pureza de procedimentos do fotojornalismo não só está ciente disso como pensa que essas escolhas são parte fundamental dessa linguagem, mas o clique permanece como fronteira sagrada que separa suas possibilidades criativas dos abusos da pós-produção. Mesmo Biló, ao se defender das críticas que recebeu, fez questão de lembrar que a múltipla exposição não é uma ação de pós-produção: ainda se trata do clique, mesmo que e sejam dois deles.

A fotógrafa sacou da cartola uma definição de fotojornalismo que desconheço: "Tudo no fotojornalismo que pode ser feito com a câmera digital tem que poder ser feito na analógica, senão não é fotojornalismo". É um modo sintomático de transferir ao equipamento o poder de definir a ética da profissão.

Dizer que toda fotografia envolve manipulação soa, por um lado, um tanto óbvio e, por outro, um jogo retórico que interessa mais aos teóricos que aos fotógrafos. Na prática, quando os procedimentos de produção de uma fotografia são conhecidos, não é difícil distinguir o que é ou não é aceitável dentro de parâmetros consolidados do fotojornalismo.

No entanto, isso não elimina um problema efetivo, lembrado pela jornalista Edilamar Galvão em artigo publicado também na **Folha**: "A 'captura do instante' que 'existiu' pode produzir, por algum desses procedimentos [convencionais], uma ilusão de ótica de um fato físico que, a rigor, não existiu". Para quem defende dogmas do fotojornalismo, isso parece irrelevante: a imagem pode produzir uma leitura enganosa, desde que o instante captado autorize.

Em contrapartida, segue Galvão, uma foto como a de Biló pode muito bem "produzir uma síntese simbólica dos acontecimentos". Caso alguém sugira que não cabe ao fotojornalismo produzir sínteses simbólicas, como justificar a possibilidade de um único instante representar um acontecimento?

Notícias não brotam em árvore: elas são construções sempre baseadas em interpretações que podem ser feitas dos fatos, a partir de procedimentos técnicos e éticos que os profissionais não cessam de debater. Todas as linguagens acolhidas pelo jornalismo estão comprometidas com os fatos, mas nenhuma delas lida de forma tão dogmática com a informação captada.

No texto, os dados e testemunhos colhidos podem ser fragmentados, reordenados, sintetizados e acrescidos de análises ou opiniões. No rádio, a tudo isso podem se somar músicas incidentais e efeitos sonoros. Na TV, as captações em vídeo raramente são veiculadas integralmente, porque a montagem é a base de toda a linguagem audiovisual. A ilustração jornalística tem uma enorme liberdade inventiva e, ainda assim, está sujeita à ética do jornalismo.

Nenhum desses procedimentos inviabiliza o compromisso do jornalismo com os fatos. Na fotografia, mais que em qualquer outra linguagem, esse compromisso tem sido medido mais pelo modo de operar a técnica que pela análise do sentido que a imagem produz.

Nas últimas décadas, a fotografia documental se expandiu em muitas direções, se misturou a outras linguagens e ocupou com muita força os espaços dedicados à arte contemporânea. Lembro de Ferreira Gullar reclamando do excesso de realidade na 29a Bienal de São Paulo, em razão da forte presença de filmes e fotografias documentais: "A arte existe porque a vida não basta", disse. De forma espelhada, Gullar operou a mesma exclusão que vimos agora em muitos comentários feitos à foto de Gabriela Biló: "Isso pode ser arte, mas não é jornalismo".

Interessante que muitos dos artistas que levam experimentos documentais para galerias têm sua formação no fotojornalismo. Em contrapartida, é lamentável que os espaços do fotojornalismo não sejam capazes de acolher inquietações que eles mesmos ajudaram a produzir. Alguns desses fotógrafos foram levados a experimentações não só por insubordinação técnica, mas pelo desejo de aprofundar os compromissos éticos da imagem documental.

Por exemplo: roteirizar previamente a abordagem que se fará do mundo, dando ao gesto do documentarista um caráter quase performático é, muitas vezes, um modo de explicitar ao público a arbitrariedade que sempre envolve o procedimento documental. Poses muito explícitas e claramente negociadas têm sido uma forma de contornar os abusos do "flagrante", sobretudo quando envolve pessoas em situação de vulnerabilidade, que raramente são consultadas a respeito do modo como serão representadas.

Ainda que casos polêmicos possam alimentar manifestações conservadoras, não é verdade que o jornalismo seja refratário às inovações. A mesma revolução digital que instaurou uma crise nesse mercado ofereceu a ele oportunidades de revitalização. Muitas empresas de jornalismo se transformaram em produtoras de conteúdos multiplataforma.

As equipes de fotojornalismo se tornaram bastante enxutas, mas as reportagens que testam soluções inovadoras são mais visuais que nunca: elas trazem fotos, ilustrações, animações, vídeos e interatividade; envolvem programadores, designers e produtores de imagem que transitam por linguagens e procedimentos diversos.

Que estatuto tem a fotografia quando ganha movimento, quando se torna navegável, quando integra uma arquitetura informacional complexa a ser percorrida pelo leitor? Que estatuto tem o fotojornalista quando, além dos cliques rotineiros, é convidado a colaborar com o desenho dessa arquitetura, a planejar e roteirizar narrativas, a escrever textos, a produzir e editar vídeos, a assinar a direção de arte de um produto, a assumir o controle dos processos de pós-produção que aproximam suas imagens da ilustração?

Eu preferia supor que tudo isso ainda merece ser chamado de fotojornalismo. Primeiro, por uma questão etimológica: essa é a palavra que melhor expressa as relações possíveis entre foto e jornalismo. Mas, principalmente, porque o fotojornalismo é o lugar de onde emergem muitas das inquietações que ajudam a renovar o jornalismo.

À medida que essas liberdades sejam concedidas ao fotojornalista, o que irá distinguir suas imagens das fake news? Essa pergunta foi colocada muitas vezes no episódio envolvendo Gabriela Biló. A resposta é bastante simples: ao contrário das fake news, o jornalismo dá transparência a seus procedimentos, revela suas fontes, traz a autoria de suas criações. Há também uma empresa que se responsabiliza pelas informações veiculadas.

Pode ser que, em respeito à tradição, seja prudente preservar a noção de fotojornalismo para as imagens mais convencionais. Isso significa que o fotojornalismo se tornará só uma fração das contribuições que a fotografia poderá dar ao jornalismo.

Para tentar dar conta de uma visão mais ampla de todas essas contribuições, algumas nomenclaturas já vêm sendo esboçadas (produção de conteúdo, editoria de imagem, jornalismo visual), mas me parece um desperdício criativo colocar o fotojornalismo como um apêndice desse processo.

Também é verdade que os leitores habituados à tradição do fotojornalismo podem ficar confusos quando se deparam repentinamente com tais inovações. É fundamental haver transparência nesse processo de reformulação dos modos de fazer jornalismo, não apenas por meio de legendas que explicam os procedimentos a cada vez que eles são utilizados. A educação para a imagem é uma responsabilidade a ser exercida de forma contínua e sistemática pelas empresas que vivem do jornalismo. ←

Lixo muito interessante

Foi com a escritora Adília Lopes que deixei de bancar o espertinho

Ricardo Araújo Pereira

Humorista, membro do coletivo português Gato Fedorento. É autor de "Boca do Inferno"

Certo dia fui incumbido de entrevistar uma escritora chamada Adília Lopes. A primeira pergunta que lhe fiz foi sobre um poema seu de que eu gostava muito. Chama-se "Autobiografia Sumária" e só tem três versos: "Os meus gatos/ gostam de brincar/ com as minhas baratas".

O meu objetivo era impressionar a autora com a minha excelente interpretação do poema. Disse-lhe que aqueles versos eram também o resumo da minha vida. Os meus gatos, isto é, aquilo que em mim é felino, arguto, crítico, aquilo que em mim é perspicaz —e até cruel— gosta de brincar com as minhas baratas, ou seja, com aquilo que em mim é repugnante, reles, rasteiro, vil.

E aquela operação poética —que é, igualmente, uma operação humorística— de escarnecer de si próprio era-me tão familiar que podia descrever-me de forma tão competente como à autora do poema.

Os olhos de Adília Lopes umedeceram-se. Fosse qual fosse a noite solitária em que escreveu o poema, estava longe de imaginar que, tanto tempo depois, a sua alma gêmea se apresentasse à sua frente, compreendendo-a tão profundamente.

Foi então que Adília Lopes falou. Disse o seguinte: "Sim. Bem, comigo, o que se passa é que eu tenho gatos. E tenho também baratas, na cozinha. E os gatos gostam de ir lá brincar com elas". E depois exemplificou, com as mãos, o gesto que os gatos faziam com as patinhas.

Foi naquele dia, amigo leitor, que eu deixei de bancar o espertinho. A vida de Adília Lopes, mesmo podendo ser resumida a uma circunstância banal envolvendo baratas, era muito mais interessante que a minha.

O seu lixo gerava vida e poemas, ao passo que o meu lixo não gera nada. Mas esta semana recebi um email que me alertava para o fato de o meu cartão bancário estar sendo utilizado por outra pessoa.

O email apontava algumas despesas que, de fato, não tinham sido feitas por mim e, por isso, estando eu a ser vítima de fraude, devia clicar num link para resolver o problema.

Sucede que o link era fraudulento. Ou seja, o email tinha sido enviado por alguém que me avisava de ser vítima de fraude para que eu fosse vítima de fraude.

O autor do email chamava a minha atenção para uma fraude falsa para que eu caísse numa verdadeira. É uma curiosa variação do paradoxo do mentiroso.

Ele está a mentir mas a dizer a verdade. Que é, na verdade, mentira. E por isso, com orgulho, eu coloquei esse interessantíssimo email no lixo.

Luiza Pannunzio

| DOM. Ricardo Araújo Pereira | **SEG. Bia Braune** | TER. Manuela Cantuária | QUA. Hmmfalemais | QUI. Flávia Boggio | SEX. Renato Terra | SÁB. José Simão

É HOJE

Tony Goes

tonygoes@uol.com.br

Filme escolhido pelo Brasil para o Oscar 2023 chega à televisão paga

Marte Um

Canal Brasil, 19h, 16 anos

Pela primeira vez, um longa escrito e dirigido por um cineasta negro foi selecionado para representar o Brasil na disputa pelo Oscar de melhor filme internacional. "Marte Um" não ficou entre os 15 semifinalistas ao prêmio, mas isso em nada diminui sua qualidade. Gabriel Martins retrata com sensibilidade o cotidiano de uma família da periferia de Belo Horizonte no final de 2018, às vésperas da eleição de Bolsonaro para presidente.

Cartas na Manga

Netflix, 12 anos

Neste filme da Arábia Saudita, quatro episódios independentes contam histórias que envolvem mentiras e trapaças. O roteiro tem falhas e os atores são amadorísticos, reflexo da incipiente produção cinematográfica local. Mas é uma janela para um dos países mais fechados do mundo.

Tuesday

Mubi, 12 anos

Depois de incluir em seu catálogo o badalado "Aftersun", um dos filmes mais elogiados do ano passado, a plataforma disponibiliza o primeiro curta-metragem da diretora britânica Charlotte Wells, de 2015 —também sobre um relacionamento entre pai e filha.

Krenak, Uma História de Resistência

Cultura, 16h30, livre

A luta da etnia indígena krenak por terras no leste de Minas Gerais é vista em documentário inédito, produzido pelo jornalismo da emissora.

Viradão François Truffaut

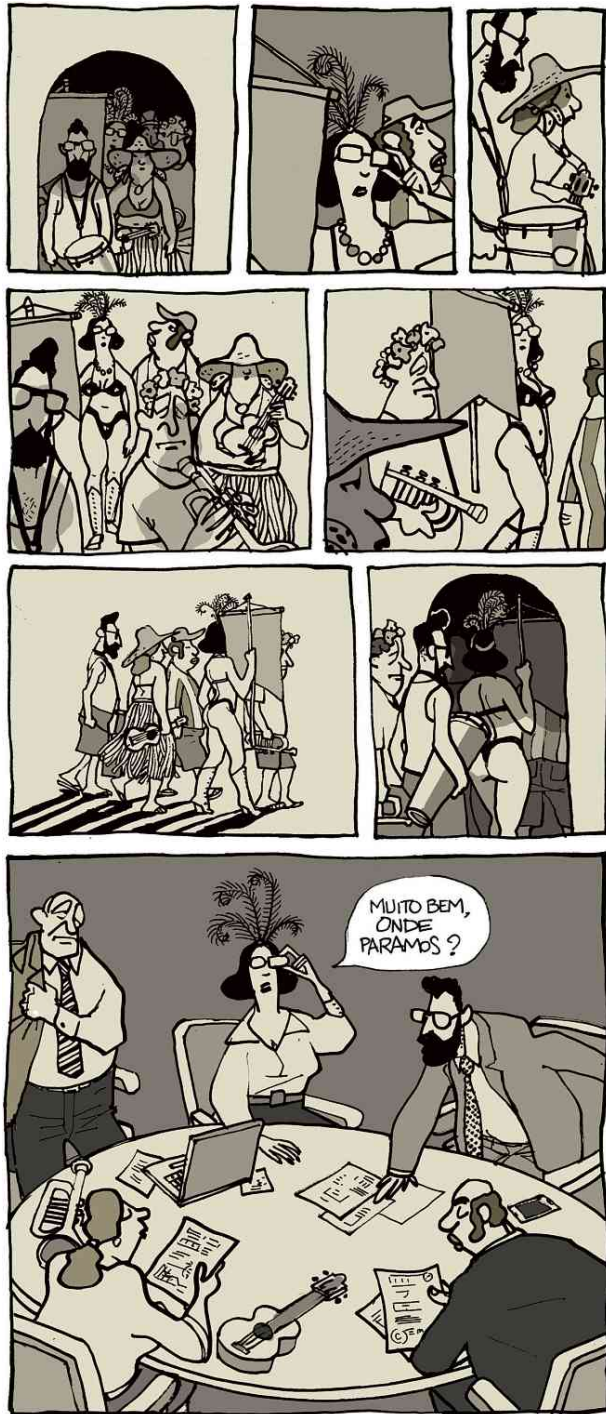
Telecine Cult, a partir de 21h20

François Truffaut, que completaria 91 anos nesta segunda, é homenageado com uma maratona —"Antoine e Colette" (21h20), "Beijos Proibidos" (22h), "Jules e Jim" (23h40), "Um Só Pecado" (1h35), "As Duas Inglesas e o Amor" (3h40), "O Amor em Fuga" (6h) "Domicílio Conjugal" (7h45), "De Repente num Domingo" (9h35), "O Último Metrô" (11h35) e "A Mulher do Lado" (13h55).

Canal Livre

Band, 1h, livre

Gilberto Kassab, presidente do PSD e secretário de Relações Institucionais do estado de São Paulo, fala sobre a relação entre o governo Lula com as casas legislativas.

QUADRÃO | Laerte

| DOM. **Jan Limpens**, Luiz Gê, Ricardo Coimbra, Angeli, Laerte

João Paulo Borges Coelho está em evento da Folha

SÃO PAULO O Encontro de Leituras, evento online promovido pela **Folha** e o jornal português Público, recebe João Paulo Borges Coelho, que discutirá com leitores o romance "Museu da Revolução". A sessão acontecerá no dia 14, a partir das 19h de Brasília (22h de Lisboa).

O escritor pesquisa guerras de Moçambique, políticas regionais da África e vínculos de memória e poder. "Museu da Revolução", de 2021, reconstitui a memória recente do país por personagens cujas vidas mudaram com a violência.

O debate acontece via Zoom, na reunião 820 7497 2849. A senha de acesso é 538972. A participação é aberta a todos e gratuita.

Fim de cinema da Augusta se torna tema de inquérito

SÃO PAULO O Ministério Público do Estado de São Paulo abriu inquérito civil que pode barrar a demolição do anexo do Espaço Itaú de Cinema da rua Augusta.

A abertura se deve ao risco ao patrimônio histórico e cultural e possível omissão sobre o pedido de tombamento do Conpresp, o Conselho Municipal de Preservação do Patrimônio Histórico, Cultural e Ambiental da Cidade de São Paulo.

Anexado ao processo está o abaixo-assinado contra o fechamento do café Fellini, outro tema do inquérito, e uma placa do Departamento de Patrimônio Histórico que reconhece o espaço. **Leonardo Sanchez**

Jafar Panahi sai da prisão depois de greve de fome

SÃO PAULO O cineasta dissidente iraniano Jafar Panahi foi liberado da prisão em Teerã, no Irã, na sexta-feira. Ele foi detido em julho do ano passado por "perturbação da ordem pública".

O cineasta foi preso na época em meio a uma repressão à liberdade de expressão em seu país, quando foi à prisão de Evin para investigar o paradeiro dos diretores Mohammad Rasoulof e Mostafa Aleahmad. O cineasta tinha começado uma greve de fome na semana passada.

Panahi, de 62 anos, ganhou o prêmio de melhor roteiro em Cannes em 2018 por "Três Faces" e o Urso de Ouro no Festival de Berlim por "Táxi Teerã", em 2015.

Séculos de impunidade

Tragédia yanomami mostra que é preciso romper com a anistia sem fim para que nos reste algum futuro

Itamar Vieira Junior
Geógrafo e escritor, autor de 'Torto Arado'

Toda sociedade possui seus códigos de justiça. A palavra é derivada do latim "iustitia", que por sua vez vem de "iustos" —justo—, que por fim deriva de "ius" —direito, correto, lei.

Uma sociedade sem os pressupostos da justiça está predestinada ao colapso, à completa anarquia, em que os interesses individuais se sobrepõem aos coletivos. No 8 de Janeiro, vimos por algumas horas a violência devastar as sedes dos três Poderes da República, entre as quais a da Justiça.

Em "Ensaio sobre a Cegueira", José Saramago cria uma alegoria sobre um mundo onde valores éticos e coletivos desmoronam, usando a metáfora de uma epidemia de cegueira. Sem os olhos para ver, o mal aflora, o horror se instaura e o pacto civilizatório se dissolve. Resta a barbárie como a lei da sobrevivência.

A bestialidade que tomou conta de Brasília no primeiro domingo pós-posse do presidente e de governadores é a mesma que devasta o território yanomami e os de outras sociedades indígenas. A tragédia que os assola é brutal e violenta. É um crime contra a humanidade. É um genocídio. É tudo, menos surpresa. A calamidade instaurada na terra indígena não é um evento circunstancial; é o projeto de extermínio mais persistente no país.

Colonizadores foram anistiados. Escravocratas também. Igualmente os militares pelos crimes do passado e do presente. Relatórios de inteligência da Funai apontam para um conluio entre garimpeiros e militares, incluindo uma possível relação de parentesco e o compartilhamento de informações em grupos de redes sociais para facilitar a atividade ilegal na terra indígena.

A anistia nos trouxe até aqui.

Nos trouxe também até a tentativa de ruptura da ordem democrática com uma minuta de golpe para reverter o resultado das eleições, conspirações com propostas de espionagem de um ministro do Supremo Tribunal Federal e sua posterior prisão. Nos trouxe à confissão de um deputado de que todos os ministros tinham uma minuta golpista em casa. Nos trouxe à revelação de um senador de que teria sido convidado para compor um comitê golpista.

A falta de justiça nos trouxe até aqui.

Em dezembro, a polícia alemã desarticulou uma rede de extrema direita que pretendia um golpe para restituir a monarquia. Para os procuradores alemães, tratava-se de um grupo terrorista que visava atingir o regime democrático. Foram realizados indiciamentos, prisões, restando à sociedade a confiança na Justiça para julgar e punir. Por aqui, prisões também foram feitas, mas sem chegar aos mentores do ato golpista.

A palavra anistia vem do grego e do latim "amnestía" ou "amnestia" e significa esquecimento. Vivemos no país sem memória e, só quando nos dermos conta disso, compreenderemos seu poder para nos devolver à trilha dos avanços civilizatórios.

Nas ruas de inúmeras cidades da Europa, é possível encontrar as "stolpersteine", que significa "pedras do tropeço" em uma tradução livre. São pequenas chapas douradas fixadas nas calçadas em frente a casas de onde vítimas do Holocausto foram retiradas para a morte.

Somente em Berlim, são quase 9.000 placas com nome, sobrenome, data de nascimento e de morte de pessoas que viveram naquele exato local. São placas individuais para recordar que cada pessoa era única; somadas, dão uma pequena noção da dimensão da tragédia. Sem contar nos inúmeros monumentos e museus que abrigam a história desse evento tão traumático.

A justiça pode ser um poderoso instrumento contra o esquecimento.

> **[...]**
> A bestialidade que tomou conta de Brasília no primeiro domingo pós-posse do presidente e de governadores é a mesma que devasta o território yanomami. A tragédia que os assola é brutal e violenta. É um crime contra a humanidade. É um genocídio. É tudo, menos surpresa

Há poucos meses, escrevi um texto sobre a morte do indígena tanaru, último sobrevivente de sua etnia. Viveu sozinho na floresta durante 26 anos. Seus últimos parentes foram mortos por fazendeiros na década de 1990. Como ele, muitas etnias estão em risco pelo garimpo ilegal, pela criminosa extração de madeira, pela derrubada da floresta para criação de pastos e monoculturas, por conflitos fundiários de toda ordem.

As imagens dos yanomamis em grave estado de desnutrição são retratos da devastação de corpos e território atingidos por um projeto de extermínio que perdura há mais de cinco séculos. São resultados da anistia indiscriminada, da falta de justiça, da nossa condescendência quase cúmplice de não exigir o contrário.

É preciso romper com os ciclos de impunidade para que nos reste algum futuro.

| DOM. Bernardo Carvalho, Itamar Vieira Junior

IMAGINAÇÃO

Por *Nastassja Martin*
Antropóloga, doutora pela Escola de Altos Estudos em Ciências Sociais de Paris e especialista em populações do Grande Norte. Autora, entre outros livros, de 'Escute as Feras'

Barco navega em rio da Sibéria, na Rússia Ilya Naymushin - 22.dez.15/Reuters

A leste dos sonhos

É inverno, luzes tênues do amanhecer despontam no interior da cabana. Dária remexe as brasas no forno e fecha a porta em frente ao seu rosto corado pelo calor. Estou sentada diante dela, os olhos no horizonte, ainda perdidos nas imagens da noite. O que você viu?, ela me pergunta com doçura. Nada de interessante, estou padecendo de uma psicose climática, digo, forçando um sorriso. Conte mesmo assim, sussurra ela novamente. Somos duas mulheres, eu e uma desconhecida, estamos correndo numa floresta labiríntica, fugindo de alguma coisa, um fogo, um deslizamento, não me lembro. Chegamos a um barranco abrupto que descemos escorregando. Ali um bote nos espera, para nos levar a outra margem. Do outro lado do braço de mar, há um encontro político que acontece numa ágora gwich'in. Entramos no bote e o condutor começa a remar. Na sua opinião, ele pergunta à minha companheira de viagem que vai coordenar o encontro gwich'in e está atrasada, na sua opinião, seria melhor inundar primeiro a Antártica ou o Ártico? Claro que a Antártica, ao menos para começar, porque lá não tem ninguém. O condutor tira o tampão do fundo do bote, a água invade lentamente, sinto meus membros congelarem. A desconhecida entra em pânico. O condutor joga os remos na água e com uma voz solene, diz: isso é o que acontece quando se afunda, isso é o que se sente quando a água sobe. Meus membros se intumescem. Nós afundamos, estou debaixo da água congelante, nado com os olhos fechados, encosto na terra com a ponta dos dedos, agarro ramagens e tufos de mato, respiro. Escalo o barranco como dá, percebo que não consegui salvar minha mochila. Perco o fôlego e acordo.

Dária suspira. Está bem, mas você não encontrou ninguém nessa noite. Você se voltou para dentro de si. Tem que tentar ir mais longe. Fora do seu mundo. Senão, não vai obter nenhuma informação sobre o que realmente está acontecendo lá fora. Dessa vez dou uma risada espontânea. Mas eu tinha avisado que era uma psicose! Bom, talvez realmente esse clima estranho esteja me transformando também! Agora é Dária que dá risada. Talvez, mas neste caso, é apenas o resultado do que você viu misturado às suas lembranças do Alasca. Você não encontrou mais ninguém, ela repete. E você, viu o quê? Eu também me voltei para dentro de mim essa noite, ela responde. Sonhei com minha pedra. Somente a vi, ela estava lá, eu me lembrei, e dei voltas ao redor dela como da primeira vez, aos seis anos. Que pedra? A pedra do meu nascimento. Quer que eu lhe conte? Inclino a cabeça em sinal de aprovação.

Quando era pequena, eu não sabia de onde vinham os bebês. Um dia, minha mãe me levou a um lugar na floresta, perto de onde tinha sido colocada a iurta no momento do meu nascimento. Uma grande pedra estava posicionada em meio às árvores, era maior do que eu naquele momento. Dária leva as mãos na altura da cintura para me mostrar o tamanho. Minha mãe me disse, aí está, esta é a sua pedra. É daí que você veio. Em seguida, ela foi embora, deixou-me sozinha durante várias horas com a pedra, e me disse para pensar naquilo. Dei voltas e voltas em torno daquela pedra, perguntando-me o que minha mãe queria dizer. Como eu podia ter saído daquela pedra tão pesada, se não conseguia nem mesmo levantá-la? Minha mãe voltou mais tarde. Nós nos sentamos perto da pedra e ela me contou. Quando você nasceu, ela me disse, você se recusou a comer, chorou durante dois dias sem parar. Appa, o último xamã que tivemos aqui, veio à nossa iurta no terceiro dia. Passou a noite conosco, cantou e depois sonhou. De manhã, ele me contou o que viu. Você estava com o nome errado. Eu queria ter te chamado de Ouliana, mas esse não podia ser seu nome. Ele disse que em sonho tinha encontrado minha mãe, que morrera algumas semanas antes do seu nascimento. Disse então que eu devia dar a você o nome dela, para que seu choro cessasse, e você escolhesse viver. Dária levanta os olhos para mim, esboça um sorriso. Por isso eu me chamo Dária. Porque Appa encontrou minha avó naquela noite. E a pedra? Qual é a relação com a pedra? Não sei bem, respondeu-me Dária. O sonho de Appa ainda vive nessa pedra, foi tudo o que minha mãe disse. A pedra guarda a lembrança do sonho. Como uma memória das circunstâncias do seu nascimento? Sim, é isso. Um ponto fixo ao qual retornar quando você esquece como você veio. É por isso que quando em sonho vejo a pedra, eu me lembro.

Mais tarde, ao voltar para casa e refletir sobre o que Dária me contou a respeito de sua sobrevivência após um nascimento difícil, que se aferrara ao tênue fio do sonho de Appa, voltei a pensar em Hallowell e nos relatos parecidos que ele apresentou. Que um corpo nasça de outro corpo, tanto para Dária quanto para o interlocutor Ojibwa de Hallowell, não significa necessariamente que a alma nele se ajuste de imediato. Quando o recém-nascido vai mal, às vezes é preciso que um xamã faça um trabalho de pesquisa —por meio do transe e depois do sonho— para entender os motivos desse não ajustamento da alma ao corpo: "Algumas pessoas dizem que escutaram recém-nascidos urrando sem parar até que alguém reconhecesse o nome que eles estavam tentando pronunciar. Ao lhes darem esse nome, eles paravam de chorar. Quando isso acontece, significa que alguém que já viveu na terra está tentando voltar à vida" (Alfred Irving Hallowell, "The Ojibwa self and its behavioral environment".) Hallowell comenta essa história dizendo que a reencarnação é bastante frequente entre os ojibwa, e que trazer à lembrança a vida pré-natal pode ser primordial em alguns casos. A sobrevivência do bebê só é então confirmada quando o "nome correto" lhe é atribuído. No caso de Dária, Appa é quem explora essa memória pré-natal por meio do sonho, no qual ele se relaciona com a alma daquela que partiu, mas que ainda está presa em algum lugar "entre dois mundos", para usar as palavras de Dária.

Naquela manhã, fiz uma pergunta a Dária. A resposta dela mudaria para sempre minha percepção de nossas noites em Tvaïan, nelas infundindo um peso e uma eficácia não simbólicos e etéreos, mas históricos e pragmáticos. Não existem mais xamãs?, perguntei a Dária. Não, Appa, o do meu nascimento foi o último. Ele morreu quando eu tinha seis anos. Appa, o velho que você conhece, que vive sozinho em uma toca embaixo de uma ramagem na montante do rio, é filho dele. Ele ainda sonha, e aliás é por isso que mora lá no alto, sozinho como uma raposa, mas não ajuda mais ninguém. Tudo isso acabou. Então, como fazer para ir ao encontro das outras almas das quais você diz que precisamos para sobreviver em certos casos, quando sabemos que sozinhos não conseguiremos? É simples, me diz Dária. Temos que sonhar sozinhos, sem os xamãs. É preciso treinar para sonhar. Não apenas com os espíritos dos mortos que às vezes nos visitam, e que podem nos ajudar, sobretudo no momento das mortes e dos nascimentos; mas também com os outros, se quisermos poder sobreviver na floresta. Os animais? Sim, os animais. Precisamos tentar sonhar com eles para compreender o que fazem e para onde vão. Por quê?, Dária ri novamente. Para saber o que nós vamos fazer! ←

Tradução de Camila Boldrini

Episódio registra encontro de Nastassja Martin e Ailton Krenak

A autora de 'Escute as Feras' é a convidada do segundo episódio da série Conversa na Rede, que estreia às 10h deste domingo (5) no canal do YouTube do Selvagem - Ciclo de Estudos sobre a Vida (youtu.be/ChUjJiLCdxs). A conversa, gravada no Rio logo depois da participação de Martin na Flip 2022, aborda o consumismo, a crise climática e a cultura de povos originários

[SOBRE O TEXTO] Em novo livro, Nastassja Martin investiga como os evens, nômades assentados em fazendas coletivas durante a era soviética, se reaproximaram das florestas da península de Kamchatka, no extremo oriental da Rússia, e tentaram recuperar sua autonomia nos anos seguintes à dissolução da URSS. 'A Leste dos Sonhos', que a editora 34 publica no Brasil neste semestre, aponta a persistência das cosmologias indígenas em meio às violências da colonização e a importância dos sonhos na reconstrução dos vínculos com a natureza

Atenção à saúde do nosso maior órgão

Cuidar corretamente do maior órgão do corpo humano vai muito além da estética

Chega o verão e todos querem aproveitar praia, piscina, tomar sol e se divertir ao ar livre. Tudo bem circular nesses espaços, desde que não falte o uso do protetor solar. O seu uso é importante durante todo o ano e um hábito essencial para a proteção da saúde da pele mesmo quando não há exposição direta ao sol. Durante esse período, os raios ultravioletas são mais fortes e a exposição a eles é maior, inclusive no mormaço – que também apresenta riscos, diferentemente do que muitas pessoas pensam. A nebulosidade não consegue bloquear os raios solares por completo, deixando passar raios UVA e UVB.

Algumas doenças que a exposição ao sol desprotegida pode causar são insolação, queimadura solar, queratose, melasmas e a forma mais grave: o câncer de pele. A boa notícia é que, quando a detecção é precoce, as chances de cura superam os 90%, aponta a o Instituto Nacional do Câncer (INCA). Atualmente, esse tipo de neoplasia responde por 33% de todos os diagnósticos desta doença no Brasil, sendo que o INCA registra, a cada ano, cerca de 185 mil novos casos. Além disso, segundo estimativas do órgão, no triênio 2023-2025, serão registrados, por ano, 9 mil novos casos de câncer de pele melanoma e mais de 220 mil casos de câncer de pele não melanoma. Do primeiro tipo, estima-se que 4.640 serão em homens e 4.340 em mulheres. Já do segundo, 101.920 registros ocorrerão em homens e 118.570 em mulheres.

"Uma ferida que não cicatriza, um sinal que aumenta de tamanho e/ou muda de cor ou de formato podem ser sinais do câncer da pele. A exposição solar aguda, intensa e intermitente e queimaduras solares antes dos 20 anos de idade, triplicam o risco de desenvolvimento do carcinoma basocelular e do melanoma. Já o carcinoma espinocelular se relaciona com o efeito cumulativo da exposição solar", orienta Carlos Barcaui, dermatologista e vice-presidente da **Sociedade Brasileira de Dermatologia (SBD)**.

Demais fatores como poluição, estresse, tabagismo, clima, consumo de bebida alcoólica, fototipo e hereditariedade também desempenham um papel importante no desenvolvimento do câncer de pele.

O problema é sério. Por isso, o cuidado com a saúde desse órgão é essencial, independentemente de sexo, idade e tipo de pele. Nesse sentido, tratar bem da pele exige escolhas conscientes de quais produtos e hábitos tomar. De acordo com a **Associação Brasileira da Indústria de Higiene Pessoal, Perfumaria e Cosméticos (ABIHPEC)**, no primeiro semestre de 2022, a categoria de cuidados com a pele obteve um crescimento de 4% em vendas *ex-factory* (faturamento de fábrica, sem adição de impostos sobre venda), estimulada pela maior atenção e conscientização dos consumidores sobre a importância de se adotar uma rotina de cuidados voltada a manter a saúde da pele, assim como uma visão mais direcionada para o bem-estar. O destaque ficou para a categoria de cuidados com a pele de corpo, que apresentou um crescimento positivo de dois dígitos.

A recomendação é simples: nunca descuide da pele e, se possível, passe por uma consulta com um dermatologista uma vez ao ano para um exame completo. Na prática, porém, não é o que acontece: uma pesquisa da farmacêutica especialista em pele **TheraSkin**, realizada pela Ipsos, destacou que a classe C – que representa 78% da população – é a que menos visita o dermatologista, e que 23% dos brasileiros nunca foi a uma consulta com o especialista.

CBC, CEC E MELANOMA: ENTENDA A DIFERENÇA

Entender os tipos de câncer de pele e compartilhar com o maior número de pessoas também ajuda na prevenção.

O tipo mais comum é o não melanoma, que tem uma baixa letalidade, mas grande quantidade de casos. A doença é provocada pelo crescimento anormal e descontrolado das células que compõem a pele. Elas se dispõem formando camadas e, de acordo com as que forem afetadas, são definidos os diferentes tipos de câncer. Os mais incidentes são os carcinomas basocelulares e os espinocelulares. Já o mais raro, o melanoma é o tipo mais agressivo de câncer da pele e registra 8,4 mil casos anualmente.

O carcinoma basocelular (CBC) é o tipo de câncer mais comum, mas tem baixa taxa de letalidade e grandes chances de cura, se detectado precocemente. Os CBCs surgem mais frequentemente em regiões expostas ao sol, como face, orelhas, couro cabeludo, ombros e costas. O tipo mais comum se apresenta como uma pápula vermelha, brilhosa, com uma crosta central, que pode sangrar com facilidade.

O carcinoma espinocelular (CEC) é o segundo mais prevalente na população brasileira, se manifesta em células escamosas que formam as camadas superiores da pele. Pode se desenvolver em qualquer parte do corpo, embora seja mais comum nas áreas expostas ao sol. A pele que sofre com o CEC geralmente apresenta já sinais de dano como enrugamento e mudanças na pigmentação. Esse tipo de câncer é duas vezes mais comum em homens, do que mulheres. Normalmente, os CECs têm coloração avermelhada e se apresentam na forma de machucados ou feridas espessas e descamativas, que não cicatrizam e sangram ocasionalmente.

Já o melanoma, tipo de câncer menos frequente de ocorrer, tem um prognóstico complexo e maior índice de mortalidade. Contudo, a chance de cura é de cerca de 90% quando o diagnóstico é feito precocemente. Costuma ter a aparência de uma pinta ou de um sinal na pele, em tons acastanhados ou enegrecidos. Porém, a "pinta" ou o "sinal", em geral, muda de cor, de formato ou de tamanho, e pode causar sangramento.

Para o médico dermatologista Dr. Jayme de Oliveira Jr., é fundamental observar a própria pele com regularidade e procurar imediatamente um dermatologista, caso detecte qualquer lesão suspeita. No geral, os sintomas são mudanças na pele que podem se assemelhar a pintas ou lesões. "Uma coisa que eu gosto muito de falar é o seguinte: imagina uma pinta como sendo uma pizza. Ela não pode ser de uma forma que não lembre uma pizza, completamente disforme, nem pode ser metade catupiry e metade calabresa. Assim, a pessoa lembra que não pode ter uma pinta com várias tonalidades", explica.

Uma metodologia indicada por dermatologistas para identificar os três tipos de câncer de pele é a regra ABCDE. Porém, nunca dispense um dermatologista de confiança.

"É importante ressaltar que o exame clínico feito por médico dermatologista e potencial biópsia é que podem confirmar o diagnóstico de câncer da pele, efetivamente", afirma o dermatologista da SBD, Renato Bakos.

Conheça o método ABCDE, um autoexame que ajuda a identificar os sinais do melanoma

A - ASSIMETRIA	Observe quando metade de uma pinta não é semelhante à outra.
B -BORDA	Fique alerta para as bordas que não são regulares.
C - COR	Examine se há presença de diferentes tons escuros, castanhos a preto, na mesma pinta.
D - DIMENSÃO	Preste atenção se a pinta for maior que seis milímetros.
E - EVOLUÇÃO	Alerta para mudanças anormais em pouco tempo.

Lembre-se: ele não substitui a avaliação médica! Fonte: SBD

VERSÃO ON-LINE www.pointcm.com.br/online/cuidados-com-a-pele

Projeto e comercialização: Point Comunicação e Marketing Tel.: (11) 31670821 – point@pointcm.com.br | Redação: Flavia Silva, Jaqueline Braz, Karina Landi, Leonardo Pessoa | Layout e editoração eletrônica: Manolo Pacheco e Sergio Honorio

PAIXÃO APRESENTA:

Texturas e fragrâncias para um ritual de beleza sensorial

Paixão renova suas linhas de loções e óleos corporais, bem como seu posicionamento de marca, que estimula um novo olhar para a sensualidade

A marca Paixão, referência em produtos de cuidados corporais para a mulher brasileira desde 1986, continua a sua trajetória constante de inovação com o aprimoramento de suas linhas, sem deixar de lado o seu principal diferencial: o uso do óleo de amêndoas, presente em todos os seus itens, que proporciona uma experiência sensorial única e uma pele incrivelmente macia e iluminada. O ingrediente possui um alto potencial de hidratação, com propriedades que ajudam na retenção de água na derme e ações nutritivas e regeneradoras, e é perfeito para melhorar a elasticidade da pele e recuperar a oleosidade natural do corpo.

A marca Paixão vive uma nova fase, em que explora diferentes texturas, cores, toques, ingredientes e perfumes. Tudo isso para despertar sentidos, provocar sensações e incentivar a conexão com o corpo e com o autocuidado. Uma das ideias é a de que seus produtos acompanhem as conquistas do público feminino, que ocupa cada vez mais espaços e rompe tabus, ressignificando também o que é ser sensual. As loções e óleos de Paixão são importantes para o ritual de beleza das mulheres, para que elas amem a si mesmas do jeito que são e deem menos importância ao que o mundo quer impor. Assim, a marca quer contribuir para que as brasileiras sejam cada vez mais donas de suas vontades e inspiradoras.

As novidades dos produtos Paixão começam pelas embalagens. Elas mantiveram a essência da marca, composta por uma rosa, porém ganharam novos layouts para valorizar os ingredientes e trazem o símbolo do nobre óleo de amêndoas, além de novas tampas. Mas as mudanças são muito mais profundas: foram acrescentados novos nomes, fragrâncias e fórmulas às linhas de loções e óleos, que ao todo elas são seis. Cada uma delas tem características marcantes e sofisticadas, inspiradas no mundo da perfumaria fina mundial.

Diversidade

As mulheres de todo o país encontram os produtos Paixão no site oficial da marca (www.lojacoty.com.br/paixao), em farmácias, supermercados e perfumarias, bem como nas principais redes de varejo, presencialmente e nos seus e-commerces. Conheça um pouco mais sobre cada uma das linhas que a empresa coloca à disposição das brasileiras:

Linha Tentadora Ameixa Rubi: com notas de frutas como morango e melão misturadas às de violeta e rosa e harmonizadas pelo adocicado da baunilha, os seus produtos transmitem suavidade e sofisticação. A linha é composta por loção deo-hidratante, óleo corporal, loção ultracremosa e loção para as mãos;

Linha Framboesa Negra: sua fragrância pode ser definida com os termos ousadia e alta perfumação. A linha transmite energia e jovialidade por meio da loção deo-hidratante, do óleo corporal e da loção ultracremosa. Além de notas da própria framboesa negra, os produtos trazem as de morango e ameixa – que formam um delicioso aroma de fruta madura – e ainda as de fundo de caramelo, marshmallow, baunilha e talcadas.

Linha Irresistível Flor de Lis: seu perfume marcante e inconfundível está entre os preferidos das mulheres que exalam confiança. Os produtos da linha são caracterizados por notas florais de flor de lis, jasmim e violeta, o que garante um aroma fresco. Fazem parte dela a loção deo-hidratante, o óleo corporal e a loção ultracremosa.

Linha Inspiradora Rosas Brancas: perfeita para as mulheres desfrutarem momentos especiais com elas mesmas. A loção deo-hidratante, o óleo corporal, a loção acetinada, a loção ultracremosa e a loção para as mãos que integram a linha aguçam a feminilidade, ao proporcionarem uma composição aromática encantadora e, assim, despertarem os sentidos. As suas formulações têm notas de lavanda, alecrim e bergamota, bem como notas florais que desabrocham com um fundo de madeiras nobres e especiarias, proporcionando uma sensação de delicado toque de seda.

Linha Avelã: um mix de frutas vermelhas como framboesas, amoras silvestres, mirtilos e morangos frescos, misturado a um buquê floral cremoso com rosa e jasmim, e a um fundo em que se combinam notas caramelizadas, doces e amadeiradas. Essa são as características da Avelã, linha capaz de proporcionar uma pele macia com sua fórmula duradoura, presente na loção deo-hidratante e no óleo corporal que a Paixão disponibiliza às mulheres.

Linha Flor de Baunilha: caçula da marca Paixão, ela traz a sensualidade das frutas vermelhas, a delicadeza de um buquê floral e um fundo cremoso e sensual de baunilha e açúcar caramelizado, que inspiram felicidade e frescor. É perfeita para mulheres empoderadas e seguras de si. A linha se distingue das outras também pelas embalagens translúcidas e por ser a única em que o óleo de amêndoas não tem cor amarelada. Compõem a Flor de Baunilha os produtos loção deo-hidratante, óleo corporal e loção acetinada.

Uma fragrância para cada perfil

O site da Paixão traz uma ferramenta para ajudar as brasileiras a selecionarem a fragrância ideal de acordo com seus hábitos, personalidades e objetivos. Para contar com esse apoio na hora de escolher um produto, basta acessar https://www.linhapaixao.com.br/quiz/ .

PRODUZIDO POR:

PREVENÇÃO SOLAR

Dezembro Laranja: campanha reforça cuidados

Criada pela **Sociedade Brasileira de Dermatologia (SBD)**, a campanha Dezembro Laranja é uma das principais estratégias nacionais para prevenir o câncer de pele. A iniciativa é lançada, anualmente, em dezembro, com a chegada do verão – que vai até 21 de março.

Na edição atual, o slogan "não espere até sentir na pele" coloca no centro dos debates os trabalhadores urbanos e rurais que estão diariamente expostos aos raios solares em virtude de sua profissão.

Para dar mais visibilidade e chegar ao maior número de brasileiros, em dezembro, prédios, monumentos e pontos turísticos em diferentes pontos do Brasil ganharam iluminação na cor laranja, simbolizando o engajamento na luta contra o câncer de pele. Outra ação de destaque foram os vídeos dos atores Tony Ramos e Carmo Dalla Vecchia, do jornalista Phelipe Siani, da atriz e escritora Ingra Lyberato e das atletas de vôlei de praia Jacqueline Silva e Ágatha Rippel, respectivamente, campeã e vice-campeã olímpicas na modalidade, que declararam apoio ao trabalho.

A prevenção ao câncer da pele é importante em todas as esferas da sociedade: "desde aqueles que estão expostos ao sol por lazer até os que precisam trabalhar ao ar livre todos os dias. Por isso, queremos mostrar as formas possíveis de fotoproteção, como o uso de filtro solares e de barreiras físicas, como bonés, chapéus, óculos", explica o dermatologista da SBD, Renato Bakos.

VitalikRadko

É imperativo entender ainda que o maior órgão do corpo humano merece cuidados em toda a sua extensão, do couro cabelo, passando pelo rosto ao restante do corpo. E cada região tem suas particularidades, exigindo diferentes tipos de cuidados e produtos de higiene pessoal e cosméticos. Por ficar mais exposta ao ambiente e estressores diários, a pele do rosto acaba recebendo mais atenção da população, embora a recomendação, sempre, seja cuidar, proteger e tratar todas as regiões. Um detalhe: quem tem tatuagem, precisa ficar alerta, já que ela pode esconder lesões e manchas.

Segundo o Dr. Jayme de Oliveira Jr., algumas atitudes que parecem simples podem ser nocivas para a pele. "O uso de buchas abrasivas, diversos banhos diários ou até mesmo o uso de sabonetes de forma indiscriminada, no corpo todo, podem tirar a camada protetora natural que temos na pele. Isso pode tornar a pele mais vulnerável a ficar alérgica a mais produtos, que se tivesse essa barreira mantida não causaria esse tipo de episódio", orienta o especialista.

Como o efeito do sol na pele é cumulativo, é importante notar que a exposição até os 18 anos é a mais prejudicial à saúde. Portanto, incentivar e ensinar crianças e adolescentes sobre os principais hábitos de fotoproteção deve ser uma tarefa de todos os pais e responsáveis.

TODAS AS PARTES DO CORPO IMPORTAM E MERECEM ATENÇÃO

No couro cabeludo, por exemplo, muitas pessoas negligenciam o cuidado, uma vez que a maior parte fica escondida pelos fios de cabelo. Porém, o câncer de pele também pode aparecer nessa parte, sendo até mais agressivo do que em outras áreas. Para quem tem pouco cabelo, como os indivíduos calvos, a recomendação é usar protetor solar no local, reaplicando durante o dia.

Os lábios também não podem ser esquecidos. O câncer de lábio é o terceiro mais comum entre todos que podem afetar a boca, sendo mais frequente o diagnóstico em homens, no lábio inferior. Por isso, no verão, principalmente, os cuidados devem ser redobrados: utilize diariamente o protetor labial com fator de proteção solar e reaplique-o seguindo as orientações do fabricante do produto. Além disso, para garantir a hidratação por mais tempo, opte pelos protetores ricos em ceramidas, ácido hialurônico, vitamina E, pantenol, óleos e manteigas vegetais. Por fim, esfolie os lábios com um produto específico para essa região. Outra forma de proteger o corpo, dos pés à cabeça, é entender o Índice Ultravioleta (UV), que mede o nível de radiação solar. É simples: quanto mais alto, maior o risco à pele.

NOVIDADE NO TRATAMENTO DO CÂNCER DE PELE

Em dezembro de 2022, foram divulgados resultados iniciais de uma nova vacina, em fase de testes, desenvolvida pelas farmacêuticas **Moderna e Merck Sharp and Dohme (MSD)**. Seu objetivo é diminuir os riscos de morte ou regresso de câncer de pele em pacientes que estão tratando a doença.

A vacina pode ser forte aliada no tratamento nos casos mais agressivos de câncer de pele, mas também poderá ser usada em casos de melanomas, o tipo mais comum no Brasil. O tratamento usa a tecnologia do RNA mensageiro, a mesma utilizada na vacina contra a Covid-19.

Índices de Raios UV: proteja-se!

Aprovado pela **Organização Mundial da Saúde**, o Índice UV indica diariamente os níveis de radiação UV e quando são necessárias medidas de proteção solar. Para checar, basta consultar o site do **Centro de Previsão do Tempo e Estudos Climáticos (CPTec)**: https://tempo.cptec.inpe.br. Nele, é só colocar a sua cidade na busca e, depois, conferir na tabela as proteções que devem ser tomadas.

Não é só a exposição excessiva à radiação solar que oferece riscos de desenvolvimento de câncer. O bronzeamento artificial também. Na verdade, um alto risco, já que as câmaras de bronzeamento emitem altos índices de UVA, e são proibidas pela Agência Nacional de Vigilância Sanitária (ANVISA), desde 2009. No entanto, mesmo 14 depois, ainda acompanhamos casos de algumas clínicas que oferecem o serviço.

Baixo	Moderado	Alto	Muito alto	Extremo
Índice: 0 a 2	3 a 5	6 a 7	8 a 10	Acima de 11
Proteção não necessária	Boné ou chapéu ✚ filtro solar FPS 15	Chapéu ✚ camisa ✚ óculos escuros ✚ filtro solar FPS 30 ou superior ✚ sombra recomendável	Chapéu ✚ camisa ✚ óculos escuros ✚ filtro solar FPS 50 ou superior ✚ sombra altamente recomendável	Evite exposição ao sol

THERASKIN® APRESENTA:

Saúde e bem-estar para as diferentes peles

Brasileiros dedicam mais cuidados ao maior órgão do corpo humano, mas ainda há espaço para avanços

Uma pesquisa encomendada pela farmacêutica brasileira TheraSkin® à Ipsos revelou que aproximadamente metade dos brasileiros, de todas as regiões do país, passaram a dedicar mais cuidados à pele durante a pandemia de Covid-19. O levantamento, feito com mil homens e mulheres, indicou que os campeões no zelo com a derme são as pessoas com idades de 35 a 44 anos (76,91%), enquanto entre os entrevistados na faixa de 18 a 24 anos, 65% relataram terem ampliado sua atenção ao maior órgão do corpo humano. "Durante a pandemia houve uma grande exposição da imagem das pessoas por meio das telas, e isso as impulsionou a reforçarem sua atenção à pele, especialmente a do rosto, para eliminar fatores que causavam incômodo ou simplesmente sentirem-se ainda melhor consigo mesmas", avalia José Maria do Carmo, Diretor Comercial da TheraSkin®. O estudo também investigou se os entrevistados enfrentavam problemas de saúde da derme, o que foi confirmado por 86% das pessoas. Todavia, apenas 47% declararam visitar médicos especialistas anualmente e 23% nunca realizaram uma consulta com um dermatologista.

"O crescimento registrado nos cuidados com o corpo é importante, mas precisamos avançar mais, já que ela cumpre papéis fundamentais, não só para a nossa saúde, mas também para o nosso bem-estar. A pele é nosso cartão de visitas, carrega e conta um pouco das nossas histórias, além de ser fundamental para a autoestima e para reforçar a autenticidade de cada pessoa", afirma José.

O portfólio da TheraSkin® proporciona acesso a produtos inovadores, com ótimos resultados e alinhados àquilo que as pessoas querem ou precisam para manterem as suas peles bonitas e saudáveis. Um diferencial da marca reside na sua essência farmacêutica, traduzida no vínculo estreito com a ciência. "Mesmo no desenvolvimento de dermocosméticos realizamos estudos clínicos, ou seja, adotamos o mesmo nível de exigência empregado na produção dos medicamentos. Trabalhamos para desenvolver fórmulas inovadoras, seguras e eficientes", explica Mariza Batista, diretora administrativa da TheraSkin®. A farmacêutica também investe em tecnologias avançadas e foi, por exemplo, a primeira da América Latina a valer-se da inteligência artificial para elaborar produtos para a pele.

A empresa mantém um laboratório próprio em São Bernardo do Campo (SP), onde também fica a sua fábrica, em que são preparados medicamentos e dermocosméticos, como antiacne, antirrugas, multirreparadores, clareadores e hidratantes. "Temos um posicionamento claro de respeitar e valorizar a singularidade e autenticidade de cada pessoa, e isso está cada vez mais evidente nos nossos produtos. Queremos que os consumidores se sintam sempre confortáveis com os seus corpos, com as suas identidades. Somos especialistas em pele e estamos atentos a toda a sua complexidade, às suas diversas camadas, tipos e cores, para atendermos de forma singular as demandas de cada um. Para nós, toda pele é especial", conta Mariza.

Diversidade

A executiva considera a pluralidade das dermes um desafio, mas também um fator de motivação para a empresa, que mantém olhar minucioso e detalhista para criar soluções que agreguem benefícios às vidas das pessoas. "Os consumidores estão mudando. Hoje, estão atentos aos princípios ativos dos produtos, às suas funções e a quando e como usá-los", descreve Mariza. Por exemplo, a TheraSkin® identificou o interesse do público pelos prebióticos, que estimulam o desenvolvimento de bactérias benéficas à pele. Atenta a isso, lançou o Amilia® Repair, loção multirreparadora com fórmula patenteada, que reúne seis ingredientes ativos para equilibrar a microbiota. "O produto melhora as barreiras naturais da epiderme, e, além de hidratar, tem ação sinérgica em todas as etapas do processo de cicatrização", detalha a diretora.

Outro ingrediente que se popularizou foi o ácido hialurônico. Naturalmente encontrado no corpo humano, ele auxilia na sustentação e hidratação da pele, mas, com o passar dos anos, sua produção é reduzida pelo organismo, o que pode demandar sua reposição. "O ácido hialurônico evita a flacidez, as linhas e sinais de expressão no rosto, e está presente nos produtos de nossa linha Euryale®, composta pelo Euryale® QR e pelo Euryale®C", explica Mariza. O primeiro é um sérum antirrugas de aplicação noturna com ação antioxidante que pode ser usado no rosto, no pescoço e no colo, sendo indicado para todos os tipos de pele. Já o Euryale®C, tem indicação de uso diurno e complementa a rotina de skincare antirrugas. Um de seus diferenciais é ter 10% de vitamina C pura, que estimula a produção de colágeno e também tem ação uniformizadora.

"Percebemos, ainda, que as mulheres buscam cada vez mais os clareadores de pele para aplicação não apenas no rosto, mas também em outras regiões do corpo, como axilas, virilha e joelhos", relata Mariza. Com relação a esse segmento, a TheraSkin® é líder em prescrições pelos dermatologistas com a linha Klassis®. O Klassis® TX+ e o Klassis® Emulgel são, respectivamente, um sérum multifuncional e um gel creme dermoclareadores faciais. O Klassis® Specialle, por sua vez, é um sérum indicado para o rosto e para áreas sensíveis, recomendado para todos os tipos de pele. "A TheraSkin® tem compromisso com a saúde das pessoas, o que passa por educá-las e conscientizá-las para que se cuidem, mas também por oferecer soluções pertinentes para os mais diversos tipos e momentos da pele dos brasileiros. Nos próximos anos ampliaremos nosso portfólio para abranger cada vez mais as diferentes condições de derme existentes. Estamos preparados para isso e focados em promovermos uma cultura que transcende rótulos e modismos, em que as pessoas sintam orgulho de ser quem elas são", finaliza Mariza.

Sobre a TheraSkin®

Farmacêutica brasileira, há 25 anos desenvolve e produz soluções dermatológicas para as diferentes peles. Foi pioneira no país ao utilizar inteligência artificial para dar suporte à sua equipe de pesquisa. Comprometida em educar e conscientizar as pessoas a cuidarem da saúde de suas peles com responsabilidade, atua alinhada à comunidade médica do começo ao fim de sua cadeia. Para conhecer toda a linha de dermocosméticos TheraSkin®, acesse o site www.theraskin.com.br.

PRODUZIDO POR: POINT COMUNICAÇÃO E MARKETING

PELE MADURA

De bem com a pele madura

Para garantir uma pele vigorosa na maturidade, a prevenção é essencial

CandyBoxImages

Geração X, matures, economia prateada. Nos últimos anos, tem sido cada vez mais comum encontrarmos tais termos nas mídias e estudos, em sintonia com a mudança da pirâmide social brasileira, que está se invertendo. Em 2050, 29% da população brasileira terá mais de 60 anos, e essa projeção já provoca mudanças em diversos setores, que precisam acompanhar o novo cenário. Entre as fabricantes de produtos para cuidados com a pele, por exemplo, esse é um assunto-chave, uma vez que, ao longo dos anos, nosso corpo sofre uma série de alterações por fatores externos e internos – especialmente pela redução de componentes importantes como fibras elásticas e colágeno, que são responsáveis pela sustentação da pele e prevenção natural de rugas e flacidez.

Demais influências, as que não acontecem naturalmente pelo corpo, também impactam em alterações e podem até acelerar o envelhecimento da pele, como exposição ao sol, tabagismo, ingestão de bebidas alcoólicas, alimentação, poluição, entre outras.

Sendo a poluição uma exposição à qual a maioria das pessoas não consegue evitar, as inflamações na pele, decorrentes desta questão estritamente ambiental, podem causar os primeiros sinais do envelhecimento, como flacidez, rugas e manchas. E, para este tipo de cuidado, a indústria de produtos de Higiene Pessoal, Perfumaria e Cosméticos oferece possibilidades focadas na desintoxicação e desinflamação da pele, como é o caso do hidrante Detox Capim-Limão e Gengibre, da marca **Monange,** do **Grupo Coty**, que tem ação antipoluição, protegendo a pele em 99,6% contra o acúmulo de poluição.

Como explica a **Sociedade Brasileira de Dermatologia (SBD)**, as perdas das propriedades naturais da pele e os hábitos de cada um, resultam em sinais de envelhecimento, flacidez, fadiga cutânea, rugas e perda do contorno original do rosto. Justamente por isso, não existe uma idade específica para começar a cuidar da pele. Os primeiros sinais destes efeitos podem ser percebidos antes dos 30 anos e são acentuados com o passar dos anos.

Embora, para alguns especialistas, a pele inicie o processo de amadurecimento a partir dos 25 anos, a indústria de Higiene Pessoal, Perfumaria e Cosméticos oferece linhas de produtos agrupadas por faixas etárias e, ao tratar da pele madura, o foco são homens e mulheres a partir dos 60 anos.

Um público que, de acordo com pesquisa realizada pela **Hype60+** – consultoria de marketing especializada no consumidor sênior –, mostra estar atento às novidades e tecnologias disponíveis nesse mercado, com destaque para os 80% que usam cosméticos; 57%, maquiagem; e 64%, cosméticos específicos para suas idades.

As marcas estão de olho neste recorte etário, e também no índice populacional, que mostrou crescimento de 39,8% entre 2012 e 2022. De acordo com dados divulgados em 2022, na Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNAD Contínua), pelo **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE)**, a parcela de pessoas com 60 anos ou mais no Brasil saltou de 11,3%, em 2012, para 14,7% em 2021, saindo de 22,3 milhões para 31,2 milhões, no período – um cenário propulsor para o desenvolvimento de produtos multifuncionais específicos para peles maduras do rosto e do corpo, com redução e amenização de condições como bolsas, olheiras, rugas e flacidez.

14,7% é o índice de brasileiros acima dos 60 anos

Linhas como as da marca Monange, por exemplo, vêm sendo aprimoradas com lançamentos de novas fórmulas, como a de hidratantes firmadores Q10 com Vitamina C, incluindo cuidados com as mãos, combatendo os sinais da idade e reduzindo o ressecamento da pele.

Goodluz

Uma tendência de mercado que combina a Coenzima Q10, e as vitaminas C e E, e que estimulam a produção de colágeno, ajudando a manter a elasticidade, combatendo os sinais de envelhecimento, deixando a pele mais firme em até duas semanas. Os produtos Monange estão disponíveis em duas versões: para peles extrasecas e peles normais a secas.

REFORÇO NA MENOPAUSA

A Sociedade Brasileira de Dermatologia (SBD) reforça que os tratamentos dermatológicos também precisam estar alinhados às necessidades de cada tipo de condição.

Parte do ciclo natural de toda mulher, a menopausa, que acontece na maioria das vezes antes dos 60 anos, já anuncia a importância em reforçar os cuidados com a pele. A produção de estrogênio e progesterona cai e reduz, desta forma, a produção de fibras de elastina e colágeno, deixando a pele fica mais fina, frágil e ressecada.

"O ressecamento, a falta de elasticidade, surgimento de manchas e o aumento de rugas são os principais fatores que geram um certo incômodo. Por isso, muitas mulheres buscam alternativas em cosméticos que auxiliam na redução desses pontos. Notamos, então, uma maior concentração de produtos voltados ao auxílio da menopausa em marcas de produtos que são 100% voltados para esse público", explica Ana Seccato, diretora comercial da empresa de pesquisa **The NPD Group no Brasil**.

PELE MADURA

Impactos na autoestima

Passou dos 40? Os cuidados já aumentam um pouco

Cuidar da pele, para além de trazer benefícios a curto e longo prazos para a saúde, também impacta na autoestima. Isto porque, segundo especialistas, o ato de se cuidar, ou *self care*, promove benefícios para a saúde mental, gera autoconfiança e melhora a percepção de autoimagem.

Na avalição de Diego Oliveira, especialista em Consumer Insights e CEO da consultoria de inteligência em pesquisa **Youpper**, as pessoas maduras vêm aproveitando bem os novos procedimentos estéticos e os produtos multifuncionais, em busca de um envelhecimento mais vigoroso e sadio. "Por isso, hoje se fala muito em *Positive Aging* ou Idade Feliz, Positiva. Pessoas motivadas a buscar uma vida satisfatória, frequentando dermatologistas não somente quando adoecem, pesquisando marcas que atendam melhor às suas peles, e com o radar ligado em tudo o que há de novo para se manter firme. Ao mesmo tempo, notamos que as empresas divulgam melhor agora como devemos cuidar da pele, e lançam produtos que cabem em todos os bolsos", diz.

A indústria e os profissionais de saúde, inclusive, incentivam estes cuidados, como forma de as pessoas viverem mais e melhor. A **Sociedade Brasileira de Dermatologia** é um dos fios condutores para a conscientização sobre os cuidados iniciais para uma pele madura saudável, como consultar um dermatologista regularmente, prevenir-se do sol, alimentar-se bem e se hidratar.

Na rotina básica de cuidados faciais – que envolve limpeza, hidratação e proteção – as pessoas maduras também devem adicionar "outros tipos de cuidados, como, por exemplo, o uso de produtos que ajudam a combater rugas e linhas de expressão", esclarece o Dr. Antonio Gomes Neto, dermatologista pela Sociedade Brasileira de Dermatologia (SBD).

O cuidado com a escolha e o consumo de produtos também figura na lista de dicas que a entidade divulga para pessoas acima dos 30 anos.

Nesta faixa de idade, segundo a SBD, a palavra-chave é prevenção. É preciso utilizar diariamente protetor solar anti-UVA e UVB, higienizar a pele, aplicar cremes antioxidantes tópicos e eventualmente usar suplementos orais, como a vitamina C e vitamina E.

Acima de 40 anos, quando os sinais do tempo ficam mais evidentes, o metabolismo torna-se mais lento e as transformações impactam diretamente na saúde da pele. É recomendado usar, além dos fotoprotetores e antioxidantes, agentes firmadores, antirrugas e despigmentantes, quando necessário e sempre com orientação de um médico.

"Depois dos 40, a pele começa a sofrer mais os efeitos da idade, como o surgimento de flacidez, degradação de fibras de colágeno, formação de rugas e linhas de expressão. Por isso, ter uma alimentação adequada e manter hábitos de cuidados com a pele contribui para a melhora da sua aparência", conta o Dr. Antonio Gomes Neto, que também é consultor médico da farmacêutica **TheraSkin®**.

Após os 50 anos, já é importante o uso de produtos que estimulam a produção de colágeno na face e principalmente ao redor dos olhos, pois as pálpebras já evidenciarão sinais mais intensos do envelhecimento. Sempre com orientação médica, tratamentos estéticos como peelings, lasers e outras tecnologias são recomendados, além da toxina botulínica e preenchedores para reduzir rugas, vincos faciais da pele madura ou danificadas pelo sol.

Os rituais de autocuidados também têm sido adotados como forma de buscar por momentos de autoconexão. Por isso, o mercado disponibiliza produtos que estimulam e reforçam a sensorialidade com texturas e fragrâncias, como a marca brasileira **Paixão,** da **Coty,** conhecida por incentivar os rituais de beleza, abordando aspectos do universo feminino, como a sensualidade.

De acordo com Regiane Bueno, vice-presidente de marketing do **Grupo Coty**, todos os óleos corporais e hidratantes do portfólio Paixão possuem óleo de amêndoas na composição, ingrediente nobre que é o DNA da marca e combate o ressecamento da pele.

Entre os lançamentos Paixão, a executiva informa que há novas experiências em texturas: loção Acetinada, que proporciona um delicado toque de seda sobre a pele e um perfume duradouro, com óleo de amêndoas. A loção ultracremosa com óleo de amêndoas que ganha novas fragrâncias e oferece um toque aveludado, além da loção para as mãos com óleo de amêndoas, que tem rápida absorção, ressalta a luminosidade natural da pele, e perfuma delicadamente. Já as loções e os óleos corporais, com suas fórmulas aprimoradas, proporcionam uma pele macia, hidratada, perfumada e suavizada, com sua fórmula duradoura e novas fragrâncias que despertam os sentidos.

HOMENS

Eles também se cuidam

Com a pele mais espessa e oleosa, o público masculino deve investir em uma rotina de cuidados que inclui sabonete facial, filtro solar, hidratante, entre outros

Goodluz

Em crescente expansão, o mercado de Higiene Pessoal, Perfumaria e Cosméticos masculino tem revelado a busca dos homens por cuidados que vão para além da vaidade. Com um crescimento de 30% em comparação ao ano anterior, 2022 encerrou com cerca de R$ 934 milhões em vendas de produtos no Brasil, incluindo fragrâncias e itens para barba e pele – é o que mostram os dados da empresa de inteligência de mercado **The NPD Group**.

Os números refletem a tendência que vem na esteira dos debates sobre masculinidade, e também anunciam um cenário promissor para marcas com foco em atrair cada vez mais investidores em um setor que não para de crescer.

Mesmo porque, se até o final da década de 1990 a preocupação em cuidar da pele e do cabelo cunhavam os homens como metrossexual, os estereótipos estão cada vez mais ultrapassados. Hoje, rituais básicos de *skin care* e *body care* são, inclusive, recomendados por médicos e especialistas que alertam para a importância dos primeiros hábitos da saúde dermatológica. “Iniciar a fotoproteção desde as primeiras exposições na infância, é fundamental para o envelhecimento saudável da pele, uma vez que a radiação ultravioleta causa dano cumulativo ao DNA celular”, explica o médico Dr. Ricardo Bertozzi de Avila, que é dermatologista na **clínica Renoá** e membro titular da **Sociedade Brasileira de Dermatologia.**

Ele lembra, ainda, que mesmo para os primeiros sinais de acne e calvície, independentemente de idade, também são recomendados tratamentos específicos. “Acne não tratada precocemente pode deixar cicatrizes de difícil tratamento, e a calvície é uma doença crônica, que se não controlada, pode ocasionar atrofia folicular”, complementa.

Graças à ciência, a indústria vem entregando soluções e tecnologias cada vez mais inovadoras, que atuam desde a prevenção das doenças até o tratamento prolongado daquelas consideradas mais comuns entre os homens, que são acne, alopecia androgenética (calvície), fotoenvelhecimento e micoses nas unhas e na pele.

E estão na lista de prioridades dos homens, de acordo com Avila, os procedimentos orais, tópicos, injetáveis e transplante capilar para tratar calvície, além de toxina botulínica, laser, ultrassom microfocado e bioestimuladores de colágeno para tratamentos focados no rejuvenescimento.

Ao comparar a pele do homem com a da mulher, o dermatologista explica que a masculina é mais espessa e mais oleosa devido ao maior número de glândulas sebáceas e dos hormônios, como a testosterona. Daí a recomendação de uma rotina de tratamento com produtos que ajudam no controle da oleosidade, com “um bom sabonete para limpeza facial, filtro solar fluido ou bastão, preferencialmente que não deixe resíduos na barba, e, se necessário, um hidratante ou sérum antioleosidade”, sugere o especialista.

Ele destaca ainda que, com a musculatura da face mais forte em comparação à da mulher, a pele do homem apresenta maior tendência à formação de rugas e linhas de expressão. E, para prevenir e tratar, além de procedimentos de rejuvenescimento, como os citados, há produtos que atuam também como maquiagem. É o caso dos corretivos e até dos hidratantes à base de ácido hialurônico, tendência por ser estimulante de colágeno.

Mas a maquiagem pode ir além dos cuidados diários e estar presente como rotina de beleza dos homens. A jornalista de beleza e proprietária da **Vic Beauté**, Vic Ceridono, lembra que a própria indústria, hoje, oferece possibilidades múltiplas, sem definições de gêneros, possibilitando ao público masculino ter acesso a itens diversos e liberdade para usar o que fizer mais sentido para cada um. “Os homens se sentem mais livres hoje para usar maquiagem, desde aquela mais discreta como um corretivo e aplicação de curvex, até as mais coloridas”.

Barba, o retorno

Depois de praticamente ter sido extinta dos rostos masculinos ao longo do século XX, já que ter o rosto liso era sinal de asseio, a barba reconquistou os homens no início deste século, chegando com diferentes tamanhos e tendências, desde as mais baixas até as compridas e retas – conhecidas como estilos espartana, viking ou, o mais famoso, lenhador.

Cada vez mais, vemos que as escolhas dos indivíduos sobre sua aparência não são uma questão de moda, mas, sim, de liberdade. Assim, o número de barbearias e produtos para tratamento cresceram exponencialmente. De acordo com dados de um estudo da **Euromonitor Internacional**, entre 2011 e 2016, o setor de barbearias no Brasil cresceu 94,4%, com o público masculino movimentando 30% do setor HPPC (Higiene Pessoal, Perfumaria e Cosméticos). O mesmo levantamento ainda mostrou que o ramo de barba e cuidados pessoais cresceu 19%, entre 2013 e 2019.

Para além de itens que garantem a boa aparência e o estilo, a indústria também oferece produtos para cuidados com a saúde da barba e do bigode, já que, segundo o dermatologista Dr. Ricardo Bertozzi de Avila, as principais queixas em relação às madeixas são falhas ou descamação no local. “Para as falhas, é possível a realização de tratamentos para minimizá-las ou até corrigi-las, e em caso de descamação, é importante, após a higiene, enxaguar em abundância e manter a região sempre seca, além do uso de sabonete adequado ou até mesmo um shampoo anticaspa para limpeza”, recomenda.

Ficando apenas atrás dos Estados Unidos, China e Japão, o Brasil é o quarto maior mercado consumidor de produtos de HPPC, de acordo com dados da Euromonitor.

Como proteger a pele barbeada

Na contramão da tendência e de estudos, como o da Universidade de Southern Queensland, na Austrália, que defende o uso da barba como forma de proteção da pele e até contra tosses e alergias, há uma fatia do público masculino que opta por raspar.

Entre teorias e hábitos, há os cuidados necessários por quem acabe escolhendo pela navalha. O principal é manter a higiene do local em dia com sabonete adequado não só para o tipo de pele como também para a rotina de cuidados com a pele do rosto, além de hidratante e protetor solar. “Existem algumas pesquisas envolvendo apenas homens, como um estudo americano de 2021, realizado com 705 homens entre 20 e 70 anos, que revelou que a baixa adesão ao uso de fotoprotetor solar implicou em altos índices de câncer da pele”, destaca o dermatologista Dr. Ricardo Bertozzi de Avila, que reforça a importância do uso deste tipo de produto como forma de cuidado básico com a saúde.

Como forma de complementar a rotina de cuidados pessoais dos homens que raspam a barba, a indústria oferece produtos faseados em antes, durante e depois da lâmina, como a linha Malbec Club Sensitive, do **Boticário**, com itens de tratamento desenvolvidos com ativos que acalmam a pele, minimizam as irritações causadas pelo barbear, além de melhora a experiência no momento do barbear.

Segundo pesquisa recente da **Euromonitor**, 85% dos homens se sentem melhor quando cuidam da aparência – um cenário que, pelo que indicam os números do setor, tende a se manter estável.

PROTEÇÃO SOLAR

Exercício ao livre faz bem, mas sempre com proteção solar

Sem os devidos cuidados, a exposição solar desprotegida facilita o surgimento de manchas, entre outros efeitos

Ninguém duvida que a prática de atividades físicas é fundamental para a nossa qualidade de vida e longevidade. Quando feitas ao ar livre, trazem diversos benefícios para a saúde como um todo: ajudam na produção de vitamina D, aumentam a concentração, trazem ganhos no fortalecimento dos ossos, entre outros. Não à toa, grande parte da população brasileira, após o fim do isolamento imposto pela pandemia de Covid, manifestou a vontade de fortalecer hábitos ligados à saúde e qualidade de vida. A pesquisa "Parques e a Pandemia - Comportamentos e Expectativas", produzida pelo **Instituto Semeia**, por exemplo, mostrou que 40% dos brasileiros queriam frequentar mais parques.

Por outro lado, se expor ao sol em exercícios ao ar livre sem fotoproteção, pode causar danos à saúde e envelhecimento precoce da pele. Dentre os principais efeitos nocivos do sol, estão as queimaduras de diferentes graus, alergias e surgimentos de manchas.

Para quem costuma praticar atividades ao ar livre, um dos principais alertas, ainda, é sobre a sua exposição ao sol e os riscos de câncer de pele. Para evitar a doença, é preciso colocar em prática estratégias, como a escolha do horário, local, roupas e acessórios, complementados pelo uso de filtros solares, que são essenciais para minimizar os riscos decorrentes das radiações ultravioletas A e B (UVA e UVB) durante a prática esportiva ao ar livre.

Entenda mais sobre as radiações

Dr. Jayme de Oliveira: "é preciso escolher um filtro bem aderente ao seu tipo e nível de oleosidade da pele."

Radiação ultravioleta B (UVB): apesar de ter uma pequena penetração na pele, sua alta energia é responsável pelos danos solares imediatos e boa parte dos danos tardios. A UVB participa do metabolismo epidérmico da vitamina D, mas pode causar eritema, pigmentação tardia, espessamento da epiderme e carcinogênese, que é o processo de formação do câncer. É a principal responsável pela vermelhidão e queimadura solar, relacionada ao Fator de Proteção Solar dos produtos. Ou seja, ao escolher um produto com FPS 30, significa que ele protege 30 vezes mais contra o UVB.

Radiação ultravioleta A (UVA): é o tipo que exerce ação oxidativa sobre os células da derme, determinando alteração no colágeno e elastina. Nas células epidérmicas, promove quebra das cadeias do DNA que, posteriormente, sofre reparos por mecanismos enzimáticos. Dependendo da espessura da pele e do tempo de exposição solar, a UVA pode causar pigmentação imediata e tardia, envelhecimento cutâneo, manchas, desencadeamento de doenças como lúpus eritematoso, erupção polimorfa à luz e fotoalergias.

Dia do Dermatologista

Hoje é comemorado o Dia do Dermatologista, profissional da medicina dedicado a cuidar e tratar doenças e infecções que afetam pele, cabelos e unhas. No Brasil, são mais de 10 mil profissionais que se dedicam ao atendimento de quem busca essa assistência, seja na rede pública ou privada.

Sendo a pele o maior órgão do corpo humano e que está em constante exposição, consultar um dermatologista é essencial para saber a melhor forma de se cuidar e se proteger de doenças. O médico dermatologista também é responsável por cuidar da autoestima, por meio de procedimentos estéticos. Limpeza de pele, preenchimento facial, laser, toxina botulínica, bioestimulador de colágeno são apenas alguns dos tratamentos estéticos que são oferecidos.

E quem trabalha ao ar livre?

O filtro solar é uma das principais ferramentas de proteção, se usado corretamente. Mas, o seu uso inadequado pode gerar falsa sensação de segurança. Apesar de ser um dos países com maior predominância solar, o Brasil ainda carece de uma conscientização maior da população sobre o uso do protetor.

O fator de proteção do filtro deve ser, no mínimo, 45 para os raios UVB e 15 para os raios UVA. Para fazer efeito, também é necessário que o protetor solar seja aplicado 30 minutos antes da exposição ao sol e reaplicado a cada duas horas. É importante ainda que seja uma quantidade suficiente espalhada para cobrir toda a pele. Ao comprar o produto, verifique sempre a data de validade e o número de validação do **Ministério da Saúde** e ANVISA, para ter certeza que o protetor solar cumpre as normas estabelecidas, oferecendo segurança, eficácia e qualidade.

Em condições de trabalhos ao ar livre, caso ocorra sudorese excessiva, torna-se necessária uma reaplicação do produto nas áreas expostas à luz duas a três horas após a primeira aplicação.

Já nos cabelos ou nas áreas com pelos corporais, é indicado o uso de filtros incorporados em xampus, condicionadores, soluções capilares ou sprays. Para as peles ressecadas, o ideal são os cremes, loções ou fluidos. Por sua vez, as oleosas toleram melhor os géis, enquanto que as áreas de lábios requerem bastões próprios.

"Existe uma quantidade tão grande de filtros solares que as pessoas ficam muito confusas na hora de escolher. É preciso escolher um filtro solar que se adeque à idade, ao tipo de pele e nível de oleosidade da pele. Uma pessoa com pós-menopausa, costuma ter uma pele mais seca do que um adolescente, né? Então o filtro solar que está escrito 'efeito mate' é para ser usado em pele oleosa. O tipo de protetor em creme pode ser usado por peles secas. Importante falar também do protetor com cor para o rosto. É indicado, pois, além da proteção química, oferece uma proteção física para a pele, então vale investir", exemplifica o dermatologista Dr. Jayme de Oliveira Jr.

Outras recomendações:

- Sempre que possível, evite a exposição prolongada ao sol entre 10h e 16h, quando os danos são maiores.
- Use proteções adequadas como bonés ou chapéus de abas largas, óculos escuros com proteção UV.
- Sombrinhas e barracas são indicadas quando necessário se expor.
- Recentemente, estão sendo desenvolvidos tecidos de algodão e viscose com capacidade de retenção da luz ultravioleta (UV) que podem ser aliados na proteção corporal contra os efeitos do sol.
- Quem trabalha exposto, deve usar camisas de manga longa e calça comprida e procurar lugares com sombra.

Tem mais: os raios solares não são os únicos inimigos da pele. De acordo com Antonio Gomes Neto, dermatologista pela Sociedade Brasileira de Dermatologia (SBD) e consultor médico da TheraSkin®, "a poluição libera partículas ligadas à formação de radicais livres, que resultam em envelhecimento precoce da pele e, consequentemente, no aparecimento de linhas de expressão e rugas. Isto ocorre porque esses agentes poluentes aumentam a produção de radicais livres que contribuem com a degradação do colágeno", conta. Ele diz que, para ajudar a evitar os danos dessas partículas poluentes, o ideal é utilizar vitaminas, substâncias antioxidantes e ativos específicos. A isoquercetina, presente em Euryale® QR, da TheraSkin®, desempenha um papel importante no combate aos danos dos radicais livres, aos efeitos do envelhecimento e da inflamação, bloqueando mecanismos de envelhecimento e protegendo a pele contra agentes agressores.

APRESENTA:

Hidratação para todos os tipos de pele

Monange mantém produtos exclusivos e funcionais, com benefícios diferentes para cada necessidade

O portfólio de Monange, uma das marcas mais conhecidas e consumidas pelas mulheres brasileiras e referência quando o tema é autocuidado, não para de crescer. O motivo é simples: a preocupação da empresa em entender e atender as necessidades das consumidoras e, assim, colocar à disposição delas produtos que respeitem as suas singularidades. A marca entende que, dessa forma, estimula o empoderamento feminino, e incentiva o ritual de autocuidado e a valorização da identidade de cada mulher. Monange acredita que ninguém melhor do que elas sabe sobre aquilo que as suas peles, corpos e cabelos precisam.

Dentre as novidades que ampliaram ainda mais o leque de produtos da marca estão as linhas de firmadores Q10 com Vitamina C e de Hidratação Intensiva, bem como o Hidratante Detox Capim-Limão e Gengibre. São produtos com tecnologias exclusivas e que consideram a pluralidade que caracteriza as brasileiras, estimulando-as a encontrarem nas suas essências aquilo que faz bem a elas, e a não seguirem regras e padrões impostos socialmente para os cuidado e bem-estar pessoal.

Firmadores Q10

Os produtos da linha levam às consumidoras a poderosa combinação entre a coenzima Q10 e as vitaminas C e E, que estimulam a produção de colágeno e, assim, ajudam a manter a elasticidade da pele e combatem os sinais de envelhecimento. Pensando nas necessidades específicas de cada tipo de pele, Monange lançou duas versões dos firmadores, uma para peles extrassecas e outra para peles normais a secas. Também integra a linha o Hidratante Mãos Q10, com vitamina E, que, com rápida absorção, proporciona toque seco e macio.

Hidratação Intensiva

Já a nova linha Hidratação Intensiva ganhou um novo integrante, e agora soma três versões de produtos. A identificação de cada uma das loções é facilitada pela graduação de cores utilizadas nas embalagens. A primeira delas é a Hidratação Intensiva Extrato de Oliva, destinada às peles extrassecas. Com a maior concentração de emolientes da linha, ela previne a perda de água por meio da formação de uma barreira protetora, valendo-se de uma fórmula diferenciada que entrega cuidado e hidratação profunda. Já o produto Hidratação Intensiva Leite de Amêndoas, recomendado para peles secas, apresenta uma textura mais leve e menos oleosa, e possui rápida absorção. Finalmente, o novato da linha é o Hidratação Intensiva Extrato de Algodão, com a menor concentração de emolientes em relação às outras versões, e que proporciona a sensação de toque macio e não-oleosa.

Detox

Outra novidade apresentada por Monange foi o Hidratante Detox Capim-Limão e Gengibre, indicado para todos os tipos de pele. O produto hidrata por 48h e proporciona uma sensação prolongada de refrescância. Além do capim-limão – que assegura uma ação purificante e condicionante na pele – e do Gengibre, a fórmula do Detox inclui, ainda, óleos essenciais, vitaminas, minerais, antioxidantes e aminoácidos. O produto também tem ação antipoluição, que protege a pele em 99,6%, e previne a geração de radicais livres e o envelhecimento precoce.

Os novos – e os já amplamente conhecidos – produtos Monange podem ser adquiridos em grandes redes de varejo (online ou físicas), supermercados, perfumarias e farmácias. Além disso, há a opção de acessar a loja da própria marca, no (https://www.lojacoty.com.br/monange).

PRODUZIDO POR: POINT COMUNICAÇÃO E MARKETING

ROTINA PREVENTIVA

Benefícios para todos!

Da infância à fase adulta, cuidar da pele nas diferentes etapas da vida traz diversos ganhos

Existe uma idade certa para começar a cuidar da pele? Dermatologistas são categóricos em dizer: o ideal é iniciar desde o primeiro dia de vida, uma vez que necessitamos de proteção em todas as fases. E, na medida em que vamos envelhecendo, manter uma rotina de autocuidado deve ser tarefa obrigatória nas nossas agendas, lado a lado com uma boa alimentação e um estilo de vida saudável.

Em busca de soluções que retardem o processo natural provocado pela idade, cada dia mais cedo, as pessoas têm investido nessa rotina de cuidados. É bom saber também que boa parte dos danos solares na pele são causados por exposições ocorridas até os 20 anos de idade, o que acentua a importância de nunca baixar guarda desde a infância. Mais: a exposição solar aguda, intensa e intermitente e as queimaduras solares nessa fase de vida triplicam o risco de desenvolvimento do carcinoma basocelular e do melanoma. Já o carcinoma espinocelular se relaciona com o efeito acumulativo da exposição solar.

O fotoenvelhecimento, causado pelos danos solares, surge nas áreas expostas em razão do efeito repetitivo da ação dos raios ultravioleta. Flacidez, rugas, pigmentação irregular e difusa, diminuição da elasticidade, presença de vasos finos dilatados e de lesões pré-malignas são sinais do dano solar.

TRIPÉ DA PELE SADIA

A manutenção da pele saudável depende de três pilares: higienização, hidratação e fotoproteção. "A limpeza remove a sujeira, o suor, a oleosidade e os resíduos, como os decorrentes da poluição e de maquiagem. Essas etapas devem ser seguidas independentemente da idade e os agentes de limpeza, os hidratantes e os filtros solares, devem ser adequados à cada tipo de pele", explica Carlos Barcaui, dermatologista e vice-presidente da **Sociedade Brasileira de Dermatologia (SBD)**.

Medidas simples como ingerir dois litros de líquidos por dia, manter uma dieta saudável e o descanso são fundamentais para uma pele saudável. Por outro lado, fatores como a exposição solar excessiva, às substâncias tóxicas do tabaco, ao uso exagerado de sabonetes, esponjas e banhos muito quentes e prolongados, o estresse e a exposição irrestrita a produtos químicos presentes nos alimentos de origem animal e vegetal devem ser evitados. São cuidados que ajudam a manter a saúde, prevenindo o envelhecimento precoce e o câncer da pele.

A hidratação e a proteção ajudam a manter a barreira cutânea íntegra. De forma geral, os cuidados com a pele devem ocorrer duas vezes ao dia. Porém, a rotina pode variar dependendo das necessidades e de condições especiais de cada pele. Também é importante acompanhar a evolução da pele com o passar do tempo e adaptar a rotina sempre que necessário.

De acordo com o Dr. Jayme de Oliveira Jr., o que envelhece as células em todos os órgãos, inclusive na pele, é o radical livre. "A ciência descobriu diversas substâncias que diminuem esses radicais livres que provocam o envelhecimento. Então, você pode diminuir a incidência deles usando cremes hidratantes, por exemplo, que contenham essas fórmulas", diz.

Veja algumas doenças causadas pelo mau cuidado com a pele:

ECZEMA
Inflamação aguda ou crônica na pele, que se manifesta por meio do aparecimento de coceira, inchaço, bolhas e vermelhidão na pele. Geralmente, aparece em pessoas que usam muito sabonetes anti-séptico com muita frequência.

BROTOEJA
O uso excessivo de protetor solar pode obstruir os poros, facilitando a doença, que causa erupções na pele com manchas vermelhas. É causada pelo acúmulo de suor nas glândulas sudoríparas. Mais comum em crianças e bebês. Para evitar o problema, o ideal é evitar o uso de roupas apertadas e limpar o suor em excesso.

IMPETIGO
A falta de higiene é o principal fator para o aparecimento dessa doença. Causada por bactérias que habitam a boca e pele, e altamente contagiosa.

bertys30

SOLUÇÕES DE A A Z

Um desses ativos é ácido hialurônico, que auxilia na manutenção da hidratação e proporciona ação rejuvenescedora, mantendo a saúde da pele e sua luminosidade. De acordo com o grupo **Galderma**, a linha Cetaphil Optimal Hydration, com foco no cuidado com a pele do rosto, apresenta fórmula inovadora que alia a substância a ingredientes calmantes naturais. O Cetaphil Optimal Hydration – Sérum Hidratante Facial melhora significativamente a luminosidade e textura da pele após o primeiro mês de uso. Auxilia na revitalização da pele sensível e aumenta em 50% a hidratação. Já o Cetaphil Optimal Hydration – Sérum área dos olhos é oftalmologicamente testado em pele sensível, proporciona hidratação profunda e prolongada por 48h, suaviza linhas finas de expressão ao redor dos olhos, diminui significativamente as olheiras e as rugas finas, e ainda aumenta a firmeza da pele da região. Por fim, a Galderma informa que o Cetaphil Optimal Hydration – Creme Hidratante Facial é composto pelo inovador complexo HydroSensitivTM, que aumenta a concentração de água na pele, proporcionando hidratação imediata e intensa por 48 horas. Ajuda na recuperação da barreira cutânea e revela instantaneamente o brilho natural da pele, deixando-a mais macia e confortável. Segundo a marca, 100% dos usuários relataram que o produto ajuda a diminuir a sensibilidade da pele em 28 dias de uso.

> Hidratação e proteção ajudam a manter a barreira cutânea íntegra.

CORPO, ROSTO, MÃOS, PÉS, JOELHOS, COTOVELOS: CUIDADO POR INTEIRO

Pesquisa encomendada pela **TheraSkin®** à Ipsos mostrou que as pessoas intensificaram os cuidados com o corpo durante a pandemia, mas apenas 48% dos entrevistados usam hidratantes corporais com frequência. "Buscar por hidratantes corporais com ingredientes nutritivos e com propriedades anti-inflamatórias ajudam a mantê-la nutrida e com aparência bonita, além de contribuir para a preservação da sua proteção natural", diz Márcio Tinelli, gerente de marketing da TheraSkin®. Como solução, a empresa oferece ao mercado a linha Klaviê Clinical para corpo, rosto ou áreas localizadas, como mãos, pés, joelhos e cotovelos.

ROTINA PREVENTIVA

Nutrição, bem-estar e beleza

De acordo com Tinelli, da **TheraSkin®**, o Klaviê® Clinical Creme Hidratante age na restauração da barreira cutânea e mantém o pH fisiológico da pele, além de ter ingredientes com propriedades antipruriginosas (reduz a coceira), anti-inflamatórias e anti-histamínicas. "Sua eficácia foi comprovada com estudos clínicos e é testado por dermatologistas e avaliado por pediatras, o que permite o uso em bebês e crianças. É hipoalergênico, livre de conservantes, fragrâncias e corantes", relata.

Já o Klaviê® Clinical Loção Hidratante (190 e 390mL), segundo ele, atua como restaurador da barreira cutânea, mantendo o pH fisiológico da pele. Conta com ingredientes ativos SymRepair® e SymCalmin®, que conferem ação antipruriginosa e anti-inflamatória, aliviando coceiras e pruridos, e também colaboram com o reparo da barreira cutânea. É indicado para peles secas, sensíveis e sensibilizadas e pode ser usado por adultos e crianças.

Outro produto da linha destacado por Tinelli é o Klaviê® Clinical Sabonete Líquido (150mL) é SYNDET, ou seja, não possui sabão em sua composição, o que é ótimo para peles sensibilizadas e especiais. É rico em agentes que preservam a barreira cutânea e ideal para aplicação na pele seca, sensível ou irritada, pois ajuda a manter o pH fisiológico, limpando sem agredir.

Ao observar as demandas das pessoas com dermatite atópica e pacientes em tratamentos oncológicos, a TheraSkin® também pensou em um novo modelo do creme. "Identificamos que pacientes com sensibilidade ou lesões nas mãos, por exemplo, têm dificuldade para apertar pumps ou bisnagas. Por isso, lançamos um formato do Klaviê® Clinical, que ajuda essas pessoas com necessidades específicas a manter a hidratação, tão necessária da pele, sem sofrimento. A embalagem é econômica e prática. Sua tampa flip é segura e oferece uma boa vedação do produto", explica Tinelli.

Ponto de partida

A atenção à pele começa logo após o nascimento

Alguns cuidados específicos são importantes para atender as características e as necessidades de cada faixa etária. A pele dos pequenos pode ser até 60% mais fina que a dos adultos, portanto, extremante frágil. Então, logo após o nascimento, é mais indicado o uso de sabonetes de detergência suave e pH neutro.

Um problema comum, nessa fase, são as assaduras. Produtos como o Cetrilan, da TheraSkin®, podem ajudar como uma camada protetora.

É fundamental também escolher produtos indicados para crianças, em suas diferentes fases, como o sabonete infantil. Nesse caso, os líquidos são mais adequados, já que a versão em barra tende a ser mais ácida, o que pode irritar a pele.

A pele das crianças maiores não é tão delicada quanto a dos bebês, mas, via de regra, os cuidados são os mesmos: usar produtos infantis, evitar exposição ao sol nos horários de maior incidência, das 10h às 16h, usar vestimentas leves.

Como sabemos, principalmente o melanoma, está associado a queimaduras solares na infância, portanto, a proteção contra os raios ultravioleta (UV) solares é fundamental. **A Sociedade Brasileira de Pediatria** informa que os protetores solares infantis podem ser utilizados após os seis meses de vida, por exemplo. Antes, o ideal é evitar a exposição ao sol. Esses filtros específicos têm menos componentes químicos que os produtos feitos para os adultos, e a recomendação é usar o Fator de Proteção 30 ou superior, devendo ser reaplicado a cada 3 horas.

Outro ponto de atenção está no ressecamento da pele das crianças. Quando não tratada, pode levar a quadros de alergias. Por isso, é preciso escolher sabonetes que não agridam a pele dos pequenos, além de orientá-los a tomar banhos curtos, com água morna e a não esfregar a pele.

A hidratação pós-banho também é imprescindível, uma vez que a pele absorve melhor o creme quando está úmida. Um dos produtos à disposição dos brasileiros é o hidratante corporal Infantil Galderma Proderm Emulsão 120ml.

De tão comum na adolescência, a acne se tornou um símbolo dessa fase da vida. Ela acomete cerca de 80% dos adolescentes, entre os 11 e 20 anos de idade. Embora, na maioria dos casos, seja consequência da adaptação do organismo aos hormônios da puberdade, alguns fatores externos podem influenciar sua evolução: o uso de anticoncepcionais pelas meninas, o excesso de exposição ao sol, hábitos alimentares inadequados, a manipulação das lesões e a falta de cuidados locais adequados à pele acneica.

"A pele acneica se caracteriza pelo aumento da secreção sebácea, que é a oleosidade, a lesão primária da acne é o cravo, tanto o cravo preto quanto o branco, que nós, dermatologistas, chamamos de comedão. Dessa lesão, derivam todas as outras que conhecemos, como as espinhas", explica a dermatologista Dra. Flávia Addor, no podcast *INOVAÇÃO* Abihpec especial sobre o assunto.

Ela ressalta, no conteúdo desse podcast, que é possível reduzir a formação de cravos e ainda ajudar a diminuir a inflamação típica das espinhas. "Os cuidados são fáceis de realizar, dispomos de produtos cosméticos que removem a oleosidade excessiva da pele sem ressecá-la, também é importante não manipular a acne, o famoso cutucar, pois isso pode piorar a inflamação e dificultar o processo de cicatrização", diz.

MitaStockImages

Quem sofre com acne, precisa realizar uma higiene adequada no local e usar um protetor solar que seja compatível com a pele oleosa. De acordo com a doutora, nas formas mais leves, consegue-se reduzir o aparecimento de lesões com produtos que contenham alguns tipos de ácido permitidos em cosméticos, esses produtos utilizados de acordo com a orientação do fabricante podem controlar o aparecimento dos cravos e espinhas e melhorar a oleosidade.

A doutora reforça ainda que máscaras, tônicos e esfoliantes podem ser úteis na redução da oleosidade e no controle de formas mais brandas do problema. "Nas formas mais graves, o dermatologista pode lançar mão de alguns medicamentos. Em alguns casos, esses cuidados cosméticos são suficientes para o controle do quadro até que haja uma melhora natural, que ocorre em torno dos 25 anos para a maioria das pessoas", orienta Flávia.

Ela recomenda que, em caso de dúvidas, para saber se a abordagem cosmética é suficiente ou não, o ideal é buscar um dermatologista.

CONSCIENTIZAÇÃO

Pele sensível: entenda como tratá-la com carinho

Cuidar de maneira correta evita que a situação piore e ajuda na melhora do quadro

Até 2011, cerca de 66 milhões de brasileiros foram diagnosticados com pele sensível. O número representa 34% da população do país até aquele ano, e foi revelado em um estudo encomendado e realizado pelo instituto independente **CSA Santé**, com homens e mulheres acima de 20 anos.

Mas a pele sensível não é uma característica restrita à população brasileira. Dados da Biblioteca Nacional de Medicina do Instituto Norte-Americano de Saúde mostraram que, em 2019, cerca de 50% das mulheres afirmavam ter pele sensível nos EUA. Dois anos antes, na Coreia do Sul, um estudo do Mintel Global New Products Database revelou que, entre os meses de janeiro e outubro de 2017, do total de cosméticos lançados no país, 23% foram desenvolvidos especificamente para peles sensíveis – um salto considerável em comparação a 2014, que teve 11% em lançamentos dermocosméticos para este tipo de pele.

Com múltiplas características, podendo inclusive fazer parte de diferentes quadros dermatológicos, a pele sensível compreende aspectos próprios. "São tipos de pele que têm restrições de uso de determinados produtos, pele facilmente irritável, com episódios de vermelhidão, entre outras lesões", explica a Dra. Selma Helene, médica dermatologista do **Hospital Albert Einstein**.

De acordo com publicação recente da **Sociedade Brasileira de Dermatologia - Regional de São Paulo**, são sugeridos às pessoas com peles sensíveis produtos testados em peles sensibilizadas ou intolerantes, além de evitar cosméticos com numerosos ativos e ingredientes no mesmo produto. E, se possível, evitar dermocosméticos com conservantes, álcool, essências, fragrâncias e pigmentos.

Apesar dos cuidados básicos merecerem atenção, o diagnóstico com indicação de tratamento é importante que seja realizado em consultório médico, com especialista da área, já que "o tratamento, incluindo procedimentos e produtos a serem utilizados, vai depender de cada caso, e o dermatologista saberá diferenciar e propor o mais adequado para cada paciente individualmente", reforça a especialista.

Vale ressaltar ainda que o diagnóstico de pele sensível pode aparecer da infância à velhice. A mesma publicação da Sociedade Brasileira de Dermatologia pondera, no texto, fatores como os ambientais (mudanças bruscas de temperatura, exposição solar em excesso, vento ou ar muito seco e poluição); uso incorreto e até exagerado de determinados procedimentos e produtos estéticos; alterações vasculares decorrentes de consumo como café, álcool e até temperos apimentados; alterações hormonais; e as próprias doenças dermatológicas específicas, como a dermatite atópica, a dermatite seborreica e a rosácea.

Dmyrto_Z

ROSÁCEA É PARA LEVAR A SÉRIO

Caracterizada como pele sensível, a rosácea é uma doença inflamatória crônica, que pode acometer crianças e adultos – estes com uma prevalência de aproximadamente 5,5%.

De acordo com a Sociedade Brasileira de Dermatologia (SBD), há diferentes tipos de rosácea, sendo o Eritemato telangectasia considerado o mais comum, provocando vermelhidão com vasos finos aparentes, além da sensação de ardência.

O tratamento, explica a dermatologista Dra. Selma Helene, "vai depender de qual tipo de rosácea o paciente tem, podendo começar com tópicos, medicação oral, tratamento para a sensibilidade aumentada da pele e, em alguns casos, o laser pode ser associado".

Apesar de alguns sintomas serem clássicos, como a sensação abrupta de vermelhidão e calor na pele como se fosse um surto de vasodilatação, e até alterações oculares, como irritação, ressecamento e conjuntivite, a médica alerta para a importância de buscar um especialista ao notar alterações na pele, já que "há casos com lesões na face muito parecidos com rosácea, e que não fecham os critérios para a doença".

Para a SBD, existe uma predisposição individual à doença inflamatória, mais comum em brancos e descendentes de europeus. Fatores psicológicos, como o estresse também contribuem.

Herpes zoster: vacinação como prevenção

Conhecido popularmente como cobreiro, o herpes zoster é causado pela reativação do vírus varicela zoster, o mesmo que causa a catapora. Embora acometa crianças com menos de 10 anos, muitos adultos são portadores do vírus, dormente no sistema nervoso, e que pode ser reativado com o avanço da idade. De acordo com a farmacêutica multinacional britânica **GSK**, uma vez adquirido, o vírus varicela zoster permanece latente nos gânglios nervosos da pessoa por toda a vida, podendo ser reativado em algum momento de queda de imunidade – seja por alguma doença ou pelo avanço da idade. "Um mesmo vírus causa duas doenças totalmente diferentes", explica o médico infectologista Jessé Reis Alves, gerente da área de vacinas da GSK.

A farmacêutica destaca que os principais sintomas do herpes zoster são as pequenas bolhas que se formam em apenas um lado do corpo, sendo comum aparecer nas costas, no tórax, na barriga ou na face, com sensação de queimadura, dor latejante, cortante ou penetrante, sendo que algumas feridas podem ser tão dolorosas a ponto de pacientes descreverem como "horrível" e "extrema".

Uma recente publicação da **Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)** mostrou que o herpes zoster pode estar relacionado com mudanças de humor, depressão e ansiedade. Já uma pesquisa conduzida pela **Universidade Estadual de Montes Claros (Unimontes)**, em Minas Gerais, revelou um crescimento de 35,4% nos casos de herpes zoster durante o primeiro ano da pandemia de Covid-19. Os motivos, apesar de ainda não terem sido inteiramente esclarecidos, são suspeitos de estarem associados ao aumento de casos de ansiedade, estresse, transtornos depressivos e baixa imunidade.

A GSK alerta para a gravidade da doença, que, além de provocar bolhas com dores e uma irritação dolorosa na pele, ainda pode ocasionar a Neuralgia Pós-Herpética (NPH), uma condição dolorosa que pode durar meses, sendo a complicação mais comum do herpes zoster.

O tratamento é realizado por meio de medicamentos e, inclusive, ser prevenido através da vacinação. E a farmacêutica sublinha a importância de pacientes sempre conversarem com médicos de confiança.

HERPES ZOSTER

SE VOCÊ JÁ TEVE CATAPORA, O VÍRUS QUE CAUSA O HERPES ZOSTER JÁ ESTÁ DENTRO DE VOCÊ.[1]

O HERPES ZOSTER CAUSA PEQUENAS BOLHAS EM QUALQUER PARTE DO CORPO E DORES AGUDAS, DESCRITAS POR ALGUNS PACIENTES COMO UMA DOR SEMELHANTE A DE UM CHOQUE ELÉTRICO.[1,2]

94,2%
dos adultos brasileiros, acima dos 20 anos, já estão infectados com o vírus que causa o **HERPES ZOSTER.**[3]

DOR HORRÍVEL E EXTREMA
Em alguns casos a dor do **HERPES ZOSTER** foi descrita como pior do que a dor do parto.[1,4]

ESTIMA-SE QUE
1 EM CADA 3*
desenvolverá a doença.[1]

IMPREVISÍVEL
Você nunca sabe quando e quem será afetado pelo **HERPES ZOSTER.**[1]

50 ANOS OU MAIS[1]?
Você pode estar em risco aumentado para a doença.
O HERPES ZOSTER tem tratamento e pode ser prevenido através da vacinação.[1] Fale com o seu médico.

REFERÊNCIAS: 1. CENTERS FOR DISEASE CONTROL AND PREVENTION. Prevention of herpes zoster: recommendations of the Advisory Committee on Immunization Practices (ACIP). MMWR, 57 (RR-5): 1-30, 2008.
2. YAWN, B.; GILDEN, D. The global epidemiology of herpes zoster. Neurology, 81 (10): 928-930, 2013.
3. SOUZA, V.; PANUTTI, C.; REIS, A. Prevalência de anticorpos para o vírus da varicela-zoster em adultos jovens de diferentes regiões climáticas brasileiras. Disponível em: https://www.scielo.br/j/rsbmt/a/qZGCS59hfFSzGrDPDxGLpLR/?lang=pt
4. KATZ, J.; MELZACK, R. Pain control in the peroperative period, measurement of pain. Surg Clin North Am, v. 79, n. 2, p. 231-52, 1999.

*Dados referentes à população dos Estados Unidos; podem não ser representativos para a população global.

Publicis

VOCÊ NÃO PRECISA
SENTIR NA PELE
ESSA DOR.

Saiba mais sobre o **HERPES ZOSTER** em **herpeszosterbr.com.br**

MATERIAL DESTINADO AO PÚBLICO EM GERAL. POR FAVOR, CONSULTE SEU MÉDICO.

INOVAÇÃO

Inovar sempre!

Ciência e tecnologia a favor da pele não param de evoluir; medicina e opções de cuidados e tratamentos chegam a muito mais pessoas

Criação de tons de base e batons personalizados com base no *scan* do nosso rosto, sistemas que avaliam e tratam problemas do couro cabeludo de forma personalizada e um aplicador de maquiagem computadorizado portátil para pessoas com mobilidade limitada na mão e no braço. Não estamos falando de futuro, mas inovações que já foram pensadas – e até apresentadas –, mês passado, em um dos principais eventos de tecnologia do mundo, a Consumer Eletronics Show (CES), nos Estados Unidos. Porém, nem é preciso carimbar o passaporte para acompanhar o avanço dos produtos, tratamentos e soluções para manter uma pele saudável.

O brasileiro está cada vez mais atento às inovações que estão nas prateleiras ou nas telas de e-commerce. Um interesse que se reflete, também, no tamanho do mercado: o Brasil é o 4º maior mercado consumidor de produtos de Higiene Pessoal, Perfumaria e Cosméticos.

Ancorada na ciência e na tecnologia, a indústria de HPPC no Brasil avança a passos largos. De acordo com a agência de inteligência de mercado **Mintel**, somente na categoria de cuidados com a pele do rosto, em 2021, foram lançados 537 produtos. Se computarmos todas as categorias do setor de HPPC, o País ocupa a 2ª posição no ranking global de países que mais lançam produtos anualmente.

Como resultado, os consumidores brasileiros dispõem de portfólios completos, com uma grande diversificação de produtos, características e atributos bastante competitivos como o uso de ingredientes vindos da nossa biodiversidade. Além disso, já são realidade no mercado nacional, produtos concentrados que oferecem mais rendimento, sólidos (em barras) – que trazem uma proposta de redução do consumo de água em seu processo produtivo, versões de produtos em pó, espumas, opções inovadoras e alinhadas à demanda dos consumidores, em várias categorias de produtos sempre seguros, eficazes e regularizados junto à **Agência Nacional de Vigilância Sanitária (ANVISA)**.

Também vêm ganhando espaço os cosméticos veganos, atendendo a uma crescente busca de consumidores, por produtos sem ingredientes de origem animal.

Segundo a ABIHPEC, a relevância do mercado brasileiro de HPPC é tão grande e o DNA inovador tão forte que, não são poucas as empresas líderes em suas categorias – como pele, cabelos, proteção solar, etc. – que possuem no Brasil centros de desenvolvimento e tecnologia. Alguns, inclusive, atendendo às demandas por inovação de toda a América Latina, como um *hub* de serviços de inovação, e P&D.

A **TheraSkin®**, por exemplo, utilizou a Inteligência Artificial para suporte da equipe de pesquisa no desenvolvimento do Euryale ® C, vitamina C com formulação única. "Os pesquisadores da companhia utilizaram uma plataforma que auxiliou na consulta a *papers* científicos, permitindo estudar a fórmula que apresentaria os melhores resultados na pele", diz Márcio Tinelli, gerente de marketing da empresa. Entre as vantagens, a TheraSkin® afirma que foi possível mapear, acessar e interpretar informações científicas em um tempo muito menor que o habitual, pois em questão de minutos os pesquisadores processaram uma enorme quantidade de dados.

Outro diferencial da nova vitamina C, explica a companhia, é que o produto pode ser utilizado em todos os tipos de pele, inclusive as mais sensíveis, oleosas e com tendência à acne. Além do rosto, também é indicado para uso diário no colo e no pescoço.

alexraths

TECNOLOGIA E ACESSIBILIDADE

Paulo Barbosa, coordenador do Departamento de Laser da Sociedade Brasileira de Dermatologia, menciona também o avanço na área de imagens, em conexão com novas pesquisas e desenvolvimento na dermatologia. "O diagnóstico por imagem tem sido revolucionado. Há equipamentos como *FotoFinder, Vectra*, que permitem avaliações incríveis da pele, subcutâneas", diz. Ele ressalta que o armazenamento e envio das imagens para qualquer parte do mundo também colabora muito para a saúde dos pacientes.

> Brasil ocupa a 2ª posição no ranking global de países que mais lançam produtos de Higiene Pessoal, Perfumaria e Cosméticos anualmente

Há outras inovações, segundo o coordenador, que têm levado assistência a muitos brasileiros no interior – já que, algumas regiões distantes, carecem de médicos dermatologistas. "O algoritmo de reconhecimento de imagens pode ajudar e, em alguns casos, até substituir o próprio médico. A escassez no interior, que se dá no mundo todo, faz a telemedicina avançar, no diagnóstico a distância", comenta.

Especificamente sobre os lasers, os avanços não param. "Antigamente, os indivíduos com fototipo alto, na pele negra, não podiam fazer com o risco de pigmentar. Hoje, temos laser com cromóforos diversos que nos permitem tratar desde a pele 1 ao fototipo 5. Temos lasers específicos para cada tipo de pele", conta.

PELE ARTIFICIAL BIOIMPRESSA E CÓRNEA RECONSTRUÍDA: CIÊNCIA, TECNOLOGIA E NEGÓCIOS JUNTOS

De acordo com a **Agência FAPESP**, a pele artificial bioimpressa já pode ser usada em testes alternativos de cosméticos, que não envolvam animais. Por ser muito recente, faltavam testes para comparar o seu desempenho com o do modelo tradicional, produzido manualmente. Agora, os resultados do estudo conduzido por pesquisadores da **Faculdade de Ciências Farmacêuticas da Universidade de São Paulo (FCF-USP)**, apoiado pela fundação, e com financiamento da **Natura**, confirmaram a similaridade de desempenho.

"O fato de chamarmos o modelo de 'pele artificial' pode dar a ideia de que seja algo sintético, quando, na verdade, é um tecido humano, extremamente semelhante à pele natural. Por isso, se presta tão bem a testes de segurança e eficácia de compostos bioativos", explica Silvya Stuchi Maria-Engler, professora titular do Departamento de Análises Clínicas e Toxicológicas da FCF-USP.

Esse tipo de pele artificial produzida por bioengenharia tem se tornado uma plataforma cada vez mais relevante e confiável para avaliar a segurança e a eficácia de medicamentos e cosméticos, uma vez que, além de substituir o uso de animais, pode ser obtida em larga escala.

Além da pele artificial, a **Episkin**, empresa do **Grupo L'Oréal**, já lançou no Brasil um modelo de córneas reconstruídas para usar em testes de irritação ocular em diversos produtos. Com forte investimento no desenvolvimento de métodos alternativos aos testes de animais, a empresa trouxe a solução – que poderá ser usada em laboratório para verificar se novos produtos causam irritação nos olhos, descartando a necessidade de usar animais nos testes.

PELE NEGRA

Como manter a pele negra bem protegida e ainda mais bonita

Mesmo com a alta quantidade de melanina, a população negra não pode prescindir do protetor solar, entre outros cuidados

Para cada tipo de pele, há um produto específico e um cuidado ideal. Quando falamos da pele negra, por exemplo, é essencial observar as diferenças com a pele branca, e sepultar de vez a falsa ideia de ser mais resistente. No país em que 56,1% da população se autodeclara preta ou parda, segundo o **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE)**, essa é uma pauta de primeira ordem.

De acordo com Flávia Addor, dermatologista, pesquisadora clínica há 25 anos no **Grupo Medcin**, membro do Conselho Deliberativo da **Sociedade Brasileira de Dermatologia** e do Conselho Científico-Tecnológico da **ABIHPEC**, a principal diferença está no teor de melanina, o pigmento que dá cor à pele. "A melanina mais escura tem uma capacidade protetora maior. Em contrapartida, essa maior produção pode dificultar a síntese da vitamina D, razão pela qual essa população está mais sujeita a carência dessa vitamina", alerta.

Diferentemente do que muita gente pensa, apesar da alta quantidade de melanina, o uso do protetor solar é essencial para a prevenção de manchas e doenças, como o câncer de pele. "É imprescindível. A pele negra pode ter uma proteção natural conferida pela melanina, entretanto, embora menos comuns, os tumores de pele podem surgir", explica.

A melanina existente em peles com tons mais escuros absorve e dispersa a energia ultravioleta, concedendo muito mais tolerância à exposição solar. Isso permite, quase sempre, um bronzeamento sem queimaduras. Porém, tons de pele mais escuros ainda podem desenvolver queimaduras solares em algumas situações, como diante de altíssima exposição ao sol e do uso de medicamentos e tratamentos que tornam a pele mais sensível ao sol.

De acordo com a médica dermatologista Patrícia Friço, por manchar com mais facilidade, a pele das pessoas negras exige cuidado especial com os procedimentos escolhidos, pois há um risco grande de pigmentação, cicatriz, queloide. A melanina, por exemplo, atrai a ação do laser. Nas pessoas pretas e pardas, o aparelho de depilação a laser que não trata peles negras não consegue distinguir a melanina da pele e do pelo, podendo causar queimaduras. Por outro lado, é uma pele que demora mais para envelhecer devido à proteção natural e a uma boa produção de colágeno.

kazzakova

Uma outra grande preocupação das pessoas de pele negra, que merece atenção, é com a foliculite – uma inflamação do folículo piloso — estrutura onde os pelos do corpo nascem e crescem. Há desde casos mais leves a outros que exigem cirurgia. Entre os sintomas, estão dor, inchaço e coceira. Segundo dados do artigo *Dermatologia na pele negra*, de Maurício Alchorne e Marilda Morgado (Unifesp), a inflamação chega a atingir até 83% dos homens negros, na barba.

Outra característica, segundo a Dra. Flávia Addor, é a maior tendência de atividade das glândulas sebáceas, facilitando o aparecimento de acnes e manchas. Além disso, essa parcela da população tem uma tendência maior a alergias, alopecia (relacionada à queda de cabelo) e vasinhos nas pernas. Sobre a oleosidade, os consumidores negros devem buscar produtos com textura mais pesada e oleosa.

No verão, os cuidados com a pele negra devem incluir ainda o uso de hidratante específico para rosto e corpo (antes do protetor solar) e esfoliação semanal ou quinzenal.

Diversidade em produtos

Em meio aos debates sobre equidade racial nos diversos aspectos da sociedade, os brasileiros acompanham movimentos no mercado para valorizar a pluralidade racial, com produtos específicos para a diversidade em todas as suas abordagens, como a racial, de gênero, etnia, entre outras. Com 56,1% da população negra, é importante dar continuidade ao movimento que a indústria cosmética vem realizando, sobre as necessidades desses consumidores.

Atualmente, diversas fabricantes ampliaram suas linhas de maquiagem para tornarem-se mais inclusivas, com lançamentos de itens focados no público negro, tanto na categoria de hidratantes corporais quanto no vasto cardápio de produtos capilares como xampus, cremes de tratamento, finalizadores, entre outros.

De acordo com o estudo *Afroconsumo: O protagonismo preto no consumo brasileiro*, divulgado no ano passado pela consultoria **NielsenIQ**, sobre produtos específicos para o consumidor negro, o grupo entrevistado disse ter mais produtos do ramo de cuidados pessoais (62,80%), em comparação com saúde (28,50%) e educação (17,63%), o que sinaliza a necessidade de que esse movimento siga acontecendo de maneira contínua.

Afroconsumo: pesquisa Nielsen revela que 62,80% da comunidade negra acredita que o ramo de cuidados pessoais oferece mais opções de produtos, se comparado com saúde e educação

A dermatologista Flávia Addor comenta que o avanço é indiscutível, mas ainda há muito para se estudar com relação às particularidades da pele negra e suas necessidades em outros produtos de *skin care*. "O Brasil pode atuar como protagonista nesse campo", analisa.

O protetor solar é o grande aliado nos cuidados diários. As loções com cor garantem proteção extra, já que a barreira de cor protege não só contra os raios UVA e UVB, mas também contra a luz visível (muito presente em nossas rotinas, como nos celulares, lâmpadas e telas de computador), uma das grandes responsáveis pelo escurecimento do melasma.

A **Dandara Black**, exclusiva para pele escura, trouxe ao mercado uma linha premium de *skin care* para homens e mulheres, focada na redução da oleosidade, mas que também auxilia no tratamento da acne e no clareamento das manchas.

Outra que também desenvolveu uma linha – lançada recentemente – para a redução de marcas escurecidas, uniformização, proteção, controle da oleosidade, efeito mate (acabamento opaco e mais seco) e hidratação da pele negra, foi a **Nivea**.

Já no quesito cabelos, a **Johnson & Johnson** acaba de lançar o seu primeiro xampu infantil para cabelos de crianças negras. A linha "Blackinho Poderoso" é resultado da parceria da marca com o **Estúdio Nina**, uma empresa de pesquisa de mercado focada no entendimento das necessidades da população negra.

Muitas outras marcas também dispõem de produtos aderentes à pele negra: o sérum multifuncional Klassis® Specialle, da **TheraSkin®**, é um deles. É indicado para todos os tipos de pele, inclusive as mais sensíveis, além de ser ideal para axilas e virilhas. Por sua vez, Cetaphil, da **Galderma**, oferece um leque amplo de produtos diários para cuidados com a pele, desde produtos de limpeza e hidratantes até produtos e soluções para condições específicas da pele.

Quando o assunto é maquiagem, as mulheres negras no Brasil buscam cada vez mais opções. Um estudo do **Google**, chamado *Pele Negra*, mostrou que houve um crescimento superior a 60% nas buscas por esse tipo de maquiagem, entre janeiro a agosto de 2020 sobre igual período de 2019. Nesse mesmo material, o Google indica 10 vezes mais buscas por maquiagem para pele negra quando comparadas às buscas por cuidados com a pele negra.

MAQUIAGEM SEGURA

Como escolher e cuidar da maquiagem?

Comprar, armazenar e usar itens como batons, base, sombras, entre outros, pedem alguns cuidados essenciais

mike_laptev

A duas semanas do Carnaval, milhares de brasileiros investem em itens de maquiagem para buscar aquele complemento diferente no visual. Porém, o que é só cor, brilho e fantasia, pode se transformar em problema, quando se descuida na escolha dos produtos, da forma correta de usá-los e armazená-los. "É sempre importante considerar a qualidade dos itens, se são dermatologicamente testados, a legitimidade e reputação do fabricante, o prazo de validade do produto e sua aderência ao tipo de pele, assim como em qualquer outro mês do ano", diz a maquiadora e educadora em Maquiagem da Casa 1, Juliana Zaroni.

A legislação brasileira, por exemplo, tem uma lista restritiva, que regulamenta a concentração máxima das substâncias usadas na fabricação dos produtos e as advertências obrigatórias nos rótulos. Também relaciona quais são as substâncias proibidas em cosméticos, assim como os requisitos específicos para produtos dedicados às crianças. Fica o alerta: use sempre produtos regularizados junto à **Agência Nacional de Vigilância Sanitária (ANVISA)**. Itens ilegais, como maquiagens piratas que imitam grandes marcas, nunca devem ser consumidas, pois podem colocar a saúde em risco.

A **Associação Brasileira da Indústria de Higiene Pessoal, Perfumaria e Cosméticos (ABIHPEC)** mantém o apoio contínuo a ações para o combate ao mercado ilegal e atua há 12 anos em parceria com o Fórum Nacional contra a Pirataria e a Ilegalidade (FNCP), promovendo o combate às práticas ilícitas de fabricação e comercialização.

Além de iniciativas em conjunto com o FNCP, a ABIHPEC e seus associados também atuam no combate ao comércio ilegal em iniciativas conjuntas com *marketplaces*, como **Mercado Livre** e **OLX**. Alguns membros do Comitê de Proteção às Marcas da entidade já aderiram ao Programa Brand Protection, criado pela plataforma Mercado Livre, cuja finalidade é combater o mercado ilícito de produtos de Higiene Pessoal, Perfumaria e Cosméticos

Por outro, quando utilizada corretamente, com produtos regularizados que oferecem segurança e qualidade e, dentro das orientações exigidas, a maquiagem pode contribuir para uma pele saudável. Muitos itens, por exemplo, são formulados com filtro solar em sua composição, ajudando na proteção solar, prevenindo alterações de cor e o envelhecimento precoce da pele.

E A MAKE DO DIA A DIA?

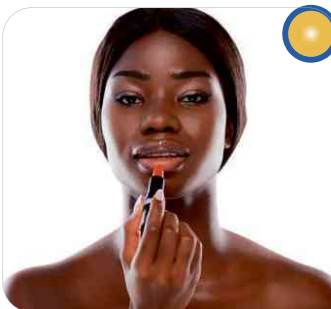
"Não basta fazer uma maquiagem incrível sem investir em cuidados diários. O mais importante é utilizar protetor solar e hidratar bem a pele, o que inclui tomar água", diz Zaroni. Vale lembrar que essa preparação é essencial também para manter a pele maquiada por mais tempo, inclusive no verão.

"Precisa limpar muito bem a pele, tonificar e hidratar. Sempre lembrando que cada tipo de pele requer cuidados específicos e produtos que atendam às suas necessidades", complementa. Na hora de aplicar a maquiagem, conta a profissional, é fundamental entender que as pessoas com pele oleosa devem procurar produtos com base *oil-free* (livres de óleo) e as com pele seca, produtos mais cremosos.

Para se ter uma ideia, no caso das noivas, Juliana revela que o cuidado prévio é determinante para o grande dia. "Nesses casos, eu faço uma análise da pele da cliente até dois meses antes, para orientar sobre os cuidados necessários e, assim, garantir uma make maravilhosa no dia", relatou.

Outra regra básica para quem usa maquiagem, é a sua remoção após o uso. Isso porque ela acaba acumulando suor, sujeiras e poluição. Dessa forma, dormir sem retirar a maquiagem faz com que os poros fiquem entupidos, impedindo que a pele respire corretamente, podendo causar acnes e cravos. Por isso, é fundamental fazer a retirada com um lenço umedecido, demaquilante conforme o tipo de pele, lavar o rosto com água fria e hidratar.

COMO PREPARAR A PELE PARA RECEBER A MAQUIAGEM?

- Remova as impurezas. Os higienizadores são essenciais nessa primeira etapa para remover os resíduos da poluição, além de ajudar a diminuir a oleosidade, evitando o surgimento de cravos e espinhas. Por isso, escolha sabonetes específicos para o rosto, já que a região costuma ser mais delicada que as demais partes do corpo. O Sabonete Theracne® e Theracne® Gel Esfoliante Facial são boas opções. O primeiro promove uma limpeza suave, sem agredir a pele. A versão em gel oferece uma esfoliação multifuncional: estimula a renovação celular, removendo e prevenindo cravos e suavizando a pele, complementando os cuidados rotineiros e necessários com a limpeza da pele oleosa e acneica.

IgorVetushko

- Tonifique a sua pele. Após a limpeza facial, é a hora da tonificação, cuja função principal é o de equilibrar o pH da pele. Escolha um produto de acordo com a sua necessidade. O tônico ajuda a fechar os poros, dando um aspecto mais saudável para a pele.
- Hidratação e protetor solar. Esses são itens fundamentais que vão proteger e evitar o efeito craquelado.
- Primer. Esse é um produto multibenefícios: fecha os poros, controla a oleosidade e a textura da pele. Com versões para o rosto, olhos e boca, é um ótimo aliado de quem precisa manter a maquiagem por muitas horas.
- Finalização. Após a maquiagem pronta, pele bem-feita e olhos bem executados, a finalização fica por conta do batom e iluminador, que trazem o *glow* e aspecto de pele saudável para a maquiagem.

OPÇÕES NÃO FALTAM PARA AS ROTINAS DE MAQUIAGEM

Para as pessoas que têm um dia a dia corrido, mas não abrem mão de uma maquiagem leve e do *skin care*, não faltam opções. Como o protetor solar com cor, uma boa aposta, protegendo dos raios UVA e UVB ao mesmo tempo em que uniformiza o tom da pele, e atua como base, cobrindo manchas e imperfeições no rosto. "O protetor solar com cor é um aperfeiçoamento de matérias-primas e formulações que trazem, além de praticidade e, uma maior adesão a um produto imprescindível no tratamento do melasma, por exemplo, diz a dermatologista Flávia Addor, membro do Conselho Científico-Tecnológico da Associação Brasileira da Indústria de Higiene Pessoal, Perfumaria e Cosméticos (ABIHPEC). Há opções no mercado que entregam benefícios como reposição de ácido hialurônico, síntese de colágeno, hidratação profunda, redução de linhas invisíveis, entre outros.

Já para os indivíduos que apresentam acne, a recomendação é usar produtos que não sejam comedogênicos (que têm maior possiblidades de obstruir os poros) e sejam livres de óleo. A maquiagem pode estar associada a alguma substância que corrige, ao mesmo tempo em que trata a acne, como substâncias secativas: ácido salicílico, entre outros. Fora isso, apesar de não haver contraindicação para o uso de maquiagem, é importante haver um tratamento adequado, acompanhado por um profissional. Limpeza correta pela manhã e noite, com o uso de produtos adequados para a pele acneica.

O PODER DA MAQUIAGEM NA MELHORA DA AUTOESTIMA

A maquiagem vai além de deixar as pessoas mais bonitas, tem um importante papel em fazê-las se sentir bem consigo mesmas. Imagina esse efeito em pacientes que fazem tratamento oncológico, que, muitas vezes, têm de lidar com os desafiadores efeitos do tratamento. Quem participa de uma oficina do projeto "De Bem com Você – a Beleza contra o câncer" tem uma prova impressionante do poder da maquiagem como uma grande aliada na melhora da autoestima e do bem-estar.

A iniciativa do Instituto ABIHPEC – braço social da Associação Brasileira da Indústria de Higiene Pessoal, Perfumaria e Cosméticos – consiste em reunir mulheres em tratamento oncológico, sendo a maioria pacientes atendidas pelo Sistema Único de Saúde (SUS), para ensinar técnicas de automaquiagem por meio de oficinas realizadas virtualmente ou presencialmente, em instituições de saúde por todo o Brasil.

Além das empresas patrocinadoras que doam produtos para montar os kits que cada participante recebe, as oficinas "De Bem com Você – a Beleza contra o câncer" contam com o apoio das instituições de saúde parceiras e dos maquiadores e assistentes que realizam esse trabalho de forma voluntária.

CABELO

Seu cabelo com muito mais vida

O que fazer quando o cabelo cai, não cresce, é fino demais e o melhor jeito de tratá-lo

Considerado um dos principais atributos físicos, o cabelo tem um relevante impacto na autoestima de homens e mulheres, influenciando até mesmo nas relações e atuações psicossociais. Não à toa, uma recente pesquisa da **International Society of Hair Restoration Surgery (ISHRS)**, associação médica global e autoridade em tratamento de queda de cabelo, concluiu que, cerca 75% dos homens com perda capilar sentem-se menos confiantes.

Em outro estudo, realizado em 2018 por uma grande marca de xampus, com brasileiras de 18 a 35 anos, 85% declararam acreditar que o cabelo influencia na autoestima. Por isso, o cuidado com os cabelos vem conquistando cada vez mais espaço em pautas, debates e campanhas de conscientização, tanto no âmbito estético quanto no da saúde e da autoestima.

Embora a cor, o tamanho e o estilo das madeixas sejam pontos valiosos entre homens e mulheres, quando o assunto é estética capilar, é justamente a queda de cabelo o principal ponto de atenção, especialmente, quando a alopecia – popularmente conhecida como calvície –, é uma condição genética.

O tema, inclusive, ecoa como um alerta por parte de médicos especialistas sobre os riscos aos pacientes que se submetem a técnicas e tratamentos praticados por profissionais não licenciados. Em sua campanha de conscientização, a ISHRS reforça que procedimentos específicos, até cirurgias de transplante capilar, realizados por profissionais que não sejam licenciados, colocam pacientes em risco de diagnóstico errado, cirurgias desnecessárias ou mal aconselhadas, além de resultados e consequências indesejadas.

No Brasil, de acordo com a **Sociedade Brasileira de Dermatologia (SBD)**, 42 milhões de brasileiros se queixam da queda de cabelo em algum grau, sendo que 80% dos homens após os 80 anos sofrem de calvície, e 30% das mulheres acima dos 50 anos também podem apresentar alguma experiência com a queda dos fios de forma acentuada.

Os fatores são diversos. O químico Adelino Nakano, especialista em pesquisa e inovação na **L'Oréal Japão** e membro do Conselho Científico e Tecnológico da Associação da Indústria Brasileira de Higiene Pessoal, Perfumaria e Cosmético (ABIHPEC), explica que o principal é o fator genético, mas demais questões de saúde também podem influenciar. "Se existem familiares com tendência à queda de cabelo, principalmente, no caso de homens, será um grande fator de influência. Adicionalmente, também contam o estresse, as mudanças hormonais, a alimentação, os hábitos de vida, a idade e a condição de saúde de forma geral", completa.

Os tipos mais comuns de calvície são a androgenética e a alopecia areata. A primeira é geneticamente determinada, geralmente iniciada ainda na adolescência, e o seu sintoma mais frequente é o afinamento dos fios. "Esta situação (de afinamento do cabelo) pode estar relacionada à diminuição da atividade metabólica do folículo piloso e as suas causas podem ser variadas, desde a genética, principal fator, até o estresse e demais condições de saúde", explica Adelino.

IgorVetushko

Já a alopecia areata, conhecida popularmente como "pelada", é caracterizada por perda de cabelo ou de pelos em áreas arredondadas ou ovais do couro cabeludo ou em outras partes do corpo, como, cílios, sobrancelhas e barba. Cerca de 2% da população é acometida, afetando homens e mulheres de diferentes etnias e faixas etárias, embora em 60% dos casos, seus portadores tenham menos de 20 anos.

Adelino destaca ainda que, para casos em que se observa queda de cabelo acentuada, afinamento dos fios e dificuldade de crescimento, é imprescindível buscar um profissional especializado. "Existem vários tratamentos possíveis, desde adequação na rotina de cuidado e limpeza diária do couro cabeludo, até aqueles com prescrição de medicamentos tópicos, focados em tratar um problema dermatológico, ou até medicamentos de ingestão, direcionados para tratar questões sistêmicas. Todos têm objetivo de estabilizar o metabolismo do couro e diminuir os fatores que estejam causando queda ou diminuição da espessura".

Marcados por ciclos, os cabelos passam por fases de crescimento, repouso e queda, sendo natural acontecer perda de 50 a 100 fios diariamente, sem ter risco de desenvolver calvície. A SBD destaca também que cerca de 90% dos cabelos estão na fase de crescimento, e depois de um curto período de repouso, em que para de crescer, o fio cai. No seu lugar, um novo fio entra na fase de crescimento – e este processo pode levar um ano e meio a dois anos.

Levando em consideração que o couro cabeludo seja saudável, Adelino Nakano recomenda uma rotina de limpeza regular do couro cabeludo com um xampu neutro a cada dois dias, massageando gentilmente com os dedos durante alguns minutos, e enxágue em água morna. Além disso, é bom lembrar que, para cada tipo de cabelo, há uma diversidade de produtos no mercado, desde as linhas profissionais até as que oferecem cuidados e tratamentos *home care*.

uminastock

Diversidade brasileira

Baseada na diversidade brasileira e acompanhando as transformações na sociedade, a indústria de HPPC vem desenvolvendo cada vez mais produtos para os mais diferentes tipos de cabelo

A pluralidade da população brasileira imprime formatos e espessuras diferentes aos cabelos de homens e mulheres, sendo que o ondulado representa 29% da população.

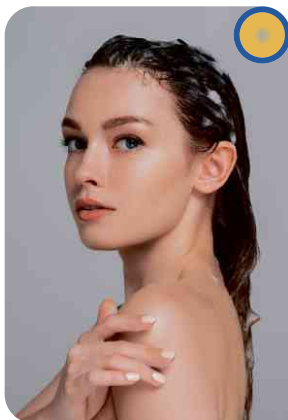
Esta classificação se encaixa dentro do sistema mundial *Andre Walker Hair Typing System*, e tem 4 tipos e 10 subtipos. O Brasil agrupa oito deles, sendo em ordem de predominância natural:

tipo 3 (cabelo ondulado), **tipo 2** (cabelo levemente ondulado), **tipo 1** (cabelo liso), **tipos 5 e 6** (cabelo encaracolado/ cabelo afro bem fino e crespo), **tipo 4** (levemente encaracolado)e **tipos 7 e 8** (cabelo afro).

Esse é um dos principais motivos de o mercado de produtos capilares ter tamanha importância no Brasil. A diversidade e a miscigenação do povo brasileiro fazem com que sejamos uma das mais ricas sociedades em termos de tipos de cabelos e um grande laboratório de inovação para produtos.

De acordo com dados do Caderno de Tendências da ABIHPEC (2019-2020), até alguns anos atrás, via-se no Brasil um interesse expressivo, por parte das mulheres, em procedimentos e manutenção de fios lisos, já que apenas 18% das brasileiras nascem com os fios naturalmente lisos, segundo pesquisa da **L'Oreal**. No entanto, as pautas de diversidade e inclusão, cada vez mais presentes nos debates sociais, digitais e até corporativos, vêm gerando um impacto importante para a autoimagem e autoestima, principalmente de mulheres que passaram a se reconhecer em suas origens, sendo a naturalidade do cabelo em relação à textura, cor e outras características, atributo de destaque.

À vista deste cenário, em 2017 a busca no **Google** por "cabelo cacheado" superou, pela primeira vez no país, a busca por "cabelo liso". Depois, o buscador mostrou que o interesse por cabelo afro cresceu 309% entre 2018 e 2020.

O comportamento vem movimentando de forma contínua o mercado, que investe em tecnologias capazes de entregar produtos específicos para cada tipo de fio – desde pessoas que estão em transição capilar, até àquelas que buscam produtos para manutenção dos cabelos naturais.

UNHAS

Elas quebram, racham, não crescem

Manter as unhas limpas, saudáveis e bem cuidadas pode prevenir uma série de problemas

taratata

Já notou que as unhas também envelhecem? É isso mesmo: com o passar do tempo, elas afinam, ficam mais frágeis, apresentam algumas estrias e podem até formar fissuras. Além disso, elas podem quebrar, rachar, não crescerem e exigir tratamentos conforme a maneira que cuidamos (ou descuidamos) delas. Vale acrescentar que existem tumores nesses locais – a maioria benignos –, e, quanto antes identificados, maiores as chances de cura.

As unhas que não crescem, quebradiças, esbranquiçadas e rachadas podem precisar de cuidados específicos para melhorar sua condição ou até indicar deficiências de minerais e vitaminas no organismo, como ferro, zinco, vitamina A, C e B12.

Outro problema comum são as micoses de unhas (onicomicose), que afetam milhões de pessoas e podem ser diagnosticadas e tratadas por um dermatologista. O processo infeccioso por fungos pode acontecer em diferentes ocasiões, seja no uso de calçados, quando colocamos os pés no banheiro (de casa, no clube, na academia e demais espaços). Porém, há pessoas com predisposição imunológica que favorecem a introdução dos fungos invadindo a pele e as unhas. Além disso, outras condições podem facilitar as micoses. "Se a unha lascar ou apresentar alguma alteração da forma das unhas, essas placas não conseguem se defender naturalmente, abrindo caminho para a micose aparecer", acrescenta o Dr. Nilton Gioia di Chiacchio, no podcast Palavra de Dermato, da SBD.

É importante também se preocupar com a saúde das unhas, pois podem nos alertar de algum distúrbio metabólico ou alguma doença sistêmica. Unhas finas e quebradiças podem sinalizar desde cuidados inadequados com as unhas até doenças sistêmicas (como hipotireoidismo, diabetes e insuficiência renal) e carências e deficiências nutricionais.

Segundo a Dra. Fabiane Brenner, dermatologista da Sociedade Brasileira de Dermatologia, deficiências nutricionais, alterações hormonais e doenças sistêmicas, além dos danos externos, podem interferir na qualidade da lâmina ungueal. "Alguns cuidados rotineiros podem contribuir para que elas cresçam normalmente", diz.

Patrícia Friço, médica especialista em dermatologia pela SBD e autora do livro *Pais Saudáveis = Filhos Saudáveis*, compartilha alguns cuidados básicos: "elas devem ser cortadas com tesoura ou aparadas com lixas de uso pessoal ou material descartável. Fora isso, o ideal é não retirar as cutículas porque a sua função é a proteção da unha. Por fim, evitar roer as unhas. Esse é um hábito prejudicial, pois expõe as várias camadas de queratina das unhas de maneira irregular, deixando-as mais vulneráveis a traumatismo externos e infecções", diz. A hidratação, segundo ela, também não deve ser deixada de lado, já que é uma das medidas fundamentais para a saúde dessa proteção formada principalmente por queratina.

Fazer as unhas já faz parte da rotina semanal das pessoas. Adotada por artistas como Harry Styles, Enzo Celulari e Xamã, por exemplo, a esmaltação vai rompendo barreiras e preconceitos, e se tornando um hábito dissociado de gêneros. Mas, seja quem for, o importante é manter sempre essas placas fortes. As unhas frágeis são queixas comuns no consultório dermatológico, na maioria das vezes, associadas a cuidados inadequados na rotina.

Dicas de skincare para uma pele mais saudável e radiante

Quem não quer um rosto iluminado, com viço e relaxado em 2023? Além de renovar planos, é tempo de rever as práticas de autocuidado. Confira algumas dicas para cuidar mais de si!

Pele luminosa?

Um dos maiores desejos é ter aquela pele com efeito glow. Além de soluções tópicas que podem ser utilizadas no dia a dia, como o sérum hidratante facial Cetaphil Optimal Hydration, há procedimentos estéticos pouco invasivos com o Restylane® Skinboosters™, ácido hialurônico injetável de textura mais leve que hidrata e devolve o brilho natural da pele.

Restylane® Skinboosters™ promove melhora na hidratação, elasticidade, maciez, luminosidade, suavidade e frescor, diminuindo a rugosidade[1]. Já o Sérum Hidratante Facial Cetaphil Optimal Hydration possui textura leve e de rápida absorção[2], podendo ser aplicado diariamente.

Estimular a produção de colágeno

A reposição de colágeno pode ser feita tanto de forma oral, como injetável. Segundo a dermatologista Dra. Natasha Crepaldi (CRM-MT 4695) "O colágeno, assim como qualquer proteína que ingerimos, é degradado no trato gastrointestinal em aminoácidos. Sendo assim, não absorvemos o colágeno ingerido na sua integridade, apenas frações. Em casos de flacidez perceptível, e de acordo com a necessidade de cada pessoa, uma das melhores opções é seguir com aplicação de bioestimulador de colágeno, que age estimulando a própria pele a produzir mais dessa proteína que ajuda na sua firmeza e sustentação".

Sculptra® é uma das opções. O bioestimulador de colágeno pode ser aplicado em algumas áreas faciais[3] e no corpo, como pescoço, colo, braços, abdômen, coxas, glúteos e joelhos[4], [5], recuperando a firmeza da pele com resultados que podem durar até dois anos[6].

Limpeza, hidratação e protetor solar diariamente

Não importa o tipo de pele, esses três passos de skincare são fundamentais e devem ser realizados.

- Limpeza: Dermotivin tem a linha de sabonetes faciais ideal para cada tipo de pele, desde as secas até as mais oleosas e acneicas.
- Hidratação: Cetaphil oferece o Sérum Hidratante Facial 48h Cetaphil Optimal Hydration. Com textura leve, o produto melhora significativamente a luminosidade e textura da pele após o primeiro mês de uso[7],[8].
- Proteção solar: dentre as opções, Cetaphil® Sun FPS 60 se destaca. Além de proteger a pele contra os raios UVA e UVB, previne o envelhecimento precoce.

Sculptra® e Restylane® Skinboosters™ são produtos utilizados em procedimentos estéticos injetáveis, que devem ser realizados por profissionais da saúde habilitados à prática. Importante sempre consultar um profissional da saúde para ajudar nas escolhas dos produtos e soluções ideais.

*Avaliado por dermatologistas em 41 participantes, aplicação 2 vezes ao dia.

1Distante F, Pagani V and Bonfigli A. Stabilized Hyaluronic Acid of Non-animal Origin for Rejuvenating the Skin of the Upper Arm. Dermatol Surg 2009;35:389–394.
2RD.27.SPR.202356 – P1368 [Facial Serum – CL – 001554]
3Machado Filho CDS, Santos TC, Rodrigues APLJ, da Cunha MG. Ácido poli-L-láctico: um agente bioestimulador. Surg Cosmet Dermatol. 2013;5(4):345-50.
4Haddad A, Menezes A, Guarnieri C, et al. Recommendations on the Use of Injectable Poly-L-Lactic Acid for Skin Laxity in Off-Face Areas. J Drugs Dermatol. 2019;18(9):929-935.
5Kollipara R, Hoss E, Boen M, Alhaddad M, Fabi SG. A Randomized, Split-Body, Placebo-Controlled Trial to Evaluate the Efficacy and Safety of Poly-L-lactic Acid for the Treatment of Upper Knee Skin Laxity. Dermatol Surg. 2020 Dec;46(12):1623-1627.
6Narins R, Baumann L, Brandt F et al. A randomized study of the efficacy and safety of Injectable poly-l-lactic acid versus human–based collagen implant in the treatment. J Am Acad Dermatol. 2010 Mar;62(3):448-62.

Conteúdo oferecido por:

Cetaphil®

dermotivin®